

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Translating Europe across the Ages

Proximidade e Distância

Estudos sobre a Língua e a Cultura

Mario Franco | Bernd Sieberg



Universidade Católica Editora

Proximidade e Distância

Catálogo recomendada

PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

Proximidade e distância : estudos sobre a língua e a cultura / coord. de Bernd Sieberg, Mario Franco. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2011. – 216 p. ; 24 cm

(Estudos de comunicação e cultura. Translating Europe across the ages)

ISBN 978-972-54-0293-1

I – SIEBERG, Bernd, coord. II – FRANCO, Mario, coord. III – Col.

CDU 008:801

© Universidade Católica Editora | Lisboa 2011

Edição: Universidade Católica Editora, Unipessoal

Capa: OMLET design

Composição gráfica: Empresa do Diário do Minho, Lda.

Revisão Editorial: Helena Romão

Data: Março 2011

Depósito Legal: 325429/11

ISBN: 978-972-54-0293-1

Imagem da capa: © Nmedia - Fotolia.com

Universidade Católica Editora

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt www.uceditora.ucp.pt

Proximidade e Distância

Estudos sobre a Língua e a Cultura

coordenação **Mario Franco**
Bernd Sieberg



Universidade Católica Editora

Índice

Introdução	7
The notion of ‘immediacy’ and ‘distance’ <i>Mathilde Hennig</i>	15
Proximidade e distância na gramática <i>Vilmos Ágel</i>	33
O modelo da ‘fala de proximidade e de distância’ e a sua aplicação à língua portuguesa <i>Bernd Sieberg</i>	51
Internet e proximidade: para uma análise de <i>e-mails</i> alemães e portugueses <i>Mario Franco</i>	71
Em torno da fraseologia das línguas: proximidade ou distância? <i>Francisca Athayde</i>	89
Communication today: proximity, distance, and the mind in-between <i>Ana Margarida Abrantes</i>	111
Architecturing proximity in translation: the artful mind vs. the shared mind <i>Maria Clotilde Almeida</i>	125
No comboio como em casa? Reflexões sobre tradução e migração <i>Teresa Seruya</i>	141
“Stopfkuchen”, global-local e a internet <i>Gerd Hammer</i>	157
“My Favorite Things”. The proximal term of tacit knowledge <i>Peter Hanenberg</i>	169
Quando a proximidade acompanha a distância. Tempo, espaço e outras dimensões nos <i>blogs</i> e nas redes sociais <i>Jorge Martins Rosa</i>	181
Proximity and distance in contemporary travel and tourism <i>Maria João Cordeiro</i>	199

Introdução

Este livro surgiu com base nas comunicações apresentadas na Conferência ‘International Conference on Proximity and Distance in Language and Culture’, ocorrida a 3 e 4 de Dezembro de 2009, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. A iniciativa e organização do colóquio estiveram a cargo de membros da Linha de Investigação ‘Translating Europe Across the Ages’, que, por sua vez, se insere no ‘Centro de Estudos de Comunicação e Cultura’ (CECC). Este grupo e os seus projectos são patrocinados pela FCT. A ideia da organização deste evento e, conseqüentemente, também deste livro vem na linha de um dos principais objectivos do CECC, o de que sejam especialmente promovidos trabalhos de investigação incidentes em temas e questões que criem uma perspectiva interdisciplinar, que façam sobressair claramente a conexão entre os diversos campos das Humanidades, como são as Ciências da Literatura, da Tradução, da Comunicação e da Linguística, e ainda que promovam a cooperação entre investigadores de áreas do saber e de origens linguísticas diversas.

Esta perspectiva interdisciplinar, quer do colóquio quer do livro, tem como enquadramento comum um modelo descritivo desenvolvido no âmbito da Linguística, o que não admira, se pensarmos que foram dois linguistas do CECC – Mario Franco e Bernd Sieberg – que tiveram a iniciativa deste colóquio e que surgem como responsáveis pela publicação da presente obra. Trata-se do modelo “Nähe- und Distanzsprechen” (“fala de proximidade e distância”), que surgiu primeiramente na Linguística Alemã com base no modelo de Koch e Oesterreicher, sendo posteriormente desenvolvido por Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. É evidente a especificidade deste modelo e da dicotomia ‘proximidade *versus* distância’ que lhe está subjacente, como paradigma abrangente de disciplinas isoladas, se pensarmos que se trata de um instrumento universalmente aplicável na análise e comparação de diversos tipos de textos e de línguas nos seus diferentes estádios históricos de evolução. Substituindo a dicotomia ‘escrito *versus* falado’ pela dicotomia ‘proximidade *versus* distância’, este modelo permite descrever também adequadamente, muito em especial, os processos de mudança linguística em consequência dos quais determinadas formas linguísticas dominam cada vez

mais nos novos *media*, formas essas que seriam melhor caracterizadas como expressões de um novo tipo de oralidade.

No grupo de comunicações de temática linguística insere-se o artigo "The notion of 'immediacy' and 'distance'", de Mathilde Hennig. Hennig, que é actualmente Professora na Universidade de Gießen, desenvolveu com Vilmos Ágel o modelo da "fala de proximidade e distância" atrás referido, explicando neste seu artigo porque é que o paradigma 'proximidade vs. distância' é tão produtivo na sua aplicação a diversas questões da Linguística actual. Neste contexto refere o estudo das diferenças entre escrita e oralidade, da mudança linguística e da aquisição da linguagem, bem como a investigação de novas formas de comunicação nos novos *media*. Com este objectivo, Hennig apresenta algumas das marcas ou variantes do modelo, bem como as diferentes perspectivas delas resultantes. Quanto a isso Hennig revela-se aliás um tanto céptica em aceitar que este modelo possa servir, sem mais, como paradigma universal para a explicação das diversas manifestações da vida cultural e social.

Vilmos Ágel mostra na sua comunicação "Proximidade e distância na gramática escrita", através de um exemplo, o funcionamento do modelo "fala de proximidade e distância", aplicando-o a uma área central da gramática portuguesa, a da junção. No seu artigo Ágel analisa, baseando-se em alguns textos, os meios de que a língua portuguesa dispõe para conseguir obter coerência textual temática e formal, oscilando estes meios sempre entre o pólo de agregação afim da proximidade e o polo de integração afim da distância. O Professor húngaro Ágel, antigo estudante de Românicas em Budapeste e actualmente Professor de Germânicas na Universidade de Kassel, compôs em português este seu artigo, no qual analisa textos portugueses e utiliza uma terminologia que teve de traduzir do alemão para o português. Com este seu contributo inovador, criou assim um padrão para futuras aplicações deste modelo também à língua portuguesa.

A importância desta utilização é igualmente realçada por Bernd Sieberg na sua comunicação O modelo da 'fala de proximidade e distância' e a sua aplicação à língua portuguesa, em que aplica exemplarmente o modelo, seus pressupostos teóricos, paradigma descritivo e terminologia a algumas manifestações do português falado, sendo de destacar a sua preocupação em traduzir adequadamente a terminologia do modelo para português. O autor

demonstra o funcionamento do modelo, analisando diversas marcas estruturais do português falado, com base em diálogos transcritos. Bernd Sieberg, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do CECC, considera ser de grande importância esta análise sistemática do português falado, nomeadamente da sua 'fala próxima', o que poderá vir a originar, mais tarde, a publicação de uma gramática do português oral, na sequência de um caminho que vem a trilhar com êxito, já há alguns anos, no campo da investigação sobre oralidade em Linguística Alemã.

Mario Franco, Professor da Universidade da Madeira e igualmente membro do CECC, no seu artigo "Internet e Proximidade – Para uma análise de *e-mails* alemães e portugueses", dedica-se às novas formas de comunicação na internet, baseando também a componente linguística da sua comunicação nos pressupostos teóricos de Ágel/Hennig. O autor analisa os preconceitos cada vez mais frequentes nos *media*, que aproveitam as manifestações linguísticas como os 'smileys', as abreviaturas, as estruturas sintácticas e as expressões simplificadas nas escolhas lexicais para falar da decadência e dos perigos para as línguas nacionais. Franco conclui, no que concerne ao uso da língua na internet, que não se trata de modo algum de uma 'nova língua' e manifesta-se contra a crítica, que considera excessiva, a este uso da língua.

A participação da Professora de Coimbra, Maria Francisca Mendes Queiroz-Pinto de Athayde, "Em torno da fraseologia das línguas – 'proximidade' ou 'distância'?", extremamente rica em exemplos provenientes de muitas línguas, não se inspira directamente no modelo e/ou nos seus axiomas. A Professora aplica o par de conceitos 'proximidade *versus* distância' apenas para parafrasear a circunstância de que, entre o vocabulário fraseológico de comunidades linguísticas e culturas diversas, existem não só diferenças (fala de distância), mas também semelhanças (fala de proximidade). O seu extenso *corpus* abrange numerosos exemplos do português e do alemão, alargando-se, no entanto, também a línguas 'exóticas', como o árabe ou o japonês. Athayde defende que as semelhanças existentes resultam não apenas dos contactos entre as respectivas comunidades linguísticas, mas também da aceitação de uma determinada constante básica antropológica, que é igualmente responsável por estas semelhanças.

Ana Margarida Abrantes, da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa) e membro do CECC, na sua comunicação *Communication today: proximity,*

distance, and the mind in-between, defende que a possibilidade e a necessidade de uma disponibilidade comunicativa permanente, juntamente com novas formas de comunicação da internet, como o *e-mail*, o *chat*, o *blog* ou o *facebook*, reforçam determinadas marcas da modernidade, tais como o individualismo crescente ou o entendimento alterado do espaço e do tempo, e criam formas e condições de comunicação interpessoal, que divergem consideravelmente das da comunicação convencional. Segundo a autora, o aceitarmos estas novas formas, assumindo-as entusiasticamente, baseia-se no facto de as formas que originam todas as alterações na vida social e cultural, assentarem precisamente nos mesmos e já conhecidos princípios cognitivos que orientam a nossa experiência pessoal e a nossa experiência da realidade. Ana Margarida Abrantes explica alguns destes princípios no seu artigo.

Na sua participação "Architecturing Proximity in Translation: the artful mind vs. the shared mind", Clotilde Almeida procura explicar o processo da tradução linguística sob ponto de vista da linguística cognitiva. Almeida apresenta uma perspectiva, que acentua principalmente o significado da construção, da recriação e da transformação do processo de tradução, devendo este processo ser sempre visto na base das diferentes condições e experiências culturais que influenciam ou condicionam o processo de traduzir. Neste sentido, Almeida, que, tal como Teresa Seruya, Bernd Sieberg e Gerd Hammer, é Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do CECC, interpreta diversas metáforas que aparecem na canção brasileira Samba de Verão e, respectivamente, na correspondente canção de amor de Diana Kralls, So Nice.

Na exposição "No comboio como em casa? Reflexões sobre tradução e migração" as reflexões de Teresa Seruya movem-se igualmente no paradigma amplamente metafórico de proximidade/distância, neste caso do ponto de vista de uma cientista da Literatura e especialista em Ciências da Tradução. Seruya, que é igualmente membro do CECC, apresenta os paralelismos que existem entre a tradução de textos e a migração de pessoas. Na sua opinião, a semelhança baseia-se no facto de, em ambos os processos, se verificar uma transferência de cultura e de língua. A Professora analisa concretamente esta forma de transferência com base na literatura de migração de língua alemã, apresentando alguns exemplos em que são visíveis os pormenores de um tal processo de transferência e, do ponto de vista da Germanística

estrangeira, debate como deve ser entendido este alemão ‘traduzido’ ou mesmo ‘híbrido’.

A participação de Gerd Hammer, "Stopfkuchen, Global-Local e a Internet", recorre igualmente à perspectiva proximidade/distância num sentido alargado, a partir da interpretação de uma obra literária. Com base no romance *Stopfkuchen*, de Wilhelm Raabe, Hammer tematiza a relação entre ‘global’ e ‘local’, mostrando-nos o romance que a valorização do ‘local’ só é possível a partir da ‘distância’. O autor sustenta esta afirmação devido à sua validade na era da internet, passados 120 anos após o aparecimento do romance, embora a valorização do ‘local’ se manifeste cada vez mais na forma virtual. De facto, pensa-se apenas no significado crescente de grupos virtuais e de comunidades em rede, como o ‘facebook’ ou o ‘Myspace’.

Peter Hanenberg, Professor da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa) e responsável pela coordenação da linha de investigação *Translating Europe Across the Ages*, que se insere no Centro de Estudos CECC, apresenta uma comunicação com o título "My favourite Things. The proximal term of tacit knowledge". O Professor tematiza a relação entre ‘proximidade’ e ‘identidade’ e desenvolve, a partir daí, uma série de questões para cuja resposta recorre à descrição de estruturas e processos cognitivos básicos. Segundo o autor, o conhecimento destas estruturas e processos contribui para um melhor entendimento do papel que o conhecimento implícito (*tacit knowledge*) tem na constituição das bases cognitivas de um sistema cultural (*cognitive culture system*).

Jorge Manuel Martins Rosa, da Universidade Nova de Lisboa, na sua comunicação "Quando a proximidade acompanha a distância: O tempo quase real nos *blogs* e nas redes sociais", relativamente às inovações da ‘Web 2.0.’, interroga-se quanto à relação entre o provisório e aquilo que resta. A este respeito, investiga os mecanismos que regulam o fluxo permanente de informações novas e que são responsáveis por quais dessas informações devem permanecer na ‘rede’, sob a forma de arquivo. Neste contexto, analisa o papel dos *weblogs* e das redes sociais (proximidade) e problematiza se estes se diferenciam realmente assim tanto de uma forma convencional como a radiodifusão (distância).

Talvez um pouco à margem do tema central da Conferência, ainda que não menos relevante e interessante, é o tema da comunicação "Proximidade

e distância na viagem e no turismo contemporâneos", de Maria João Cordeiro, do Instituto Politécnico de Beja e igualmente membro do CECC. A outra parte do reconhecimento de que, devido às possibilidades de mobilidade física e virtual que os nossos tempos oferecem, o significado da distância espacial e temporal se relativiza. Considerando as actuais possibilidades de viajar, a autora frisa os numerosos aspectos que daí resultam, no contexto da dicotomia 'proximidade *versus* distância'.

Quando da apresentação dos diversos contributos para este livro, pudemos constatar em que medida o par em oposição 'proximidade *versus* distância' contextualiza adequadamente o debate sobre muitos fenómenos que marcam a nossa vida cultural actual e que requerem uma análise científica. No âmbito de algumas das pesquisas linguísticas desempenha esta função sob a forma de par oposicional fortemente definido, enquanto outros temas e questões apenas podem recorrer a este paradigma sob a forma de extensão metafórica, em que a expansão dos conceitos é tanto mais ampla, quanto mais as questões tratadas se afastam do núcleo do seu significado linguístico original. No entanto, mantemos a opinião que, mesmo no caso de temas que se encontram mais na periferia – como, por exemplo, as comunicações de Hanenberg, Cordeiro, Martins Rosa – conserva ainda assim o seu valor como paradigma comum para a ordenação e descrição científica de fenómenos da nossa vida cultural actual. Assim, todos os artigos contidos neste livro contêm, sob a forma da dicotomia 'proximidade *versus* distância', um ponto de rotação e de ancoragem comum, movendo-se do ponto de vista temático, nos âmbitos da Linguística, da Literatura, da Tradução e das Ciências da Comunicação, ou então entre estas áreas do saber. Seguem diferentes teorias, teoremas e métodos, como, por exemplo, os da Linguística Cognitiva ou das Ciências da Cultura ou da Comunicação (Almeida, Abrantes, Hanenberg) ou os teoremas da investigação da língua oral, imputando-os à Germanística (Hennig, Ágel, Sieberg, Franco). Pertencem, se nos orientarmos pela divisão tradicional em áreas disciplinares, quer à Linguística Contrastiva (Athayde), quer às áreas marginais da Romanística (Ágel, Sieberg), quer às Ciências da Literatura como um ramo da Germanística (Seruya, Hammer), foram apresentados e publicados em diferentes línguas, por autores de diferentes origens linguísticas, e ajudam, através da tradução dos termos específicos do modelo 'de proximidade e distância' (Ágel, Sieberg), a ultrapassar bar-

reiras entre culturas científicas diversas e a estabelecer uma transferência de saberes entre elas. Nesta medida, estamos convencidos de que a nossa publicação corresponde plenamente aos objectivos do CECC, pois mostra, de forma exemplar, a possibilidade e a necessidade de questões interdisciplinares, impulsiona o futuro trabalho de cooperação entre investigadores de proveniências culturais e linguísticas diversas, contribuindo assim também para originar 'proximidade'.

Mario Franco e Bernd Sieberg*
(Lisboa/Madeira, Dezembro de 2010)

* Tradução Maria Amélia Cruz.

The notion of 'immediacy' and 'distance'¹

MATHILDE HENNIG*

Introduction

The notion of 'immediacy' and 'distance' is one of the most striking ideas in current linguistics. Established by Peter Koch and Wulf Oesterreicher in the 80s to solve a terminological problem in the research of orality and literacy, it became an explanatory model not only for the differences between written and spoken language but also for language change, language acquisition and new media communication. Undoubtedly, the terms 'immediacy' and 'distance' are so successful because they are very powerful as metaphors, eloquently reflecting anthropological notions: we use the terms 'immediacy' and 'distance' in our every-day lives to speak about both spatial and social relationships. On the other hand, the use of metaphor alone does not explain the success of these two terms. The question remains why and how the metaphors 'immediacy' and 'distance' became so successful in recent linguistics.

First of all, it must be noted that we cannot speak of one overall understanding of 'immediacy' and 'distance'. Rather, we have to take into account that there are different perspectives on 'immediacy' and 'distance'. The notion of 'immediacy' and 'distance' has been pursued from different linguistic perspectives, ranging from semiotics to communication theory and from research into orality and literacy to research into language acquisition:

¹ Although the editors of this anthology propose the term 'proximity', the term 'immediacy' is used here because it is the translation of the German 'Nähe' which the fathers of the notion, Peter Koch and Wulf Oesterreicher, suggested (Koch 1997; 1999; Oesterreicher 1997).

* Universität Gießen

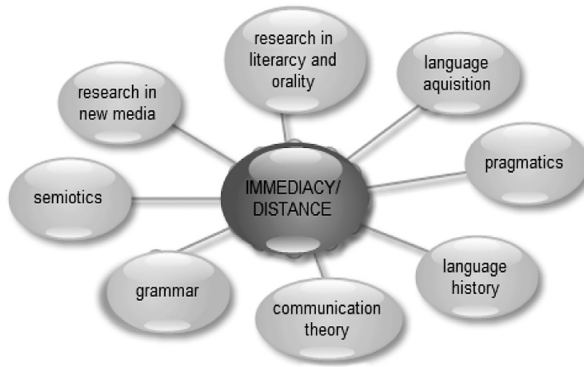


Figure 1: perspectives on the notion of ‘immediacy’ and ‘distance’

The following perspectives are of particular interest:

1. research in orality and literacy, because this perspective on ‘immediacy’ and ‘distance’ can be considered to be the starting point of the terms’ career;
2. language history, because this is the area of linguistics in which Peter Koch and Wulf Oesterreicher, the founding fathers of the theory of ‘immediacy’ and ‘distance’, mostly work on the notion;
3. research into new media, because this is the field in which the notion has been most frequently adopted recently, and
4. grammar, for this is – alongside language history and pragmatics – the backdrop used by Vilmos Ágel and the present author in modelling ‘immediacy’ and ‘distance’.

I. ‘Immediacy’ and ‘distance’ in research into orality and literacy

As pointed out in the introduction, the terms ‘immediacy’ and ‘distance’ are part of our every-day lives. Perhaps the discipline which understands these terms most similarly to their every-day use is proxemics, the area of semiotics which Edward Hall in the 1960s called “the study of man’s spatial relations” (1963). He claimed a correlation between spatial and social relationships

by defining the various spatial distances maintained between people as intimate, personal, social and public distance (see Nöth 2000: 317).

Although close to the every-day meaning of the metaphors, this is not the view of ‘immediacy’ and ‘distance’ which has made the notion successful in recent linguistics. The success story of ‘immediacy’ and ‘distance’ started with Peter Koch and Wulf Oesterreicher’s use of the metaphors in connection with research into orality and literacy.² Koch and Oesterreicher’s starting point is the hypothesis that the key terms ‘oral’ and ‘written’ are polysemous, “covering two different – though related – aspects of communication that have to be strictly distinguished: the **medium** and the **mode** of communication” (Koch 1997: 150f.). Whereas “in the medial sense, ‘oral’ (= ‘phonic’) and ‘written’ (= ‘graphic’) are clearly dichotomous” (Koch 1997: 151), the differences in linguistic conception “cover a whole continuous spectrum, ranging from extremely informal oral-type expression to extremely elaborate, formal literate-type language” (Oesterreicher 1997: 193): “It goes without saying that a spontaneous conversation is a more prototypical instance of oral conception than an interview with a politician and that a statute is a more prototypical instance of written conception than an editorial” (Koch 1997: 150). Therefore, Peter Koch and Wulf Oesterreicher suggest the following understanding of the dichotomous terms ‘graphic’ and ‘phonic’ and the prototypical terms ‘immediacy’ and ‘distance’:

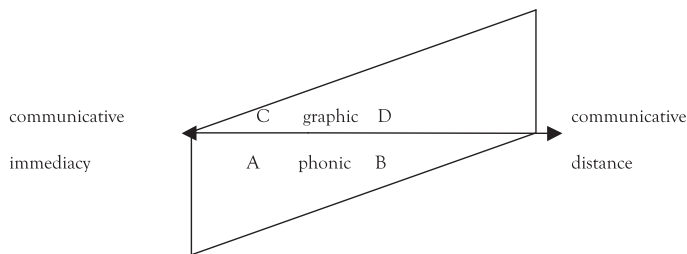


Figure 2: Peter Koch and Wulf Oesterreicher’s model of ‘immediacy’ and ‘distance’ (Koch 1999: 400)

² Peter Koch and Wulf Oesterreicher are scholars of Romance languages who mainly publish in German. Quotations here come from papers by Peter Koch and Wulf Oesterreicher published separately in English in the late 90s. They first suggested their notion of ‘immediacy’ and ‘distance’ in 1985. They published their major works in 1990, 1994 and 2007.

By speaking of ‘immediacy’ and ‘distance’ to define the poles of their scale, Koch and Oesterreicher try to solve the problem of the terminological ambiguity of ‘oral’ and ‘written’. In the parallelogram that symbolizes the immediacy-distance continuum, the letters stand for: A = phonic immediacy, B = phonic distance; C = graphic immediacy; D = graphic distance. However, these are only ideal types. The model reflects the idea that any discourse or text type can be placed on a specific point of the scale according to its communicative conditions and language phenomena. Koch and Oesterreicher suggest the following communicative parameters as factors of ‘immediacy’:

- (i) physical (spatial, temporal) immediacy
 - (ii) privacy
 - (iii) familiarity of the partners
 - (iv) high emotionality
 - (v) context embeddedness
 - (vi) deictic immediacy (*ego-hic-nunc*, immediate situation)
 - (vii) dialogue
 - (viii) communicative cooperation of the partners
 - (ix) free topic development
 - (x) spontaneity
- (Koch 1999: 400)

“For communicative distance the opposite values of these parameters will be true” (Koch 1999: 401).

A talk show on television can be taken as an example of how the model works. Firstly, the communication partners are in the same room at the same time. Therefore, we can speak of ‘physical immediacy’. Nevertheless, it is a public situation, where the partners are not familiar. In spite of that, discussions in talkshows often are carried out very emotionally. They are also embedded in the context of the talk show, although it is not very likely that many deictic expressions are used. The discussions can be characterized as dialogic, with cooperating partners and specified topics. Nevertheless, the formulations will be relatively spontaneous due to the physical immediacy. By matching the parameters with the text form of the talk show in this way,

Peter Koch and Wulf Oesterreicher would locate it somewhere in the middle of the range between the poles of immediacy and distance.

Although different suggestions to remodel ‘immediacy’ and ‘distance’ have been made especially during the last decade, the idea of the two being the poles of a scale has always been stable and can be considered the common denominator between different models of ‘immediacy’ and ‘distance’.

2. ‘Immediacy’ and ‘distance’ in research into language history

Among other things, Peter Koch and Wulf Oesterreicher provide us with the model of ‘immediacy’ and ‘distance’ due to their interest in language history. Peter Koch works with the model to explain various language-history phenomena.

The above model of ‘immediacy’ and ‘distance’ shows us the situation in a fully developed literate culture, where both the phonic and the graphic media are present. Peter Koch points out that, in oral cultures, people only have the bottom triangle of the model at their disposal. Therefore, they can only choose between A= phonic immediacy and B = phonic distance. By integrating the cultural aspect into the modelling of orality and literacy, Peter Koch introduces a third dimension into the model of ‘immediacy’ and ‘distance’:

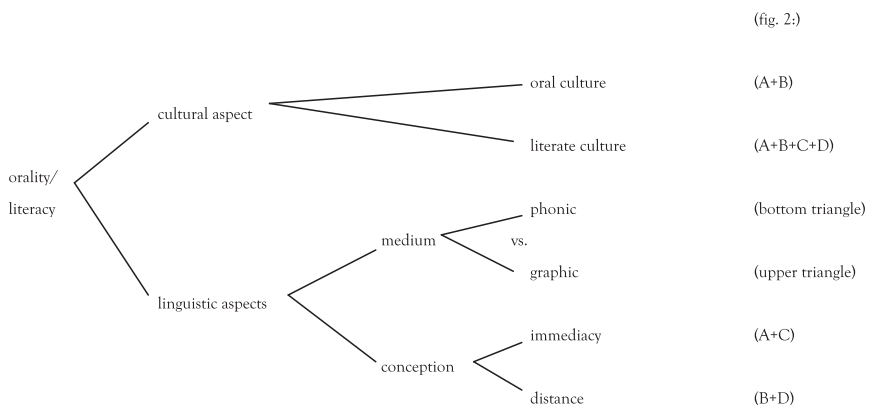


Figure 3: Orality and literacy; cultural, medial, conceptual (Koch 1999: 153)

He also draws on ‘immediacy’ and ‘distance’ to explain certain phenomena of language change (2004, 2005). He is convinced of a close connection between language change and the distinction between ‘immediate’ and ‘distant’ varieties. He recognises language change not only as occurring within one given variety but also as a change of variational marking, i.e. a phenomenon that was marked as belonging to one variety passing over to another variety. Koch illustrates this using the French word *travailler* (2005: 230ff.), which was originally only used in immediacy but, in the 17th century, became the normal word for *work* in distance as well. The following figure illustrates this movement. Notably, however, language change is not to be considered only in the movement from immediacy to distance. It can also move in the other direction, and other varieties may be concerned as well.³

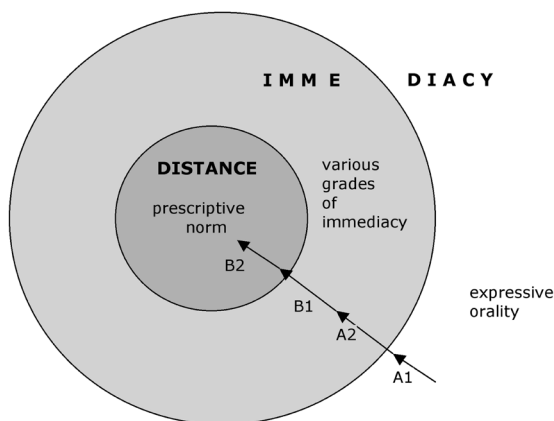


Figure 4: phases and aspects of language change (Koch 2005: 23)⁴

The letters A1, A2, B1, B2 stand for different phases in the modelled process: A1 is the individual creation of a new language phenomenon. A2 stands for the distribution of the phenomenon within one or more varieties of a language. At the phase of B1, the phenomenon is individually used in

³ For grammatical examples of the movement from distance to immediacy in Modern High German, see Hennig (2009).

⁴ Translated from German into English by the present author.

a variety it was not originally created for, thus involving the breaking of an existing rule. Finally, at B2, the phenomenon is accepted in this variety, the rule which was originally broken now being changed (see Koch 2004: 607).

3. 'Immediacy' and 'distance' in research into new media

In contrast to the way the fathers of the notion model 'immediacy' and 'distance', and to their own work with their model in further studies, there are suggestions for changes in the model. A first example is the modelling of 'immediacy' and 'distance' within the context of research into the new media. In this field of research, the Koch/Oesterreicher model has often been used to locate the new form of communication close to the pole labelled 'immediacy' (see Jakobs 1998, Dürscheid 1999, Storrer 2001, Beißwenger 2002; for a critical evaluation, see Hennig 2001). Thus, the model seemed to provide a solution to the problem that the new media produce new forms of communication that differ strongly from the forms we knew before. Nevertheless, some researchers have found the popular model by Koch and Oesterreicher inadequate to explain forms of communication produced by new media properly, because it was developed before the new media came into use. Consequently, the research into new media has generated adaptations of the model within the last ten years, such as the suggestions by Christa Dürscheid (1999, 2003) and Verena Thaler (2007).

Christa Dürscheid criticises Koch and Oesterreicher's notion of 'medium' as restricted to the graphic and the phonic media. She argues that this dichotomous distinction is insufficient to explain the new media adequately. In a first approach, she suggests differentiating between electronic and non-electronic transmission within the graphic medium (1999). Later on – in the model shown below – she tries to solve the problem by introducing different types of synchrony. First of all, forms of communication can either be synchronous or asynchronous. Usually, oral communication proceeds synchronously whereas written communication is asynchronous. Oral communication can also be asynchronous if an oral utterance is recorded. As we see in the model, Dürscheid does not assume written communication ever to take place synchronously:

	communicative immediacy	communicative distance					
phonic medium	synchronous	D ₁	D ₂	D ₃	D ₄	[...]	D _x
	asynchronous	T ₁	T ₂	T ₃	T ₄	[...]	T _x
graphic medium	quasi-synchronous	D ₁	D ₂	D ₃	D ₄	[...]	D _x
	asynchronous	T ₁	T ₂	T ₃	T ₄	[...]	T _x

Figure 5: ‘immediacy’ and ‘distance’ by Christa Dürscheid (2003: 49)⁵

The most important suggestion of the model is the notion of ‘quasi-synchrony’. Dürscheid defines it as follows: “Writer and recipient accomplish their communicative act in different partial situations; the whole situation is constructed via the text and the common communication space.” (2003: 44; translation by the present author) In other words, the communication partners are not in the same room in quasi-synchronous communication, but they nevertheless communicate at the same time, which means that the whole communication act is constituted by the parts the communication partners contribute to it. The synchronicity is not the same as in oral communication, because the communication partners do not have the opportunity to interrupt each other and because small delays may occur. On the other hand, the communication is not asynchronous in the sense that one person contributes to the communication act at one time and another person notices this contribution at another moment in time. Therefore, Dürscheid describes the forms of communication which use the new media as quasi-synchronous and extends the model of ‘immediacy’ and ‘distance’ by introducing the distinction between synchronous, asynchronous and quasi-synchronous.

Whereas Christa Dürscheid’s remodelling of ‘immediacy’ and ‘distance’ is based on the assumption that the medial dimension has to be remodelled due to the recent developments in the new media, Verena Thaler finds it necessary to remodel the conceptual dimension of the model, i.e. the parameters of what constitutes ‘immediacy’ and ‘distance’.

⁵ Translated from German into English by the present author. In the model, D stands for discourse and T for text.

The parameters in the Koch-Oesterreicher model outline extralinguistic, pragmatic conditions of communication in ‘immediacy’ and ‘distance’. As shown by the quotation of the parameters below figure 2, Koch and Oesterreicher do not seem to assume a hierarchy or a bundling of the parameters. Thaler now suggests differentiating between the following three types of parameter:

- a) communicational conditions based on technology;
- b) communicational conditions based on discourse types and technology;
- c) communicational conditions based on discourse types.

(Thaler 2007: 155f.; translated by the present author)

The result is the following model of ‘immediacy’ and ‘distance’:

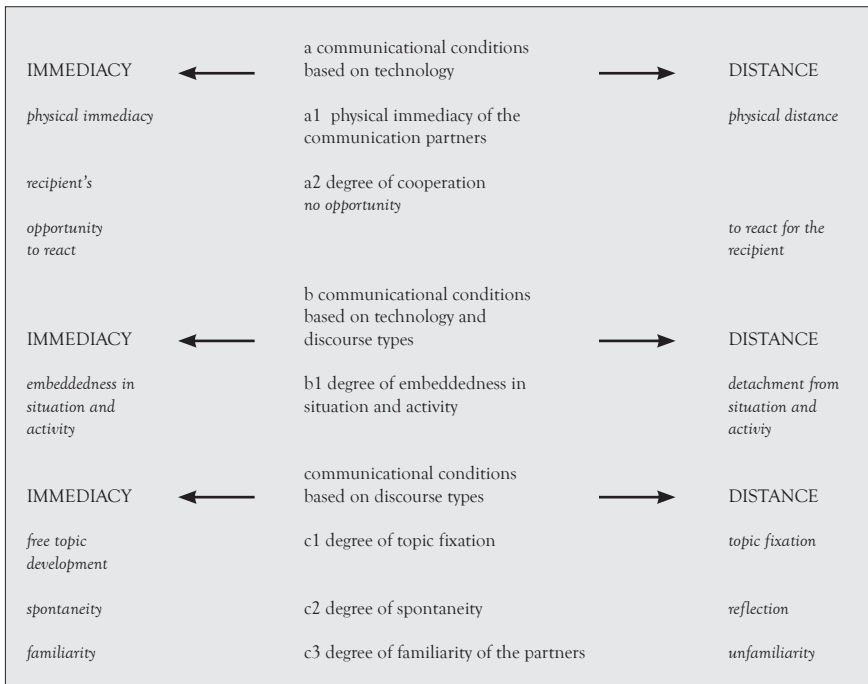


Figure 6: ‘immediacy’ and ‘distance’ by Verena Thaler (2007: 155f., translation by the present author)

4. Grammatical features of ‘immediacy’ and ‘distance’

The contribution made by Vilmos Ágel and the present author towards the understanding of ‘immediacy’ and ‘distance’ can also be seen as a contribution to remodelling the conceptual dimension of the Koch/Oesterreicher model. Whereas Verena Thaler suggests an adaptation from the perspective of the new media, this approach tries to improve the model’s applicability to the empirical analysis of grammatical features in modern and historical texts. It is driven by the consideration of how to explain grammatical features of spoken and written language using the notion of ‘immediacy’ and ‘distance.’ Although the ideas of Peter Koch and Wulf Oesterreicher are very helpful, the parameters they set out – privacy, high emotionality, free topic development etc – do not explain grammatical features. It is their idea of ‘immediacy’ and ‘distance’ on the one hand and the last four decades’ research into grammatical features of spoken German on the other (e.g. Fiehler et al. 2004, Schwitalla 2006, Hennig 2006) that the new approach to orality seeks to combine. Despite their claim that the parameters of communication they show lead to a less planned, integrated and elaborated verbalization in immediacy, Koch and Oesterreicher do not draw a direct connection between individual parameters of communication and particular grammatical features.

The search for a link between parameters of communication and grammatical features leads to questions about what the relevant parameters of communication are. Although Koch and Oesterreicher do not provide a ranking of their parameters in their early work, Koch later admits that the first parameter, ‘physical immediacy or absence’, is the most important one, because it influences the choice of graphic or phonic medium more deeply than the others:

Obviously, physical parameter I. is most important in this respect. If your partner is absent, you have to rely on the graphic medium (and write a letter, for example). In the age of the telephone, you can certainly choose the phonic medium as well. Even in this case, however, your medial choice depends, once more on parameters of linguistic conception. (Koch 1997: 152)

Another major difference between the parameter of ‘physical immediacy or absence’ and the other parameters is that this is the only parameter which is not of a scalar nature (Koch 1997: 151). Therefore, it can be taken as a starting point for modelling new, scalar parameters.

In contrast to Koch and Oesterreicher, Vilmos Ágel and the present author try to model the notion of immediacy and distance in a way that reveals the hierarchy between relevant parameters. Thus, physical immediacy or absence is taken as the starting point (= “universal axiom”) and its effects on the formation of the conditions of communication investigated. The following five parameters were found relevant for modelling this relationship:

IMMEDIACY		DISTANCE
flexible roles	I. parameter of roles	fixed roles
time controlled	II. parameter of time	not time controlled
situation embeddedness	III. parameter of situation	dissociation of situation
verbal and non-verbal	IV. parameter of code	verbal
segmental and prosodic	V. parameter of medium	segmental

Figure 7: the five parameters in the Ágel/Hennig model of ‘immediacy’ and ‘distance’

If the communication partners are in the same place at the same time, they have the option of organising their discourse interactively: the hearer can react directly to what the speaker says and can also use the syntactic pattern the speaker has produced to shape his answer. If the recipient and the producer are not in the same room at the same time, the producer has to communicate autonomously and has to make sure that his utterance can be understood although the recipient does not have the opportunity to check back. This is accounted for by a *parameter of roles*.

Being in the same place at the same time also places the communication partners in a time constraint. In a face-to-face-conversation, one cannot wait until tomorrow to react to one’s partner’s contributions to the conversation. We therefore speak of a *parameter of time* which is responsible for grammatical

features like hesitation phenonema, anacoluthon, producing only short and easy paratactic structures etc., e.g. phenomena that can be explained by pressure of time.

If we are in the same place at the same time, we can also refer to the situational context that becomes part of our communication. That means, for example, that we can use deictic expressions that refer to time and place and also to the communication partners, whereas in communication forms of distance we have to make sure while producing our text that its recipients will be able to understand it independently of our own situation. Therefore, our third parameter is the *parameter of situation*.

Being in the same place at the same time also allows us to use gestures and facial expression. Thus, the verbal code of the communication is only one of the levels on which communication takes place. In situations of immediacy, the verbal code is always accompanied by non-verbal codes of communication. We therefore speak of a *parameter of code*.

The last parameter – *the parameter of medium* – models the opportunity to adapt one's speech to the possibilities offered by the phonic medium, such as accentuation and the forming of clitics.

Thus, the five parameters are deduced from the universal axiom that in immediacy the communication partners are in the same place at the same time whereas this is not the case in distance. Individual grammatical features such as interactive units, ellipsis and anacoluthon are deduced from the five parameters. By this means, the model reveals coherences between the starting point (the universal axiom) and grammatical features in a hierarchical way:

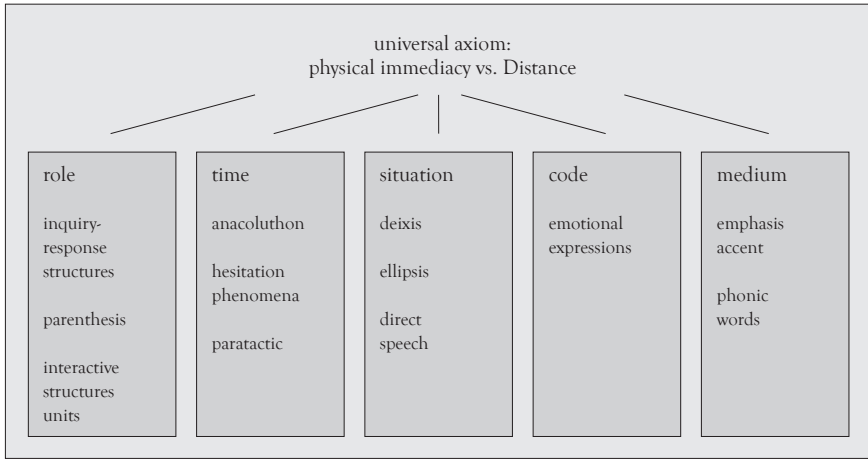


Figure 8: the hierarchical structure of the Ágel/Hennig model of ‘immediacy’ and ‘distance’

What do we need this kind of explanation for?⁶ It is only thus, by explaining the pragmatic background of grammatical features, that we can claim that they have something to do with the pragmatic conditions. By explaining the grammatical features in terms of pragmatic conditions, we can consider the grammatical features as signallers of immediacy. And that is what the Ágel/Hennig model of ‘immediacy’ and ‘distance’ was developed for: for work on grammatical issues of Modern High German (1650-2000) with a view to writing a reference grammar book (see Ágel n.d.). It is desirable in this context to be able to identify signs of immediacy not only in present German – where it is no problem to analyse spoken language, because we can record it – but also in older written texts. Therefore, we used our model to determine the degree of immediacy of both historical and present-day texts by identifying the particular features of immediacy. These are then evaluated statistically, which allows us to select texts with a higher degree of immediacy as corpus texts for further grammatical analysis (for an explanation of the method and examples of analysis, see Ágel/Hennig 2006a,c; 2007).

⁶ For a more detailed explanation of the model, see Ágel/Hennig 2006b; 2007.

Whereas the determination of grammatical immediacy or distance gives us an overall view of grammatical features of immediacy or distance in corpus texts, the approach can also be extended through closer analysis of selected grammatical phenomena. The investigation of the phenomenon of junction (e.g. clause linking) has been a first step, taking a closer look at correlations between the degree of immediacy of a text and the way clauses are linked in it. Our findings leave us with the impression that the degree of immediacy determines the grammatical organisation of texts to a large extent (for explicit junction see Ágel/Diegelmann 2010, for elliptical junction see Hennig i.p.).

5. Conclusion

Although this has to be seen as contributing to the applicability of the notion of ‘immediacy’ and ‘distance’ to the practical analysis of texts, that is not to claim that we have found the philosopher’s stone and that the Ágel/Hennig model should now be seen as the model to replace all those shown before. As pointed out in the introduction, ‘immediacy’ and ‘distance’ are metaphors. The various models of ‘immediacy’ and ‘distance’ represent different interpretations of these metaphors according to the different contexts in which they are interpreted and defined. Undoubtedly, Peter Koch and Wulf Oesterreicher started the ball rolling by modelling ‘immediacy’ and ‘distance’ as the prototypical poles of a scale in contrast to the dichotomous notion of ‘phonic’ and ‘graphic’. This prototypical approach based on insights from cognitive psychology about the internal prototypical structure of conceptual categories (see Rosch 1978) has not lost its appeal to this day. The many remodellings represent various elaborations of this underlying idea.

What is more, the differences in the models of ‘immediacy’ and ‘distance’ presented can be traced back not only to different perspectives on the metaphors ‘immediacy’ and ‘distance’. The differences can also be explained by the fact that the models may cover different levels of speech. The term ‘level of speech’ is in reference to Eugenio Coseriu’s theory of speech (1998). In his theory, Coseriu differentiates between the universal, the historical and the discourse level of speech:

Speech is a universal human activity realised individually by individual speakers in particular situations who are representatives of language communities with common traditions of skills of speech.

(Coseriu 1988: 70, translation by the present author)

In other words, when we speak, we do so not only as individuals but also as representatives of a language community, depending on where and when we do so, and as representatives of mankind, irrespective of time and place. Some of the differences between the models of immediacy and distance shown stem from the models being representative of different such levels of speech:

level	Idea	approaches
universal	What it is universal about immediacy and distance, i.e. what are features of immediacy and distance irrespective of time and place?	Koch/Oesterreicher Ágel/Hennig
historic	What are features of immediacy and distance in individual languages, at certain times or in particular discourse types?	Dürscheid Thaler

Figure 9: models of ‘immediacy’ and ‘distance’ and levels of speech

Both the model offered by Peter Koch and Wulf Oesterreicher and the Ágel/Hennig model can be placed on the universal level of speech: we modelled universal conditions of immediacy and distance irrespective of time and place. Christa Dürscheid and Verena Thaler are interested in certain text types or discourse forms that depend on certain historical conditions: for the text types of new media, the precondition of the existence of computers and the internet has to be fulfilled. Therefore, these text types are not independent of time. Lastly, though we assume a discourse level besides the universal and the historic thanks to Coseriu, it is not mere coincidence that there is no model of ‘immediacy’ and ‘distance’ to be placed on the discourse level. Rather, this level “is not important for linguistics, but only provides the material for insights on the other levels (corpora)” (Koch/Oesterreicher 1994: 589, translation by the present author).

The insight that we can differentiate between models of ‘immediacy’ and ‘distance’ that are placed on the universal level of speech and those models being placed on the historic level of speech helps us understand why it is not possible to grasp the notion of ‘immediacy’ and ‘distance’ in one model. Models that are restricted to one level of speech can represent only a partial theory of ‘immediacy’ and ‘distance’. Nonetheless, different models within one level of speech can also demonstrate rather different perspectives. Therefore, the notion of ‘immediacy’ and ‘distance’ must be seen as a toolbox containing a range of useful instruments, rather than as a one-dimensional theory.

References

- Ágel, Vilmos n.d.: *Projektskizze zur Neuhochdeutschen Grammatik*. <http://www.uni-kassel.de/%7EAgel/ProjektNhdGramm.pdf>
- Ágel, Vilmos and Mathilde Hennig. eds. 2006a. *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Tübingen: Niemeyer.
- Ágel, Vilmos and Mathilde Hennig. 2006b. Theorie des Nähe- und Distanzsprechens. In: *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Edited by Vilmos Ágel and Mathilde Hennig. Tübingen: Niemeyer, 3-31.
- Ágel, Vilmos and Mathilde Hennig. 2006c. Praxis des Nähe- und Distanzsprechens. In: *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Edited by Vilmos Ágel and Mathilde Hennig. Tübingen: Niemeyer, 33-74.
- Ágel, Vilmos and Mathilde Hennig. 2007. Überlegungen zur Theorie und Praxis des Nähe- und Distanzsprechens. In: *Zugänge zur Grammatik der gesprochenen Sprache*. Edited by Vilmos Ágel and Mathilde Hennig. Tübingen: Niemeyer (Reihe Germanistische Linguistik 269), 179-214.
- Ágel, Vilmos and Carmen Diegelmann. 2010. Theorie und Praxis der expliziten Junktion. In: *Nähe und Distanz im Kontext variationslinguistischer Forschung*, Edited by Vilmos Ágel and Mathilde Hennig. Berlin / New York: de Gruyter (Linguistik – Impulse & Tendenzen), 345-393.
- Beißwenger, Michael. 2002. „Getippte Gespräche“ und ihre trägermediale Bedingtheit. Zum Einfluß technischer und prozeduraler Faktoren auf die kommunikative Grundhaltung beim Chaten. In: *Moderne Oralität*. Edited by Ingo W. Schröder and Stéphane Voell. Marburg, 265-299.
- Coseriu, Eugenio. 1988. Sprachkompetenz. Grundzüge der Theorie des Sprechens. Tübingen: Francke (UTB für Wissenschaft: Uni-Taschenbücher 1481).
- Dürscheid, Christa. 1999. Zwischen Mündlichkeit und Schriftlichkeit: die Kommunikation im Internet. *Papiere zur Linguistik*: 17-30.
- Dürscheid, Christa. 2003. Medienkommunikation im Kontinuum von Mündlichkeit und Schriftlichkeit. Theoretische und empirische Probleme. *Zeitschrift für Angewandte Linguistik* 38: 37-56.
- Fiehler, Reinhard, Birgit Barden, Mechthild Elstermann and Barbara Kraft. 2004. *Eigenschaft-ten gesprochener Sprache*. Tübingen: Narr (Studien zur Deutschen Sprache 30).
- Hall, Edward. 1963. Proxemics – the study of man’s spatial relations. In: *Man’s Image in Medicine and Anthropology*. Edited by Iago Galdston. New York: University Press, 422-45.
- Hennig, Mathilde. 2001. Das Phänomen des Chat. *Jahrbuch der Ungarischen Germanistik*: 215-239.
- Hennig, Mathilde. 2006. *Grammatik der gesprochenen Sprache in Theorie und Praxis*. Kassel: University Press.

Hennig, Mathilde. 2009. *Nähe und Distanzierung. Verschriftlichung und Reorganisation des Nähebereichs im Neuhochdeutschen*. Kassel: University Press.

Hennig, Mathilde i.p.: Elliptische Junktion in der Syntax des Neuhochdeutschen. In: *Perspektiven der Sprachgeschichte*. Edited by Hans Ulrich Schmid. Berlin / New York: de Gruyter 2010 (Jahrbuch für Germanistische Sprachgeschichte 1).

Jakobs, Eva-Maria. 1998. Mediale Wandel und Sprache. Entwicklungstendenzen elektronischer Schreibwerkzeuge und ihr Einfluß auf Kommunikationsformen. In: *Medien im Wandel*. Edited by Werner Holly and Bernd Ulrich Biere. Opladen: Westdeutscher Verlag, 187-209.

Koch, Peter. 1997. Orality in Literate Cultures. In: *Writing development. An interdisciplinary view*. Edited by Clotilde Pontecorvo. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 149-171.

Koch, Peter. 1999. Court Records and Cartoons. Reflections of Spontaneous Dialogue in Early Romance Texts. In: *Historical dialogue analysis*. Edited by Andreas Jucker, Gerd Fritz and Franz Lebsanft. Amsterdam/Philadelphia. Benjamins, 399-429.

Koch, Peter. 2004. Sprachwandel, Mündlichkeit und Schriftlichkeit. *Zeitschrift für romanische Philologie*: 605-630.

Koch, Peter. 2005. Sprachwandel und Sprachvariation. In: *Historische Pragmatik und historische Varietätenlinguistik in den romanischen Sprachen*. Edited by Angela Schrott and Harald Völker. Göttingen: Universitätsverlag, 229-254.

Koch, Peter and Wulf Oesterreicher. 1985. Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch* 36: 15-43.

Koch, Peter and Wulf Oesterreicher. 1990. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Niemeyer (Romanistische Arbeitshefte 31).

Koch, Peter and Wulf Oesterreicher. 1994. Schriftlichkeit und Sprache. In: *Schrift und Schriftlichkeit: ein interdisziplinäres Handbuch internationaler Forschung = Writing and its use*. Edited by Hartmut Günther, and Otto Ludwig. Berlin / New York: de Gruyter (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft 10), 587-604.

Koch, Peter and Wulf Oesterreicher. 2007. Schriftlichkeit und kommunikative Distanz. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 35, 346-375.

Nöth, Winfried. 2000. *Handbuch der Semiotik. 2.*, vollständig neu bearbeitete und erweiterte Auflage mit 89 Abbildungen. Stuttgart/Weimar: Metzler.

Oesterreicher, Wulf. 1997. Types of Orality in Text. In: *Written Voices, Spoken Signs. Tradition, Performance and the Epic Text*. Edited by Egbert Baker, Ahuvia Kahane. Cambridge (Mass.) / London: Harvard University Press, 190-214.

Rosch, Eleonore. 1978. Principles of Categorization. In: *Cognition and Categorization*. Edited by Eleonore Rosch, B. Lloyd. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Ass.

Schwitalla, Johannes. 2006. *Gesprochenes Deutsch. Eine Einführung. 3.*, neu bearbeitete Auflage. Berlin: Schmidt (Grundlagen der Germanistik 33).

Storrer, Angelika. 2001. Getippte Gespräche oder dialogische Texte? Zur kommunikationstheoretischen Einordnung der Chat-Kommunikation. In: *Sprache des Alltags. Beiträge zu neuen Perspektiven in der Linguistik. Herbert Ernst Wiegand zum 65. Geburtstag gewidmet*. Edited by Angelika Lehr, Matthias Kammerer, Klaus-Peter Konerding, Angelika Storrer, Caja Thimm and Werner Wolski. Berlin / New York: de Gruyter, 439-465.

Thaler, Verena. 2007. Mündlichkeit, Schriftlichkeit, Synchronizität. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 35, 146-181.

Proximidade e distância na gramática¹

VILMOS ÁGEL*

I. Objectivo e estrutura da comunicação

O objectivo da comunicação visa o estudo das ocorrências de proximidade e de distância numa área central da gramática, a saber, na área das conexões formais e das relações semânticas interproposicionais em textos. Esta importante área da estruturação textual, designada ‘junção’, pode ser considerada fulcral para a coesão de textos e para a identificação de ‘tipos de texto’ correspondentes.

Assim, cada ‘análise de junção’ de um texto empírico engloba também uma análise nos parâmetros da linguística textual, podendo ultrapassar a própria gramática nos domínios de ‘proximidade e de distância’, abrangendo também os domínios da estilística, da literatura, da cultura, da sociologia, da história, da filosofia, da semiótica e da psicologia.

Mas, mesmo no âmbito da linguística, nomeadamente da linguística textual, a investigação das conexões formais e das relações semânticas interproposicionais pode dar um contributo decisivo para os domínios da mudança linguística, da história da língua, da dialectologia, da sociolinguística da psicolinguística e até da linguística clínica, etc. O espaço limitado do meu artigo não me permite, infelizmente, abordar todas as potencialidades da “junção” nos domínios inter- e intradisciplinar. Limito-me, portanto, ao meu objectivo central, isto é, a descrever, no essencial, o ‘modelo de junção’, deixando apenas uma nota acerca do potencial inter- e intradisciplinar acima mencionado.

¹ Dedico este texto ao meu colega e amigo Bernd Sieberg que, através da tradução do texto original alemão e por muitos comentários primorosos, proporcionou-me, quer a participação oral no congresso, quer a participação neste volume.

* Universidade de Kassel

O meu artigo consiste em duas partes: A primeira parte visa caracterizar o conceito da junção em vários planos, tendo por base exemplos em língua portuguesa. Para alcançar este objectivo, utilizaremos como enquadramento teórico a investigação desenvolvida no âmbito da ‘Linguística Românica’, mais concretamente, o ‘modelo de ‘junção’ do linguista alemão Wolfgang Raible (Raible 1992). A segunda parte, no entanto, tem por objectivo demonstrar os fundamentos da referida teoria à língua alemã.

2. Proximidade e distância na gramática escrita

A teoria linguística geral, em que o meu artigo se situa, é a teoria de falar de Eugenio Coseriu. No modelo de Coseriu, o conceito de ‘falar’ denomina todas as expressões verbais, sejam elas transmitidas graficamente ou foneticamente:

El hablar es una actividad humana universal que es realizada individualmente en situaciones determinadas por hablantes individuales como representantes de comunidades lingüísticas con tradiciones comunitarias del saber hablar. (Coseriu 1992, 86)

O termo ‘linguagem’ não corresponde a este sentido abrangente porque pertence a um paradigma onde ficam termos como por exemplo ‘linguagem dos jovens’, ‘linguagem política’, ‘linguagem da publicidade’ – designações para variantes ou variações linguísticas.

Remeto esta minha apresentação para os artigos de Hennig e de Sieberg que incidiram sobre o funcionamento do ‘modelo de proximidade e de distância’. Uma das conclusões básicas do modelo consiste na afirmação de que tanto a proximidade como a distância se realizam quer na escrita quer na fala.

Para dar um exemplo para esta afirmação, refira-se que embora a comunicação que proferi no congresso de Lisboa se tenha baseado no meio oral, este não pode ser considerado, de maneira alguma, como forma prototípica do ‘falar de proximidade’. Um outro exemplo aponta no sentido oposto, como é o caso de muitas mensagens de SMS escritas: as de um jovem à sua

namorada, por exemplo, não correspondem, certamente, a uma forma típica do ‘falar de distância’.

Para evitar mal-entendidos, não queremos negar o papel importante do meio. Parece, portanto, óbvio considerar a ‘fala’ como meio primário do ‘falar de proximidade’ e a escrita como meio dominante do ‘falar de distância’. Este tipo de análise tem, sobretudo, como objectivo principal, descrever índices de uma ‘proximidade relativa’, ou, na perspectiva oposta, de uma ‘distância relativa’ tendo em conta os pólos da proximidade e da distância. Registe-se que o meio secundário da proximidade é a escrita e o da distância é a fala.

O conceito de manifestação de proximidade ou então de distância no respectivo meio da comunicação secundário, não é, de maneira alguma, novo, sendo que o termo “elaborated orality” (Ong 1982) surgiu para designar as expressões de distância em culturas que são dominadas pela oralidade. É possível, portanto, proferir um texto oral do ‘falar de distância’, sem recorrer à escrita.

Pelo contrário, é do conhecimento geral que, em sociedades modernas orientadas para uma cultura da escrita, se pratica também uma comunicação de proximidade através deste meio. Foram, sobretudo, as tecnologias dos *Novos Media* que contribuíram de forma decisiva para este desenvolvimento.

A proximidade e a distância manifestam-se a vários níveis linguísticos, a nível textual, pragmático, estilístico, lexical e gramatical. Os conceitos básicos para uma análise a todos estes níveis têm como origem a linguística românica, com especial destaque para os estudos de Söll (1985), Koch e Oesterreicher (1985), Raible (1992). Uma vez que o meu artigo visa descrever a dimensão gramatical do fenómeno, vou basear-me, sobretudo na monografia de Raible “Junção. Uma dimensão da língua e das suas formas de se manifestar entre os pólos de agregação e integração” (Raible 1992). Raible entende por ‘junção’ a totalidade de técnicas gramaticais alternativas que têm como função determinar as relações semânticas existentes entre as proposições de um mesmo enunciado. De facto, todas as gramáticas de referência descrevem a semântica das relações interproposicionais em questão, sendo as mais importantes a relação copulativa, disjuntiva, adversativa, causal, concessiva, condicional, consecutiva e temporal. A estas acrescem como meios formais

para marcar as relações (semânticas) interproposicionais as conexões (gramaticais) interproposicionais de coordenação e de subordinação.

Relativamente às línguas românicas, Raible distingue oito tipos de junção, isto é, oito alternativas gramaticais para marcar as relações semânticas interproposicionais. Estes oito tipos são agrupados numa escala hierárquica, consoante o grau de coesão que se estende do pólo de uma coesão sintáctica integrativa máxima até ao pólo oposto de uma coesão sintáctica agregativa máxima. O processo que garante o grau máximo de uma coesão agregativa é aquele que se produz sem qualquer recurso a meios formais. Pelo contrário, pode identificar-se o processo de uma coesão máxima de integração semântica mediante o recurso explícito a meios formais.

Em suma, a presença de estruturas agregativas é um indício gramatical fulcral de um enunciado do ‘falar de proximidade’, sendo que a vigência de estruturas integrativas indicia, pelo contrário, um enunciado do ‘falar de distância’.

Ao invés de descrever cada uma destas técnicas em pormenor, queria passar a exemplificar os conceitos básicos do modelo do Raible, tendo por base a análise de dois textos portugueses.

O primeiro excerto textual em análise foi tirado dum conto popular português (os junctores em ‘negrito’)²:

[1] Uma vez, eram dois fradinhos que andavam a pregar pelo mundo
e

[2] anoiteceu-lhes no meio de um monte.

[3] Viram reluzir numa casinha.

[4] Foram lá bater

para

[5] os deixarem passar a noite.

Em primeiro lugar, salta à vista a facilidade de dividir o texto em proposições e junctores cuja função consiste em conectar estas proposições. Neste texto não há sobreposições entre junctores e representações verbais das proposições na mesma oração, com excepção do infinitivo pessoal, que se encontra inserido na oração [5]. O texto tem, portanto, uma ‘estruturação plana’.

² “Os fradinhos pregadores“, 17.

Outra característica bastante visível do texto é a falta de elementos gramaticais explícitos para garantir a relação semântica entre as proposições [2] e [3] ou [3] e [4]. Na realidade, esta relação semântica existe, mas fica a cargo do leitor do texto no acto de leitura do mesmo. Raible designa esta operação de ‘justaposição’ ou ‘técnica gramatical 0’ em que a interpretação das relações semânticas interproposicionais do texto se processa na ausência de elementos gramaticais. Segundo o mesmo autor, trata-se da forma mais agregativa possível, isto é, pelo prisma oposto, trata-se da técnica menos integrativa possível de junção.

Registe-se que a ligação entre as proposições [1] e [2] mediante o conjuntor copulativo *e* se afigura mais integrativa, sendo, mesmo assim, fortemente agregativa. Pode, pelo contrário, caracterizar-se como fortemente integrativa o processo de junção entre as proposições [4] e [5], uma vez que a construção de infinitivo flexionado que garante esta junção fica inserida na própria proposição da oração principal. A perda da autonomia gramatical da construção de infinitivo flexionado junto com a sobreposição do junctor com a representação verbal da proposição garantem um grau elevado de integração das duas proposições.

O segundo excerto textual em análise, que consiste em apenas uma frase, foi tirado de um livro sobre a geografia humana em Portugal³:

[1] **Ao contrário** dos outros Estados europeus, cujos limites oscilaram frequentemente,

[2] **sob a influência de** guerras e tratados políticos, em muitos deles até ao nosso século,

[3] Portugal, que viu a sua independência garantida em meados do século XII, delineou no essencial as suas fronteiras cem anos mais tarde

e

[4] fixou-as definitivamente em 1297,

se

[5] descontarmos a ocupação de Olivença pelos Espanhóis, em 1801, que quase não trouxe modificações e não foi reconhecida pelas convenções internacionais da época.

³ Medeiros 1976, 7.

Se bem que este segundo texto seja composto também por cinco proposições, distingue-se essencialmente do primeiro texto no que se refere ao processo de junção.

Em primeiro lugar, não existe justaposição. Pode levantar-se alguma dúvida acerca desta minha afirmação, na base do argumento de que não há junctores entre as proposições [1] e [2], bem como entre [2] e [3]. De facto, gostaria de enfatizar que os junctores se encontram inseridos nas próprias representações verbais das respectivas proposições, garantindo, assim, a coesão das mesmas.

As proposições [1] e [2] estão interligadas pela ‘locução prepositiva causal’ *sob a influência de*, e a conexão da proposição [3] à proposição [1] fica a cargo da ‘locução prepositiva’ com significado adversativo *ao contrário de*. Queria também chamar a atenção do leitor para o facto de que, neste caso, ficam inter-relacionadas proposições não dispostas sequencialmente, um claro índice dum ‘falar de distância’.

As proposições [3] e [4] estão interligadas pelo junctor copulativo *e* e, a seguir, as proposições [4] e [5] pelo junctor condicional *se*, junto com a determinação *-mos* do infinitivo pessoal flexionado.

Em segundo lugar, destaca-se, neste texto, uma variedade de relações semânticas marcadas gramaticalmente. Ao invés do conto popular, em que ocorriam apenas duas relações marcadas gramaticalmente, uma relação copulativa e uma relação final, estamos, no caso do segundo texto, perante quatro tipos de relações interproposicionais: uma relação causal, uma adversativa, uma copulativa e uma condicional. Sendo assim, a interpretação da coesão semântica do texto não fica a cargo do leitor, mas antes é marcada explicitamente por elementos gramaticais do próprio texto.

Em terceiro lugar, o texto caracteriza-se por uma estrutura fortemente ‘entrelaçada’ e não ‘linear’. As ‘locuções prepositivas’ encontram-se inteiramente inseridas nas representações verbais das proposições. Da mesma forma, encontra-se a determinação do infinitivo pessoal integrada na proposição. Excepção seja feita ao junctor *e*, que se encontra no meio de duas proposições.

Pode interpretar-se esta observação do seguinte modo: a marcação gramatical inequívoca das relações semânticas é necessariamente associada a

uma estrutura de junção fortemente ‘entrosada’ ou, por outras palavras, ‘entrelaçada’. Esta estrutura dificulta, sem sombra de dúvida, a leitura, ou seja, a descodificação de um texto, mas fornece, em contrapartida, uma interpretação inequívoca do mesmo.

As ‘locuções prepositivas’ que se encontram inteiramente incorporadas nas orações possuem mais força integrativa do que as construções de infinitivo. Sendo assim, o segundo texto tem a) duas formas de junção extremamente integrativas, b) uma fortemente integrativa e c) uma junção fortemente agregativa.

Em suma, comparando a análise efectuada aos dois textos podemos concluir que, no conto popular, duas das cinco proposições estão interligadas mediante ‘justaposições’, para além da presença de uma conjunção e de uma construção de infinitivo flexionado. Trata-se, portanto, de duas conexões interproposicionais agregativas de grau máximo e de uma terceira de grau agregativo médio-forte, além de uma conexão com grau elevado de integração. No texto técnico de Geografia, em que figuram igualmente cinco proposições, estamos perante duas conexões interproposicionais extremamente integrativas, uma terceira muito integrativa e uma quarta inter-relação fortemente agregativa.

A relação entre os dois textos é, portanto, simetricamente oposta: Do ponto de vista da junção, o conto popular pode ser classificado como ‘falar de proximidade’ e o texto geográfico como ‘falar de distância’. Parece, no entanto, óbvio que ambos os textos contêm tanto formas agregativas quanto estruturas integrativas.

De facto, é a perspectivação do potencial leitor, habituado a certas convenções textuais e convenções discursivas, que predetermina os limites da produção textual de um autor. Seria, efectivamente, estranho, por um lado, encontrar contos populares ou *chats* que estivessem pejados de locuções prepositivas adversativas e causais e, por outro, encontrar textos técnicos repletos de justaposições. Seriam considerados bastante estranhos e, até mesmo chocantes, pelo leitor, dado que não corresponderiam à respectiva tradição discursiva.

No caso de textos literários estamos perante uma situação parcialmente diferente. O autor de um texto literário dispõe de mais liberdade na criação do seu texto, o que aponta para uma escolha consciente das respectivas técnicas

de junção, bem como das respectivas relações semânticas interproposicionais. Podemos deduzir, por outro lado, que se faz uma escolha igualmente consciente dos meios gramaticais e semânticos que os autores decidiram não utilizar ao escrever os seus textos.

Assim, mediante interpretação dos motivos que levam um autor a utilizar ou não determinados meios gramaticais para a marcação de certas relações semânticas interproposicionais, a linguística consegue abrir um novo caminho para a compreensão adequada de uma obra literária. Por outras palavras, a linguística faculta um método novo para a interpretação e compreensão de uma obra literária.

O espaço escasso do meu artigo não chega para exemplificar uma tal interpretação com base num texto literário. Queria, no entanto, a partir de um pequeno recorte dum texto do José Cardoso Pires, mostrar que, apesar de o autor, na escolha dos seus meios linguísticos, ter tido teoricamente duas alternativas ao seu dispor, acabou por enveredar, no actual contexto estilístico e convencional, por uma única escolha de junção.

A forma original do texto⁴:

«Vá. Telefone para qualquer desses números e pergunte. Pergunte, não tenha medo. São tudo velhos, tudo tipos que não fazem nada. Nada, percebeu agora?»

Uma reformulação do texto (os junctores inseridos em ‘negrito’) :

«Vá. Telefone para qualquer desses números **para** perguntar. Não tenha medo **de** perguntar. **Porque** são tudo velhos, tudo tipos que não fazem nada. Nada, percebeu agora?»

O texto original afigura-se de cariz meramente aditivo, sendo que a relação copulativa fica apenas uma vez marcada pelo conjuntor *e*, pelo que o resto das relações são realizadas por justaposição. Esta microestrutura gramatical representa a função expressiva e apelativa do texto, cuja estrutura consiste numa sequência de afirmações directas, numa forma icónica. Só ao fim surge uma justificação (para o ‘não é necessário ter medo’) que igualmente fica sem conexão explícita. A justaposição, a estrutura linear do ‘turn’ não

⁴ Pires 1985, 122.

é interrompida, ou seja, a homogeneidade estilística e a progressão temática linear permanecem na mesma.

A reformulação do texto, embora gramaticalmente correcta, parece estilisticamente desajeitada e até gramaticalmente algo estranha, dado que uma parte do diálogo – forma genuína de uma comunicação de proximidade – tem marcas de uma fala de distância. Além disto, esta forma de proximidade torna-se sobrecarregada de relações semânticas interproposicionais que, em vez de facilitar a descodificação e interpretação do enunciado, dificultam a compreensão do mesmo. É também a progressão temática não motivada que contribui para este efeito perturbador: as duas frases imperativas (*pergunte* e *Pergunte*) são retiradas da progressão normal do texto e ficam na parte remática da enunciação. Desaparece, portanto, a coincidência entre forma e conteúdo e fica desfeita a representação icónica do conteúdo textual.

3. O modelo da junção na língua alemã

A segunda parte do meu artigo visa exemplificar a teoria da junção aplicada ao alemão. A descrição pormenorizada do modelo na sua íntegra, bem como a descrição da sua operacionalização, isto é, a demonstração da sua aplicabilidade em textos, figuram em duas publicações em alemão (Ágel 2010 e Ágel/Diegelmann 2010).

3.1 *Classes de junctores*

A conexão interproposicional, caracterizada por um elevado grau de integração ou, pelo contrário, por um cariz agregador, depende de vários factores. É possível descrever o grau desta coesão a um nível menos abstracto relativamente a uma língua específica ou, a um nível de abstracção mais elevado, relativamente a um conjunto de várias línguas. O factor ‘subordinação’, por exemplo, situa-se a um nível universal, ao invés do factor ‘infinitivo pessoal’, um elemento específico, típico do português.

Se a teoria de junção contemplasse exclusivamente o nível mais abstracto, em que se incluem factores como ‘coordenação’ e ‘subordinação’, o modelo não chegaria a descrever as particularidades que distinguem uma língua de

outra. Se a teoria, por outro lado, contemplasse apenas especificidades de uma só língua, não seria possível comparar diversas línguas pelos mesmos parâmetros.

Este argumento justifica a bidimensionalidade de uma teoria de junção que abrange quer estruturas presentes em várias línguas, quer aspectos específicos presentes apenas em determinadas línguas. Ao nível de uma descrição geral de estruturas presentes em várias línguas refiro-me, por um lado, às 'classes de junção', categoria que engloba, por exemplo, o princípio 'subordinação'. Refiro-me, por outro lado, no âmbito de uma descrição de aspectos específicos de uma língua às 'técnicas de junção', categoria a que pertence, por exemplo, a construção de infinitivos flexionados. Ao nível das 'classes de junção', elaborei a distinção em quatro classes:

- I. Coordenação
- II. Subordinação
- III. Incorporação
- IV. Unificação

Estas classes de junção distinguem-se – de cima para baixo – pelo seu grau da integração. Os seguintes exemplos servem para exemplificar cada uma destas classes⁵:

- I. Coordenação:
Peter geht nicht zur Schule. Er ist **nämlich** krank.
O Pedro não vai à escola. [**Pois**] ele está doente.
- II. Subordinação:
Weil Peter krank ist, geht er nicht zur Schule.
Porque / como o Pedro está doente, não pode ir à escola.
- III. Incorporação:
Wegen seiner Erkrankung kann Peter nicht zur Schule gehen.
Por causa da sua doença o Pedro não pode ir à escola.
- IV. Unificação:
Dass er krank ist, **ist der Grund dafür**, dass Peter nicht zur Schule gehen kann.
Estar doente **é a razão** pela qual o Pedro não pode ir à escola.

⁵ Traduções à letra.

Partindo do pressuposto de que os princípios da coordenação e da subordinação são conhecidos, quero abordar somente a incorporação e a unificação. No caso de uma incorporação, uma das proposições é nominalizada e inserida como sintagma preposicional (*wegen seiner Erkrankung*) dentro da representação verbal de outra proposição. A incorporação tem como consequência um grau de integração superior ao da subordinação, porque o sintagma preposicional, que proporciona a proposição subordinada, tem menos ‘autonomia gramatical’ do que uma oração subordinada ou do que uma construção de infinitivo.

No caso de uma ‘unificação’, as duas proposições ficam ‘unidas’ através de uma expressão predicativa (*ist der Grund dafür*). O grau de integração é tão forte que o junctor figura como o centro da oração, tornando-se mesmo na oração principal, ao contrário das restantes proposições que sofrem uma degradação gramatical. Este facto justifica a posição destacada do grupo dos ‘junctores unificantes’ que se distinguem dos outros junctores que pertencem a classes de palavras sem flexão.

3.2 Certas técnicas de junção através do exemplo da coordenação

No alemão actual existem mais do que 40 técnicas de junção. Em relação à subordinação, é apenas possível estimar o número das técnicas disponíveis, mas não é possível uma quantificação exacta:

- I. Coordenação: seis técnicas
- II. Subordinação: por volta de 30 técnicas
- III. Incorporação: quatro técnicas
- IV. Unificação: três técnicas

Uma teoria da junção que visa classificar esta quantidade elevada de técnicas disponíveis – utilizando como critério desta classificação o grau da agregação ou seja da integração – deve proporcionar uma descrição pormenorizada dos factores que são determinantes para a diferenciação destas técnicas. O objectivo consiste não apenas em criar um escalonamento de classes, mas sim criar um escalonamento dentro de cada uma destas classes, ordenando todas as técnicas desta categoria por ordem crescente do grau de integração presente na respectiva técnica. É também obrigatório determinar os factores responsáveis pelo grau da integração,

bem como pela agregação. No caso concreto da coordenação, podemos descrever três factores determinantes para determinação do grau de integração bem como de agregação:

1. a classe de palavras dos junctores: conjuntor ou partícula ou advérbio;
2. a posição dos junctores;
3. a presença ou ausência (+/-) de junctores geminados ou simples

Em relação à língua alemã, torna-se fulcral o factor da posição dos junctores, de acordo com a tabela a seguir:

Oração 1		Posição entre orações	Oração 2				
			Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito	Campo sintáctico posterior
1.	Er ist stark Ele é forte	aber mas	Sie ela	ist é		klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte, mas ela é mais inteligente do que ele.							
2.	Er ist stark Ele é forte		Sie ela	ist é	aber mas	klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte, mas é ela que é mais inteligente do que ele.							
3.	Er ist stark Ele é forte		jedoch porém	ist é	sie ela	klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte. Porém ela é mais inteligente do que ele.							

A ordem linear das orações alemãs é determinada pela estrutura do predicado. Este consiste regularmente em duas partes que são chamadas parênteses oracionais, pois dividem a estrutura linear em três campos sintácticos: o campo sintáctico anterior que se localiza antes do parêntese oracional esquerdo, o campo sintáctico interior que fica entre os parênteses e o campo sintáctico posterior que está situado logo após o parêntese oracional direito. Os campos sintácticos proporcionam graus distintos de integração das proposições.

Todas as três formas de inter-relacionar as proposições destas orações têm, de ponto de vista semântico, um sentido adversativo, porque marcam uma oposição e pertencem, portanto, à mesma classe. Todavia verificamos – de cima para baixo dos exemplos – um grau crescente de integração das proposições:

1. A conexão interproposicional com menos força integrativa, isto é, com o grau mais forte da agregação, existe no caso da inter-relação introduzida pelo conjuntor *aber*. Os conjutores ficam posicionados entre as orações, não se encontrando integrados nos campos sintáticos nem da primeira, nem da segunda oração. Consequentemente, estamos, no exemplo 1, perante a ocorrência com maior capacidade agregadora para criar uma conexão interproposicional.
2. O junctor na forma da partícula *aber* fica integrado num dos campos sintáticos da segunda oração. Mais explicitamente, *aber* está no campo sintático interior. O exemplo 2 tem, portanto, um grau de integração mais elevado do que o tipo 1.
3. O junctor-adverbial *jedoch*, no exemplo 3, fica, não apenas integrado nos campos sintáticos da segunda oração, mas está posicionado no campo sintático anterior desta oração. Uma vez que o campo sintático anterior coincide com a posição de tópico, ocupando a posição que melhor pode garantir a inter-relação sintática-semântica-textual com a oração anterior, o tipo 3 tem o grau de integração mais elevado.

Os exemplos mostram que o factor ‘classe de palavra do junctor’ depende parcialmente do factor ‘posição do junctor’: Ao contrário dos conjutores, que nunca estão integrados nos campos sintáticos de uma oração, as partículas e advérbios estão integrados nesta estrutura. O campo sintático anterior pode ser ocupado exclusivamente por advérbios mas não por partículas que, por seu lado, apenas podem ocupar a posição de um campo sintático interior da oração.

O terceiro factor da integração é 0 ‘junctor geminado ou simples’. A importância deste factor em relação à junção encontra eco na expressão alemã *Doppelt genäht hält besser* (= quanto mais melhor): Assim como uma ‘costura dupla’ garante mais solidez, também os juntores geminados garantem uma maior integração do que os simples.

Comparemos um exemplo em que figuram junctores concessivos geminados *zwar...doch*⁶ com uma paráfrase em que substituiremos os junctores geminados por um junctor simples.

(1a) [*Zwar* werden ... die Zielsetzungen der Betriebe unterschiedlich sein...]¹

De facto, os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.

[*doch* wird jede dieser Zielsetzungen ... realisiert werden]²

Contudo, todos os objectivos serão alcançados.

(1b) [die Zielsetzungen der Betriebe werden unterschiedlich sein]¹

Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.

[*doch* wird jede dieser Zielsetzungen realisiert werden]²

Contudo, todos os objectivos serão alcançados.

A tabela a seguir mostra a estrutura linear dos tipos (1a) e (1b):

	Oração 1				Posição entre orações	Oração 2			
	Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito		Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito
(1a)	zwar	werden	Die Zielsetzungen der Betriebe	unterschiedlich sein		doch	wird	jede dieser Zielsetzungen	realisiert werden
De facto, os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados									
(1b)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden		unterschiedlich sein		doch	wird	jede dieser Zielsetzungen	realisiert werden
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados									

No exemplo (1a), o junctor tem uma forma geminada. Ambas as partes são adverbiais, a primeira (*zwar*) está no campo sintáctico anterior dentro da primeira oração e a segunda parte (*doch*) no campo sintáctico anterior da segunda oração. No exemplo (1b), o junctor é simples (*doch*). Ele é adverbial e está no campo sintáctico anterior dentro da segunda oração.

⁶ Exemplo de Diegelmann 2008, 25.

No caso do exemplo (1a), a forma geminada é claramente mais integrativa do que (1b).

A complexidade do problema da agregação bem como o da integração emerge do facto de o factor ‘+/-geminção’ poder aparecer em diferentes combinações na estrutura sintáctica. Partindo do exemplo (1a) também seriam possíveis as seguintes variantes:

- (1c) [die Zielsetzungen der Betriebe werden zwar unterschiedlich sein]¹
 É verdade que os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
doch [jede dieser Zielsetzungen wird realisiert werden]²
 Contudo todos os objectivos serão realizados
- (1d) [die Zielsetzungen der Betriebe werden unterschiedlich sein]¹
 Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
doch [jede dieser Zielsetzungen wird realisiert werden]²
 Contudo todos os objectivos serão realizados

	Oração 1				Posição entre orações	Oração 2			
	Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito		Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito
(1c)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden	zwar	unterschiedlich sein	doch	jede dieser Zielsetzungen	wird		realisiert werden
É verdade que os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados.									
(1d)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden		unterschiedlich sein	doch	jede dieser Zielsetzungen	wird		realisiert werden
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados.									

No exemplo (1c), o junctor tem novamente uma forma geminada. Mas é só a primeira parte (*zwar*) que é adverbial. Ao contrário do que acontece na primeira parte do exemplo (1a), *zwar* não se encontra inserido no campo sintáctico anterior, mas sim no campo sintáctico interior da primeira oração. A segunda parte (*doch*) é conjuncional e encontra-se posicionada entre ambas as orações. Finalmente, no exemplo (1d), o junctor tem uma forma simples (*doch*). Mas ao contrário do que sucede no exemplo (1b), *doch* não é adverbial e encontra-se posicionado entre ambas as orações.

A seguinte matriz resume as características dos junctores dos quatro exemplos anteriores, encontrando-se os exemplos ordenados, como de costume, por grau crescente da sua força integrativa:

Exemplo	Geminação	Tipo de palavra	Campo sintáctico anterior ₁	Campo sintáctico anterior ₂	Campo sintáctico interior ₁	Posição entre as orações
(1d)		Conjuntor				+
(1b)		Advérbio		+		
(1c)	+	Advérbio + Conjuntor			+	+
(1a)	+	Advérbio + Advérbio	+	+		

Duma forma geral, podemos afirmar que a junção geminada sempre tem uma força integrativa superior a uma forma simples. E, como o campo sintáctico anterior da oração dispõe de uma força mais acentuada de integração, o exemplo geminado (1a) é mais integrador do que o exemplo geminado (1c). Por esta razão, no caso das junções simples, o tipo (1b) é mais integrador do que o tipo (1d). Este, pelo seu lado, é o mais agregador dos exemplos acima referidos.

4. Conclusão

Só foi possível apresentar uma pequena parte da totalidade do modelo de junção, nomeadamente, as técnicas mais importantes de junção da coordenação. Podemos dizer que este tipo de junção tem um grau médio de dificuldade. A subordinação afigura-se bastante mais complexa, sendo que a incorporação e a unificação são um pouco mais fáceis de compreender.

Mas, de facto, a tarefa mais difícil é estabelecer uma relação entre todas as técnicas e categorias de junção, a fim de proporcionar operacionalidade (aplicabilidade) ao modelo de agregação e de integração. Por ‘operacionalidade’ entendo a elaboração dum sistema de pontuação para poder efectuar a classificação de textos numa escala organizada em torno dos pólos

de agregação e de integração. Portanto, a operacionalidade permite uma quantificação exacta, quer do grau de agregação quer do grau de integração dum texto.

Assim, a cada texto pode ser atribuído um *valor juncional* (= Junktionswert), valor que permite verificar, de uma forma aproximada, a orientação sobre o grau da coesão sintáctica de um texto por meio de uma análise das relações semânticas interproposicionais do mesmo. É obvio que este valor juncional não pretende substituir as análises concretas das conexões formais e das relações semânticas de um dado texto, mas constitui um contributo importante para uma classificação aproximada do mesmo. Com base na teoria juncional e na sua operacionalização, podem realizar-se diferentes tipos de análises textuais-gramaticais. Procurei, no meu artigo, demonstrar, com base nos exemplos em língua portuguesa acima analisados, o carácter e a importância deste tipo de análise linguística.

Referências bibliográficas

1. Fontes

„Os fradinhos pregadores“. In: *Contos populares portugueses. Antologia. Organização e prefácio de Viale Moutinho*. Publicações Europa-América.

Carlos Alberto Medeiros: *Portugal. Esboço breve de geografia humana*. Lisboa: Coleção Pequenos brevíários de cultura 1976.

José Cardoso Pires: *Jogos de Azar*. Lisboa: O Jornal 1985.

2. Obras citadas

Ágel, Vilmos. 2007. Was ist »grammatische Aufklärung« in einer Schriftkultur? Die Parameter »Aggregation« und »Integration«. In: *Was heißt linguistische Aufklärung? Sprachauffassungen zwischen Systemvertrauen und Benutzerfürsorge*. Editado por Helmuth Feilke, Clemens Knobloch e Paul-Ludwig Völzing. Heidelberg: Synchron (Wissenschaftskommunikation 1), 39-57.

Ágel, Vilmos. 2010. Explizite Junktion. Theorie und Operationalisierung. In: *Historische Textgrammatik und Historische Syntax des Deutschen. Traditionen, Innovationen, Perspektiven*. Editado por Arne Ziegler. Berlin: de Gruyter.

Ágel, Vilmos e Carmen Diegelmann. 2010. Theorie und Praxis der expliziten Junktion. In: *Nähe und Distanz im Kontext variationslinguistischer Forschung*. Editado por Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. Berlin: de Gruyter, 347-396.

Ágel, Vilmos/Mathilde Hennig (eds.) (2006). *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Tübingen: Niemeyer.

Coseriu, Eugenio. 1992. *Competencia linguistica: elementos de la teoria del hablar*. Elaborado y editado por Heinrich Weber; version española de Francisco Meno Blanco. Madrid: Gredos.

Diegelmann, Carmen. 2008. *Junktion in Wirtschaftstexten. Ausdruck von Inhaltsrelationen zwischen Integration und Aggregation*. Diplomarbeit. Universität Kassel.

Koch, Peter e Wulf Österreicher. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanisches Jahrbuch* 36, 15-43.

Ong, Walter J. 1982. *Orality and Literacy. The Technologizing of the Word*. London: Methuen & Co.

Polenz, Peter von. 1985. *Deutsche Satzsemantik. Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*. Berlin/New York: de Gruyter (Sammlung Götschen 2226).

Raible, Wolfgang. 1992. *Junktion. Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg: Winter (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse 1992/2).

Sieberg, Bernd. 2008. *Apresentação do Projecto de Investigação, Língua Falada'*. Manuscrito. Lisboa.

Söll, Ludwig. 1985. *Gesprochenes und geschriebenes Französisch*. Berlin: Schmidt (Grundlagen der Romanistik 6).

O modelo da ‘fala de proximidade e de distância’ e a sua aplicação à língua portuguesa

BERND SIEBERG*

I. Fala, Escrita e Skriptizismus

Língua e escrita são dois sistemas distintos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objecto linguístico não é definido pela combinação da palavra escrita e da palavra articulada; esta última constitui, por si só, esse objecto. (De Saussure 1999 [1916])

No hay que explicar el hablar desde el punto de vista de la lengua, sino viceversa. (Coseriu 1989, 287)

As citações acima enunciadas de dois dos mais prestigiados linguistas do século XX, Ferdinand de Saussure e Eugéniu Coseriu, têm por objectivo sublinhar o lugar de destaque que a investigação da comunicação oral – pelo prisma do modelo da ‘proximidade/distância’, com especial ênfase para o conceito de ‘fala de proximidade’¹ – deveria ocupar na área da linguística contemporânea, não obstante o facto de se assinalar que foi por meio da escrita que a humanidade deu um enorme passo no seu desenvolvimento cultural. Para ilustrar este enorme avanço, bem como os benefícios daí decorrentes, recorreremos a duas citações dos linguistas Ágel (1999, 211) e Coulmas (1985, 97)²:

* Universidade de Lisboa / CECC – Universidade Católica Portuguesa

¹ Uma descrição com os conceitos básicos e a terminologia do modelo pode ver-se em Ágel/Hennig 2006a, Ágel/Hennig 2006b, Ágel/Hennig 2007 e em Hennig 2006. Uma primeira tentativa de uma adaptação do modelo, dos seus conceitos e da sua terminologia à língua portuguesa encontra-se em Sieberg 2007a, 2007b, 2009 (em alemão), 2010 (em português).

² As citações encontram-se na gramática da língua falada alemã de Mathilde Hennig (1986, 17f) e foram traduzidas do alemão para o português pelo autor deste artigo.

Quando a cultura da escrita veio substituir a cultura oral, isso significou que o ser humano passou não só a levar a cabo actos linguísticos, mas também a criar obras linguísticas, e que estas dispõem de marcas gramaticais (...) de que os actos de fala não dispõem”. (trad. de Ágel 1999, 211)

Por outras palavras, a escrita é o meio de padronização e estabelecimento de normas. (trad. de Coulmas 1985, 97)

Registou-se, portanto, um enorme progresso cultural despoletado pela escrita o qual se ilustra do seguinte modo: a) criação de uma cultura escrita, b) possibilidade da sua conservação e tradição e c) desenvolvimento de funções e categorias gramaticais próprias da escrita e respectiva descrição em gramáticas e dicionários de grande prestígio e valor cultural. A cultura da escrita, porém, acarretou, consigo a *desvalorização* e *marginalização da fala*, o que levou a filologia e os seus protagonistas a um posicionamento que se caracteriza pelo termo “Escriticismo” (= “Skriptizismus”³). Na óptica da linguista brasileira Quadros Leite, este preconceito relativamente à oralidade, considerada inferior à escrita, fica a dever-se, mais concretamente, à época do Renascimento quando se procedeu à “gramatização” das línguas:

“A partir desde momento a língua é entendida como uma entidade monolítica, cuja única forma é aquela descrita nos manuais de gramática tradicional e nos dicionários; as divergências são erros crassos”. (Quadros Leite 2000, 135)

O “Escriticismo” (= Skriptizismus) ignora o facto de que a língua oral se baseia em estruturas e normas distintas das da escrita o que requer, portanto, uma análise e descrição próprias. Para ilustrar a perspectiva característica de um defensor do ‘Escriticismo’ recorremos a uma citação, em tradução nossa, do linguista alemão Ludger Hoffmann (1998, 3), *apud* Hennig (2006, 105):

³ O conceito “Skriptizismus” é proveniente de Harris (1980), mas encontra-se também nas palavras de de Saussure que fala de uma “autoridade da escrita”, aliás, de uma “tirania da letra” (1916/1967, 28,37). Veja-se também o capítulo de Hennig sobre o conceito (2006, 24ff).

Não me admiro que os gramáticos tradicionais considerem a oralidade caótica e irregular e acabem por a banir dos seus estudos por a considerarem pura ‘performance’. Preferem ocupar-se do sistema linguístico interiorizado nas suas cabeças, ou seja, centrar-se no que eles próprios sabem sobre gramática. (trad. de Hoffmann 1998, 3)

Na nossa óptica, pelo contrário, consideramos a relação entre a escrita e a oralidade uma relação de influência e dependência mútuas, em sintonia com a visão de Wolfgang Raible (Raible 1994, 2 em Hennig 2006, 16) que descreve esta relação como uma relação dialéctica:

“There is no slave or servant without a master, no leisure time without work, no nature without culture; in the same way literacy cannot be conceived of without orality, and orality not without literacy.” (trad. de Raible 1994, 2)

2. Análise de alguns elementos, algumas expressões verbais e estruturas sintácticas da fala de proximidade à luz do modelo de ‘Proximidade/Distância’

Para melhor entender o objectivo principal do presente artigo, procedemos à análise comparativa de dois excertos textuais: o primeiro da autoria de José Saramago, retirado da obra *‘Folhas Políticas’*, e o segundo um excerto de um diálogo proveniente de um dos *corpora* do CLUL (= Centro Linguística da Universidade de Lisboa)⁴.

Texto a)

Previendo um ou outro escrúpulo moral, sempre possível dada a complicada natureza humana, quiseram o Acaso e a Providência que viessem ao mundo, no momento exacto, um António Vieira e um Bartolomeu de Las Casas para que, em Portugal e em Espanha, encontrassem os pobres índios defensores, embora não mais do que oficiosos, contra as piores arbitrariedades e as mais escandalosas extorsões. (Saramago 1999, 183)

⁴ Queria agradecer a Sandra Antunes do CLUL ter-me facultado o acesso a várias transcrições dos *corpora* do CLUL.

O texto de Saramago evidencia uma ‘*prática comunicativa*’ (= “kommunikative Praktik”⁵) prototípica da fala de distância: numa primeira análise, chegámos à conclusão de que se trata de um texto *complexo* com *orações extensas, estruturas hipotáticas de subordinação, conexões sintáticas e semânticas explicitamente marcadas*, a par de um *vocabulário sofisticado e elaborado*.

Texto b)

MAR: / [<] <ah> / mas / eh / faz / eh / fazer alfabetização de adultos / por exemplo // ah / sim / esse tipo de coisas eu <gostava imenso de fazer> //

LUC: [<] <bom / e a América Latina> está muito precisada disso hhh / não é //

MAR: está <precisada> //

LUC: / [<] <eh> / hhh / e portanto de / de qualquer modo então / já agora / sem querer politizar a conversa // mas percebe bem / eh / perce / é pessoa que consegue entender bem / esta dicotomia deste mundo que nos foi / <esfacelado / em>

MAR: [<] <completamente> //

LUC: / setembro / e que abriu / para muitas pessoas / penso eu / pela primeira vez... (CLUL transcrição)

No caso do segundo texto, trata-se da transcrição de uma conversa entre duas pessoas que ilustra cabalmente o conceito de ‘fala de proximidade’. Sublinhe-se que as ‘práticas comunicativas’ de proximidade abrangem tanto ‘tipos de textos falados’, como ‘tipos de textos escritos’, sendo que os primeiros constituem a maioria das formas prototípicas, enquanto a maioria dos segundos se situa mais à margem desta categoria.

O texto b), prototípico de ‘fala de proximidade’, destaca-se, à primeira vista, pelas seguintes características: *fragmentação das unidades sintáticas, anacoluto, várias expressões aparentemente desenquadradas das estruturas sintáticas*

⁵ Tradução do termo alemão “kommunikative Praktik” (Fiehler no Duden 2005, 1180), conceito que engloba formas escritas e orais da comunicação verbal.

às quais se referem, e até ‘*sinais sonoros*’⁶ como ‘*hmhm*’, ‘*ah*’,..., que, pelas suas características semióticas especiais, constituem uma categoria à margem do próprio código verbal. Definiremos, a partir deste texto, o *objectivo principal* do nosso estudo que consiste na procura de respostas para as seguintes questões: será que existe sistematicidade em sequências frásicas deste tipo que, à primeira vista, parecem estruturas fragmentadas e aparentemente anárquicas? Será possível segmentar expressões ou unidades sintácticas no plano funcional, de modo a permitir a sua designação como categoria gramatical?

Para comprovar o carácter sistemático, bem como a dimensão gramatical da fala, utilizamos o ‘*modelo da fala de proximidade e distância*’ dos linguistas Vilmos Ágel e Mathilde Hennig, como ferramenta de análise. Centramo-nos no parâmetro ‘*interacção directa dos actantes*’ e, no seio deste, na ‘*estratégia discursiva universal*’ *instrução do ouvinte na sua percepção e descodificação da mensagem por meio de estruturas agregativas*. (cf. esquema do modelo de Ágel / Hennig no anexo deste artigo). O termo ‘*interacção directa dos actantes*’ (= Rolle) – um dos cinco principais parâmetros de descrição – abrange todos os fenómenos verbais que decorrem do facto de os interlocutores terem de colaborar e interagir, seja na elaboração das suas próprias unidades verbais, seja na organização da alternância das falas.

Exemplos 1, 2 e 3 para a análise (*corpus CLUL*)⁷

JOS: o que te queria perguntar / era / eh / nota-se / actualmente / uma grande / curiosidade / **digamos** / nos ocidentais / em relação / à medicina chinesa // na tua opinião / esse / eh / esse florescimento de / da / da medicina chinesa / entre nós / dever-se-• / a quê ?

ISA: tem causas múltiplas / **penso eu** // por um lado...

⁶ ‘Sinais sonoros’ como tradução do termo alemão “tonale Zeichen” (Henne / Rehbock 1982, 80f).

⁷ Os símbolos de transcrição, nos exemplos extraídos do *corpus CLUL*, foram simplificados e parcialmente suprimidos, sendo eles de menor importância para a nossa análise de teor pragmática-sintáctica: / = pausa curta, // = pausa amais prolongada, <xpt> uma sequência de palavras que se sobrepõe com as palavras do interlocutor, [<] = indicação do locutor, cujas palavras se sobrepõem às palavras da enunciação, hhh = elementos não verbais como risos ou tosse.

ISA: ... // e / e isso / eh / tem implicações a todos os níveis // desde / desde o / portanto / do método diagnóstico / ah / até / à pro / até ao interesse / e à preocupação / pelo modo de vida / do paciente / ecétera // JOS: e / **portanto** / é uma &medi / a a doença nesse caso / se eu estou a seguir bem o raciocínio / eh / a doença / nesse caso / deve-se / a qualquer / desajuste / nessas inter-relações?

Registe-se que estamos perante três exemplos que contêm fenómenos verbais considerados típicos de uma ‘Fala de Proximidade’. Trata-se, nomeadamente, de *operadores* em estruturas ‘operador + escopo’. Os linguistas alemães Fiehler / Barden / Elstermann / Kraft (2004: 262) ilustram a função de um ‘operador’ pela paráfrase “*vorrausgehende Verstehensanleitung*”, expressão que traduzimos como ‘*instrução prévia à descodificação que o ouvinte confere ao conteúdo no escopo da enunciação*’. Parece complicado, mas tal significa que o ‘operador’ exerce influência sobre o ouvinte no acto de descodificação da mensagem, nomeadamente em relação à descodificação da mensagem no ‘escopo’ da enunciação, à qual o operador se refere. Entendemos esta função de uma ‘*instrução prévia*’ dos operadores no sentido de uma *prioridade estratégica* na orientação ou condução do ouvinte, no processo da descodificação da mensagem, e não no sentido de um favorecimento cronológico de determinados elementos da sequência frásica.

Para descrever a função de um operador de uma forma mais concreta, socorremo-nos do ‘exemplo 1’ em que o ‘operador’ ‘*digamos*’ transmite uma certa dúvida ou ambiguidade que o falante sente em relação à escolha da designação ‘*os ocidentais*’, no escopo da enunciação. Esta afirmação fica, portanto, aberta a eventuais correcções ou rectificações por parte do ouvinte.⁸ Função semelhante exerce o operador *penso eu* no ‘exemplo 2’ que se segue. Este ‘operador’ influencia a maneira como o ouvinte descodifica a afirmação proferida no ‘escopo’, ou seja, a interpretação da afirmação “*o interesse pela medicina chinesa tem causas múltiplas*”. Neste exemplo concreto, o efeito do operador pode ser definido como *gradação do acto ilocutório* proferido

⁸ Um termo que bem descreve esta função é o termo *expressão de indecisão*, tradução do termo “*Vagheitsausdrücke*” do linguista alemão Johannes Schwitalla (2006, 55).

pelo falante no ‘escopo’ da sua enunciação, ou seja, o falante põe em causa a veracidade da sua própria afirmação “*o interesse pela medicina chinesa tem causas múltiplas*”, deixando em aberto a hipótese de o interlocutor pôr em dúvida a sua afirmação.

A quantidade de expressões⁹ semelhantes, e a frequência do uso das mesmas, corresponde à importância da respectiva função numa situação de ‘*fala de proximidade*’. Numa situação em que os interlocutores se enfrentam tanto física como psicologicamente, parece fundamental que o falante evite uma possível *perda da face* (= *Gesichtsverlust*), causada por uma previsível falha na comprovação da veracidade da sua afirmação pelo interlocutor, nas falas subsequentes. Para contornar esta situação desagradável, o falante dispõe – através de operadores acima referidos – de um meio linguístico que antecipa potenciais contradições ou rectificações a proferir pelo interlocutor. Designamos esta função de ‘*precaução pragmática*’.

No ‘exemplo 3’, o operador ‘*portanto*’ tem a particularidade de funcionar como *elemento de articulação* entre o ‘escopo’ que pertence ainda à fala da ISA e o ‘escopo’ da fala subsequente do JOS. O ‘operador’ estabelece uma conexão entre a afirmação feita na fala da ISA ‘*a medicina preocupa-se pelo modo da vida*’ e a afirmação subsequente do JOS ‘*a doença deve-se a qualquer desajuste*’, sendo que a segunda fica marcada como consequência lógica da fala anterior¹⁰.

Existe um vasto leque de operadores cujo efeito sobre a interpretação da mensagem, no ‘escopo’ da enunciação, aufere de diversas interpretações funcionais diferentes. Uma transposição da categorização de Fiehler / Barden /

⁹ Expressões como *não e, por assim dizer, salvo erro, acho, creio eu, digamos assim, suponho eu, ...*. Veja também o artigo de Sieberg 2007b *Gesprächsausdrücke im Deutschen und Portugiesischen* (= marcadores conversacionais na língua alemã e portuguesa).

¹⁰ Esta função conectiva de operadores reflecte-se na perspectiva da gramática clássica portuguesa e na sua descrição de “... outras expressões de valor conectivo” (Mateus / Brito / Duarte / Faria 2003, 99) e está também descrita no livro de Fiehler / Barden / Eltermann / Kraft que designam de “*Gelenkfunktion*” / umas das funções importantes dos operadores (278ff). Veja também o conceito “*Scharnierfunktion*” (= função de um elemento de articulação) de Elisabeth Rudolf (2002).

/ Elstermann / Kraft (2004, 239ff) para a língua portuguesa leva-nos a diferenciar os seguintes grupos e exemplos (em *itálico*):

- 1) **elucidação sobre o acto da fala:** *pergunto (eu), prometo, está garantido, palavra (de honra), vou-te dizer, afirmo, confirmo, juro,...*
- 2) **elucidação sobre o ‘estado mental’ do falante em relação à proposição proferida no escopo**¹¹: *sinceramente, modéstia a parte, sem brincar, de facto, sem dúvida, falando a sério, seriamente, antes de mais, desde que eu saiba, estou convencido, com toda a honestidade,...*
- 3) **introdução de uma graduação da força ilocutória proferida no escopo:** *acho, creio eu, digamos assim, penso eu, suponho eu, digo eu, não é assim, não é?, não é verdade?, parece-me, sei lá, salvo erro, por assim dizer, sei lá,...*
- 4) **facilitação da compreensão acerca da organização formal das enunciações:** *primeiro, em primeiro lugar, antes de mais, finalmente, ao fim, brevemente, com outras palavras, ou seja, de resto, fora disso, para acabar, em soma, por exemplo, resumindo, concluindo, sem mais palavras, antes de mais, por exemplo,...*
- 5) **actuação como elementos de articulação entre as falas dos interagentes:** *portanto, embora, porque, além disso, seja como for, mesmo assim, sendo assim, a não ser, ao contrário, é que, pelo contrário, sim, é que,...*

Falta sublinhar que a organização da mensagem em ‘*estruturas binárias*’, como é caso da ‘operador + escopo’, vem ao encontro do princípio da *estruturção agregativa*¹², e não *integrativa*, do fluxo de informações, sendo que

¹¹ Esta função caracteriza o conteúdo no escopo como ‘*afirmação*’ ou como ‘*desejo*’, uma ‘*ideia*’ ou ‘*real*’, uma ‘*esperança*’, como ‘*preferência*’, ‘*pressentimento*’, ‘*opinião*’, ‘*certeza*’, ‘*ambiguidade*’,...

¹² A distinção entre ‘*agregação*’ e ‘*integração*’ é proveniente das reflexões do historiador de arte Erwin Panofsky sobre a perspectiva na pintura. Os resultados desta reflexão foram aplicadas ao domínio da gramática por Wilhelm Köller (1993, 21). Numa *estruturção agregativa*, o fluxo das informações numa enunciação encontra-se organizado em pequenos ‘*módulos*’, enquanto numa *estrutura integrativa* as unidades informativas complexas são estruturadas a partir de uma perspectiva abrangente, semelhante à perspectiva central na pintura. Para dar um exemplo simples: *Teresa não come carne porque é vegetariana* (= *estrutura integrativa*) versus *Teresa não come carne. É vegetariana* (= *estrutura agregativa*).

esta *fragmentação* das unidades da fala se afigura bastante favorável a uma fala de proximidade sob o prisma do parâmetro ‘tempo’ (vejam no ‘esquema do modelo’ a *estratégia discursiva* correspondente, no seio deste parâmetro). A comunicação ‘cara-a-cara’, em que a fase do planeamento e da realização de uma unidade verbal se sobrepõem, é caracterizada pela escassez de tempo, o que favorece uma estruturação agregativa, e não integrativa, das suas unidades informativas. Para caracterizar este mesmo fenómeno, Schwitalla equaciona o termo “*abperlende Folge*” (sequência encadeada) no contexto da língua alemã (Schwitalla 2008, 14).

Exemplos 4 até 6 para operadores em estruturas ‘operadores + escopo’

(Clul)

ANT: / [<] <não se pode> fazer uma largada que não seja com touros / embolados //

FER: o que eu / <o>

ANT: / [<] <agora> touros como aqueles / aqueles / aquilo foi um autêntico crime //

(Brauer-Figueiredo) ¹³

Mas ele a escrever eu acho que ele (-) **prontos** / é um dos autores que eu gosto mais

(CLUL): **Engraçado**, o pessoal diz que este tipo de notícias não interessa a ninguém e são notícias da tanga,...

Contudo, para além dos operadores, existem outros meios verbais que fazem cumprir a mesma ‘estratégia discursiva universal’ *instrução do ouvinte na sua percepção da mensagem por meio de estruturas agregativas*, conforme patente nos seguintes exemplos do *corpus* do CLUL:

¹³ Os exemplos foram extraídos da obra “Gesprochenes Portugiesisch” de Maria de Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (1999).

Exemplo 7

JOS: e *essas <ervas>*

*ISA: / [<] <na China> //

*JOS: / *chinesas* / como é que o / paciente ocidental / tem acesso a *elas* ?

Exemplo 8

JOS: uma coisa que eu noto / é que / os chineses / por exemplo / **os**

legumes / eh / consomem-**nos** / menos cozidos do que nós //

ISA: hum // consomem-**nos** / maioritariamente / salteados //

JOS: salteados //

Exemplo 9

e *essas ervas chinesas* / a medicina chinesa não trabalha só com *acupunctura*

Exemplo 10

FLO: só iam as mulheres lavar a <roupa> ?

EMI: [<] <só> as mulheres **é que** iam lavar a roupa //

No caso do ‘exemplo 7’, estamos perante um meio verbal diferente, mas, no âmbito da mesma ‘*estratégia discursiva*’, já abordada acima na parte referente aos operadores. Esta técnica alternativa consiste na escolha de uma estrutura sintáctica específica que tem como objectivo a recepção e descodificação das palavras, por parte do ouvinte, na óptica das intenções do falante. Por outras palavras, o falante orienta o ouvinte na forma como este recebe e descodifica a mensagem, função semelhante à de um operador numa estrutura ‘operador + + escopo’. No caso concreto do nosso ‘exemplo 7’, trata-se de *e essas ervas chinesas* situado à esquerda da oração. Estamos perante um sintagma nominal que, sob a forma de catáfora¹⁴, nos remete para a palavra *elas* dentro da própria oração (= Proform). Esta técnica tem por objectivo centrar o interesse do ouvinte no tema novo que é introduzido pelo JOS na sequência dos seus enunciados.

¹⁴ Em Linguística de Texto o termo é utilizado, por alguns autores, para designar uma unidade verbal que remete antecipadamente para outra que aparece posteriormente no mesmo contexto.

Na investigação da língua alemã falada, esta estrutura seria classificada como *construção à margem da frase* (= “Konstruktion am Satzrand”), categoria que abrange várias formas com particularidades sintácticas e formas prosódicas distintas, o que motivou uma série de definições e classificações complexas (Hennig 2006, 166ff). Estamos em sintonia com a classificação de Hennig (2006: 207ff), pelo que utilizaremos, como critério decisivo para a categorização, o tipo de entrosamento do elemento à margem com a estrutura sintáctica da oração a que se liga. Nesta base, interpretamos a estrutura *essas ervas chinesas* como uma segunda realização do constituinte **a elas** que se encontra dentro da própria oração¹⁵. Assim, podemos classificar a estrutura em análise como *deslocação à esquerda* (= “Linksversetzung”) e, em relação ao seu estatuto de ‘*unidade básica da fala*’, como elemento da ‘*estrutura frásica interna*’ (= *satzinterne Struktur*) da oração a que se refere. A estrutura no ‘exemplo 8’ permite uma análise idêntica.

Conseguimos, assim, delimitar a estrutura em análise de outras estruturas com formas diferentes de entrosamento com a oração a que se referem, como é o caso das estruturas representadas no ‘exemplo 9’ abaixo:

e essas ervas chinesas / a medicina chinesa não trabalha só com acupunctura.

Neste caso do ‘exemplo 9’, trata-se, ao contrário dos exemplos 7 e 8, de um sintagma que, na nossa óptica, pertence ao grupo “*Freies Thema*” (Hennig 2006, 172ff), termo que, em português, corresponde *topicalização selvagem*, uma vez que a estrutura **e essas ervas chinesas** constitui apenas uma “*projecção pragmática*”¹⁶ relativamente à oração mais próxima, mas não retoma um constituinte interno desta oração, como seria o caso de uma “*projecção sintáctica*”.

Na gramática portuguesa ambas as estruturas fazem parte do grupo dos “*tópicos marcados*” (Mateus / Brito / Duarte / Faria 2003, 489ff), subcategorizados em: ‘*Tópico pendente*’, ‘*deslocação à esquerda de tópico pendente*’, ‘*deslocação à esquerda clítica*’ e ‘*topicalização selvagem*’. Não é difícil constatar que as estruturas e as funções deste tipo de arquitectura frásica são analisadas

¹⁵ Esta interpretação pode ser comprovada pelo teste de substituição: *como é que o / paciente ocidental / tem acesso a essas ervas chinesas*.

¹⁶ Relativamente ao conceito de ‘*projecção*’, cf. Hennig (2006, 186ff).

exclusivamente sob o prisma da frase escrita canónica e das suas normas, sem, no entanto, reconhecer as suas potencialidades funcionais na comunicação oral, o que permitiria uma interpretação semelhante à das ‘construções de clivagem’ (Mateus / Brito / Duarte / Faria 2003, 685ff), por exemplo; veja-se também o nosso ‘exemplo 10’ com a expressão ‘é que’. A perspectiva do ‘escriticismo’ que prevalece nesta gramática clássica portuguesa torna-se ainda mais evidente na escolha da própria designação *topicalização selvagem* que, não obstante estar em referência à fala, é considerada como desvio e lacuna: “É aceite pelos falantes da norma culta oral informal desde que o elemento suprimido, responsável pela ausência de conectividade categorial e casual, seja uma preposição sem conteúdo semântico, com o mero papel de atribuidora de Caso” (Mateus / Brito / Duarte / Faria 2003, 501)

Consideramos como provado – mesmo ainda com base em poucos exemplos – que certas expressões verbais e estruturas sintácticas, que à primeira vista e devido à forma aparentemente fragmentada e anárquica, pareciam carecer de sistematicidade, são passíveis, à luz do nosso modelo, de uma interpretação funcional e lógica, tendo em conta os contextos situacionais que condicionam a sua produção e decodificação. É um facto que os operadores em estruturas ‘operadores + escopo’, ‘estruturas à margem da oração’ e ‘construções de clivagem’ provaram ser eficazes, no âmbito da ‘estratégia discursiva universal’ *instrução do ouvinte na sua percepção da mensagem por meio de estruturas agregativas* (cf. o esquema do modelo em anexo ao artigo).

3. A questão da gramaticalidade dos fenómenos

A questão polémica da existência de um sistema próprio da língua falada, i.e. de uma gramática própria da fala, e da sua relação com a gramática da escrita é abordada na linguística alemã actual. O essencial desta discussão resume-se à seguinte questão: “Será que existem meios verbais específicos de estruturação ou relacionamento da ‘fala de proximidade’ ou da ‘fala de distância’ que não são usuais ou aplicáveis em áreas nucleares opostas?” (tradução de Hennig 2006, 106).

Em resposta a esta questão Hennig equaciona a existência de ‘diferenças primárias’ (trad. do termo “*Primäre Unterschiede*”, cf. Hennig 1986, 112ff):

Diferenças primárias: este grupo abrange elementos funcionais ao nível do *sistema* e da *langue*. No que diz respeito à fala de proximidade, estamos perante um elemento da categoria *diferenças primárias*, caso ela disponha de uma categoria verbal com uma função específica sem meio verbal, categoria e função equivalente na escrita. Refiro-me, como exemplo, aos *marcadores conversacionais* que ajudam a organizar a alternância de vez ou às *estruturas elípticas adjacentes* que servem, no seguimento da estratégia discursiva universal, para *fazer convergir o significado da mensagem emitida pelo falante com a sua interpretação pelo ouvinte*¹⁷. Ambos os meios verbais, isto é, as formas específicas de estruturar as enunciações, encontram uma única explicação e justificação à luz das circunstâncias e condições pragmáticas específicas da sua produção e recepção. Ou seja, cumprem funções cuja explicação é apenas viável nas circunstâncias pragmáticas específicas da fala.

Mas há outros meios verbais e estruturas verbais características da fala que, no entanto, não admitem a sua classificação como *diferenças primárias*. Hennig (1986, 113ff) classifica estes grupo de fenómenos como *diferenças secundárias* (= “*sekundäre Unterschiede*”):

Diferenças secundárias¹⁸ são considerados os meios verbais que são utilizados com *preferência* em práticas comunicativas da fala sem, no entanto, constituírem uma oposição funcional relativamente às formas prototípicas da escrita. Para justificar a constituição desta categoria, Hennig recorre ao conceito da ‘*Norm = usage*’ que Coseriu (1974, 46ff e 2007, 266ff) introduziu na linguística, como forma de crítica à dicotomia saussuriana ‘*langue versus parole*’, sendo que este conceito constitui um termo intermediário entre ‘*langue = sistema*’, por um lado, e ‘*parole = uso*

¹⁷ O conceito “*Engführung der Orientierung*”, traduzido por nós para o português como “*fazer convergir o significado da mensagem emitida pelo falante com a sua interpretação pelo ouvinte*” é proveniente de Helmut Feilke (1994) e constitui uma categoria crucial para descrever a função de várias expressões características da ‘fala de proximidade’.

¹⁸ Outro termo que bem caracteriza este tipo de fenómenos verbais é a expressão “*regularidade no uso*” (= *Gebrauchsregularitäten*). Trata-se de um termo utilizado para a descrição de normas de uso na fala, cf. Sieberg (1984) e, posteriormente, Hennig (2006).

individual’, por outro. As duas citações seguintes de Coseriu pretendem esclarecer o que ele entende por ‘*norma*’. Resta ainda sublinhar que para Coseriu ‘*langue*’, ‘*norma*’ e ‘*parole*’ são entendidas como entidades *dinâmicas* que ficam entrosadas entre si e se influenciam mutuamente de forma constante, sendo que o ponto de partida para a pesquisa linguística deve ser sempre o uso linguístico em situações de comunicação individual e concreta:

O sistema é um sistema de potencialidades, de coordenadas que apontam para caminhos viáveis e outros inviáveis. (tradução do texto de Coseriu 1974, 47)

O indivíduo realiza modelos e estruturas, frequentemente utilizados na sua comunidade, recriando-os na sua fala. Ora, num primeiro nível de formalização, estas estruturas são relativamente constantes, normais e tradicionais numa dada comunidade linguística: constituem aquilo a que se chama “norma”. (tradução do texto de Coseriu 1971, 67)

Convém mencionar, a título exemplificativo, alguns dos elementos que pertencem à categoria de ‘diferenças secundárias’, a saber: a) os *operadores* em estruturas de ‘*operador + escopo*’ que ocorrem fundamentalmente em práticas comunicativas de proximidade, mas que não podem ser, à partida, totalmente excluídos das práticas comunicativas de distância. À mesma categoria de ‘diferenças secundárias’ pertencem igualmente b) as várias formas de ‘*tópicos marcados*’, acima abordadas, cuja função – embora se explique prioritariamente no contexto de uma prática comunicativa tipo ‘cara-a-cara’ – não se restringe às práticas prototípicas da fala de proximidade.

Por último, conforme Hennig (1986, 119), apresentamos o modelo hexagonal gramatical de uma língua:

Gramática comum do sistema	Gramática comum das normas
Gramática do sistema da língua falada	Gramática das normas da língua falada
Gramática do sistema da língua escrita	Gramática das normas da língua escrita

O postulado de vários níveis gramaticais não implica a distinção exacta e linear entre estes níveis, uma vez que uma gramática do sistema constitui um nível de abstracção superior relativamente a uma gramática da norma, sendo logicamente a primeira parcialmente congruente com a segunda, mas situada a um nível inferior, relativamente à extensão dos fenómenos verbais por ela abrangidos.

4. Potencialidades do modelo para futuros estudos

4.1 *Pesquisa sistemática da fala*

O modelo permite a análise e descrição sistemática e objectiva das diversas formas da fala de proximidade, no âmbito de parâmetros universais. Temos esperança de poder dar início a uma *mudança paradigmática* nesta área de pesquisa, pondo de lado os preconceitos do *escriticismo* que ainda obstam à descoberta das estruturas e funções próprias da fala.

4.2 *Gramática da Fala*

Temos por objectivo a elaboração de uma ‘Gramática da Fala’ com base nos princípios e parâmetros fundamentais do modelo.

4.3 *Estudos Comparados*

O modelo possibilita a comparação entre diferentes ‘práticas comunicativas’ em várias línguas, incluindo práticas recentes, oriundas dos ‘Novos Media’ (*postings* em blogues, mensagens SMS, *chats*,...) que, não obstante terem uma base escrita, evidenciam características que as aproximam, no modelo, das práticas prototípicas da fala. Saliente-se a possibilidade de uma *descrição quantitativa exacta* do grau de proximidade – ou de distância – de um texto concreto que advém da utilização desta ferramenta de análise. Em conformidade, de cada texto analisado resulta um quociente que indica a relação entre o número absoluto das palavras do texto e o número dos ‘indicadores de proximidade’ (= *Nähemerkmale*) do mesmo. No seguimento da análise, cada texto pode ser inscrito, de forma

precisa, numa escala disposta entre dois extremos, a saber, entre o pólo de distância e o pólo de proximidade¹⁹.

4.4 Estudos diacrónicos e registo de mudanças linguísticas

A fala de proximidade manifesta-se em todas as épocas do desenvolvimento de uma língua. Os fenómenos verbais concretos de ‘fala de proximidade’ podem, no entanto, variar de época para época e de língua para língua, mas os parâmetros do modelo (cf. esquema do modelo) não se alteram e garantem assim a comparação objectiva entre diferentes graus de proximidade de uma prática comunicativa específica em diferentes fases da história desta mesma língua. O modelo fornece, assim, o instrumento ideal para chegar a conclusões sobre processos de *mudança linguística*. No conjunto dos quinze textos históricos, surgidos entre 1650 e 2000 e analisados, de forma cabal, por Hennig 2006 no âmbito do modelo, destacamos a análise dos dois textos seguintes: *Vida de um lavrador nos tempos da Guerra dos Trinta Anos* (“Bauernleben im Zeitalter des Dreißigjährigen Kriegs”), uma crónica escrita por um agricultor do século XVII, e “*Pequeno livro sobre a minha vida*” da autoria de August Gützer, também do final deste mesmo século.

4.5 Aplicação ao Ensino das Línguas

Propomos uma mudança radical na área do ensino da língua, na qual, infelizmente, ainda prevalecem os postulados do escriticismo e grassa o desconhecimento acerca das normas e regras próprias da fala. O modelo fornece a base teórica para a criação de manuais com exercícios apropriados às características da fala, a fim de poder desenvolver “*competência interactiva*” (= “*interaktionale Kompetenz*”), um conceito da germanista Els Oksaar (1979, 395), a saber “...

¹⁹ Como exemplo de uma análise exacta quantitativa: Sieberg (2008, 83-98) analisa o *posting* de um blogue (em alemão) e chega à conclusão de que este texto tem 57,1% dos elementos verbais característicos de um texto prototípico (diálogo cara-a-cara) da língua de proximidade.

a capacidade de uma pessoa desempenhar o seu papel, em situações comunicativas de interação, actos verbais e não verbais” (tradução de Oksaar 1979, 395).

Referências bibliográficas

Fontes

Saramago, José. 1999. *Folhas Políticas*. Lisboa: Caminho.
 Homepage do CLUL: <http://www.clul.ul.pt/> <último acesso em 3 de Janeiro de 2009>

Literatura consultada

Ágel, Vilmos. 1999. Grammatik und Kulturgeschichte. Die raison graphique am Beispiel der Epistemik. In: *Sprachgeschichte als Kulturgeschichte*. Andreas Gardt, Ulrike Haß-Zumkehr e Thorsten Roelke. Berlin / New York: De Gruyter, 171-223.

Ágel, Vilmos e Mathilde Hennig 2006a. Theorie des Nähe- und Distanzsprechens“. In: *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. Tübingen: Niemeyer, 3-31.

Ágel, Vilmos e Mathilde Hennig. 2006b. Praxis des Nähe- und Distanzsprechens. In: *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten*. Editado por Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. 1650-2000. Tübingen: Niemeyer, 33-74.

Ágel, Vilmos e Mathilde Hennig. 2007. Überlegungen zur Theorie und Praxis des Nähe- und Distanzsprechens. In: *Zugänge zur Grammatik der gesprochenen Sprache*. Editado por Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. Tübingen: Niemeyer, 179-215.

Coseriu, Eugenio. 1989. *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. Madrid: Editorial Gredos.

Coulmas, Florian. 1985. Reden ist Silber, Schreiben ist Gold. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 59 (“Schriftlichkeit”): 94-112.

Duden. 2005 (7.ª edição). *Die Grammatik*. Mannheim, Leipzig, Wien, Zürich: Dudenverlag.

Feilke, Helmuth. 1994. *Common sense-Kompetenz. Überlegungen zu einer Theorie “sympathischen” und “natürlichen” Meinens und Verstehens*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.

Fiehler, R., B. Barden, M. Elstermann e B. Kraft. 2004. *Eigenschaften gesprochener Sprache*. Tübingen: Günther Narr.

Harris, Roy. 1980. *The Language Markers*. Ithaca. New York: Cornell University Press.

Henne, H. e H. Rehbock. 1982. *Einführung in die Gesprächsanalyse*. (SammlungGöschchen 2212). Berlin / New York: De Gruyter.

Hennig, Mathilde. 2006. *Grammatik der gesprochenen Sprache in Theorie und Praxis*. Kassel: University Press.

Hoffmann, Ludger. 1998. *Grammatik der gesprochenen Sprache*. Heidelberg (Studienbibliographien Sprachwissenschaft 25).

Köller, Wilhelm. 1993. Perspektivität in Bildern und Sprachsystemen. In: *Deutsch im Gespräch*. Peter Eisenberg e P. Klotz. Stuttgart: Klett, 15-34.

Mateus, M.H.M., A.M. Brito, I. Duarte e I. Hub Faria et al. 2003 (7.ª Edição). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Oksaar, Els. 1979. Zur Analyse der kommunikativen Akte. *Wirkendes Wort. Deutsche Sprache in Forschung und Lehre* 29 (6): 391-404.

Preti, Dino (org.). 1993. *Análise de textos orais* (Projetos Paralelos 1). São Paulo: Humanitas.

Preti, Dino (org.). 1997. *O discurso oral culto* (Projetos Paralelos 2). São Paulo: Humanitas.

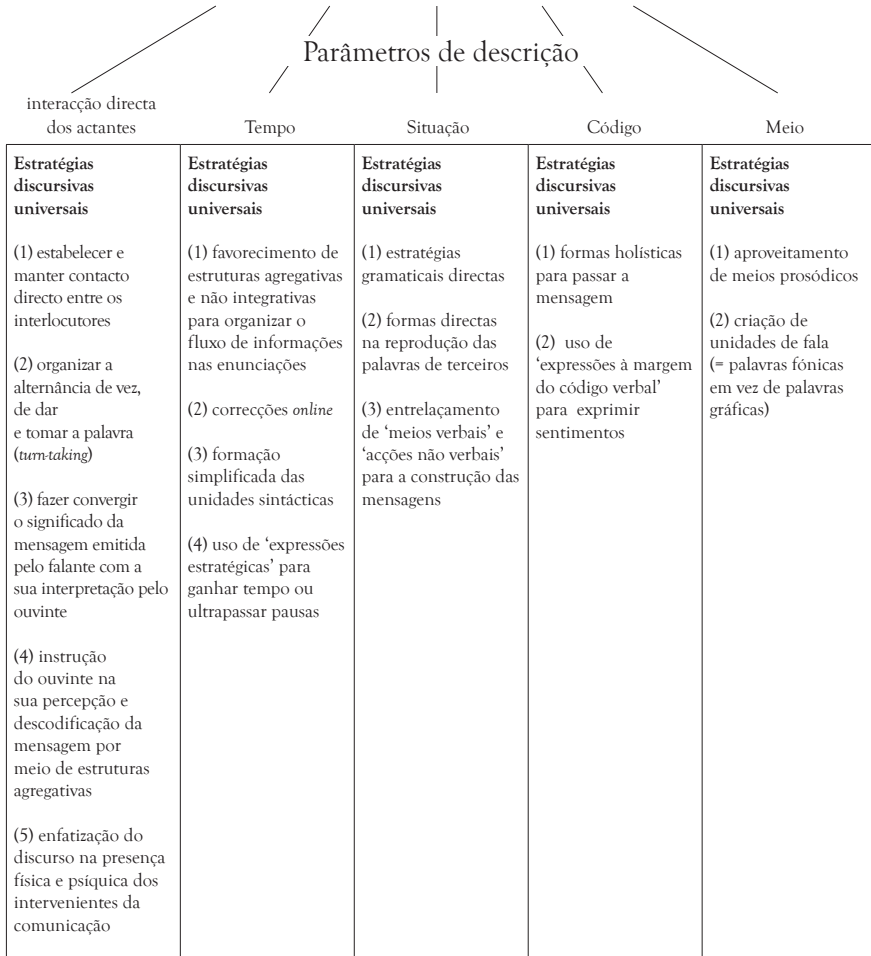
Preti, Dino (org.). 1998. *Estudos de língua falada: variações e confrontos* (Projetos Paralelos 3). São Paulo: Humanitas.

- Preti, Dino (org.). 2000. *Fala e escrita em questão* (Projetos Paralelos 4). São Paulo: Humanitas.
- Preti, Dino (org.). 2000. *Interação na fala e na escrita* (Projetos Paralelos 5). São Paulo: Humanitas.
- Preti, Dino (org.). 2003. *O léxico na língua oral e na escrita* (Série Projetos Paralelos 6). São Paulo: Humanitas.
- Preti, Dino (org.). 2005. *Diálogos na fala e na escrita* (Série Projetos Paralelos 7). São Paulo: Humanitas.
- Preti, Dino (org.). 2006. *Oralidade em diferentes discursos* (Série Projectos Paralelos 8). São Paulo: Humanitas.
- Quadros Leite, Marli. 2000. A Influência da Língua Falada na Gramática Tradicional. In: *Fala e escrita em questão*. Editado por Dino Preti. São Paulo: Humanitas, 129-155.
- Raible, Wolfgang. 1994. Was ist aus der Erforschung der gesprochenen deutschen Sprache geworden? Anmerkungen zur Geschichte eines Wissenschaftsgebietes. In: *Texttyp, Sprechergruppe, Kommunikationsbereich, Studien zur deutschen Sprache in Geschichte und Gegenwart. Festschrift für Hugo Steger zum 65. Geburtstag*. Editado por Löffler, H., K. B. Jakob e B. Kelle. Berlin, New York: De Gruyter, 375-395.
- Rudolf, Elisabeth. 2002. Beobachtungen zur Scharnierfunktion von Konnektoren in Presse, Rundfunk und Fernsehen. In: *Sprache und die Modernen Medien*. Editado por Rolf Herweg (actas do 37.º Colóquio Internacional de Linguística em Jena 2002). Frankfurt am Main: Peter Lang, 287-299.
- de Saussure, Ferdinand. 1999⁸ (1916). *Curso de linguística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- de Saussure, Ferdinand. 1976. (1916). *Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Berlin / New York: De Gruyter.
- Schwitalla, Johannes. 2006. *Gesprochenes Deutsch*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- Schwitalla, Johannes. 2008. Sprachwandel durch gesprochene Sprache in öffentlichen Texten nach 1945. In: *Questions on Language Change*. M.C. Almeida, B. Sieberg and A.M. Bernardo. Lisboa: Colibri, 17-49.
- Sieberg, Bernd. 1984. *Perfekt und Imperfekt in der Gesprochenen Sprache*. Diss. Bonn.
- Sieberg, Bernd. 2007a. Zur Bestimmung von Nähesprachlichkeit portugiesischer Text. In: *Wildern in luso-austo-deutschen Sprach- und Textreviren. Festschrift zum 60. Geburtstag von Erwin Koller*. Editado por C.Flores e O. Grossegese. Braga: CEHUM, 323-334.
- Sieberg, Bernd. 2007b. Gesprächsausdrücke im Deutschen und Portugiesischen In: *Estudios Filológicos Alemanes. Revista del Grupo de Investigación Filología Alemana*. Vol. 13. Sevilla: Editora Fenix, 203-219.
- Sieberg, Bernd. 2008. Weblogs: Sprache Geschriebener Mündlichkeit. In: *Questions on Language Change*. Maria Clotilde Almeida, Bernd Sieberg e Ana Maria Bernardo Lisboa, Colibri, 83-98.
- Sieberg, Bernd. 2009. Nähesprechen im Portugiesischen: Unter besonderer Berücksichtigung der kommunikativer Praktiken des Internet. In: *Estudios Filológicos Alemanes. Revista del Grupo de Investigación Filología Alemana*, Vol. 17. Sevilla: Editora Fenix, 185-205.
- Sieberg, Bernd. 2010 (no prelo). Fala de Proximidade nos Weblogs Portugueses (publicação do artigo prevista nas actas da conferência internacional Media & Desporto que se realizou na UCP de Lisboa, de 22-23 de Janeiro de 2009).
- Viegas Brauer-Figueiredo, Maria de Fátima. 1999. *Gesprochenes Portugiesisch*. Hamburg: Teo Ferrer de Mesquita.

Anexo:

O esquema do ‘modelo da fala de proximidade e de distância’²⁰

Axioma: local e tempo da produção = local e tempo da recepção



²⁰ Trata-se de uma forma simplificada da representação do modelo. Não foram considerados dois graus de abstracção que se situam acima das ‘Estratégias discursivas universais’, nomeadamente os ‘parâmetros de formação discursiva universais’ e os ‘parâmetros de comunicação universais’. (Cf. Ägel / Hennig 2006b).

Internet e proximidade: para uma análise de e-mails alemães e portugueses

MARIO FRANCO*

I. Os ‘Novos Media’ na imprensa madeirense

Desde a sua explosão nos finais dos anos 90 do século passado, a internet¹ é louvada mundialmente por ter trazido consigo práticas comunicativas² inovadoras que revolucionaram a nossa forma de vida, como já acontecera antes com o telefone, a carta ou a tecnologia da impressão e a tipografia de Johannes Gutenberg. Contudo, é, de igual modo, criticada, entre outros aspectos, por comportar perigos como o do anonimato nas comunicações, pois, desconhecemos com quem realmente estamos a contactar.

Como não podia ser de outra forma, também a realidade madeirense acompanha estes louvores e críticas à internet no âmbito das suas práticas comunicativas. Com efeito, “Crianças e a Internet”³ tirada do semanário madeirense *Tribuna da Madeira* é uma imagem que representa todos os temores face à internet, sobretudo quando o utilizador é uma criança.

* Universidade da Madeira / CECC - Universidade Católica Portuguesa

¹ Neste texto utilizaremos indistintamente o termo ‘internet’ ou a sua abreviatura ‘net’.

² O termo ‘prática comunicativa’ do linguista alemão Reinhard Fiehler (2000) abrange, quer tipos de textos escritos, quer tipos de textos falados.

³ A imagem complementava a notícia *Região: criminalidade sexual associada à Internet tem vindo a subir* escrita por Sara Silvino.



Tribuna da Madeira, Ano 10, n.º 491, 14 de Março de 2009, 32.

Depois de fazer uma pesquisa na hemeroteca online no site do *Diário de Notícias da Madeira*⁴, introduzindo palavras chave como *internet*, *net*, *internet*, *e-mail* ou *blog*⁵, foi possível verificar que aproximadamente oito de cada dez notícias encontradas nos últimos cinco anos destacam aspectos “negativos” da rede electrónica. Efectivamente, temos notícias que fazem referência ao perigo de se expor na internet:

Expor a vida na Internet é uma manobra arriscada. A net tornou a fama acessível a qualquer um, mas a ânsia de ser conhecido tem riscos e pode trazer dissabores a quem se expõe demais.

(Caires, *Diário de Notícias*, 27.04.2009)

As redes sociais como *Facebook*, *Hi 5* ou *My Space* são novas práticas comunicativas onde os usuários, entre eles também menores, expõem a sua vida anexando fotos, fornecendo informação de âmbito privado como morada,

⁴ www.dnoticias.pt.

⁵ Os termos ‘blog’, ‘blogue’ ou ‘weblog’ têm o mesmo significado: “um sítio web pessoal autogerido composto por entradas individuais que mantêm uma direcção permanente, assim como a sua data e hora de publicação, e ordena-se mediante cronologia inversa (as histórias mais recentes aparecem na parte superior do site)”. (M.F., traduzido do espanhol, Orihuela (2006, 30)).

escola, gostos, *hobbies* ... aos seus “amigos *on-line*”, pessoas que em muitos casos não conhecem, ou das quais as vezes só conhecem o *nick* ou o *site*. Ingenuamente, alguns menores começam a trocar imagens com algum “amigo *on-line*” ou ligam a *webcam* e, através de programas de troca de mensagens instantâneas tipo *Messenger*, expõem a sua intimidade. No ano 2008, em Portugal, em cerca de duas dezenas de casos estudados, verificou-se que os “amigos *on-line*” na realidade não são tão jovens como o fizeram passar no mundo virtual. Com efeito, toda a informação que tinham dado ao menor era falsa, acabando a amizade virtual quer em chantagem, como por exemplo “Se não vens ter comigo, ponho as tuas fotos nua na Internet!”, quer em agressões sexuais (Nery 2009). A exposição e o anonimato são, pois, dois fenómenos que na internet andam de mãos dadas enveredando, inúmeras vezes, por caminhos sinuosos.

É de realçar que também encontramos opiniões que criticam o anonimato de alguns bloguistas⁶:

Opinião. Cobardolas ... *flops* ... e outras coisas mais. Pena é que haja uns “cobardolas” que, servindo-se dos Blogs, se ocultam no anonimato. (Silva, *Diário de Notícias*, 11.11.2007)

A maioria dos bloguistas (58%) identifica-se no seu blogue com a verdadeira identidade (*vide* Silva (2009, 94)). Neste sentido, José Luis Orihuela (2006)⁷ acredita que, além da publicação de conteúdos de qualidade, a credibilidade e o prestígio dum blogue depende da divulgação do nome real do autor. O anonimato e a ocultação da identidade real deixa na net uma maior margem para a manipulação ou para a desqualificação. Contudo, Orihuela lembra também que os meios de comunicação tradicionais não estão à margem destas práticas.

⁶ Os termos ‘Bloguista’, ‘Blogueiro’ ou ‘Blogador’ são aportuguesamentos de ‘blogger’ ou ‘weblogger’ e referem-se ao autor dum blogue.

⁷ Orihuela é escritor e professor universitário na *Facultad de Comunicación* da Universidade de Navarra e é autor do blog www.ecuaderno.com.

No que diz respeito à prática comunicativa que aqui vamos analisar, o *e-mail*, é de referir que ele também não foge à crítica do anonimato. É muito fácil e rápido criar um endereço de *e-mail* num servidor gratuito. Sem a obrigação de revelar a nossa identidade verdadeira, é uma tarefa que pode ser executada em poucos minutos. A partir dum endereço de *e-mail*, onde não é obrigatório constar o nome do utilizador, podem ser enviadas mensagens desagradáveis, obscenas ou de mau gosto. É de salientar que há fenómenos criminosos como é o caso do *phishing* onde, a partir da usurpação da identidade dum banco, os delinquentes têm acesso ao dinheiro alheio. Com efeito, solicitando através de *e-mail* informação confidencial, *passwords* de cartões de créditos ou de contas bancárias *online*, os usurpadores enganam clientes inocentes.

Além do anonimato, a possibilidade que oferece o *e-mail* de uma comunicação de “uma para n” pessoas a um custo muito baixo, faz que seja usado como meio publicitário. O envio de publicidade e de informações inúteis inunda as caixas de correio dos usuários com correio-lixo, chamado no meio informático como *junk mail* ou SPAM⁸. Este fenómeno e a própria debilidade do protocolo SMTP em que se baseia a comunicação por *e-mail* faz que alguns estudiosos dos novos meios de comunicação vejam a necessidade de uma substituição total na estrutura do *e-mail* (*vide* Siegert (2008, 302-323)).

Tendo em conta estas desvantagens ou perigos que há na comunicação via *e-mail*, podemos perguntar-nos se vale a pena a sua utilização. A nossa resposta é afirmativa. Lamentavelmente, no dia-a-dia na nossa vida real confrontamo-nos com perigos. Com efeito, ao caminhar, crianças ou adultos, a certas horas do dia por determinadas zonas duma cidade, estarão a correr um risco igual ou certamente maior do que aqueles que existem na informação e nas pessoas que encontram na internet.

⁸ A palavra *Spam* provém dum *sketch* do grupo cómico Monty Python’s Flying Circus do ano 1970. No *sketch*, um cliente quer encomendar um prato sem SPAM (um prato de carne da empresa Hormel Foods). No entanto, a empregada do balcão reage lendo uma e outra vez os pratos com SPAM. No local, um grupo de vikings canta em voz alta “Spam, spam, spam, spam, spam, spam, spam, lovely spam! Wonderful spam!” impedindo assim qualquer tipo de conversação coerente.

Partilho, pois, da opinião de Teresa Almeida d’Eça quando defende no seu livro *O E-mail na Sala de Aula* que não lhe parece que “os pontos fracos do *e-mail* sejam suficientemente fortes ou sequer em quantidade assinalável para dissuadir seja quem for de deixar de o experimentar ou usar” (2002, 30). É uma ferramenta comunicativa prática e extremamente fácil de usar. Facilita em muito a comunicação pessoal, profissional ou social entre pessoas no seu dia-a-dia. Isto não impede que, como usuários, devamos exigir, aos fornecedores de sistemas informáticos e de serviços de correio de *e-mail*, uma maior segurança e, como já indicamos antes, uma modernização ou substituição do protocolo actual.

2. A língua dos ‘Novos Media’ na imprensa madeirense

Tal como acontece com jornais ou revistas de Portugal continental ou de outros países⁹, existe na imprensa madeirense uma certa desconfiança e crítica face a fenómenos linguísticos que aparecem na escrita dos jovens usuários da net.

O artigo intitulado *Internet influencia escrita dos alunos do Diário Cidade* (Ano 2, n.º 335, 7 de Outubro de 2008, 4-5) salienta o fenómeno das abreviaturas que são usadas na comunicação pela net e pelo telemóvel. Exemplos como Xocolate (em vez de *Chocolate*) ou KIDA (em vez de *Querida*) são recolhidos e ordenados numa tabela pela autora do artigo, Sandra da Silva Gonçalves, e formam o argumento principal para afirmar que estamos diante duma nova forma de linguagem ou dum ‘código’ da internet ou também chamado ‘internetês’. Interessante é a reflexão de João Sousa, Vice-Coordenador do Sindicato dos Professores da Madeira (SPM), no artigo no qual sugere que não se surpreenderia se, na próxima década, as abreviações fossem permitidas cá. Contudo, actualmente, não acredita que “o internetês consiga se impor de tal forma que mereça ser aceite nos exames nacionais”, como acontece na Nova Zelândia (*ibid.*, 5).

⁹ Vide p. ex.: Schreiber (2006).

Entre linguistas existe, de igual modo, a discussão em torno dessas novas práticas comunicativas da internet. Interrogam-se, de facto, para saber se no *e-mail*, *chat* ou *blogue* se usa uma nova linguagem. Além das abreviaturas e acrónimos existem outros fenómenos linguísticos que aparecem frequentemente em textos dos ‘novos *media*’ e que alimentam esta hipótese: *smileys*, abreviaturas, anacronismos, interjeições, parênteses, estruturas elípticas, estruturas agregativas, palavras fónicas... Além do mais, no caso dos *e-mails* também se fala duma nova forma de diálogo por causa da possibilidade de se anexar o anterior *e-mail* bem abaixo do novo texto, tirando partes dele¹⁰ ou respondendo directamente abaixo dele, criando assim sequências semelhantes a um diálogo. Aliás, esta forma de citar *online* é conhecida com o termo inglês ‘Quoting’.

Numa observação detalhada dos fenómenos linguísticos anteriormente citados, podemos comprovar que muitos deles são fenómenos muito comuns da linguagem falada. Por outro lado, no caso das abreviaturas e dos acrónimos, características da escrita, a novidade é a criação de exemplos como *lol* (laughing out loud) ou *xoxo* (beijos e abraços) na comunicação através dos ‘novos *media*’. A partir destes dados, podemos deduzir que esta hipotética nova linguagem é caracterizada principalmente pela sua oralidade e/ou por elementos da escrita que tentam “compensar” a falta de oralidade.

Mas para corroborar a hipótese aqui levantada, saber se a linguagem da internet é uma nova linguagem, temos de ter uma “ferramenta de trabalho”, um modelo linguístico para a análise de textos. Não é suficiente examinar a quantidade (ou inexistência) de exemplos de alguns fenómenos da linguagem falada (p. e. interjeições, expressões hiperbólicas ou palavras fónicas) ou da linguagem escrita (p. e. abreviaturas ou anacronismos) existentes no texto. Os resultados aos quais chegaríamos seriam muito pouco concludentes.

Para comprovar duma forma empírica se é certa (ou não) essa hipótese poder-se-ia utilizar o ‘modelo da fala de proximidade e de distância’, elaborado pelos linguistas Vilmos Ágel e Mathilde Hennig (2006).

¹⁰ Estas referências textuais são precedidas pelos signos >>.

3. ‘Fala de Proximidade’ e ‘Fala de Distância’

Por motivos óbvios de espaço, os aspectos teóricos e práticos mais relevantes do modelo da fala de proximidade e distância serão aqui apresentados de forma concisa.

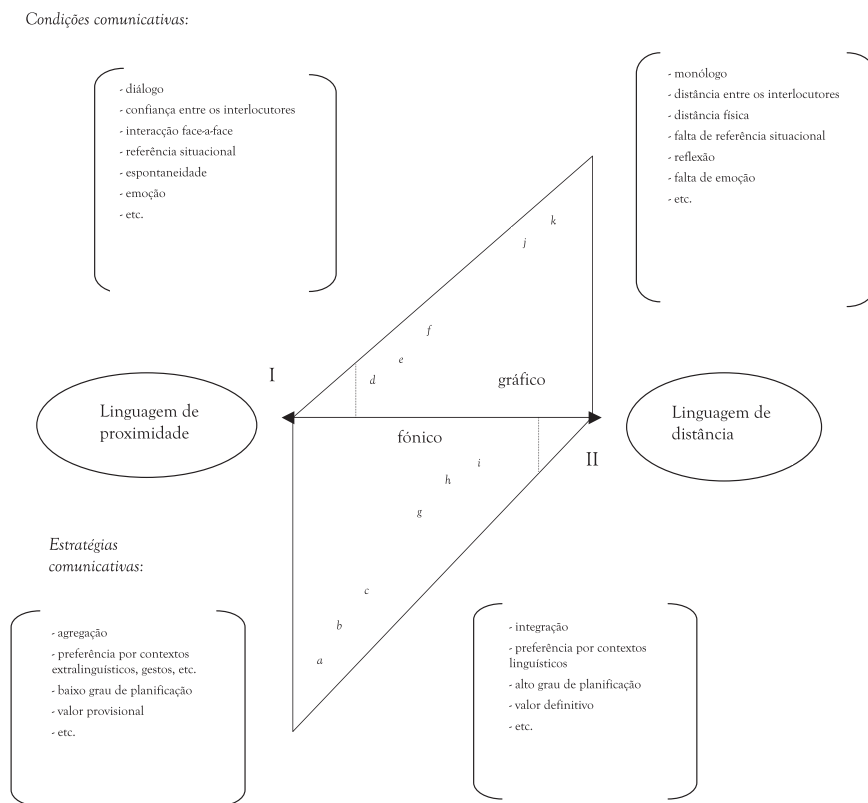
Ágel/Hennig baseiam o seu modelo principalmente no modelo de ‘Linguagem de Proximidade’ (‘Nähesprache’) e ‘Linguagem de Distância’ (‘Distanzsprache’) de Koch/Oesterreicher (1985). Este modelo tem como principais pilares teóricos, por um lado o aspecto universal da fala na *Teoria do Falar* de Eugenio Coseriu (1988). Segundo Coseriu a “fala é uma actividade universal, realizada em determinadas situações de forma individual por falantes individuais em quanto membros de comunidades linguísticas com tradições comuns na capacidade de falar” (M.F., traduzido do alemão, Coseriu (1988, 70)). Coseriu diferencia na fala três níveis: a) (nível universal) A fala mostra aspectos humanos gerais e universais. Todos os humanos adultos e normais falam. b) (nível histórico) Qualquer fala é falar uma língua particular. Fala-se sempre numa tradição histórica determinada. c) (nível individual) A fala é sempre individual. Individual em dois sentidos, por um lado a fala é sempre realizada por um indivíduo e não de forma coral e, por outro, porque tem lugar numa situação determinada e única.

Koch/Oesterreicher partem no seu modelo da distinção entre ‘Konzeption’ (‘concepção’) e ‘Medium’ (‘médio’) que o linguista romanista Ludwig Söll faz no seu estudo *Gesprochenes und geschriebenes Französisch* (1985) (M.F., *Francês falado e escrito*). Um texto pode ser concebido de forma oral (‘oralidade concepcional’), mas é reproduzido de forma escrita (‘escrita mediática’), à semelhança do que acontece num *chat*. Contudo, um texto também pode ser concebido de forma escrita (‘escrita concepcional’) e reproduzido de forma oral (‘oralidade mediática’), pensemos, nesse caso, no sermão pronunciado por um padre.

A partir de ‘condições comunicativas’ (‘Kommunikationsbedingungen’) como p. ex. diálogo/monólogo, confiança/distância entre os interlocutores, privado/público... e a partir de ‘estratégias comunicativas’ (‘Versprachlichungsstrategien’) como p. ex. agregação/integração, preferência por contextos extralinguísticos, gestos, etc./preferência por contextos linguísticos, baixo grau de planificação/alto grau de planificação... os autores propõem

um contínuo de graus cujos pólos prototípicos são a ‘linguagem de proximidade’ (‘Nähesprache’) e a ‘linguagem de distância’ (‘Distanzsprache’)¹¹.

O seguinte gráfico mostra o modelo de Koch/Oesterreicher¹²:



¹¹ Existe uma afinidade entre o pólo de ‘linguagem de proximidade’ e a ‘oralidade mediática’ e entre o pólo de ‘linguagem de distância’ e a ‘escrita mediática’. Portanto, a ‘escrita mediática’ e um 100% de ‘linguagem de proximidade’ excluem-se da mesma forma que a ‘oralidade mediática’ e um 100% de ‘linguagem de distância’.

¹² a: ‘conversa privada’, b: ‘telefonema com um amigo’, c: ‘entrevista’, d: ‘entrevista impressa’, e: ‘anotação num diário’, f: ‘carta privada’, g: ‘conversa de apresentação’, h: ‘sermão’, i: ‘palestra’, j: ‘artigo num jornal’ e k: ‘ordem administrativa’ (M.F., traduzido do alemão, Koch/Oesterreicher (1985,18))

Ágel/Hennig indicam a existência de problemas teóricos no modelo de Koch/Oesterreicher. Vamos destacar os seguintes:

A diferença entre ‘condições’ e ‘estratégias linguísticas’ não é clara. O ‘valor provisional ou definitivo’ poderia ser também uma ‘condição comunicativa’. O que realmente são ‘estratégias comunicativas’ não fica claro no modelo. Mais do que estratégias parecem representar características ou disposições da linguagem.

Tanto nas ‘condições’ como nas ‘estratégias comunicativas’, não se diferencia entre características universais e textuais. Além disso, parece que todas as características têm o mesmo valor. Desconhecemos também quais são os critérios para a classificação das diferentes práticas comunicativas orais e escritas.

Estes problemas são para Ágel/Hennig o ponto de partida para a elaboração dum novo modelo. Como em qualquer correção ou ampliação dum modelo anterior, também há naturalmente princípios comuns. Da mesma forma que Koch/Oesterreicher baseiam o seu modelo na *Teoria do Falar* de Coseriu (1988). A característica principal do modelo de Ágel/Hennig reside no seu aspecto universal. Este materializa-se tanto no nível histórico como também no nível individual. Também adoptam dos seus antecessores a perspectiva prototípica para a classificação das práticas comunicativas no contínuo entre os pólos ‘fala da proximidade’ e ‘fala da distância’. Os termos ‘proximidade’ e ‘distância’ são características expressivas e acertadas para uma compreensão prototípica da comunicação de proximidade, não da linguagem falada.

Os objectivos principais do modelo são:

a) de um ponto de vista teórico:

- uma descrição precisa das complexas relações entre os diferentes tipos de discurso¹³ orais ou escritos e das suas respectivas características linguísticas preferidas.
- uma ilustração clara das relações e hierarquias originadas.

b) de um ponto de vista prático:

- a criação de uma base para a descrição de indicadores linguísticos de linguagem prototípica falada e escrita.

¹³ Ágel/Hennig utilizam o termo ‘discurso’ em consonância com Coseriu e referem-se à actividade individual do falar. O ‘texto’ seria o produto dessa actividade individual.

- a criação duma base para a classificação teórica-comunicativa de diferentes tipos de discurso.
- a possibilidade de comparar línguas particulares, tipos de textos ou épocas históricas duma língua.

O modelo de Ágel/Hennig evita as ambiguidades de critérios que apresentava o modelo de Koch/Oesterreicher ao analisar unicamente características prototípicas do falar de proximidade, as quais derivam do axioma universal ‘relação aberta entre produtor e destinatário’. O produtor e o recipiente podem trocar o seu papel em qualquer momento, ou seja, o local e tempo da produção é o mesmo que o local e tempo da recepção.

De forma jerárquica há mais quatro graus de abstracção universais que estão subordinados ao ‘axioma universal’ (‘Universales Axiom’) que representa o nível I. Nível II: ‘parâmetros universais da comunicação’ (‘Universale Parameter der Kommunikation’), nível III: ‘parâmetros universais da formação discursiva’ (‘Universale Parameter der Diskursgestaltung’), nível IV: ‘estratégias discursivas universais’ (‘Universale Diskursverfahren’), nível V: ‘indicadores discursivos universais’ (‘Universale Diskursmerkmale’).

Os ‘indicadores discursivos’ (‘Diskursmerkmale’) da linguagem de proximidade são também denominados ‘indicadores de fala de proximidade’ (‘Nähemerkmale’).

Tanto os factores comunicativos e extralinguísticos dos planos II e III como as estratégias e os indicadores do discurso dos níveis IV e V não são uma colecção desordenada, antes pelo contrário, estão divididas nos seguintes cinco parâmetros comunicativos: ‘interacção directa dos interactantes’, ‘tempo’, ‘situação’, ‘código’ e ‘meio’.

Um esquema do modelo resumido aos dois últimos níveis é oferecido, neste livro, em língua portuguesa por Bernd Sieberg no seu artigo.

4. *Corpus* e análise empírica

Para confirmar se a hipótese de estarmos perante uma nova linguagem ou perante uma nova forma de diálogo nas práticas comunicativas da internet é certa ou não, vamos analisar, com base no modelo de Ágel/Hennig, um *corpus* de *e-mails* alemães e portugueses.

Na adjudicação de pontos dos indicadores de fala de proximidade, em vez do método quantitativo do modelo, vamos seguir a variante qualitativa que eu propus na minha tese de doutoramento (*vide* Franco Barros (2008, 75-87)).

Para cada indicador de fala de proximidade, o leitor vai encontrar um ou mais exemplos tirado(s) da análise do nosso *corpus*, para assim ter uma melhor visualização e compreensão do modelo.

4.1 *Corpus*

Por um lado, foram analisados 46 *e-mails* privados alemães com um total de 4107 palavras, dos quais 33 foram escritos por mulheres e 13 por homens. Os *e-mails* fazem parte do *corpus* que analisei na minha tese de doutoramento, onde comparei *e-mails* e cartas privadas alemãs. Os autores, na sua maioria estudantes universitários ou licenciados, são originários da Renânia do Norte-Vestfália (16), da Baixa Saxónia (15), do Sarre (6) na Alemanha e de Salzbugo (9) na Áustria.

Por outro lado, foram analisados 52 *e-mails* portugueses (madeirenses) com um total de 4084 palavras, dos quais 33 foram escritos por mulheres e 19 por homens. Os autores são na sua maioria estudantes universitários ou licenciados madeirenses.

É de salientar que em média os *e-mails* alemães são mais longos do que os *e-mails* portugueses. Assim, dos *e-mails* alemães do *corpus* da minha tese de doutoramento, tive de escolher aqueles que apresentavam uma extensão máxima de até aproximadamente 200 palavras, à semelhança dos *e-mails* portugueses.

4.2 *Análise empírica*

1. Parâmetro da interacção directa dos intervenientes ('Rollenparameter'):

parâmetros de descrição	Papel = Interação directa dos actantes
estratégias discursivas universais	<ul style="list-style-type: none"> a) b) instrução do ouvinte na sua percepção e descodificação da mensagem por meio de estruturas agregativas (=aggregative Rezeptionssteuerung); c) estabelecer e manter contacto directo entre os interlocutores d) ênfase do discurso na presença física e psíquica dos intervenientes da comunicação

terminologia para a denominação dos indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) operadores em estruturas 'operador' + 'escopo' b) marcador conversacional inicial c) interjeições, expressões enfáticas
exemplos concretos de indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) Em conclusão, eram 18h quando finalmente já íamos apresentar ... b) Olha, verifiquei em vários regulamentos e o que acontece ... c) Ahhhh cu stressss, vai 1 mergulhito?

2. Parâmetro do tempo:

parâmetros de descrição	Tempo
estratégias discursivas universais	<ul style="list-style-type: none"> a) formação simplificada das unidades da fala b) c) favorecimento de estruturas agregativas e não integrativas para organizar o fluxo de informações nas enunciações d) uso de 'expressões estratégicas' para ganhar tempo ou ultrapassar pausas
terminologia para a denominação dos indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) falta de coesão sintáctica entre as orações b) deslocação de elementos para o lado direito ou esquerdo do enunciado c) parêntese d) hesitação (reticências), 'hedge word'
exemplos concretos de indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) Nunca mais falamos. Tenho saudades. Vamos marcar um encontro [...] b) Não há melhor música que esta, definitivamente. c) Bons dias! (pa quem já almoçou boas tardes) d) [...] no sentido do infântario ser mais 'carinhosa' e mais 'louco' mas pronto.

3. Parâmetro da situação

parâmetros de descrição	Situação
estratégias discursivas universais	<ul style="list-style-type: none"> a) formas directas na reprodução das palavras de terceiros b) estratégias gramaticais directas
terminologia para a denominação dos indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) oração principal dependente b) expressão deictica
exemplos concretos de indicadores da 'fala de proximidade'	<ul style="list-style-type: none"> a) Fantástico! Mesmo a calhar nas vésperas do exame! (Começo dum E-Mail) b) Eu gostaria de ficar com a recordação de ontem [...]

4. Parâmetro do código

parâmetros de descrição	Código
estratégias discursivas universais	a) b) formas holísticas para passar a mensagem c) uso de ‘expressões à margem do código verbal’ para exprimir sentimentos.
terminologia para a denominação dos indicadores da ‘fala de proximidade’	a) ‘acrônimo’ para representar um sorriso b) ‘Smiley’ para compensar uma expressão mímica c) interjeição; expressão à margem do código verbal
exemplos concretos de indicadores da ‘fala de proximidade’	a) <i>Então fico conformada com a maquina de correr em casa lol.</i> b) <i>Nós aqui vamos seguindo a direção do vento :-)</i> c) <i>Tem que ser, paaaaaaa! / ups... esqueço.m sp de utilizar [...]</i>

5. Parâmetro do Meio

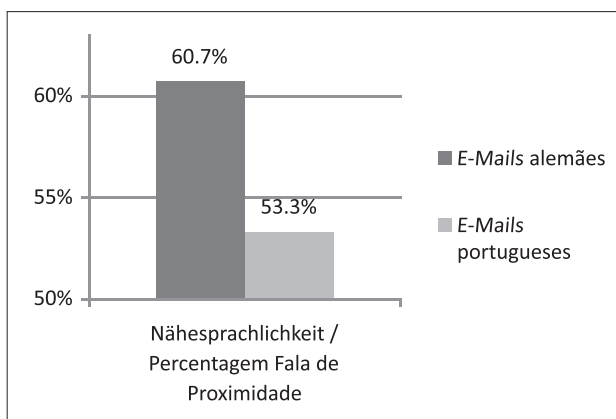
parâmetros de descrição	Meio
estratégias discursivas universais	a) aproveitamento de meios prosódicos b) criação de unidades de fala
terminologia para a denominação dos indicadores da ‘fala de proximidade’	a) Aumento do volume da voz (falar mais alto) b) palavras fónicas
exemplos concretos de indicadores da ‘fala de proximidade’	a) <i>[...] mas AINDA NÃO ME ESQUECI da pergunta que te fiz!</i> b) <i>Mas manda pics pra eu ver.</i> b) <i>Keru</i> aprender uma língua nova. b) <i>Enxi</i> minha prateleira com mais 10 livros de borla!

5. Resultados e conclusões

5.1 Resultados

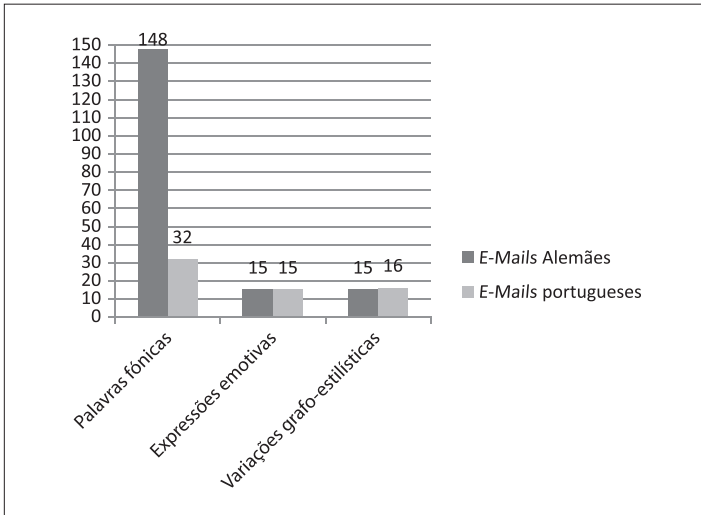
Podemos constatar que os *e-mails* alemães apresentam 7% mais de fala de proximidade do que os *e-mails* portugueses. Este factor deve-se, entre outras razões, à presença de mais exemplos de indicadores de fala de proximidade da categoria “palavras fónicas” nos *e-mails* alemães. A título indicativo, em alemão, referimos: *hab* em vez de *habe*, *nen* em vez de *einen* (*Tilgung* – supressão), *sinds* em vez de *sind es* (*Assimilation* – assimilação), *haste* em vez de *hast*

du (Kontamination – contaminação), *nix* em vez de *nichts* (Anpassung an das Gesprochene – adaptação à fala), *mach et, äuge* (Dialekt – dialecto) ou *uiuiui* ou *hihihi* (Lautwort – onomatopeia/interjeição imitativa). No caso português, destacamos os seguintes exemplos: *tá* em vez de *está*, *pa* ou *pra* em vez de *para*, *pá* em vez de *rapaz*, *tado* em vez de *estado* (Tilgung – supressão), *epá* em vez de *eh pá*, *nele* em vez de *em ele* (Kontamination – contaminação), *enxi* em vez de *enchi*, *queru* em vez de *quero* (Anpassung an das Gesprochene – adaptação à fala), *hummm hummm* (Lautwort – onomatopeia/interjeição imitativa).

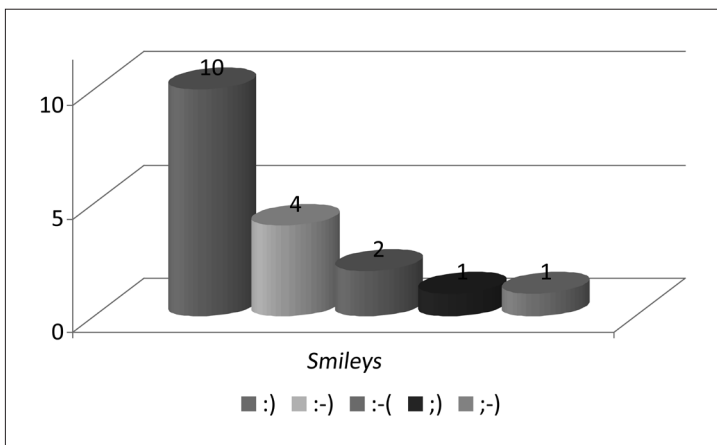


Sublinha-se, ainda, que nos *e-mails* das duas línguas aparecem em número similar exemplos de expressões emotivas e de variações grafo-estilísticas para uma ‘emulação prosódica’¹⁴. A título de exemplo, eis algumas expressões emotivas em alemão: *ich gehe völlig die Decke hoch*, *cool*, *toitoitoi*, *Kopf hoch!* ou *Ach Mensch!*. Para o português, temos os seguintes exemplos: *fogo!*, *fds caralho!*, *Epá*. As iterações como *juchuuuuu*, *uiuiui*, *sooo* em alemão são recorrentes. Em português, as iterações mais frequentes são: *páaaaaa!*, *lindooooo*, *ahhhhhh*. Encontramos com letras maiúsculas *FAST*, *LEBTE* em alemão e *FORÇA*, *FANTÁSTICO*, *tou a BRINCAR* em português. Em ambos os casos são meios grafo-estilísticos para compensar a falta de prosódia, mímica e/ou gesticulação.

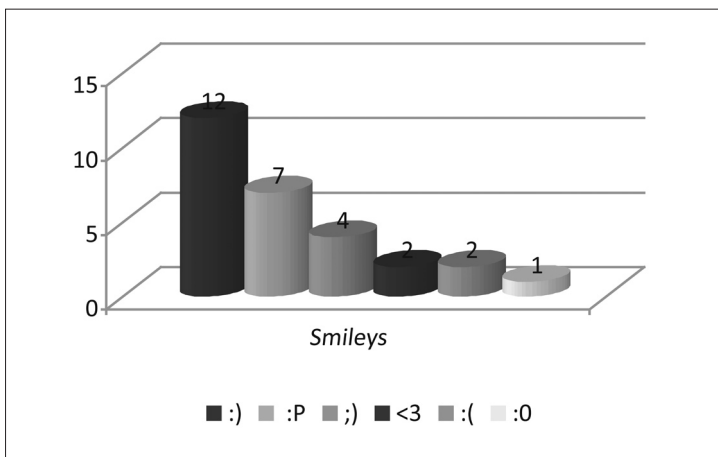
¹⁴ Termo introduzido por Haase *et al.* (1997, 68).



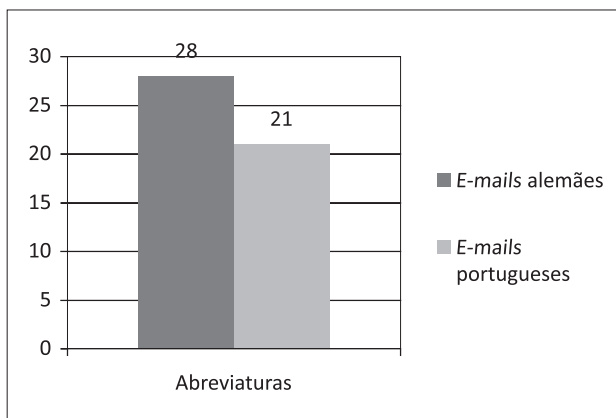
Com a chegada dos *Novos Media*, os famosos *smileys* são outro meio grafo-estilístico usado pelos autores de *e-mails* alemães e portugueses. São sequências de caracteres tipográficos que expressam o estado emotivo de quem escreve tais como :-) ou :(. Em relação aos 18 exemplos de *smileys* nos *e-mails* alemães, os *e-mails* portugueses com 28 exemplos, mostram um uso mais significativo do *smiley*. Assim, se confrontarmos estes número com o número total de palavras nos dois *corpus* de *e-mails*, podemos concluir que a presença de *smileys* não é tão frequente como crêem os defensores dessa nova linguagem.



Smileys em *e-mails* portugueses:



Em relação às abreviaturas, os números totais de exemplos em cada *corpus* são os seguintes:



A abreviatura mais repetida em *e-mails* portugueses é *lol* (10 exemplos), ou seja “laughing out loud” (rir em voz alta / rindo alto). Nos *e-mails* alemães destacamos abreviaturas típicas da internet ou dos sms como por exemplo *imho* “in my humble opinion” (na minha humilde opinião) ou *hdal* “habe dich auch lieb” (eu também gosto de ti / eu também te quero).

Os resultados obtidos sublinham que estamos longe duma linguagem nova caracterizada por abreviaturas típicas da comunicação na internet ou em telemóveis. De igual modo, os autores de *e-mails* apenas recorrem à nova forma de diálogo, o *Quoting*, aqui já comentado, que só aparece num único *e-mail* alemão.

5.2 Conclusões

Depois das análises dos *corpora* chegamos às seguintes conclusões:

- Os *e-mails* das duas línguas aqui analisados não podem ser considerados exemplos claros da 'Fala de Proximidade', embora apresentem características da linguagem falada.
- A linguagem usada nos *e-mails* aqui analisados não é um 'código' novo, ao contrário do que defendem certos críticos.
- A comparação dos *e-mails* nas duas línguas permite a seguinte interpretação: os *e-mails* em alemão são mais próximos da linguagem falada.
- Se essa diferença entre os *e-mails* alemães e portugueses pode ser vista também como uma diferença entre um uso da linguagem mais criativo e inovador e um outro uso mais convencional e conservador, estamos porventura perante uma situação que permite ver a Alemanha sob uma luz mais "simpática" do que de costume.

Referências bibliográficas

- Ágel, Vilmos e Mathilde Hennig, eds. 2006. *Gammatik aus Nähe und Distanz*. Tübingen: Niemeyer.
- Almeida d'Eça, Teresa. 2002. *O Email na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Barbosa, Elisabete e António Granado. 2004. *Weblogs, Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora.
- Coseriu, Eugenio. 1988. *Sprachkompetenz, Grundzüge der Theorie des Sprechens*. Tübingen: Francke Verlag.
- Fiehler, Reinhard. 2000. Gesprochene Sprache – gibt's die?!. *Jahrbuch der ungarischen Germanistik* 2000: 93-104.
- Franco Barros, Mario. 2008. *Neue Medien und Text: Privatbrief und private E-Mail im Vergleich*. Ph.D.diss., Funchal: Universidade da Madeira.
- Gonçalves, Sandra da Silva. 2008. Internet influencia escrita dos alunos. *Diário da Cidade*. 7 de Outubro.
- Haase, Martin, Michael Huber, Alexander Krumeich e Georg Rehm. 1997. Internetkommunikation und Sprachwandel. In: *Sprachwandel durch Computer*. Editado por Rüdiger Weingarten. Opladen: Westdeutscher Verlag.
- Koch, Peter e Wulf Oesterreicher. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch* 36: 15-43.

- Nery, Isabel. 2009. Pedófilos on-line. *Visão*, n.º 831, 5 a 11 de Fevereiro, 78-84.
- Orihuela, José Luis. 2006. *La revolución de los blogs. Cuando las bitácoras se convirtieron en el medio de comunicación de la gente*. Madrid: La Esfera de los Libros.
- Schreiber, Matthias. 2006. Deutsch for Sale. *Der Spiegel*, 40/2006, 182-198.
- Sieberg, Bernd. 2010. O modelo da 'fala de proximidade e distância' e a sua aplicação na língua portuguesa. In: *Proximidade e Distância na Língua Cultura*. Editado por Mario Franco e Bernd Sieberg. CECC, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Siebert, Paul Ferdinand. 2008. *Die Geschichte der E-Mail. Erfolg und Krise eines Massenmediums*. Bielefeld: transcript Verlag.
- Silva, Paula Oliveira. 2009. *Blogo, logo existo*. Lisboa: Editora media XXI.
- Silvino, Sara. 2009. Região: criminalidade sexual associada à Internet tem vindo a subir. *Tribuna da Madeira*. 14 de Março.

On-line

- Caires, Marta. 2008. Expor a vida na Internet é uma manobra arriscada. *Diário de Notícias*, 27 de Abril. <http://www.dnoticias.pt/impressa/diario/44738/madeira/112240-expor-a-vida-na-internet-e-uma-manobra-arriscada> (acedido em 5 de Julho de 2010).
- Diário de Notícias. <http://www.dnoticias.pt> (acedido em 5 de Julho de 2010).
- Orihuela, José Luis. <http://www.ecuaderno.com> (acedido em 5 de Julho de 2010).
- Silva, Guilherme. 2007. Pena é que haja uns “cobardolas” que, servindo-se dos blogues, se ocultam no anonimato. *Diário de Notícias*, 11 de Novembro. <http://www.dnoticias.pt/impressa/diario/opiniao/56130-pena-e-que-haja-uns-cobardolas-que-servindo-se-dos-blogues-se-ocultam-> (acedido em 5 de Julho de 2010).

Em torno da fraseologia das línguas: proximidade ou distância?*

FRANCISCA ATHAYDE**

Longe da vista, longe do coração vs. Longe da vista, perto do coração; Aus den Augen, aus dem Sinn vs. Dem Auge fern, dem Herzen nah; Lontani dagli occhi, lontani dal cuore vs. Lontano dagli occhi, vicino al cuore; Out of sight, out of mind/Far from eye, far from heart vs. Far from the eyes, close to the heart; Loin des yeux, loin du coeur vs. Loin des yeux, proche du coeur; Lejos de los ojos, lejos del corazón vs. Lejos de los ojos, cerca del corazón

Seja qual for a área do saber ou o quadro teórico-metodológico em que nos situemos, glosar o binómio ‘proximidade’/‘distância’ não constituirá, certamente, o menor dos desafios: como qualquer dicotomia, o par ‘proximidade/distância’ é uma criação cultural, forjada na necessidade de organização cognitiva do real, um instrumento ao serviço da categorização; como toda a designação dicotómica, esta encobre quer a subjectividade inerente à interpretação dos conceitos nela envolvidos, quer as divergências na forma como se avalia a relação que entre eles se estabelece. O que é ‘distante’ e o que é ‘próximo’ é, certamente também, uma questão de perspectiva, como

* O presente artigo insere-se no Projecto de Investigação “Linguistics, Literature, Translation. An Interdisciplinary Approach”, do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do III Quadro Comunitário de Apoio.

Não posso deixar de manifestar o meu sincero agradecimento aos meus colegas da secção de Estudos Clássicos, Profs. Doutores Delfim Leão e José Luís Brandão, pela sua colaboração na análise das expressões latinas e gregas que incluí no meu texto. Uma palavra de reconhecimento é ainda devida às Dras. Ayano Shinzato, Shahd Wadi, Tan Qeming e ao Dr. Vladimir Pliassov, docentes do Centro de Línguas da FLUC, que me forneceram os exemplos do Japonês, Árabe, Chinês e Russo. Agradeço igualmente à Martina Klímová, minha “aluna-Erasmus”, pelos exemplos do Checo que me forneceu.

** Universidade de Coimbra

as expressões em epígrafe, pertencentes ao património fraseológico de algumas línguas europeias, bem demonstram. Concomitantemente, uma tal bipartição esconde a gama de cinzentos que se interpoem entre o “branco” e o “preto”, isto é, o *continuum* que se instala entre os pólos que os termos ‘proximidade’ e ‘distância’ designam. E, no entanto, será, fundamentalmente, sobre fenómenos que se situam nessa zona de transição que, quase de forma incontornável, nos teremos de debruçar.

Tendo-me proposto abordar os conceitos de ‘proximidade’ e ‘distância’, tal como os poderemos testar no âmbito da fraseologia das línguas, tomarei como ponto de partida deste meu percurso as seguintes instâncias, que o/a leitor(a) de língua portuguesa ou de língua alemã certamente sentirá como ‘próximas’:

- (1) (pt) Ser mais velho que a Sé de Braga; Alma até Almeida!; Para a frente é que é Lisboa; (ser) Um Amigo de Peniche; Ficar a ver Braga por um canudo; Mandar alguém abaixo de Braga; Tudo como dantes, quartel-general em Abrantes; Justiça de Fafe; Ser maior/mais comprido(a) que a espada de Afonso Henriques; Ser do tempo da Maria Cachucha; Ser do tempo dos afonsinos/afonsinhos; Ter/ficar com um olho à Camões; Ser um Velho do Restelo; (o) Azar dos Távoras; Ser uma maria-vai-com-as-outras; Ser um zé ninguém; Correr Ceca e Meca (e Olivais de Santarém); Para lá do Marão, mandam os que lá estão; Já chegámos à Madeira?; Ser de Olhão e jogar no Boavista; Ter um olho à Belenenses; Meter o Rossio na Betesga; Reservés campo de Ourique; Passar o Cabo das Tormentas; Uma obra de Santa Engrácia; Uma moura/moira encantada; Passar as passas do Algarve; Trabalhar como um mouro/galego; São rosas, senhor.; Romeiro, romeiro, quem és tu? Ninguém.; A minha pátria é a língua portuguesa; Dar novos mundos ao mundo; Orgulhosamente sós; O povo é sereno; Orçamento limiano; Há mar e mar, há ir e voltar;
- (2) (al) jmdm. durch Mark und Pfenning gehen; keinen [roten] Heller für jdn./etw. geben; Fraktur reden; Das weiß der Kuckuck!; Ab nach Kassel!; Nürnberger Trichter; Gelsenkirchener Barock; Wasser in den Rhein/in die Elbe/in die Donau tragen; Bier nach München tragen; Mit Spreewasser/Alsterwasser/... getauft sein; ein Ritt über den Bodensee; einen falschen Wilhelm tragen; Den müden Hein-

rich spielen; Als der alte Fritz noch Gefreiter war/noch im Sand spielte; Für den alten Fritzen sein; Hans im Glück sein; Jeder Hans findet seine Grete; Was Hänschen nicht lernt, lernt Hans nimmermehr; Hansdampf in allen Gassen; Der blaue Brief; Das ist nicht mein Bier; Denkste, Friedel; Seinen Friedrich Wilhelm unter etw. setzen; Kleine Blumen, kleine Blätter; (nicht) Aus Dummsbach/Dummsdorf sein; Nicht aus Gebersdorf sein; Ein Baron von Habenichts sein; zu Hitler fällt mir nichts ein.

As expressões fixas e semifixas, idiomáticas ou não-idiomáticas¹ – em cujo âmbito se situam combinatórias de natureza tão heterogénea como aquelas que transcrevi, algumas já em processo de queda em desuso – são fruto de um processo de fixação que opera no eixo diacrónico, isto é, de um mecanismo pelo qual um grupo de palavras, morfossintáctica e semanticamente autónomas, se transforma, em virtude da constância do emprego da combinatória no seio de uma comunidade linguística, numa sequência cujos componentes passam a estabelecer uma relação de (relativa) indissociabilidade. Como sugerem Ágel, Mel'čuk, ou Herbermann, entre outros, as fraseologias, enquanto entidades com estatuto signico, constituem, de facto, um subconjunto não negligenciável do componente lexical das línguas:

Mehr oder weniger feste Wortverbindungen stellen keine Sonder-, sondern vielmehr Normalfälle sprachlicher Zeichenbildung dar. (Ágel 2004, 65)

People speak in set phrases, rather than in separate words (...). A phrase-me is a lexical unit; and, more crucially, it is the numerically predominant lexical unit: in any language – i.e. in its lexicon – phrasemes outnumber words roughly ten to one. (Mel'čuk 2001, 24)

Derartige phraseologische Einheiten aber sind keineswegs ein Randphänomen der Sprachen, sondern ein je nach Sprache bzw. Sprachtyp in unterschiedlich starkem Maße ausgebauter wesentlicher Bestandteil neben den beiden anderen Hauptarten komplexer lexikalischer Einheiten, nämlich jenen

¹ Entendida aqui como não-composicionalidade semântica.

mit der ausdrucksseiteigen Struktur von Derivate und Komposita. (Herbermann 2002, 18)

A tão citada asserção de Gottsched, segundo a qual as fraseologias constituiriam “die unserer Sprache allein zuständigen Redensarten, die sich in keine andere Sprache von Wort zu Wort übersetzen lassen” (Gottsched 1978, 606)², parece encontrar no tipo peculiar de expressões inventariadas em (1) e (2) a sua legitimação. A concepção de que o património fraseológico das línguas constitui “o lugar privilegiado da memória cultural de uma comunidade de discurso” continua, todavia, a ser frequentemente reproduzida por alguns representantes da investigação mais recente – veja-se Földes 2005, Baccouche 2003, entre muitos outros.

Não perdendo de vista a dicotomia que somos chamados a discutir, pode afirmar-se que estruturas léxicas paradigmaticamente representadas por *Ter/ficar com um olho à Camões* ou *Der blaue Brief* integram um inventário que provoca, simultaneamente, a **distância** – um afastamento que se revela nas dificuldades de descodificação e codificação por parte de falantes estrangeiros, nos obstáculos que colocam a quem empreende as (corajosas) tarefas da tradução ou da lexicografia bilingue – e a **proximidade**, ao fortalecerem, no quadro da comunidade de discurso em que são usadas e na qual adquirem sentido, os elos identitários que se estabelecem entre os seus membros. Quando se fala em “comunidades de discurso”, tem-se não apenas em mente as comunidades linguísticas mais alargadas, mas igualmente as comunidades menores, diatópica ou diastraticamente marcadas: podemos encontrar fraseologias que são património de um idioma com abrangência supranacional, outras que revelam um forte carácter nacional, combinatórias regionalmente marcadas ou ainda frases cujo uso se restringe a um sector profissional, um grupo de amigos ou, até, a membros de uma família. Independentemente da dimensão dos contextos socioculturais em que são usadas, contextos

² Definição que surge, originalmente, em Gottsched, Johann Christoph. 1762 [1748]. *Vollständigere und Neuerläuterte Deutsche Sprachkunst, Nach den Mustern der besten Schriftsteller des vorigen und itzigen Jahrhunderts abgefasset und bey dieser fünften Auflage merklich verbessert [...]*. 5th ed. Leipzig: Breitkopf.

vinculados a uma História que é única, é no quadro dessa “narrativa” que tais expressões ganham a sua força semiótica. Será redundante lembrar que, quanto menor o grupo social que as utiliza, maior é a distância que se gera relativamente à restante comunidade e, num sentido inverso, maior é a coesão que se cria entre os membros desse grupo – linguística e culturalmente vinculado –, os detentores da chave que as descodifica e que as reproduz nos contextos discursivos adequados.

Recuperando o tipo de expressões do Português e do Alemão acima aduzidas, impor-se-á invocar, em traços largos, as vertentes da “memória cultural” de uma comunidade que se espelham no seu inventário fraseológico, elementos pertencentes quer ao plano semântico do significado literal, quer ao plano da leitura fraseológica, e que, a par de factores estritamente linguísticos, impedem um maior grau de proximidade (chamemos-lhe equivalência ou congruência) entre combinatórias fixas e semifixas das diferentes línguas. Trata-se, por exemplo, de aspectos da chamada “cultura material” (passada e presente), da experiência do quotidiano, da interacção social (culturalmente vinculada), do sistema de valores da comunidade, que estão vertidos na fraseologia sob a forma de “objectos” representados pelos seus componentes lexicais (Piiirainen 2008, 212) ou que se manifestam no significado literal e figurado da expressão como um todo: elementos do mundo animal e vegetal, pesos e medidas, unidades monetárias, a toponímia e antroponímia;³ dimensões da vida política, económica e social (acontecimentos históricos e as personalidades a eles ligados, hábitos gastronómicos, o vestuário, a literatura, o cinema, a publicidade); as crenças, o simbolismo tradicional, as superstições, por exemplo.⁴ É a este conjunto de combinatórias de natureza idiossincrática

³ Sobre o caso específico dos chamados “Scherznamen” – que ocorrem nas expressões (al) *Aus Dummsbach/Dummsdorf sein*; *Nicht aus Gebersdorf sein*; *Ein Baron von Habenichts sein*, por exemplo –, cf. Fleischer (1997, 99).

⁴ Baránov and Dobrovol’skij (2009, 264-265) sublinham que tais elementos de índole formal são os mais salientes para os falantes maternos das línguas. Quando a chamada “especificidade nacional das fraseologias” é avaliada pelos falantes nativos, conclui-se que estes são sobretudo sensíveis a fraseologias com “palavras *realia*” – isto é, a combinatórias cujos componentes designam aspectos da “cultura material”, sobretudo local, fraseologias que integram designações de personagens da mitologia popular, nomes próprios (antroponimos, topónimos, etc.) com relevância nacional –, mas também a expres-

que o germanista húngaro Csaba Földes (1996, 88, nota 81) designa como “kultur- bzw. landesspezifische Phraseologismen” ou “landeskundlich relevante Phraseologismen.

Caberá também sublinhar, a este propósito, que, enquanto signos que servem a designação do mundo, as fraseologias desempenham, naturalmente, uma importante função comunicativa; ao constituírem, a par dos restantes elementos do Léxico e da Gramática, instrumentos de interpretação e organização do real, elas servem a cognição, moldando, na comunidade que os usa, uma determinada visão do mundo. Consabidamente, as línguas não se distanciam apenas pelo uso de signos distintos para os actos de designação, mas também pela diferente organização e segmentação do mundo envolvente que esses mesmos sinais linguísticos promovem, através dos cortes sincronicamente arbitrários, constituindo, conseqüentemente, cada idioma, uma grelha interpretativa particular do real. É sobretudo na investigação russa (representada, por exemplo, por Veronika Teliya/Teliya), que tem nas teses humboldtianas e neo-humboldtianas a sua fonte, que encontramos uma ênfase especial na concepção de que cada idioma, e especialmente a sua fraseologia, se relaciona intimamente com essa *Weltansicht*, que aproxima os membros de uma comunidade linguístico-cultural, na qual se fundam as suas crenças e que torna possível o entendimento mútuo. A linguagem e, em particular, o inventário fraseológico das línguas, é, pois, entendida como um meio de representar e transmitir cultura, um instrumento ao serviço da criação de uma identidade cultural colectiva (Teliya 1998; Teliya *et al.*, 2001).

É neste contexto que a noção de ‘estereótipo linguístico’ ganha especial relevância, pois ela define-se por ser, justamente, a fixação na linguagem desta visão do mundo,⁵ por constituir uma forma de memória colectiva que traduz um

sões marcadas pela rima, pela aliteração e assonância, a fraseologias com arcaísmos como componentes (os chamados “componentes únicos”) ou com uma morfossintaxe anómala.

⁵ “Stereotypes are the “building blocks” of the linguistic picture of the world. [...] Stereotypes are not restricted to knowledge and opinions about members of social groups, as in the common usage of the word and in social science and sociolinguistics research [...]. Rather, stereotyping is regarded a general mechanism of organising knowledge about entities (objects, acts, relations) in the world. Thus, stereotypes are viewed as a chiefly

fundo cultural partilhado (Baccouche 2003, 194). O que distancia a fraseologia dos diferentes idiomas não é, pois, como faz notar Mejri (2003, 209), a natureza do mecanismo estereotípico ou o seu modo de funcionamento, mas a escolha dos componentes das combinatórias que servem de suporte à representação do mundo. Sirvam de exemplo as chamadas *etnofraseologias*⁶ – fraseologias que integram etnónimos ou outras designações de grupos étnicos (adjectivos étnicos ou nomes próprios etnicamente relevantes) como formativos (Ivčenko 1998, 365) –, cuja análise se insere no quadro mais geral da investigação da estereotopia, uma vez que carregam, nas diversas línguas, uma visão ou apreciação particular de “si próprio” (auto-estereótipos) ou do “outro” (hetero-estereótipos):

- (3) (pt) O que faz um português fazem logo dois ou três; (fazer alg. coisa) À (boa maneira) portuguesa; Ver com as mãos como os espanhóis; Viver à grande e à francesa; Despedir-se à francesa; Pontualidade britânica; Ser um autêntico judeu; Quem mora com judeu cria rabo; Judeu e porco, algarvio e mouro, são quatro nações e oito canalhas; Nem cão negro nem moço galego; Duzentos galegos não fazem um homem; Pariu a galega!; Trabalhar como um mouro/galego;
- (4) (al) der deutsche Michel; stolz wie ein Spanier (sein); jmdm. spanisch vorkommen; jmdm. böhmisch vorkommen; für jdn. spanische Dörfer sein/für jdn./jmdm./böhmische Dörfer sein; sich [auf] französisch empfehlen/verabschieden; holländisch abfahren; mit englischer Ruhe; nicht die feine englische Art sein; sich polnisch verheiraten; voll wie ein Pole/Russe (sein); polnische Wirtschaft; geizig wie ein Schotte (sein); ein Lärm wie in einer Judenschule; nur keine jüdische Hast; handeln wie ein Jude;
- (5) (fr) Soûl comme un Polonais; Chercher une querelle d’Allemand; Filer à l’anglaise; (une) Ruse de Sioux; Fort comme un Turc;

cognitive phenomenon, with the evaluative function of enforcing in- and outgroups in the case of social stereotypes being secondary”. (Zinken 2004, 116)

⁶ Entre os diversos estudos já levados a cabo no âmbito das ‘etnofraseologias’, refiram-se, a título ilustrativo, Büchler 1995, Eismann 1995, Hose 1998, Schellbach-Kopra 1998, Winkler 1994 e Wotjak 1995.

- (6) (esp) Chistes alemanes; Celoso como un turco; Más bruto que un gallego; Engañar a alguien como a un chino; Hacerse el sueco; (Cuba) Trabajar para el inglés; Hacer el indio; Beber como un cosaco; Más tacaño que un judío; Más falso que un gitano.
- (7) (fin) Kylmä kuin ryssä helvetissa (“Frio como o inferno dos russos”).

Se algumas destas sequências exercem apenas uma função expressiva, não devendo entender-se como representações de etno-estereótipos – veja-se, por exemplo, (pt) *Para inglês ver*; *Ver-se grego*; (al) *jmdm. spanisch vorkommen*; *jmdm. böhmisch vorkommen*; *für jdn. spanische Dörfer sein/für jdn./jmdm./böhmische Dörfer sein* – outras há que “traem”, de facto, a forma como um determinado grupo étnico é avaliado pela comunidade. Em (pt) *Pontualidade britânica*, (al) *mit englischer Ruhe, nicht die feine englische Art sein*, (fr) *(Une) ruse de Sioux, Fort comme un Turc* revela-se uma imagem positiva do ‘outro’; um conjunto importante de etnofraseologias – uma grande parte já caída em desuso e cuja inclusão nos dicionários é evitada⁷ – veicula, todavia, preconceitos étnicos que a dado momento se enraizaram na comunidade, circunstância que leva Hose (1998, 361), numa secção de um seu artigo intitulada “Gerfährliche Sprache”, a lançar um alerta sobre o papel, também perverso, que a linguagem pode assumir:

Zugehörigkeit und Abgrenzung: ein Phänomen der kulturellen Differenzierung unter Volks- und Sprachgruppen, das einerseits zu deren Selbstfindung beiträgt, das andererseits aber auch die Gefahr eines neuen Nationalismus birgt. Sprache spielt dabei eine zweifache Rolle, als Kulturgut und als Medium.

As etnofraseologias, que se supõe serem um “universal fraseológico”, têm, pois, inegavelmente, a marca da ‘distância’.

⁷ Como testemunha, por exemplo, Ivčenko (1998, 366). Refira-se, a título de curiosidade, que a entrada “polnische Wirtschaft” no *Wiktionary* (http://de.wiktionary.org/wiki/polnische_Wirtschaft) inicia-se com o seguinte alerta: “Wichtiger Hinweis: Der Eintrag ist politisch unkorrekt und kann – je nach Zusammenhang und Kontext – als Beleidigung gewertet und rechtlich verfolgt werden”. (Sublinhados no original, F. A.).

O tema da ‘especificidade cultural’ das fraseologias e a tese de que há tantas visões do mundo quantas as línguas, como sustentava Humboldt, deverão, todavia, ser matizados. A concepção que temos do mundo não está vertida apenas nas línguas e, conseqüentemente, no seu património fraseológico: para além de um *Weltbild* linguístico, há também outros *Weltbilder*, outras formas de apreensão do real (uma apreensão científica da realidade, por exemplo, entre outras). Como sugere Eismann (1998, 23), o conhecimento de línguas estrangeiras, o exercício da tradução e o contraste de línguas podem contribuir para a relativização e para a discussão crítica desse conceito. De facto, e como a investigação vem atestando (cf. Reichstein 1981, 498, Eismann 1998, 22; Baránov and Dobrovols’kij 2009, 246, Piirainen 2008, 212), fraseologias como aquelas que comecei por apresentar ocupam uma posição marginal no Fraseoléxico dos idiomas e a chamada “especificidade cultural” circunscreve-se, no mais das vezes, à estrutura de superfície – materializada no tipo de componentes lexicais – e não tanto na dimensão semântica das combinatórias.⁸

Recuperando algumas dessas expressões – (al) *Wasser in {den Rhein + die Elbe + die Donau} tragen*; *Bier nach München tragen* –, impõe-se equacionar a sua natureza “específica”, isto é, a sua pertença “exclusiva” ao património linguístico do Alemão, uma vez que tais estruturas léxicas, portadoras do significado ‘acto redundante’,⁹ encontram em múltiplas línguas, construções equivalentes:

⁸ Ao referirem que, numa mesma língua, se podem encontrar expressões que revelam “directrices de valores opostos”, Baránov and Dobrovols’kij (2009, 248-249) concluem que “difícilmente se podem extraer conclusões xerais sobre a especificidade da mentalidade dun pobo co material fraseolóxico”. Uma tal situação é particularmente evidente na classe dos provérbios. Registe-se, a título de exemplo, a co-existência, em Português e em Alemão, respectivamente, de combinatórias como *A mulher e a sardinha querem-se da mais pequenina* vs. *A mulher e a sardinha querem-se da mais grandinha*; (al.) *Jung gefreit hat nie gereut* vs. *Jung gefreit hat gar oft gereut*.

⁹ Significado igualmente carregado pelos internacionalismos fraseológicos (al) *Eulen nach Athen tragen*; (ing) *To bring owls to Athens*; (fr) *Porter des chouettes à Minerve*; (it) *Portare nottole ad Atene*; (neerl) *Uilen naar Athene brengen/uilen naar Athene dragen*, com origem na expressão *Τίς γλαῦν' Ἀθήνας' ἤγαγεν* [“E quem levou uma coruja para Atenas?”], utilizada por uma das personagens de *Aves*, de Aristófanes.

- (8) (pt) Ensinar o Padre-Nosso ao vigário, Levar bananas para a Madeira; (esp) Vender miel al colmenero, Llevar bacalao a Noruega, Llevar hierro a Vizcaya; (cat) Portar aigua al mar; (it) Vendere frigoriferi agli esquimesi, Portare vasi a Samo, Portare l'acqua al mare; (ing) To carry coals to Newcastle; (ch) Nosit dříví do lesa (“Levar madeira para a floresta”); (húng) Dunába hord vizet (“Levar água para o Danúbio”); (rus) Тулу со своим самоваром не ездят [f-túlu sa-svaím samaváram ni-yézd’at] (“Não se vai a Tula com o próprio samovar”); (ár) يبيع الماء في حارة الساقيين [yabi’ al-ma’a fi haret assaqaien] (“Vender água no bairro dos aguadeiros”).

Um segundo conjunto de fraseologias, sinónimas de ‘nunca’, corroborará a ideia que aqui quero reforçar:

- (9) (pt) Quando as galinhas tiverem dentes, No dia de S. Nunca à Tarde; (esp) Cuando le crezcan pelo a las ranas; (al) Wenn Ostern und Pfingsten auf einen Tag fallen, Am Sankt Nimmerleinstag; (ing) When pigs fly; (rus) когда рак на горе свиснет [kagdá rak na-garé/na-garié svisnit] (“Quando a lagosta assobiar na montanha”); (rom) Când va face plopul pere și răchita micșunele (“Quando os choupos derem peras e o salgueiro goivos”); (alb) Kur të bjerë borë në muajin gusht (“Quando nevar em Agosto”); (ch) Až naprší a uschne (“Quando chover e ficar (tudo) seco”); (ár) لما يطلع الحمار على المادنة [lama yetla’ El-hmar ‘al medanel] (“Quando o burro chegar à tribuna da Mesquita) (Jordânia, Palestina, Líbano e Síria); (ár/Egipto) لما تشوف حلمة ودانك [lama tchouf halamet widanak] (“Quando vires o lóbulo da tua própria orelha); (Serv-Cr) “Quando nascerem uvas no pasto” (ex. de Földes 1996, 89); (vietn) “Quando os peixes desovarem em cima das árvores” (ex. de Földes 1996, 89); (húng) “Quando cair neve vermelha” (ex. de Földes, 1996, 89).

Construções como as que, a título de exemplo, aqui inventariei – e poderia continuar a importunar o/a leitor(a) com um sem-número de exemplos paralelos –, provenientes de línguas bem distintas e algumas sem parentesco genético, incluem, na sua realização concreta, diferentes “componentes culturais”,

por assim dizer; no entanto, o que se torna mais evidente é o modelo lógico-temático tipologicamente isomórfico que revelam (Földes 2005, 326-327). Noutras termos, não sendo idênticas de um ponto de vista do universo referencial para que remetem no plano literal, elas evidenciam – retomando a expressão do já aqui citado germanista húngaro – uma “*zwischen sprachlich-interkulturelle Invarianz*” (Földes 2005, 327), uma invariância interlinguística/intercultural. Considerá-las próximas ou distantes é um exercício semelhante àquele que levamos a cabo quando avaliamos o estado do copo – estará “meio cheio” ou apenas “meio vazio”? Como ajuizar, igualmente, a relação entre as seguintes colocações (uma subclasse de fraseologias) do Português e do Alemão?

(10) (pt) *uma diferença abissal*/(al) *ein himmelweiter Unterschied*.

Parafraseando: (pt) uma “diferença que é grande como a profundidade dos abismos do mar” ou (al) a “diferença que é grande como a lonjura dos céus”. São distantes ou próximas as colocações deste par de línguas? A resposta a esta questão dependerá daquilo que mais valorizarmos no confronto: a diferença que existe entre ‘abismo’ e ‘céu’ – componentes que designam entidades diametralmente opostas de um ponto de vista espacial –, levando-nos a afirmar que as construções são **distantes**, ou o facto de uma ‘diferença que é grande’ ser comparada, em ambas as línguas, aos dois espaços que mais se afastam da Terra, avaliando-as, assim, como construções surpreendentemente **próximas**. É em contextos como estes que a noção de *continuum* (entre os pólos ‘proximidade’ e ‘distância’) parece ganhar pertinência.

O conjunto de estruturas léxicas prefabricadas que apresentei em (8), (9) e (10) são, pois, testemunho de um amplo domínio de convergência no campo fraseológico dos diferentes idiomas, mesmo entre aqueles que, como sublinhei, são tipológica e geneticamente distantes. Uma tal ‘proximidade’ aponta não apenas para aspectos de confluência linguística, mas também para afinidades interculturais, ou, de um outro ângulo, para “*intersprachlich geformte Weltansichten*”, como referem Braun and Krallmann (1990, 86) num estudo incontornável sobre internacionalismos fraseológicos (“*Inter-Phraseologismen*”). O apuramento de traços de união entre a fraseologia das diversas línguas e, conseqüentemente, entre a mundivisão que transmitem, só é exequível mediante projectos em larga escala, sendo a abordagem de indole contrastiva um instrumento indispensável nesse processo de detecção. Socorro-me de Földes (1996, 11):

Während in den phraseologischen Arbeiten mit monolinguaem Ansatz immer wieder mit Vorliebe hervorgehoben wurde und z.T. noch heute hervorgehoben wird, dass “die Idiomatik das Allerheiligste einer Nationalsprache ist. Sie ist unwiederholbar” (...), zeigen demgegenüber sprachvergleichende Untersuchungen, daß die Phraseologie durch zahlreiche übereinzelsprachliche, mitunter universelle Merkmale gekennzeichnet ist.

A expansão dos estudos fraseológicos a um número crescente de línguas – línguas europeias e não-europeias, muitas delas tipologicamente distantes, e até há pouco tempo negligenciadas no que a este prisma da análise linguística diz respeito – permitiu uma reflexão empiricamente sustentada sobre elementos de ‘proximidade’ e ‘distância’ no património fraseológico dos diversos idiomas; os dados que vão sendo obtidos corroboram a ideia de que este componente do Léxico está longe de ser apenas o “reino do idiossincrático”. Numa das mais recentes obras sobre teoria fraseológica – agora editada em versão galega –, Baránov and Dobrovól’skij (2009, 243) lançam o alerta: “A atribución *a priori* de determinados trazos específicos nacionais á fraseoloxía dunha lingua resulta máis que cuestionable cando se analiza detidamente”. Chamando a atenção para o facto de nem todas as diferenças entre línguas serem “culturalmente relevantes” – apenas o são aquelas que não são casuais e que estão ligadas a códigos culturalmente condicionados (as fraseologias com numerais como componentes são disso um exemplo), os autores russos realçam o facto de que, tal como sucede como as outras unidades figurativo-metafóricas do Léxico, as fraseologias raramente possuem equivalentes absolutos noutras línguas, o que decorre não tanto da sua “especificidade nacional/cultural”, mas, fundamentalmente, de uma não-coincidência na técnica da designação (Baránov and Dobrovól’skij 2009, 144; 259ss). Neste mesmo sentido se manifesta Piirainen, que, sem negar o facto óbvio de que a linguagem é parte da ‘cultura’ e que esta se manifesta na fraseologia de qualquer língua – evocando, a título de exemplo, a relevância de fontes como o Alcorão ou o universo da Ópera de Pequim para a constituição da fraseologia árabe e chinesa, respectivamente (Piirainen 2008, 211) – a linguista sustenta que “the notion that phraseology is in some way a mirror of a national culture or a worldview is problematic” (*ibidem*, 208). Os resultados do projecto em

larga escala que esta investigadora dirige – *Widespread Idioms in Europe and Beyond*¹⁰ –, tendo como base empírica 80 línguas nacionais e regionais de toda a Europa (em sentido amplo: “do Atlântico aos Urais”), pertencentes a 5 famílias de línguas distintas e ainda tendo em conta línguas faladas fora do espaço europeu, como o Árabe, Chinês, Japonês, Coreano, Vietnamita, entre muitas outras, são testemunho de uma conjecturável, mas nunca antes corroborada, ‘proximidade’.

Em síntese: o confronto interlinguístico revela, pois, que, no terreno da fraseologia das línguas, para além de (i) construções que não dispõem de equivalente nem na cultura nem no sistema linguístico da outra comunidade – inclusivamente pela ausência do ‘objecto’ denotado (vejam-se os exemplos (1) e (2)) –, que são expressões que marcam a distância –, (ii) combinatórias que partilham um mesmo modelo lógico-temático (representadas pelos exemplos em (8), (9), e (10)) e ainda (iii) fraseologias equivalentes/congruentes, em maior ou menor grau (Földes 2005, 326-327). No que respeita a este último conjunto, respeitante a casos de equivalência e congruência interlinguística, que configuram a situação mais nítida de ‘proximidade’, não poderão deixar de ser trazidos à discussão os comumente chamados “internacionalismos fraseológicos” – conceito que, pelo seu “eurocentrismo”, Piirainen (2007, 178) rejeita em favor da expressão “locuções espalhadas”¹¹/“widespread idioms”. Estas estruturas estão, pois, presentes num elevadíssimo número de línguas, tradicionalmente qualificadas pela investigação fraseológica como “pertencentes ao mesmo círculo cultural”, isto é, a idiomas que assentam num fundo cultural/civilizacional comum, baseado em raízes (ou “discursos”) partilhadas. Entre as fontes mais frequentemente aduzidas, contam-se

¹⁰ Os ‘widespread idioms’ são assim definidos na página *web* do projecto: “*Widespread idioms*, or *WIs* for short, are idioms that “in consideration of the particular cultural and historical development” have the same or a similar lexical structure and the same figurative core meaning in various languages, including geographically distant and genetically unrelated languages”. Em <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de/?p=projektziele&lang=en>, a investigadora apresenta, de forma detalhada, os objectivos e resultados deste estudo em larga escala. Uma descrição pormenorizada pode igualmente ser encontrada em Piirainen 2007.

¹¹ Adopto aqui a designação utilizada pela autora no seu artigo em língua galega (Piirainen 2007) – “locucións espalladas”.

a Bíblia – (al.) *Berge versetzen*; (pt.) *mover montanhas*; (ing.) *to move mountains*; (fr.) *déplacer les montagnes* –, a Antiguidade Clássica – (pt.) *o cavalo de Tróia*; (al.) *das Trojanische Pferd*; (ing.) *Trojan horse*; (fr.) *le cheval de Troie* –, a Idade Média (e a sua mundivisão), o Latim medieval – (pt) *Todos os caminhos vão dar a Roma*; (ing) *All roads lead to Rome*; (al) *Alle Wege führen nach Rom* – o Humanismo, a Literatura Universal – (ing) *Elementary, my dear Watson*; (pt) *Elementar, meu caro Watson*; (al) *Elementar, mein lieber Watson*; (esp) *Elemental mi querido Watson*; (fr) *Elémentaire, mon cher Watson*; (it) *Elementare, mio caro Watson/Elementare, Watson*. Não negando a influência deste tipo de fontes – a maioria, “fontes textuais”¹² – na confluência da fraseologia de línguas cujas comunidades mais se aproximam geográfica e culturalmente, Piirainen (2007, 184ss) põe em causa a predominância do assim chamado “património cultural europeu de origem clássica e cristã” e da Literatura Universal na criação de “locações espalhadas”. A existência, em muitas línguas asiáticas, de fraseologias de origem bíblica, a importância do cinema – sobretudo dos *westerns* norte-americanos – como fonte textual que promoveu a dispersão de expressões num amplo leque de línguas europeias e não-europeias¹³ são alguns dos dados importantes já apurados no decurso do meritório projecto que lidera e a que já me reporteí.

Ao crescente processo de internacionalização do Léxico das línguas – responsável pela tendência cada vez maior para a convergência linguística, fruto de novas condições políticas, do novo mapa da Europa, da influência crescente do espaço cultural anglo-saxónico¹⁴ e sua divulgação à escala global pelos *media* (Mokienko 1998) e produto também de novas formas de comunicação “global” de base tecnológica – não escapa, naturalmente, um seu com-

¹² As únicas fontes que promovem o fenómeno raro da equivalência absoluta entre fraseologias das línguas, como sugerem Dobrovols’kij and Piirainen (2005, 62).

¹³ Como as que equivalem às expressões portuguesas *Enterrar/desenterrar o machado de guerra*, *O último dos moicanos*, *Estar em pé de guerra*, *Fumar o cachimbo da paz*.

¹⁴ Uma das conclusões, de certa forma surpreendentes, a que Piirainen chegou, no âmbito do já referido projecto “Widespread Idioms (...)” é a de que o papel da língua inglesa na dispersão de fraseologias tem sido sobrevalorizado. Contrariamente ao que se supunha, muitas fraseologias cuja origem tinha sido atribuída ao Inglês têm, de facto, outros idiomas como fonte (Piirainen 2007, 186s).

ponente: o Fraseoléxico. Ao abordarmos o tópico dos contactos linguísticos e culturais entre diferentes comunidades como génese dessa confluência, não poderemos deixar de reforçar a ideia de que nem sempre é possível detectar qual a língua/comunidade em que a fraseologia teve origem – a língua “doadora” – cabendo, pois, à Fraseologia Contrastiva diacrónica um papel de relevo na tarefa de apuramento dos “phraseologische Migrationswege”, dos percursos migratórios das fraseologias – conceito explorado por Földes (2005, 329). De entre os diferentes processos (empréstimos e decalques)¹⁵ mediante os quais se dá a transferência de expressões de uma língua para o Fraseoléxico de outra, caberá brevemente mencionar:

- (i) a transferência directa, com a manutenção dos formativos da língua de partida, sendo a expressão, conseqüentemente, usada na língua original – o caso das múltiplas expressões latinas e de outras línguas presentes na fraseologia das línguas (*in dubio pro reo, in vino veritas; la dolce vita; tête-à-tête; c'est la vie!; high society*);
- (ii) a transposição com a utilização de material linguístico da língua de chegada, mas no modelo da língua de partida (ing. *to give the green light* > al. *grünes Licht geben*, pt. *dar luz verde*, fr. *donner le feu vert*; fr. *faire la cour* > al. *jdm. den Hof machen*, pt. *fazer a corte*; ing. *iron curtain* > pt. *cortina de ferro*, al. *eiserner Vorhang*, pol. *żelazna kurtyna*) ou
- (iii) a transferência com adaptação ao contexto linguístico – formativos e modelo – e extralinguístico da língua de chegada: (al) *Deutsch mit jmdm. Reden*, (esp) *hablar (en) cristiano (con alg)*, (fr) *parler français*, (ing) *to speak plain English*, expressões que parecem ter, na locução latina *latine loqui* a sua origem.¹⁶

¹⁵ Sobre a questão dos empréstimos no domínio da fraseologia, cf., entre outros, Mellado Blanco 2006.

¹⁶ Esta expressão encontra-se, por exemplo, no prefácio do Livro I dos epigramas de Marcial: “Si quis tamen tam ambitiose tristis est, ut apud illum in nulla pagina **Latine loqui** fas sit, potest epistulavel potius titulo contentus esse”. Na tradução de José Luís Brandão: “Se alguém quer parecer tão austero que, junto dele, em nenhuma página, é lícito falar latim autêntico, pode contentar-se com a introdução, ou, antes, com o título”. Na nota à tradução, Cristina Pimentel confirma: “A expressão *latine loqui* pode também entender-se como 'chamar as coisas pelos nomes', 'não ter papas na língua', sem evitar vocábulos menos educados ou claramente obscenos”.

A fonte dos inúmeros paralelismos entre vastos sectores da fraseologia das línguas não se fica, contudo, apenas a dever ao mero acaso, a coincidências no processo de metaforização ou à pertença das comunidades linguísticas a uma “comunidade civilizacional” mais alargada que partilha “fontes textuais”, um sistema de crenças e valores, ou – numa perspectiva mais englobante – aos contactos linguístico-culturais que se estabelecem entre as diferentes comunidades, mais ou menos afastadas de um ponto de vista geográfico. Impõe-se, pois, uma menção aos “universais fraseológicos” – ou, mais cautelosamente, (quase-)universais, como os designa Dobrovol’skij (1989).¹⁷ Tal como a designação sugere, estes constituem traços de união entre falantes pertencentes a comunidades distantes de um ponto de vista geográfico e linguístico-cultural. De facto, as convergências/equivalências entre *corpora* fraseológicos das línguas podem ser produto de uma evolução paralela das comunidades linguísticas, que assenta (i) nas mesmas propriedades físicas (a mesma configuração e função do corpo e do organismo humanos, os mesmos gestos, uma mímica e movimentos corporais com um simbolismo universal, como sublinha Ěmirova (1998, 195), (ii) nas mesmas leis universais que regulam os processos emocionais e cognitivos (o corpo humano como ponto de partida nuclear para a orientação no espaço, os mesmos esquemas mentais, mecanismos metafórico e metonímicos, entre outros, que demonstram que há uma ‘universalidade semântica’ que decorre do pensamento por natureza associativo do ser humano, por exemplo) – trata-se em (i) e (ii) de uma universalidade biologicamente determinada¹⁸ –, (iii) em observações comuns do mundo envolvente (observação de fenómenos da natureza, por exemplo) e (iv) em experiências coincidentes (como o trabalho, entre outras facetas da vida social). De facto, parece consensual a ideia de que a própria formação de estruturas léxicas prefabricadas é um universal linguístico, sendo igualmente universal a preferência por determinados domínios de

¹⁷ Dobrovol’skij (1998, 153) justifica esta designação mais prudente com o facto de os dados linguísticos de que partiu para a análise empírica não permitirem que se fale de “universal”. A questão da “universalidade” na fraseologia é objecto de análise aprofundada em Dobrovol’skij 1988.

¹⁸ Sobre esta questão concreta, cf. Dobrovol’skij (1998, 153) e Ěmirova (1998, 194-195).

designação (ou esferas conceptuais), quais sejam as emoções (medo, amor e ódio, felicidade e infelicidade, engano, a cólera, etc.), o sucesso e o insucesso, a morte e a doença, as características físicas e psicológicas dos seres humanos, bem como a valoração de comportamentos e atitudes (predominantemente, uma valoração negativa)¹⁹ e da interacção social. Numa visão menos macroscópica, e no que toca aos tipos de elementos que figuram nestas expressões fixas e semifixas de natureza (quase-) universal, cabe sublinhar, por exemplo, que todos os idiomas integram fraseologias com componentes que designam partes do corpo, os chamados somatismos, facto que deflui, naturalmente, da já referida importância do corpo na relação do ser humano com o mundo envolvente, e que explica o valor simbólico que as suas partes assumem em todas as culturas. Um exemplo apenas: “*coração* como o lugar da bondade, da generosidade” (para além de outros valores simbólicos presentes em todas as línguas):

- (11) (pt) Ter bom coração; (esp) Tener (un) buen corazón; (fr) Avoir bon coeur; (it) Avere buon cuore; (ing) To have a good heart; (al) Ein gutes Herz haben; (ár) طيب القلب [taieb al-qalb] (“(ter) bom coração”); (jap) 心の優しい人 [Kokoro no yasashii hito] (“o coração gracioso, delicado, suave, doce, brando, bondoso, meigo, dócil, de uma pessoa”); (chi) 好心 [hao xin] (“bom coração”: “Ela é uma pessoa 好心” = uma boa pessoa); (rus) иметь большое сердце [im’ét’ bal’chóye sértse] (“ter grande coração”); (lit) geros ðirdies (“bom coração”).

Naturalmente que, de língua para língua, de cultura para cultura, pode variar o valor simbólico que se atribui a cada uma das partes do corpo, facto que tem reflexo na sua fraseologia.²⁰

¹⁹ Caberá, a este respeito, uma referência sumária à teoria exposta em Eismann (1998, 15), segundo a qual a predominância de “fraseologias negativas” (“negative Phraseologismen”) decorre de um mecanismo compensatório, uma vez que no Léxico univocal (i.e., no inventário das entidades monolexémicas) – e reflectindo a teoria de que há uma tendência humana para conceber o mundo de forma positiva – são predominantes os lexemas “positivos”.

²⁰ Apenas para dar um exemplo, entre muitos outros possíveis: em Português, ‘figado’ aponta para o ‘(mau) humor’ – *Ter maus figados*; em Francês, ‘foie(s)’ remete para

Universal (ou quase-universal) é igualmente a utilização frequente de fraseologias com componentes que designam animais (através das quais se caracterizam características e atitudes humanas), cores, numerais ou objectos do quotidiano. Constituem ainda universais a ter em consideração determinados modelos lógico-semânticos como a antítese, o modelo da identidade ou semelhança que opera na comparação e na metáfora, a hipérbole, entre outros (Földes, 1996, 98-99). Reportando-se aos modelos metafóricos quase-universais – que estão na base da formação de alguns idiomatismos e que comprovam as profundas regularidades conceptuais que são activadas na realização linguística (na “Versprachlichung”) de determinadas entidades, independentemente da especificidade da língua e da cultura – Dobrovols’kij (1998, 153) lembra que, quando o mesmo conceito é linguisticamente realizado, em diferentes línguas, através da mesma imagem de partida (a “Ausgangsvorstellung”), tal é um testemunho do carácter geral de determinados processos mentais na ontologização linguística do mundo. Como adianta, a título ilustrativo, o fraseologista russo, o grau de semelhança entre fraseologias de diferentes línguas é muito elevado no caso de afinidades baseadas no ‘biológico’. As emoções básicas (ira, alegria, o medo, etc.), por exemplo, são linguisticamente realizadas, num número significativo de línguas, através dos mesmos modelos metafóricos (Dobrovols’kij 1998, 153-155). Atente-se no modelo (i) “medo como frio” – (al) *kalte Füße bekommen/ kriegen, jmdm stockt/gefriert das Blut in den Adern*; (pt) *ter/sentir um arrepio/arrepios na espinha/gelar o sangue nas veias (a alguém)*; (esp) *no quedarle gota de sangre en las venas (a alguien)*; (cat) *restar glaçat*; (it) *sentirsi gelari il sangue nelle vene*; (fr) *donner froid dans le dos*; (ing) *someone’s blood runs cold, someone’s blood turns to ice, to chill/freeze someone’s spine/ To get chills down someone’s spine* e (ii) – “medo como fragilidade física” – (al) *weiche Knie haben/kriegen, (jmdm.) bleibt das Herz stehen*; (pt) *morrer de medo*; (fr) *mourir de peur*, (ing) *to have one’s heart in one’s mouth*,

o ‘medo’, para a ‘falta de coragem’ – *Avoir les foies (blancs)*; em Árabe, ‘fígado’ reenvia, entre outros valores simbólicos, para o “amor que os pais dedicam aos seus filhos” – *أطفالنا أكبادنا تمشي على الأرض* [Atfaluna akbaduna tamchi ‘ala al-ardi] (“As nossas crianças são os nossos fígados que andam na terra”). Verificamos que, no Árabe, ‘fígado’ assume um sentido próximo de “entranhas”. Sobre os valores convergentes e divergentes do elemento ‘fígado’ na fraseologia árabe e francesa, cf. Mejri (2003, 209ss).

*to have/get butterflies in one's stomach, someone's knees knock (together).*²¹ Na sua leitura literal, este tipo de expressões reproduz as alterações de funções vitais, a fragilidade no funcionamento de certos órgãos e membros do corpo, sintomas que todos os seres humanos experimentam perante o sentimento de 'medo'. Estamos, pois, face a modelos metafóricos que se baseiam em sintomas fisiológicos relevantes e que, dada a sua natureza biológica, serão provavelmente universais (Dobrovól'skij 1998, 155).²²

Ao terminar com uma reflexão sobre a universalidade do fenómeno fraseológico, acentuando a proximidade em detrimento da distância, estou a dizer, com Braun and Krallmann (1990, 75), que, perante os dados empíricos que nos são dados observar, "sind die Fremdsprachen offenbar gar nicht so fremd". Num mundo em que a comunicação eficaz entre falantes com distintas coordenadas linguístico-culturais de partida assume especial relevância, não quis deixar de aproveitar esta oportunidade para demonstrar que, para além de Babel (a "bênção" a que se refere George Steiner), existe um riquíssimo património linguístico partilhado que pode assumir-se como um promotor da proximidade e ao qual, também por motivos de responsabilidade ético-política a que a ciência não deve furtar-se, a Linguística deve quase obrigatoriamente dedicar a sua atenção.

Referências bibliográficas

Ágel, Vilmos. 2004. Phraseologismus als (valenz)syntaktischer Normalfall. In: *Wortverbindungen – mehr oder weniger fest*. Edited by Kathrin Steyer. Institut für Deutsche Sprache, Jahrbuch 2003. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 65-86.

Baccouche, Moufida Ghariani. 2003. Repères historico-géographiques de l'idiomaticité: approche contrastive. In: *Flut von Texten – Vielfalt der Kulturen. Ascona 2001 zur Methodologie und Kulturspezifität der Phraseologie*. Edited by Harald Burger, Annelies Häcki Buhofer, and Gertrud Gréciano. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, 193-201.

Baránov, Anatolij, and Dmitrij Dobrovól'skij. 2009. *Aspectos teóricos da fraseología*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.

Braun, Peter, and Dieter Krallmann. 1990. Inter-Phraseologismen in europäischen Sprachen. In: *Internationalismen. Studien zur interlingualen Lexikologie und Lexikographie*. Edited by Peter Braun, Burkhard Schaefer, and Johannes Volmert. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 74-86.

²¹ De sublinhar que entre estes dois modelos destacados por Dobrovól'skij, "medo como frio" e "medo como fragilidade física", não é possível traçar fronteiras rígidas.

²² Sobre o tratamento do 'medo' em unidades fraseológicas, veja-se igualmente Pamies and Iñesta (2000).

Büchler, Karin. 1995. Negativ(be)wertung im Deutschen und Spanischen. Sprachsystematische Bewertungsindikatoren. *Beiträge zur Fremdsprachenvermittlung* 29 (1995) (Sprachlehrinstitut Universität Konstanz): 53-70. Also available online at http://kops.uib.uni-konstanz.de/volltexte/2000/438/pdf/438_1.pdf (accessed November 25, 2009).

Dobrovol'skij, Dmitrij. 1988. *Phraseologie als Objekt der Universalienlinguistik*. Leipzig: VEB Enzyklopädie Verlag.

Dobrovol'skij, Dmitrij. 1989. Zum Verhältniss des Universellen und Einzelsprachspezifischen in der Idiomatik (kognitivsemantische Aspekte). In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 151-163.

Dobrovol'skij, Dmitrij, and Elisabeth Piirainen. 2005. On The Cross-Linguistic Equivalence of Idioms. In: *Figurative Language. Cross-Cultural and Cross-linguistic Perspectives*. Edited by Dmitrij Dobrovol'skij and Elisabeth Piirainen. Oxford: Elsevier, 55-78.

Ėmirova, Adile. 1998. Kontrastive Analyse somatischer Phraseologie im Russischen und Krimtatarischen. In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 191-199.

Eismann, Wolfgang. 1995. Nationales Stereotyp und sprachliches Klischee. Deutsche Und Slawen im Lichte ihrer Phraseologie und Parömiologie. In: *EUROPHRAS 92 – Tendenzen der Phraseologieforschung*, Edited by Barbara Sandig. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 81-107.

Eismann, Wolfgang. 1998. Einige Probleme und Perspektiven der kontrastiven Phraseologie. Statt einer Einleitung. In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 1-30.

Fleischer, Wolfgang. 1997. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*. 2nd ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Földes, Csaba. 1996. *Deutsche Phraseologie kontrastiv: intra- und interlinguale Zugänge*. Heidelberg: Groos.

Földes, Csaba. 2005. Kulturgeschichte, Kulturwissenschaft und Phraseologie: Deutsch-ungarische Beziehungen. In: *Deutsche Wortforschung als Kulturgeschichte. Beiträge des Internationalen Symposiums aus Anlass des 90-jährigen Bestandes der Wörterbuchkanzlei der Österreichischen Akademie der Wissenschaften* (Wien, 25.-27. September 2003). Edited by Isolde Hausner and Peter Wiesinger (with the collaboration of Katharina Korecky-Kröll). Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 323-345.

Gottsched, Johann Christoph. 1978. *Ausgewählte Werke*. Bd. 8, Teil 2, Deutsche Sprachkunst. Edited by P. M. Mitchel; bearb. von Herbert Penzl. Berlin, New York: Walter de Gruyter.

Herbermann, Clemens-Peter. 2002. Das Wort als lexikalische Einheit. In: *Lexikologie/Lexikology. Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen/An international handbook on the nature and structure of words and vocabularies*, 21/Volume 1 (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft/Handbooks of Linguistics and Communication Science [HSK]). Edited by David Alan Cruse, Franz Hundsnurscher, Michael Job, and Peter Rolf Lutzeier. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 14-33.

Hose, Susanne. 1998. Zugehörigkeit und Abgrenzung mittels sprachlicher Klischees. Über die Nachbarschaft von Sorben und Deutschen in der Lausitz. In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 352-363.

Ivčenko, Anatolij. 1998. Auffassung und Bewertung der Juden in der slawischen Phraseologie (am Beispiel der ost- und westslawischen Sprachen). In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie*

im Vergleich: *Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 365-376.

Leão, Delfim Ferreira, José Luís Brandão, and Paulo Sérgio Ferreira. trans. 2004. *Marcial. Epigramas*. Vol. IV (livros 10-14). Introdução e notas de Cristina Pimentel. Lisboa: Edições 70.

Mejri, Salah. 2003. La stéréotypie du corps dans la phraseologie: approche contrastive. In: *Flut von Texten – Vielfalt der Kulturen. Ascona 2001 zur Methodologie und Kulturspezifität der Phraseologie*. Edited by Harald Burger, Annelies Häcki Buhofer, and Gertrud Gréciano. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, 203-217.

Mel'čuk, Igor. 2001. Collocations and Lexical Functions. In: *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Edited by Cowie, A. P. Oxford: Oxford University Press, 23-53.

Mellado Blanco, Carmen. 2006. Los préstamos en la fraseología: de lo nacional a lo transnacional. In: *Perspectives fonctionnelles: emprunts, économie et variation dans les langues*. Edited by Montserrat López Díaz and M. Montes López. Lugo: Axac, 129-135.

Mokienko, Valerij. 1998. Phraseologisierung von Europäismen oder Europäisierung von Phraseologismen? Divergente und konvergente Prozesse in phraseologischen Systemen europäischer Sprachen". In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 539-555.

Pamies Bertrán, Antonio, and Eva Iñesta Mena. (2000). El miedo en las unidades fraseológicas: enfoque interlingüístico. *Language Design* 3: 41-76. Also available online at http://elies.rediris.es/Language_Design/LD4/pamies.pdf (accessed November 22, 2009).

Piirainen, Elisabeth. 2007. Locuciones espalladas por Europa e más alá. *Cadernos de Fraseología Galega* 9: 173-193.

Piirainen, Elisabeth. 2008. Figurative Phraseology and Culture. In: *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Edited by Sylviane Granger and Fanny Meunier. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 207-228.

Reichstein, Aleksandr D. 1981. Ebenen der konfrontativen Analyse deutscher und russischer Phraseologie. *Wissenschaftliche Zeitschrift der Karl-Marx-Universität Leipzig/GSR* 30: 494-498.

Schellbach-Kopra, Ingrid. 1998. Zu Ethnonym und Ethnostereotyp in der finnischen Phraseologie. In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 743-754.

Telija, Veronika. 1998. Phraseological Entities as a Language of Culture. In: *EUROPHRAS 95 – Europäische Phraseologie im Vergleich: Gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Edited by Wolfgang Eismann. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 783-794.

Teliya, Veronika, Natalya Bragina, Elena Oparina, and Irina Sandomirskaya. 2001. Phraseology as a Language of Culture: Its Role in the Representation of a Collective Mentality. In: *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Edited by A. P. Cowie, Oxford: Oxford University Press, 55-75.

Winkler, Andreas. 1994. Ethnische Schimpfwörter und übertragener Gebrauch von Ethnika. *Muttersprache* 4: 320-337.

Wojtak, Gerd. 1995. „Filer à l'anglaise". Völkerbezeichnungen (VB) in onymischen Phraseologismen des Französischen, Spanischen und Deutschen. In: *Konvergenz und Divergenz in den romanischen Sprachen. Romanistisches Kolloquium VIII*. Edited by Wolfgang Dahmen, Günter Holtus, Johannes Kramer, Michael Metzeltin, Wolfgang Schweickard, and Otto Winkelmann. Tübingen: Gunter Narr, 269-283.

Zinken, Jörg. 2004. Metaphors, stereotypes, and the linguistic picture of the world: Impulses from the Ethnolinguistic School of Lublin. *metaphorik.de* (07/2004): 115-136. <http://www.metaphorik.de/07/zinken.pdf> (accessed November 20, 2009).

Communication today: proximity, distance, and the mind in-between

ANA MARGARIDA ABRANTES*

Introduction

Imagine this coffee shop. Two friends sitting at a table, each holding a cell phone, texting away to other friends that are not there, and alienated from each other as they do it. A couple of tables away, someone updates their Facebook status and leaves a comment on the status of friends. A few steps further, a girl talks to a friend over Skype, and from the screen you see that it is already dark on the other end: the friend is talking from the future, from the day after, so to say. A man sits on a couch in this coffee shop, and actually reads a book, while across from him a couple engages in a heated discussion. And, by the way, this coffee shop is located in Second Life.

Granted, the scenario is overstated, but it suits our purpose of illustrating how diversified our contemporary forms of communication are, how they co-exist with traditional ones, and how the whole spectrum of media and formats challenges well-established dichotomies, such as spatial, temporal or cultural proximity vs. distance, oral vs. written media, situational immediacy vs. contextual gap. When the boundaries become fuzzy, the territories intertwine. A straightforward categorization of these new forms of communicative interpersonal interaction is no longer easy, and instead both sociolinguistics and discourse analysis propose new models and methods to accommodate such hybrids in a continuous scale, as an alternative to classifying them in terms of hermetic and static categories. In these models, like the one proposed by Koch and Oesterreicher in 1985, proximity and distance in communication are correlated with conceptual and effective or actual medium or channel of linguistic expression

* Universidade Católica Portuguesa / CECC

and semantic conveyance. An utterance may be medially written, in the sense that it is graphically realized, instead of being produced in the form of sound shape, and yet it is conceptually oral (e.g. a postcard one writes to a friend). Certain utterances are conceptually written and yet conveyed orally (e.g. a political speech, the news or a declarative speech act, like a presidential inauguration). All language forms and acts integrate some part of a scale defined by these two parameters of variation: medially written, vs. medially oral; conceptually written vs. conceptually oral.

Models like Koch&Oesterreicher's are descriptive and classificatory, in the sense that they depart from discourse segments as products, i.e., as extant interactions. In what we view as a compatible approach, we propose here to move one step back and inquire what the cognitive conditions are that make the ever new formats of communicative interaction – just as the ones at our initial Second Life café – both possible and meaningful. In this sense, our use of the word *conceptual* varies somewhat. Conceptual means in our terms produced by the human mind, determined as it is by both the neural correlates of cognition (the brain and its processes) and the environment in which the mind happens to unfold in the course of a lifetime and in a synergy with other minds (culture).

I. Proximity and distance in communication: dimensions

Proximity and distance are spatial concepts. With regard to communication, they indicate first and foremost the spatial location of the communication partners with respect to each other: they inhabit the same space, address each other and mutually attend to the same object in focus, as it is expressed in their communicative interaction, or they are located in different, more or less distant spaces.

This spatial condition of proximity vs. distance constrains an eventual communicative interaction in various ways: before technologies such as the telephone, radio, live stream television or video messaging, oral communication at distance was not possible, and spatial distance meant also medial distance: in order to communicate with distant partners, a symbolic system of representation is needed; writing replaces oral mediacy.

Writing is not only an obvious need for communication between distant partners, but it is essential for the communication that involves a plural interlocutor. The fixation of a message in writing enables its permanence beyond the moment in which it is uttered. Medial proximity and distance unfolds into temporal proximity and distance: oral exchanges are bound to their immediacy, while written exchanges are lasting and can be read and viewed over and over again. In this sense, the content of a written message, by both its permanent availability and iterative access, is not only just *once* the case, but instead it is *always* the case, or at least as often as the message is accessed or instantiated. And something that is not only once the case, or was yesterday the case, but can be the case each time it is considered, simply IS the case. In this sense, written mediation correlates with temporal distance, and moreover it instantiates authority, and thus a new correlation is established. Medially written communication is deontic, as its format binds the interlocutors to its contents in a more forceful way than oral communication allows.¹ Thus, for example, a promise has no more than personal honor to bind its utterer. When it is fixed in writing (often formulated in the third person, i.e. with a different epistemic stance), it becomes an agreement, which again requires the signature of both the agent and the addressee (i.e. the promiser and the promisee), in order to be accepted as valid. This is as much the case of a house selling contract as it is of a wedding ceremony.

Written-mediated communication also tends to be more distant in an emotional sense: there is little emotion involved in a house selling agreement, which is a pragmatic, functional communicative act. And as for the wedding ceremony, its emotional content requires an oral address: even if it is the documented agreement that makes the new status official in the

¹ One could object and say that a spoken word is no less forceful. Suffice to think of a situation in which a spoken word can no longer be taken back; it can effect a dramatic change in the interaction itself and moreover in the way the interlocutors relate to each other. The scope is primarily restricted to the interlocutors and the context is emotional. In the written example this personal proximity is very often in-existent: the actual authorship of a text of law, for example, is not its most relevant feature.

community, it does not replace the emotional bond conveyed in the oral exchange of vows. In this case the orally mediated utterance essentially validates for the two partners and the small community of guests, what the written agreement makes official for society at large.²

Therefore, both written and oral mediated communication is ritualistic, even if the rituals they establish have different validity. These rituals are profoundly different, first and foremost with respect to the degree of emotional involvement.

Summing up so far, proximity and distance are spatial notions, which are used metaphorically to denote temporal simultaneity vs. delay, emotional involvement vs. deontic distance.

Certainly the previous considerations relate to default scenarios of communication. In fact, interaction unfolds in many more formats than these dichotomies can accommodate. Even traditional formats such as novels, love letters, public speeches, resist the categorization in terms of the distinct polarities mentioned. New formats of communicative interaction challenge this categorization even further. E-mail, instant messaging, video messaging, chat, and even more the virtual interaction between avatars on Second Life truly extend what the sociologist Marc Augé (1992) had defined as the features of modernity: an excess of space (or put differently the shrinkage of the globe), which easier and more frequent travelling has enabled; an excess of time, i.e. an overflow of the present that overrides history; and an excess of individuality, in the sense that all acts of (public) communication seem

² An objection could be made here with respect to the difference between functional or pragmatic exchanges, on the one hand, and aesthetic acts of communication, such as literary texts, on the other hand. The latter may be temporally distant, they may an authoritative character, in the same sense as written functional interactions, yet by their own aesthetic nature they are emotionally proximal, as their subject is a particular facet of the human condition. The existential relevance of their topics renders aesthetic texts by inherence a unique status. Nonetheless, even here the boundaries are fuzzy, as the features of oral mediation become more visible in aesthetic texts. Poetry, for instance, comes close to oral exchange already at the level of form: rhyme and rhythm resonate in writing what prosody and intonation do in orality. These features render visible the close relation between language and music. And like music, aesthetic texts trigger an emotional involvement which is missing from pragmatic interactions.

to be targeted at the individual addressee, as suggested for example, by contemporary forms of advertisement. Augé's considerations of these features of "supermodernity" were meant as the context, in which to frame what he called "non-places", transient locations, which do not hold the significance required to be conceptualized as instantiations of space.

Computer-mediated communication, as in the formats we mentioned at the beginning, can in a way be regarded as an extension of that supermodernity, as a "non-place" of communication. These formats are not only mediably oral and written, but by their inherent virtual nature they challenge the significance of the medium itself as a place where communication occurs.

Thus, instead of clear-cut distinctions and categories, a model for the classification of communication forms rather requires a scalar continuum.

2. Proximity, distance and culture

Whenever we consider spatial and temporal proximity and distance in communication, we are also dealing with referential issues and with common ground, i.e. with some form of cultural proximity and cultural distance. This distinction is more difficult to establish, because it involves the concept of culture, which is hardly amenable to a consensual definition.

Drawing on both structural anthropology and cognitive science (particularly related to social cognition), the cognitive semiotician Per Aage Brandt (in press) proposes "a minimal architectonic model grounded in the elementary set of semantic distinctions that are universally shared by human communities: work, love, and worship", i.e. a political, a domestic and a sacred sphere of communal life. These domains translate into three different structural layers: a layer of functional societal structures (institutions, education systems, defense, contact with other societal group, technology, etc.), "sandwiched" between a layer of material culture (inter-subjective behavior, kinship configurations, ways of doing things, like cooking or healing, language), and an immaterial culture (beliefs, rituals related to those, music and arts). While societal functions are permeable and elastic, stretching to other societies, e.g. for improving production techniques, the vertical axis that connects material with immaterial culture is fixed. This way, tensions easily arise, as they have throughout history, between the ethnic identity

of the axis love-worship and the elasticity of the domain of work (“dramatic conflicts between (vertical) ethnic passions and (horizontal) pragmatism” (Brandt: *ibid*) consequently arise.

The vertical axis of material and immaterial culture determines the ethnic identity of groups, which is both a qualitative and a numerical identity, one framed by a boundary of inclusion (sameness shared by the members) and exclusion (difference, exclusivity with respect to other identities). While societal functions – production, forms of communication, institutional praxis – can be learned and integrated at any point (and is more and more the case due to the conditions of modernity we mentioned before), subjects however experience the vertical axis of material and immaterial culture in which they grow up as emotionally binding, as the essence of their own being, the sense of belonging, which they are not willing to lose. Tensions between vertical identities can therefore easily arise between groups in multicultural societies, even if the societal functions are still carried out and ensured.

The acquisition of these layers of culture, i.e. of both the identity binding material and immaterial layers and of a primary setting of societal functions, is made possible by a structure in human cognition which the cognitive scientist Leonard Talmy names the *cognitive culture system*. Cultures depend both on this individual cultural system, which allows the acquisition, exercise and imparting of culture, and the collective synergy of equally equipped minds, acquiring the same cultural contents.

In an analogy with language acquisition, Talmy suggests that this individual system has a developmental threshold at around 15 years of age, beyond which culture can still be acquired, but always against the background (i.e. conditioned by the difference) of the primary culture. If we combine Brandt’s and Talmy’s theories, we could say that the vertical axis contains those aspects of culture that are subject to that developmental threshold; beyond that age, other material and immaterial cultures may still be acquired, but they are not emotionally binding or identity fixating in the same way. On the other hand, societal functions (from technology of production to institutional learning and new forms of communication) can be acquired, modulated, expanded at any time, by a process of learning.

Defined against this background, cultural proximity and distance is therefore understood with respect to the boundaries that enclose and distinguish

these vertical oriented cultural groups: it is manifested in both the referential content and in common ground required for sense-making in interaction, as well as in co-speech rituals that frame the exchange (e.g. rituals of address).

We mentioned before that the tension between the two axes of culture, and moreover between co-existing vertical identities can often lead to heated conflicts. But proximity (in the sense of cultural identification) and distance (in the sense of exclusion) can be manifested in more harmless communicative situations. An example is provided with this billboard we can see all around Lisbon these days.³



The text reads:

“Só nós comemos os Sonhos. Um cartão para as tentações de Natal ou realizar os sonhos para o Ano Novo. Saber que há coisas que são só portuguesas não tem preço.”

³ December 2009.

[Only we eat our dreams. A card for Christmas temptations or for fulfilling dreams for the New Year. Knowing that some things are only Portuguese is priceless.]

Specific cultural knowledge related to celebratory rituals is required to make sense of this ad (particularly of its image): besides the most direct meaning of ‘dreams’, “sonhos” is also the name given to the depicted treats that are traditionally eaten at Christmas time in Portugal. Moreover, the ad builds on the national(istic) identity of this plural inclusive agent, which is homogeneous also in the way it excludes others from the club (it is qualitative – Portuguesehood; and numerical – we are Portuguese). We may notice how the sentence without the adverb “só” (‘only’), would lack this mark of a critical identity boundary. The third sentence of the ad insists on this idea: “some things are only Portuguese”, i.e. exclusively “ours”. The ad goes even further: it maps this mark of ethnic identity onto the corporate image of Mastercard, an institution that actually belongs to the horizontal axis of culture (societal functions): Mastercard instantiates itself as the sponsor of Portuguesehood, so to say. And since the ethnic identity is strongly emotional, as we saw, chances are that the ad will sell and Mastercard will rule among all cards, in the country. This, at least, is what the company intends with the ad.

The condition of cultural proximity and distance not only determines the relation of the interlocutors to the referential content (in terms of familiarity or strangeness), but first and foremost it establishes the ground in which communication occurs in the first place.

Before closing this section, it is worthwhile to mention translation as a strategic area of cultural encounter, which challenges the conflict potential of co-existing ethnic identities. The importance of translation as an endowment for understanding, instead of distinction or exclusion, in other words as a condition of proximity, has been mentioned often during these two days and continues to be a strategic area for our common research line.⁴

⁴ We refer to *Translating Europe Across the Ages*, the research line of the Research Center for Communication and Culture (CECC), the I&D unit of the Faculty of Human Sciences of the Catholic University of Portugal, which hosted the conference where this paper was first presented.

3. Proximity, distance and language(s)

Language is not primarily referential, it is less a means for expressing what is out there in the world than a medium for conveying a mental image, a representation held by a speaker, who has a certain view of the world and experience he wishes to share with a fellow subject. When communication works, the hearer can claim the he “sees what the speaker means”; in other words, through linguistic signs, the speaker manages to externalize through communication what he held thence far as an inner image of some content of experience. Language is in this case the bridge from cognition to communication and from communication back to cognition.

But the communicational end of this bridge is full of signs, which are not necessarily linguistic. Music notes and mathematical notation are two further symbolic ways of writing and conveying the contents of thought. Certainly they convey these contents in a different way: music, for example, is not referential in the same way language can be, or even as mathematical notation is; music is essentially self-referential: we can repeat a refrain in a piece of music, but this repetition is a quotation, rather than a reference. We cannot do demonstratives in music, nor convey a counterfactual scenario or a time in the past. Music is essentially predicative, and directly connected with emotional values. That is why we claim that music speaks straight to our heart: by not referring to a reality in particular, but being the essential predication of that reality, music induces us to conceptually and emotionally experience that predicative quality, in its pure essence.

Sometimes, these semiotic bridges between thought and communication blend in expression. Language, for example, is musical in more than one way, and its musical elements convey just as significant meaning as do the purely linguistic units: intonation, stress, dialogical rhythms and the emotionally laden styles of phrasing (e.g. staccato for negation) are examples of these foundational elements in the production of meaning in oral exchanges, parallel to linguistic signs (other such signs are co-speech gestures; or even the absence of a sign, which can also be a sign in itself). These suprasementals are only vaguely conveyed in written language, namely through punctuation. New computer mediated formats seek to compensate for their absence by introducing emoticons, icons based on a relation of similarity, which aim at reproducing the facial expression that the speaker

would ideally make while uttering making an utterance, and thus predicating its content with an attitude or evaluative marker.

Other compensating strategies are acronyms such as “lol” (laughing out loud), which introduce a curious element: they are different from interjections or onomatopoeic markers, because they are not the expression itself (the laughter) but the narration of this laughter. The speaker (or rather writer) thus assumes a dual perspective: the first person view, inherent to the immediate participation in the interaction, and an Olympic perspective, that of an observer of the exchange and of his own role and participation in it. So, the written medium compensates for the emotional distance by calling up its own strategy of proximity: the narrative mode of storytelling. The speaker is thus both proximal towards the interlocutor, and distant towards himself and the situation.

One further way in which music traces in language are an important element for establishing proximity (linguistic as much as emotional) is through the special category of names. Unlike nouns, which aim at a schematic categorization of objects in the world, names are geared towards individuality. Names make it possible to conceptualize an entity as unique, radically individual, and thus to connect emotionally to this numerical singularity. Names are in this sense markers of emotional proximity. This may explain why even in virtual environments – from traditional chat nicks to Second Life avatar IDs – they are a necessary marker of identity, a predication of the anonymous individual, or whoever he wishes others to perceive in him.

4. Proximity as a cognitive condition

Proximity and distance can finally also be understood in cognitive terms. Mental proximity, in the sense of an intersubjective mental attunement, is a condition for the communicative interaction to take place in the first place, an interaction then defined in terms of the spatial, temporal, cultural and emotional proximity or distance between partners.

If language, as we mentioned, is a privileged bridge between cognition and communication, the next question is: why do we share in communicative interactions our mental representations of the world and of experience? Some cognitive processes seem to be active in this mental proximity from a

young age, tuning us to attend to intentional others. Among these processes is what in cognitive science has been described as *Theory of Mind*, namely the capacity we have of understanding others as having a mind that is structured very much like our own⁵. When we observe the gestures and attend to the expressions of others, we are able to infer their mental states and their intentions, because we engage in a mental simulation of both the actions that lead to those behaviors and those that we expect to occur afterward, as an intended sequence. This fine attunement through simulation is very efficient: we are able to predict what others think and intend with a high degree of accuracy. One manifestation of this in communication is an indirect speech act, such as a constative statement that hides a request (“it’s quite cold in this room”). Communication becomes more efficient because it offloads the need to be accurate and explicit to this sophisticated form of mind reading.

What is intriguing about this mental empathy is that it actually correlates to structures and processes in the physical brain. The experiments conducted by Giacomo Rizzolatti and his team in the late 1990s led to the discovery in primates of an area in the brain where observed behavior and expected subsequent action is simulated: the cells responsible for this simulation soon became popular in cognitive neuroscience as the mirror neurons⁶.

⁵ The term was first coined by Premack and Woodruff in a 1978 paper on chimpanzees’ ability for deception.

⁶ This discovery by Rizzolatti and his team is based on invasive experiments on macaque monkeys (Rizzolatti 2008). By placing electrodes in the ventral premotor cortex, the researchers were able to trace single cell activity of neurons related with the control of hand movements. In essence, what they found out was that the same neurons discharge both when an action is performed and when the same action is observed (i.e. performed by another). The implications of this discovery are considerable: it provides a neurophysiological correlate for important cognitive processes, such as imitation and learning, understanding of intentional behavior, or empathy, and it can also inform research of pathological conditions such as autism. In humans single cell recording, because it is an invasive procedure, has been replaced by fMRI, which however enables only far less accurate recording of cell activity. Only very recently the first recording of single cell activity was conducted, namely on patients who were being treated with implanted electrodes for epilepsy related conditions (Mukamel, Roy et al., 2010). So far, one important observation is that in humans mirror neurons are present in many areas of the human brain.

This discovery was exciting for the scientific community, because it revealed how the brain and the mind are two different but interdependent parts of the same system, and moreover it meant a breakthrough in the research of mental phenomena, which had been more amenable to philosophical inquiry than to empirical research.

On a related note, the evolutionary psychologist Michael Tomasello has described at length what he names “shared intentionality”, which “involves, most basically, the ability to create with others joint intentions and joint commitments in cooperative endeavors” (2008: xiii) This shared intentionality is foundational for human cultural progress and has determined in evolution the cognitive unfolding of the species as culturally based. The capacity to read intentions across subjects and to engaged in forms of intersubjective cooperation goes back both to the unique conditions of the human brain (a brain with, for example, mirror neurons), and even more peculiarly to the unique synergy of brains manifested in culture.

In cognitive terms, proximity may thus be understood as a form of cooperative and efficient mind reading, which is then expressed in various forms of human interaction.

“We have evolved to connect deeply with other human beings”, to borrow the words of the neuroscientist Marco Iacoboni (2008). Our brains thus create the conditions for our minds to perform this connection. In this sense, we are naturally wired for cooperation, also for communicative cooperation and for this reason we are geared to challenge the different forms of distance by reinventing new ways of proximity. Even in scenarios like the virtual coffee shop we mentioned at the beginning, all different scenes of communication are to some degree proximal, bringing together interlocutors across space, time or culture to the act of sharing views on the world and experience.

One further aspect pertaining to human communication is theatricality, a mode of showing, of staging the self in a role and the concept of the interlocutor as the audience in a communicative interaction. This process involves a momentary suspension of the immediate spatio-temporal context of the actual ongoing exchange, enabling the mutually aware attending to a performance in focus. Forms of theatricality in communication, either written or spoken, range from direct quotation, over embedded speech acts as predications (e.g. “a I-have-a-dream kind of speech”), or an embedded communicative act introduced

by the adverb “like” (e.g. “And he was like, ‘gee, what have you done?’”), i.e. in a scale that extends from explicitly marked quotation to instances of fictive interaction⁷. New formats of communication and interpersonal interaction, of which Second Life would be an evident example, do not challenge these cognitive and communicative formats. In fact, quite the opposite is the case: the virtual scenarios and the interacting avatars are a cognitive offload for this theatricality. Inner mental representations are not just conveyed in communication, but materialized in an interactive scenario amenable to perception. And even the virtual nature of such communicative scenarios does not in essence constitute a format novelty or a particular cognitive challenge: suffice to think of child play, of literary texts or dramatic stagings, of imaginary childhood friends and even of certain facets of language – from the subjunctive mode to conditional complex sentences – to see that what we now name virtual is in fact an extension of the counter-factual, a prevalent mode of thinking.

The question we ask in the end of these reflections is how much our cultural and technological creativity is challenging and determining the way we communicate and even the way we think, i.e. both the linguistic or semiotic and the cognitive systems. The answer we attempt is that this challenge is not as incommensurable as the diversity and prevalence of the new media may suggest. We cope with these interactive novelties because these forms of communication, regardless of their implications for the social and cultural life, rely on well established cognitive principles by which we organize and make sense of our individual perceptions of reality and of other minds. Only this way is the vertiginous proliferation of ever new interactive formats and media possible, in the first place.

Undoubtedly, proximity and distance, written and oral (even visual) are reshaped by ever new forms and scenarios of communication. Proximity seems nowadays to be more related with affective and situational affinity, which transcends spatial constraints, and distance seems to be expressed as virtuality, or counterfactuality, and not only as absence.

If questions arise as to these new formats of interaction, they rather pertain to the cultural and social implications of the so established communica-

⁷ As described by Esther Pascual (2002).

tion than to the cognitive foundation upon which they rely. The new media are definitely challenging and changing our communication routines and thus also our culture; the mind in-between, though, remains stable through these historical and fast-paced novelties.

References

- Augé, Marc. 1992. *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Seuil.
- Brandt, Per Aage (in press): *What is Culture? A grounding question for cognitive semiotics*.
- Iacoboni, Giacomo. 2008. *Mirroring People. The new science of how we connect with others*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Koch, Peter and Wulf Oesterreicher. 1985. Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch* 36: 15-43.
- Mukamel, Roy et.al. 2010. Single-Neuron Responses in Humans during Execution and Observation of Actions. *Current Biology*, Volume 20, Issue 8: 750-756.
- Pascual, Esther. 2002. *Imaginary Dialogues: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts*. Utrecht: LOT Dissertation Series 68.
- Premack, D. and G. Woodruff. 1978. Does the chimpanzee have a "theory of mind"?. *Behavioral and Brain Sciences*, 4: 515-26.
- Rizzolatti, Giacomo. 2008. *Mirrors in the Brain: How Our Minds Share Actions, Emotions, and Experience*. Oxford: University Press.
- Talmy, Leonard. 2000. The Cognitive Culture System. In: *Toward a Cognitive Semantics. Vol. 2: Typology and Process in Concept Structuring*. Leonard Talmy. Boston MA: MIT.
- Tomasello, Michael. 2008. *Origins of Human Communication*. Cambridge, MA and London: The MIT Press.

Architecturing Proximity in Translation: the artful mind vs. the shared mind

MARIA CLOTILDE ALMEIDA*

I. An overview on Translation

Translation is a cognitive process that takes place in a mind. Therefore, in the act of translation the translator as a human being draws both on his cognitive capacities (including his imagination) and his body-minded cultural frames. Since a translation act is essentially an inter-semiotic endeavour that aims at making sense in another language it cannot be advocated that either fidelity to the source text, as postulated by Steiner (1998 2:275), either functionality of the target text, as postulated by the functional equivalence approach, can fully account for the translation process.

Schleiermacher 's dialectic view on translation anchored both in the innovative and regenerative power of translation based upon the imaginative capacities of the human mind and in an identity dimension of knowledge based upon language difference has undoubtedly paved the way to a cognitive approach to translation. In fact, Tabakowska 's cognitive approach on this phenomenon views interpretation and translation processes fundamentally as construals (1993,77): "(...) I would like to claim that all texts are translatable in so far as they are interpretable. All reading is reading in, and every reading is a construal: therefore, so must be every translation."

But, as we all know, construals in general and translated construals in particular, in spite of emerging from an individual mind, must make sense to a community of minds. We are social minds who engage in meaningful discursive practices because "(...) intersubjectivity is at the heart of what makes us human." (Zlatev et al. 2008,2).

* Universidade de Lisboa / CECC - Universidade Católica Portuguesa

2. Translation as a cognitive process

Inspired by Schleiermacher's and Tabakowska's views on translation as architecturings of a cognising mind, I wish to stress once more, by invoking Zlatev's notion of intersubjectivity that a translation act is an intersubjective cultural construal shaped by the activation of "a shared structural framework", since culture is, in fact, quite similar to "an operating system", as advocated by Donald (2002,164): "Culture provides more than mere programming for explicit recall. In its deeper aspects, it provides something that is perhaps more akin to an operating system. It gives us a shared structural framework for public, conventional systems of thought." (my emphasis).

Moreover, in the light of the cognitive paradigm, namely the conceptual integration framework (Turner 2006:94), I claim that a translation act is, in fact, a conceptual blending endeavour unfolding in a mind, as "reading into a text" involves compressing it into a manageable regularity followed by a decompressing process into a manageable regularity in another language by means of activation of a specific operating system, in other words, a cultural model. However, the compression process in translation that evicts perceptual diversity by fostering perceptual unity is far from "miraculous" but rather "necessary" since it is precisely the achievement of a certain perceptual unity of the translated text that makes it manageable for the reader.

It is a fact that two different of decision-making postures by the translator involving either proximity or distance of the target text in relation to the source text correspond to two different ways of privileging either "translation" or "transposition". In the former, the translator's mind gives rise to a possible world in the target text whose relevance relies upon the simple fact of his wanting it to make sense in another language, i.e. to another community of minds, whereas in a transposition act relevance of the target text rests upon the translator's worldview and intentions in compliance with a certain cultural model.

As postulated by the cognitive paradigm, cultural models are to a considerable extent anchored in conceptual metaphors. In fact, to be more

specific... “conceptual metaphors converge on, and, often produce cultural models that operate in thought” (cf. Kövecses 2005,11) since, as claimed by Lakoff/Johnson (1980), we actually understand the world by resorting to conceptual metaphors. Hence, it is no wonder that on compressing the source text into a manageable target text the translator resorts frequently to conceptual metaphors as means of accomplishing compression, thereby avoiding (unnecessary) conceptual diversity.

3. Love metaphors

In view of the fact that our *corpus* sample, “Samba de Verão” by Caetano Veloso and “So Nice”, Diana Krall ‘s transposition of it into English, portray an encounter between a man and a woman, special attention must be paid to LOVE metaphors. giving rise to two different cultural models of LOVE: the “ideal love” and the “typical love”. According to Kövecses (1986,62-63), the central metaphor for LOVE is “the ideal love” one, namely LOVE IS A UNITY OF TWO COMPLEMENTARY PARTS” since the UNITY metaphor suggests a perfect fit or match between them, as evidenced in the following metaphoric symbolizations for the beloved in Portuguese and German “A minha cara-metade”; “meine bessere Hälfte”.

Notice that the “ideal” love metaphor is anchored in experiences of physical closeness in LOVE scenarios where lovers are supposed to stay together for long periods of time. Nevertheless, we have to distinguish PHYSICAL CLOSENESS as metonymy present in the metonymy representation of love scenarios and PHYSICAL CLOSENESS in the metaphor to be understood metaphorically between two physical objects in unity (Kövecses 1986, 65-66).

The other cultural model for LOVE is the “typical love” as in the conceptual metaphor LOVE IS A VALUABLE COMMODITY (IN ECONOMIC EXCHANGE) whereby LOVE is viewed in terms of a balanced commercial transaction between partners.

4. More on translation as a cognitive process

As early postulated by me, translation can be accounted for as a blending process in which, for the sake of clearer understanding, perceptual diversity in love scenes tends to be suppressed. In this vein, I argue that the cross-cultural metaphor LOVE IS A UNITY OF TWO COMPLEMENTARY PARTS plays a decisive role in representation of romantic LOVE since two people are represented metaphorically as one entity with two complementary parts. That is why I sustain that the widespread strong cultural model of romantic love is responsible for the architecturing of proximity scenarios in the act of transposition, not translation, of love scenarios in Bossa Nova lyrics into English lyrics since, whereas in the source text the two lovers stand apart, in the target text they are re-framed as a unit, drawing on the cultural model of romantic love.

In order to provide a comprehensive account of my cognitive point of view on translation, I will resort to blending theoretical framework, namely to Mental Space Network Theory (Brandt 2004; Brandt/Brandt 2005 a; Brandt/Brandt 2005b). Inspired by Jakobson's work, I view translation as discursive inter-semiotic process that can best be explained by resorting to the above mentioned dynamic model of meaning making whereby the addressee (speaking a foreign language) is also encompassed in the translator's mind as the translation process takes place. Hence, my viewing translation as an inter-semiotic process from a cognitive semiotic perspective comes to life by establishing a projection from the Meaning Space of the source text into the Reference Space of the target text, as shown in diagram 1 below:

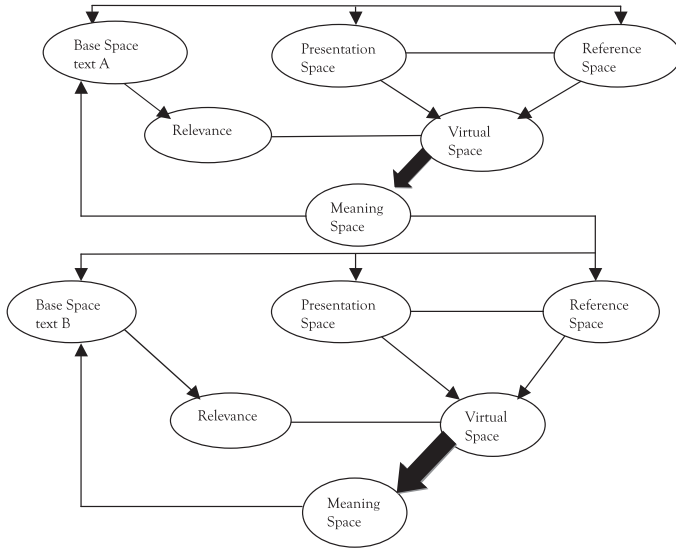
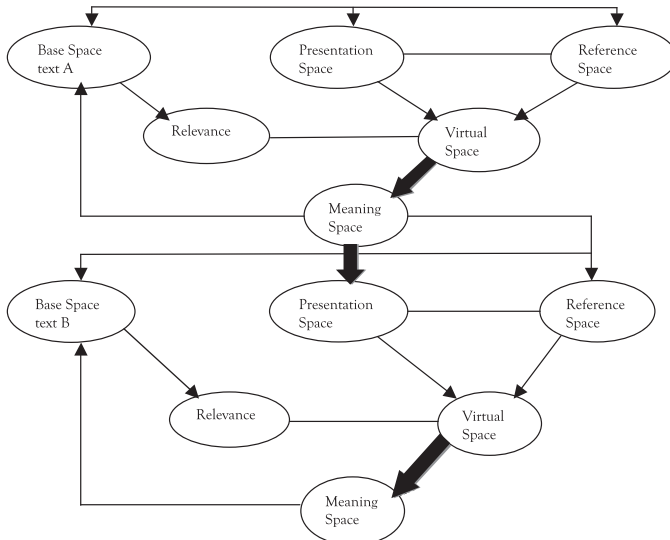


Diagram 1 – *Translator’s cognising mind-translation*

However, when the translator significantly modifies the target text relatively to the source text, a transposition process takes place whereby the Meaning Space of the source text is projected into the Presentation Space of the target text:



Following Brandt/Brandt (2005b,126), contrastive cognitive semiotics archaeology of (highly intentional) lyrics must involve four levels of analysis in both the source text and the target text, namely: 1) enunciation; 2) semantic content; 3) textual rhetoric; 4) interpretive aesthetic status in the framework of a genre (cf. Brandt/Brandt 2005b,126). However, only the first three levels will be taken into consideration in the present analysis. It should be stressed that the target text as a construal of a real mind is necessarily influenced by the gender of the translator. In fact, this is the case of Diana Krall's "So Nice" lyrics that can only be viewed as a gender-architected transposition of "Samba de Verão" lyrics by Caetano Veloso.

In fact, although all four levels of analysis are affected by the gender of the translator, the enunciation level (voice and viewpoint) appears to be particularly gender-sensitive. Hence, in our case study, the female translator undergrounds her faithfulness to the source text by foregrounding her own voicing, therefore creating in her mind a romantic love scene anchored in proximity duets between the two partners. Needless to say that the cultural model of romantic love in the translated lyrics gives a new touch to the original Bossa Nova lyrics since partners that are kept at a certain distance in the original text end up dynamically interacting at close range in the target text.

It must be highlighted that, from an intersemiotic point of view, the transposition of "Samba de Verão" lyrics into "So Nice" lyrics rests upon the dominant activation of the conceptual metaphor, LOVE IS A UNITY OF TWO COMPLEMENTARY PARTS. The circumstance that the source text can be virtually translated into the target text derives from the fact that romantic love scenarios make a lot of sense to the female translator and, consequently, to a wide audience in the record business.

However, for the sake of not getting lost in the inter-semiotic translation process, each stanza of the lyrics in Brazilian Portuguese and its correspondent translation in English will undergo a separate semiotic analysis respecting stanza sequences taking into consideration the three above mentioned semantic levels.

In the first stanza of “Samba de Verão”, itself a metonymy-based metaphor for a love encounter in Brazil, the female figure who passes by (in the Reference Space) is represented as staring right at the male figure “Mas olhou só prá mim”, a metonymy of LOVE (cf. Kövecses 2008,382). The intense eye contact situation between the agentive female figure and the patient male “I” takes place at a certain physical distance and inevitably triggers a reaction of the male “I”, as depicted further away in the second stanza.

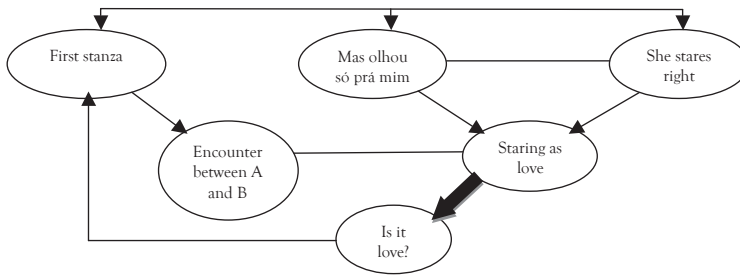
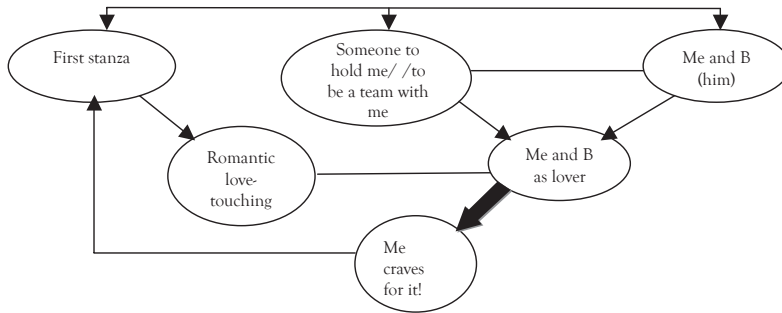
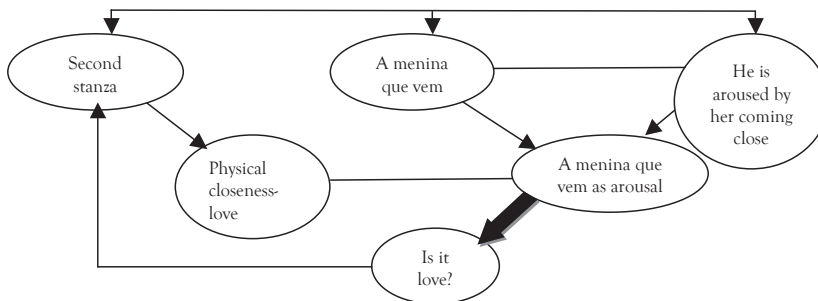


Diagram 2 – *Samba de Verão*

In first stanza of the target text, since the translator, Diana Krall, assumes the “I”-role, the imagined beloved is, at first, only vaguely represented as a human figure “someone” with whom the female “I” interacts, in a possible world, in a series of love duets of physical closeness architected upon the conceptual metaphor “LOVE IS A UNITY. Hence, the physical gap between the two lovers is bridged, as portrayed in LOVE metonymies of physical touching wherein the “someone” takes the agent role and the female “I” the passive role: “Someone to hold me tight”, “someone to take my hand” “. Notice that these LOVE metonymies culminate in the metaphorical image “to be a team with me”, no doubt an instantiation of the conceptual metaphor LOVE IS A UNITY OF TWO COMPLEMENTARY PARTS.

Diagram 3 – *So Nice*

In second stanza of the original Brazilian text, the girl approaching the (implied male) “I”, in the verse “A menina que vem” (lit. transl. the girl that comes towards me), triggers a physiological reaction of increased body heat and heart rate in him: “Quente o coração, salta de repente” (lit. transl. The warmed heart suddenly pounds). Sequencing the second stanza, this cause-effect frame where in female “I” is the causer of the physiological reaction in the visual partner’s body is constructed by metonymies for LOVE in the body of the male “I”.

Diagram 4 – *Samba de Verão*

In the second stanza of the translated text, differently from the original text, the imagined lover plays the agentive role, featuring proximity scenes with the female “I”. Once again, the metonymic representation of LOVE in a situation of physical closeness “someone to take my hand” is followed by

an instantiation of the conceptual metaphors LOVE IS A JOURNEY and LOVE IS A BOND : “Samba through life with me” by mapping the typical Brazilian artistic manifestation, the “Samba”, onto it.

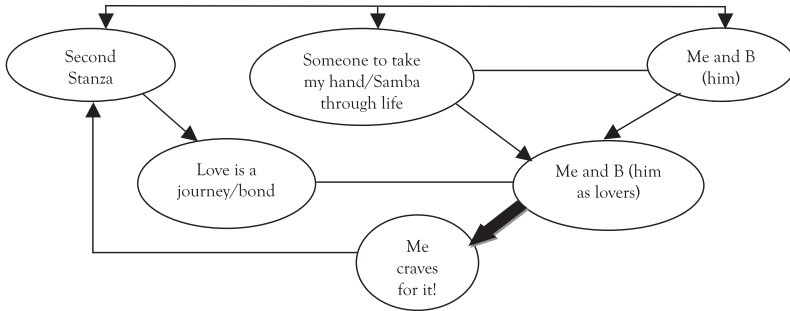
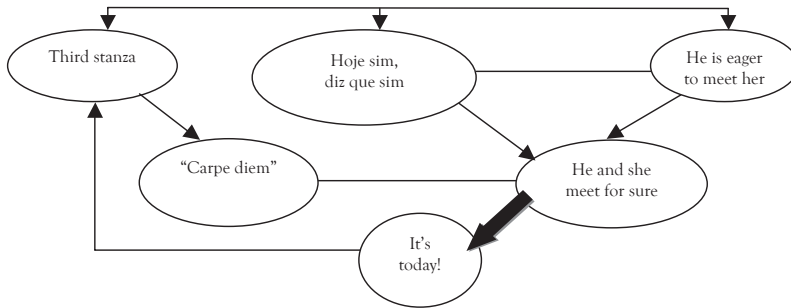


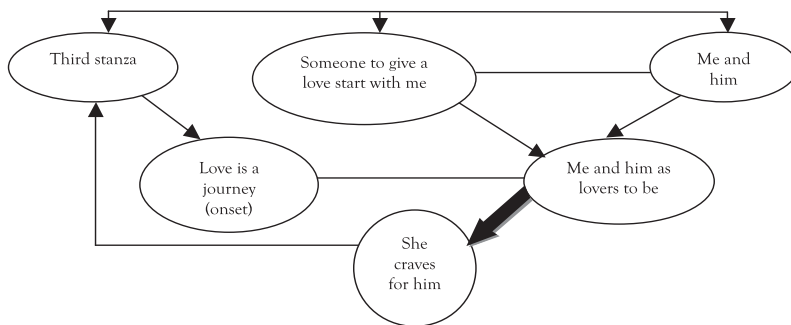
Diagram 5 – *So Nice*

If we try to establish a conceptual link between “A menina que vem” in the source text and “samba through life with me” in the target text, it should be noticed that there is a certain interlinguistic coherence since the representation of the PATH schema in the source text is translated into a metaphorical representation SOURCE-PATH-GOAL of LOVE in the target text (“Samba through life with me”).

In the third stanza of the source text, the (supposed male) “I” sticks to the alleged promise of an encounter with the female figure voiced in the third person “Hoje sim, diz que sim” (lit. transl. “It’s today, she says ‘yes?’”), motivated by his “carpe diem” mood.

Diagram 6 – *Samba de Verão*

In the third stanza of the target text, a torrent of proximity scenes of different degrees emerge, namely “cling to me” (high degree proximity), “sing to me” (medium degree proximity) that culminate in “to take my heart” and “give **his** heart to me”, realizations of the conceptual metaphor LOVE IS A VALUABLE COMMODITY (IN AN ECONOMIC EXCHANGE) (Kövecses 1986). Notice that, the lover’s blurred representation has turned into a crystal clear masculine figure. Chained to the above metaphoric images in the target text, the metaphoric image of the onset of a love relationship “someone who’s ready to give a love start with me” occurs by instantiating once again the conceptual metaphor “LOVE IS A JOURNEY”.

Diagram 7 – *So Nice*

In the third and fourth stanzas of the source text, the “I” male figure pleads desperately for an encounter with the female only to arrive at the

(doubtful) conclusion that she is not coming: “Peço mas você não vem” “(lit. transl. “I beg you, but you’re not coming”). In fact, not even by summoning divine intervention can the encounter be absolutely guaranteed .“Falo só/digo ao céu/Mas você vem...” (I say it/I tell it to the sky /but you ´re coming). The male “I” even doubts the illocutionary force of his speech acts have the perlocutionary effects he desires.

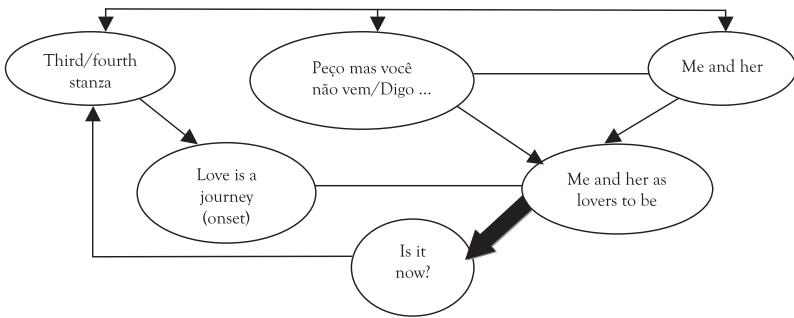


Diagram 8 - Samba de Verão

In last stanza of the target text, maximal proximity is architected in a frame of togetherness in female I-mind “I could see you and me”, recognizable as the realization of the conceptual metaphors LOVE IS A UNITY and LOVE IS A BOND. It seems likely that it is the behavioural reaction PHYSICAL CLOSENESS that forms the experiential basis of LOVE IS A UNITY conceptual metaphor and plays a central role in the structuring of the concept of LOVE.

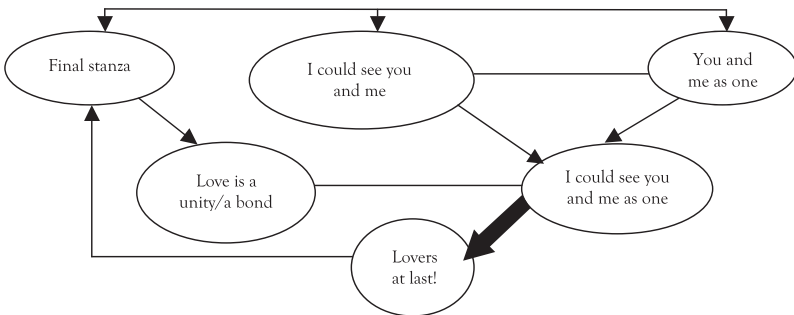


Diagram 9 - So Nice

Concluding remarks

The artful mind of the translator is clouded by his/her own gender identity and simultaneously tethered to a community of minds. Hence, in the source text, metonymic love scenarios of distant eye contact between an agentive male “I” stimulated by an agentive but distant female “you” are construed by the female eye of the translator as an array of imagined proximity LOVE scenes based upon PHYSICAL CLOSENESS love metonymies chained to an sequence of realizations of the conceptual metaphors, respectively, LOVE IS A UNITY (of complementary parts), LOVE IS A JOURNEY, LOVE IS A BOND, LOVE IS A VALUABLE COMMODITY (in an economic exchange), LOVE IS A JOURNEY and LOVE IS A UNITY (of complementary parts). The integrative capacity of blending the mind of the translator with the text in the translation process reflects the necessity of compressing space gaps between the two alleged lovers, avoiding perceptual diversity. This wonderful new world of affection architected through proximity scenarios can only be a product of an artful mind wired to huge network of other artful minds.

Acknowledgments

I am indebted to Per Aage Brandt and Ana Margarida Abrantes for their insightful comments to an earlier draft of the present paper.

Texts**Samba de Verão (Caetano Veloso)**

Você viu só que amor
 Nunca vi coisa assim
 E passou, nem parou
 Mas olhou só pra mim...

Se voltar vou atrás
 Vou pedir, vou falar
 Vou dizer que o amor
 Foi feitinho prá dar...

Olha, é como o verão
Quente o coração
Salta de repente
Para ver
A menina que vem...

Ela vem sempre tem
Esse mar no olhar
E vai ver, tem que ser
Nunca tem quem amar
Hoje sim, diz que sim
Já cansei de esperar
Nem parei, nem dormi
Só pensando em me dar...

Peço, mas você não vem
Bem!
Deixo então
Falo só
Digo ao céu
Mas você vem...

Deixo então!
Falo só
Digo ao céu
Mas você vem...

So Nice (Diana Krall)

Someone to hold me tight
That would be very nice
Someone who love me right
That would be very nice
Someone to understand
Each little dream in me
Someone to take my hand
To be a team with me

So nice
Life would be so nice
If one day I'd find
Someone
Who would take my hand
And samba
Through life with me

Someone to cling to me
Stay with me
Right or wrong
Someone to sing to me
Some little samba song
Someone to take my heart
And give his heart to me
Someone who's ready to
Give love a start with me

Oh yeah
That would be so nice
I could see you and me
That would be so nice

References

- Abrantes, Ana Margarida. 2010. *Meaning and Mind. A cognitive Approach to Peter Weiss' Prose Work*. Frankfurt: Peter Lang.
- Almeida, Maria Clotilde. 2003a. Processos de compressão em construções mescladas: análise semântica de ocorrências do português. In: *Actas do XVIII Encontro da APL* (org. Amália Mendes e Tiago Freitas). Colibri: Lisboa, 67-76.
- Almeida, Maria Clotilde. 2003b. "Mens facit saltus": elementos para uma arquitectura mental da poética. In: *A Poética da Cidade* (org. Helena Gonçalves da Silva). Lisboa: Colibri, 75-92.
- Almeida, Maria Clotilde. 2004. More about Blends: blending with proper names in the Portuguese Media. In: *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Edited by Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres and Miguel Gonçalves. Coimbra: Almedina, 145-158.
- Almeida, Maria Clotilde. 2005. A Poética do Futebol: análise de representações mescladas à luz do paradigma das Redes de Espaços Mentais. In: *Dar a Palavra ao Mundo. Estudos de Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (org. de Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo and Fátima Silva). Porto: FLUP, 557-570.
- Almeida, Maria Clotilde. 2006a. Blending the Pheno-world with Fiction: the Cognitive Semiotics view. In: *Questions on the Linguistic Sign*. Edited by José Pinto de Lima, Maria Clotilde Almeida and Bernd Sieberg. Colibri: Lisboa, 49-64.
- Almeida, Maria Clotilde. 2006b. Blend-Bildungen - und was dahinter steckt. In: *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Edited by Jürgen Schmidt-Radefeldt, Rostocker Romaniistische Arbeiten 10. Berlin: Peter Lang, 241-259.
- Almeida, Maria Clotilde. 2010a - in print. On 'forbidden-fruit blending' in Sports Newspapers: the Cognitive Semiotics View. In: *Media & Sports*. Edited by Maria Clotilde Almeida and Rogério Santos. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Almeida, Maria Clotilde. 2010 b - in print. More on 'forbidden-fruit' blending: prying into the Portuguese Mind. In: *Cognition and Culture*. Peter Hanenberg and Ana Margarida Abrantes. Frankfurt/Bern: Peter Lang.
- Brandt, Per Aage. 2004. *Spaces, Domains and Meaning. Essays in Cognitive Semiotics*, Bern et al.: Peter Lang.
- Brandt, Line and Per Aage Brandt. 2005a. Making Sense of a Blend: a Cognitive Semiotic Approach to Metaphor. *Annual Review of Encyclopedia Cognitive Linguistics* 3: 216-249.
- Brandt, Line and Per Aage Brandt. 2005b. Cognitive Poetics and Imagery. *European Journal of English Studies* vol.9, n°2 August 2005, 117-130.
- Donald, Merlin. 2002. *A Mind so Rare. The Evolution of Human Consciousness*. New York/London: Northon & Company.
- Jakobson, Roman. 1972. Aspectos linguísticos da Tradução. In: *Linguística e Comunicação* (translated by Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 63-72.
- Kövecses, Zoltan. 1986. *Metaphors of Anger, Pride and Love*. Amsterdam: John Benjamins.
- Kövecses, Zoltan. 2005. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kövecses, Zoltan. 2008. Metaphor and Emotion. In: *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Edited by Raymond Gibbs. Cambridge: Cambridge University Press, 380-396.
- Lakoff, George, Turner, Mark. 1989. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago University Press: Chicago.
- Schleiermacher, Friedrich. 2003. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir* (trad. de José Miranda Justo). Porto: Porto Editora.

Steiner, George. 1998. *After Babel. Aspects of Language & Translation*. Oxford/New York: Oxford University Press, 3rd edition.

Tabakowska, Elzbieta. 1993. *Cognitive Linguistics and the Poetics of Translation*. Tübingen: Gunther Narr.

Turner, Mark. 2006. The art of compression. In: *The Artful Mind*. Edited by Mark Turner. New York: Oxford University Press, 93-113.

Zlatev, Jordan et al. 2008. Intersubjectivity: What makes us human?. In: *The Shared Mind. Perspectives on Intersubjectivity*. Jordan Zlatev et al.. Amsterdam: J. Benjamins, 1-16.

No comboio como em casa?¹

Reflexões sobre tradução e migração

TERESA SERUYA*

Nichts ist selbsterstlich bei einer Sprache,
die man nicht von der Mutter lernte.

Peter Esterházy, 2009

I. Introdução: tradução e migração como factos da cultura de chegada

Em trabalho anterior escrito em alemão (Seruya 2008) iniciei uma reflexão sobre tradução e migração, o que me permitiu explorar as potencialidades da palavra “Über-setzung”. De facto temos, nos dois casos, um processo de transferência (Über-), acompanhado de uma desterritorialização, no caso da migração em sentido literal, no caso da tradução em sentido metafórico de mudança de território da língua que, aliás, em regra é acompanhado igualmente de mudança física de território². Importa atentar também na segunda parte do processo: **-setzung**, isto é, já não na partida, mas antes na chegada. Assim me distancio, no caso da migração, da consagrada metáfora de que os emigrantes são habitantes das fronteiras e permanecem numa “ponte entre mundos”, ou de que o emigrante não tem pátria [Heimat], sendo a “ausência de pátria um estado no

¹ Expressão retirada da declaração de Emine Sevgi Özdamar em 2004, por ocasião da recepção do Prémio Kleist: “Ich bin zwar in der Türkei geboren, aber ich würde das nie hervorheben. Ich reagiere allergisch auf Nationalisten. Im Zug fühle ich mich am meisten zuhause – zwischen den Ländern.“ (*apud* Dizdar 2008, 97).

* Universidade de Lisboa / CECC – Universidade Católica Portuguesa

² Não pretendo com isto afirmar que uma língua está ligada necessariamente a um território. O caso do alemão é, a este respeito, ilustrativo.

qual aprendeu a viver”, nas palavras de Michael Hofmann sobre Zafer Şenocak (Hofmann 2006, 50)³, e do qual até retira vantagens, ao estar em condições de promover uma positiva hibridização cultural. Ao contrário destas posições conhecidas, pretende-se aqui defender a maior relevância da relação dos emigrantes com o novo mundo em que passam a viver. É, portanto, de reconhecer o mérito do manifesto de Leslie Adelson “Against Between” (Adelson 2006, 36-46). No caso da tradução, enuncia-se assim um princípio há muito estabelecido nos Estudos Descritivos de Tradução que se praticam no CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, o princípio de que as **traduções são factos da cultura de chegada**, sendo, portanto, desta que sempre se parte para a análise daquelas. É justamente a chegada – **setzung** – que melhor permite acabar com dicotomias essencialistas (chegada/partida, estrangeiro/nacional, estranho/ /próprio, etc), para atentar no que realmente acontece em processos de transferência: algo de novo ocorre em contexto de chegada, quando não temos só proximidade, nem só distância, mas **necessariamente** uma contaminação, uma negociação, um intercâmbio, uma interacção entre as duas.

Esta interacção pode assumir as mais diversas configurações, porém, talvez seja possível sistematizá-las recorrendo ao influente pensador sobre a tradução que foi Friedrich Schleiermacher. Em 1813, o célebre teólogo, filósofo e hermenauta alemão, na sua conferência *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*, afirmava peremptoriamente que “existem apenas dois. Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele.” (Schleiermacher 2003, 61). Gideon Toury em finais do século XX não diria muito diferente, ao falar de duas grandes estratégias de tradução: a que privilegia a fidelidade ao texto de partida (tradução **adequada**), e a que opta por se adaptar às normas e ao gosto da cultura de chegada (tradução **aceitável**) (Toury 1995, 56f.). Ora, poderemos observar analogamente a relação das comunidades migrantes com a respectiva sociedade de acolhimento e desta com elas. A analogia pode ser ilustrada com toda a discussão à volta das formas de integração ou de exclusão dos emigrantes, da legitimidade que lhes assiste para mante-

³ Todas as traduções, excepto indicação em contrário, são da minha autoria.

rem as suas tradições, nomeadamente quando colidem com a Lei do país de acolhimento (caso de questões do âmbito da condição feminina), do problema da tolerância, etc. Para além desta tipificação que acabamos de referir há, é claro, as mais variadas formas intermédias de vida conjunta nas nossas sociedades multiculturais, tal como coexistem, do mesmo texto, tantas traduções como tradutores, tantas traduções como o respectivo *skopos*.

O entendimento da tradução subjacente ao confronto que aqui estabelecemos entre tradução e migração é literal, isto é, um acto de transferência linguístico-cultural que envolve duas línguas diferentes. Entretanto, a investigação nas duas áreas em causa tem produzido outros entendimentos da tradução. Refira-se o (polémico) conceito de **tradução cultural**, presente em áreas tão diversas como a ciência política, estudos de religião, antropologia, *marketing* ou estudos literários, e usado, de modo muito genérico, como “metáfora para processos de mediação entre práticas culturais diferentes” (D’hulst 2008, 221). A “tradução cultural” foi recentemente reavivada no contexto da migração através do livro editado por Vorderobermeier/Wolf: *‘Meine Sprache grenzt mich ab...’ Transkulturalität und kulturelle Übersetzung im Kontext von Migration* (2008). As autoras discutem aqui várias posições sobre a adequação do termo tradução ao processo da migração, embora dando conta da necessidade de não descaracterizar o primeiro. Mas acabam por reconhecer as suas potencialidades: o conceito de tradução serve à “conceitualização do processo de construção de sentido que, em contexto de migração, se torna particularmente virulento” (Vorderobermeier/Wolf 2008, 13). Assim, deslocam a tradução em grande parte para o seu sentido metafórico, ao designarem-na de “processo mental” que torna conscientes as diferenças culturais, e portanto funciona como lugar de resistência contra a tendência de homogeneizar a diversidade⁴. Esta visão poderá ser, em parte, uma resposta às dúvidas de Harish Trivedi sobre a “usurpação” do termo ‘tradução’

⁴ Proponho como exemplo eloquente de tradução cultural a obra *Psalmen*, de Said (Beck, 2007), em que há um transporte, uma metamorfose dos Salmos judeo-cristãos para a, língua alemã, para a sociedade contemporânea e para problemáticas da migração.

para descrever fenómenos cujo léxico já está consagrado, como migração, diáspora e exílio. Para ele, há que preservar espaço, neste mundo pós-colonial e pós-moderno com tendências monolíticas, para a diversidade linguística e cultural (Trivedi 2005, 6)⁵. Por outro lado, verifica-se que a “tradução cultural” já faz parte do léxico dos Estudos de Tradução, como pudemos verificar na mais recente edição (2.^a) da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, que inclui uma entrada sobre o assunto (Sturge 2009, 67-70).

2. A hipótese da tradução: literatura da migração – literatura traduzida?

Man wird nicht mehr länger in eine Nationalliteratur hineingeboren, sondern kann in sie einwandern.

Juan Goytisolo

2.1 *Muitas culturas – Uma língua*

Desde os anos 70 do século XX que a vida literária alemã assiste ao facto de que trabalhadores emigrantes primeiro, depois apenas emigrantes sem contextos necessariamente operários, hoje em dia apenas escritores ou candidatos a isso, **cuja língua materna não é o alemão**, produzem literatura em língua alemã, às vezes exclusivamente, outras em paralelo com produção na respectiva língua materna, caso de Franco Biondi ou de Adel Karasholi. É uma literatura de sucesso e consagrada publicamente através da chancela de editoras reconhecidas e de um generoso e prestigiado prémio literário, cujo lema é “Muitas culturas, uma língua”. Estando o destinatário do **Prémio Chamisso** bem definido à partida, importa sondar a sua especificidade para clarificar a sua diferença. Assumir uma diferença, porém, é algo que os próprios protagonistas muitas vezes rejeitam, mesmo aqueles que aceitaram o prémio, como é

⁵ Já Lieven D’hulst, considerando embora que o conceito é problemático, pensa que vale a pena historiografá-lo segundo um modelo interdisciplinar baseado no conceito de “assumed translation” (D’hulst 2008: 226ff.).

o caso de Feridun Zaimoglu que, em entrevista recente (2006), e a propósito do conceito “Migrationsliteratur”, decreta a sua morte:

Die Migrationsliteratur spielt schon längst keine Rolle mehr. Das ist ein toter Kadaver (...) dieses Wort [Migrationsliteratur] nehme ich so ungern in den Mund, das ist echt ein Ekelbegriff! (...) ich möchte mich deswegen auch nicht nur auf die Migrationsliteratur beziehen, weil in diesem Deutschland, in dem wir leben, das Ethnische natürlich auch zur Feindbildung herangezogen wird. Aber eigentlich wird im Zuge der sozialen Erosion alles zerteilt, auch die Ethnoidentitäten. (Zaimoğlu/Abel 2006: 162ff.).

Na verdade, vão sendo numerosos aqueles que querem, simplesmente, ser vistos como escritores alemães, e é esta também a visão que têm de si próprios. Jamal Tuschick, juntamente com Zaimoğlu, publicou em 2000 a antologia *Morgen Land – Neueste deutsche Literatur*, constituída por autores de origem não alemã. Referindo-se a uma geração com uma “vantagem cultural” perante os respectivos pais, emancipada e voluntarista no sentido de mudanças sociais, Tuschick, ao procurar o “sedimento poético” destas, encontrou o “Levante” da literatura alemã, confirmando, com esta antologia, a sua tese de que “a literatura alemã está a ser intensivamente fecundada nas margens étnicas da sociedade”. (Tuschick 2000, 283f.). Um outro caso a registar ocorreu em 2003 com a antologia *Feuer, Lebenslust! – Erzählungen deutscher Einwanderer*, como o título indica incluindo apenas autores de raízes não alemãs. O diálogo explícito com a tradição alemã (Goethe) vive-se na estrutura da obra, dividida em quatro grupos de “Unterhaltungen deutscher Eingewanderten”. A muitos destes e doutros autores a etiqueta “Autor Chamisso” parece-lhes discriminatória. Algumas vozes falam mesmo de paternalismo da cultura dominante.

Todavia, esta rejeição não tem em conta a longa história do Prémio, nascido, conforme pude testemunhar, da vontade de um gesto reparador perante um clima de hostilidade a estrangeiros/emigrantes. Esta constelação inicial esbateu-se consideravelmente nos últimos anos, mas o facto é que a Robert-Bosch-Stiftung, que instituiu e continua a promover o Prémio, mantém o espírito que presidiu à sua criação, quando afirma os vários objectivos

da distinção, que vão desde o entendimento entre culturas à sua função de modelo para a juventude com *background* migratório:

O prêmio documenta que a literatura e a língua servem ao entendimento entre as culturas na Alemanha, na Europa e para além disso. Os premiados que, como Elazar Benyoëtz e Galsan Tschinag, não vivem nem agem na Alemanha, incentivam com as suas obras o uso internacional do alemão como língua de cultura. Os premiados que agem no espaço linguístico alemão mostram que a cultura daqueles que encontraram aqui uma segunda ou uma nova pátria converge com a cultura de cá e, ao mesmo tempo, transmite-lhe impulsos de novidade que, sem ela, nunca teriam existido. Idealmente, os premiados ainda são capazes de ir mais longe: podem tornar-se modelos, sobretudo para os jovens de contexto migratório. Sabemos como a língua desempenha um papel central na integração bem sucedida. Sem um domínio suficiente da língua não é possível viver e trabalhar numa sociedade. O apoio da Robert Bosch Stiftung a leituras e *workshops* dos laureados em escolas, livrarias e teatros da Alemanha e Europa permitem a muitos jovens um primeiro acesso à literatura. (Schwarz 2009, 31)

Olhando para o lema “Muitas culturas, uma língua” começam a surgir as perguntas, pois que o Prémio pressupõe a diversidade cultural na unidade linguística. Até que ponto se pode falar de muitas culturas quando a expressão destas se faz numa só língua? No caso do português não temos dúvidas, são diversas as culturas que se exprimem na mesma língua. O mesmo sucede nos autores que estamos a observar, quando pensamos no citado israelita Benyoëtz ou o mongol Tschinag que não vivem na Alemanha. Mas que dizer daqueles que sempre viveram em países de língua alemã ou para lá foram em crianças – serão duma cultura diferente da língua literária que usam? Se sim, “traduziram-se” para o alemão? Ou o uso literário do alemão, em que todos convergem, rasura a suposta diversidade cultural da origem? Claro que pode não rasurar, ou seja, pode ali deixar depositadas a diferença, a novidade, os “impulsos”, enfim, as especificidades da “marca” Chamisso. É este argumento que ouvimos aos defensores da existência de um subsistema “literatura da migração”.

Hanne Birk e Birgit Neumann (2002), mais tarde Eva Hausbacher (2008) tentaram caracterizar esta diferença incluindo a literatura da migração nos “modos de escrita transnacionais”, portanto aparentando-a com a literatura pós-colonial. A “poética da migração” presente nestes textos teria a ver com a representação do espaço, a mestiçagem de géneros, a perspectiva narrativa, a preferência por “seres mistos” a nível das personagens, a organização do tempo, o recurso à figura do duplo, o multilinguismo dentro do próprio texto, certos mimetismos, a utilização de estereótipos, etc. (Hausbacher 2008, 62ff.).

2.2 *Em busca da diferença*

Na busca da diferença, que o mesmo é dizer da novidade, na literatura dos autores cuja língua materna não é o alemão – isto é, daqueles autores que, em princípio, tiveram de ultrapassar uma dupla alteridade e/ou estranheza, a de uma língua-outra⁶ e a do seu uso literário – podemos encontrar a tradução no sentido não metafórico (porque temos sempre uma relação entre duas línguas). Digamos, então, que a diferença reside na **hipótese da tradução**, o que, desde logo, anuncia uma tentativa indutiva de observar os textos concretos para determinar em que medida podem ser considerados traduções, em vez de partir de uma definição rígida de tradução para analisar se se aplica ou não a esses textos⁷. Porém, do ponto de vista metodológico, partimos para a verificação da hipótese da tradução com quatro argumentos a seu favor, inspirados em G. Toury:

- (1) Se é certo que as traduções vêm preencher lacunas da cultura alvo (Toury 1995: 27), a literatura da migração na Alemanha, com a visibilidade que tem e o respectivo reconhecimento institucional,

⁶ Para a maioria destes autores o alemão não funciona, de facto, como língua estrangeira.

⁷ Cf. a posição de Gideon Toury a este respeito: “any a priori definition [of translation], especially if couched in essentialistic terms, allegedly specifying what is ‘inherently’ translational, would involve an untenable pretense of fixing once and for all the boundaries of an object which is characterized by its vary variability: *difference* across cultures, *variation* within a culture and *change* over time.” (Toury 1995, 31)

preenche porventura também uma ou mais lacunas, nomeadamente um interesse do mercado, por certo baseado na forte presença de emigrantes na sociedade alemã, das muitas complexidades que daí derivam e da respectiva mediatização, mas não menos do gosto que consabidamente os alemães manifestam por culturas distantes e/ou exóticas;

- (2) Uma tradução é uma entidade textual a desempenhar a sua *performance* no sistema da cultura alvo; como tal é uma novidade portadora de mudança, mesmo que leve (*Ibidem*). Tanto a novidade como a mudança são condições preenchidas pela literatura da migração, embora falte responder cabalmente aos conteúdos dessa mudança;
- (3) A literatura da migração interessa em primeira mão à cultura alemã, só subsidiariamente às culturas de origem dos seus autores – tal como a tradução é “um facto da cultura alvo” (*Ibid*: 29), que não precisamos sempre de confrontar com o respectivo texto fonte, mas antes observar como funciona à chegada, no novo contexto;
- (4) Um último argumento tem a ver com o público leitor, com o acolhimento de um determinado texto. Para as traduções, Toury propõe o conceito de “assumed translation” [tradução presumida]⁸, que, por sua vez, suscita a pergunta: como é que os leitores alemães lêem estes textos de autores cujos nomes denunciam a sua origem não-alemã? Como originais ou como traduções? Estudiosos como Mary Howard afirmam que estes textos são pouco lidos por migrantes e estrangeiros (*apud* Hausbacher 2008, 53); Eva Hausbacher acrescenta (*Ibidem*) que eles desempenham intermediação cultural e satisfazem expectativas de leitura de não-migrantes e até de membros da maioria, interessada na migração e em minorias e, acrescento eu, em culturas estranhas, exóticas ou distantes. Veja-se o exemplo significativo de Galsan Tschinag, já acima citado, oriundo das montanhas do Altai na Mongólia ocidental, da etnia nómada tuva (e ‘Bundesverdienstkreuz’ em 2002). Escrevendo em alemão, procura salvar a

⁸ “(...) all utterances which are presented or regarded as such within the target culture, on no matter what grounds.” (Toury 1995, 32)

identidade cultural do seu povo; igualmente traduz literatura alemã para a sua língua mongol. Em regra, as capas dos seus livros, publicados por diversas editoras alemãs (Suhrkamp, Insel, Volk & Welt, Unionsverlag, A1 Verlag, etc.) apresentam motivos da civilização mongol (gentes e paisagens com forte carga exótica)⁹. Para um leitor comum não informado está criada a expectativa da tradução, embora não existam ainda estudos que o possam confirmar.

2.3 Exemplos

Apresentamos agora alguns exemplos ilustrativos da hipótese da tradução. Os casos dos chamados autores germano-turcos são particularmente apelativos:

Emine Sevgi Özdamar é talvez a autora mais famosa e a mais estudada, porventura não do modo que aqui se propõe. Veja-se *Das Leben ist eine Karawanserei - hat zwei Türen - aus einer kam ich rein - aus der anderen ging ich raus*, de 1992, que foi Prémio Ingeborg Bachmann. A narradora conta a sua história desde a gravidez da mãe até ao momento em que parte para a Alemanha. Temos, assim, uma narrativa em alemão sobre o percurso duma família turca em meios citadinos (a narradora nasce na grande cidade de Malatya, no leste da Anatólia), mas igualmente rurais, portanto muito apegados à tradição e às tradições, e vivendo num tempo muito anterior ao alemão. As diferenças linguísticas e culturais estão patentes na decisão da narradora de, com recursos diversos, realçar a intraduzibilidade turca, deixando a língua original a conviver com o seu alemão de narradora. No excerto escolhido para comentário (Özdamar 1999: 52-57), a jovem narradora regressa a Istambul depois de férias numa cidade da Anatólia. A criança vem com um mealheiro no qual se misturam moedas várias:

Mit einer Blechsparbüchse in der Hand, in der vier **Lira**, zehn **Kuruş** gesammelt waren. Während der ferien kam mein Onkel (...) jeden tag nach

⁹ Um outro caso surpreendente é o de Asfa-Wossen Asserate, um príncipe etíope que vive há décadas na Alemanha, e que escreve sobre os costumes ocidentais, em alemão. A sua obra *Manieren* foi Prémio Chamisso em 2004.

Hause mit einem weißen Brot. (...) und gab mir jeden Tag 100 **Para**, ein kleines Geldstück mit einem Loch in der Mitte (...) (52, **negrito** meu).

Por um lado, o nome das moedas vem no original misturado com o alemão, obrigando o leitor a pronunciar a língua turca como se de alemão se tratasse; mas ocorre ainda um processo de intra-tradução, quando a narradora explica, certamente para o leitor alemão, o que é a “Para”. Algo de idêntico ocorre na tradução implícita da linguagem muito plástica dos familiares da narradora, que recorrem com frequência a imagens, comparações, provérbios, etc. Assim, quando o tio se despede da sobrinha antes de a meter no comboio de volta a Istambul, diz-lhe: “Stadt mädchen, Stadt mädchen, du wirst uns so schnell wie ein Auge auf- und zumacht, vergessen.” (52) E no reencontro com a mãe, esta censura a filha pelo dialecto que trouxe da Anatólia. O dialecto (“diese Dialektmauer”) não só impede a fluência da comunicação entre mãe e filha, como poderá prejudicar a menina na escola, no entender da mãe: “In der Schule werden sie dir das Leben wie einen engen Schuh anziehen. Ich weine für dich.” (53) Ou quando a avó expõe a sua sabedoria: “ (...) Schöne Seele ist eine Feder, die die blinden Augen heilen kann’. Aliás, um processo de tradução sustenta a famosa „suspensão da descrença”, em pleno funcionamento quando lemos esta história. Diz a narradora sobre as citadas palavras da avó: “Großmutter sprach diese Wörter sehr langsam, es sah so aus, als ob sie nicht sprach (...)” (54). Claro que a velha avó turca não falava alemão... Mais expressivo ainda da tradução que necessariamente ocorre em Özdamar durante o processo de criação literária é um passo seguinte, em que a avó ensina à neta as preces árabes pelos mortos: “Großmutter sprach **diese arabischen Wörter**, die wie eine Kamelkarawane hintereinander liefen, in meine Augen guckend, **in ihrem Kapadokia-Dorfdialekt**“ . (55, **negrito** meu).

Os dialectos podem instalar a estranheza dentro da família. É a própria jovem narradora que se alonga sobre as dificuldades de entendimento com a mãe e a avó quando regressa de férias “com o dialecto desta cidade bem colado debaixo da minha língua”.

Zwischen uns [meiner Mutter und mir] stand eine Mauer aus dem fremden Dialekt (...) meine Mutter sagte: „Sprich nicht so, du mußt wieder istanbultürkisch, sauberes Türkisch sprechen (...) in zwei Tagen fängt die Schule an. Wenn du so anatolisch sprichst, werden alle zu dir Bauer sagen. (53)

Segue-se um intenso diálogo entre avó, filha e neta (53), em que as duas mulheres mais velhas corrigem a pronúncia da jovem ao saudar a mãe. O leitor do texto ensaia também as duas pronúncias da mesma palavra, a qual, tendo pelo contexto sido objecto de tradução, obriga o leitor a lê-la, à sua maneira, no original, confirmando a certeza de um processo de tradução. Contudo, por vezes Özdamar deixa a língua turca viver por si, quando apenas transcreve a oração dos mortos ensinada pela avó (55). Dela é ressaltada uma palavra, **Bismillâhirahmanirrahim**, muito usada pelo povo nas mais variadas circunstâncias, e que a narradora cita abundantemente, sublinhando assim que o convívio de línguas é mesmo programático nas suas concepções narrativas. Özdamar, como vários críticos salientaram, tem conseguido criar um genuíno hibridismo linguístico, aliás já no seu primeiro texto *Karagöz in Alamania* (escrito em 1982, encenado por si própria em 1986). Norbert Mecklenburg, que tem conhecimentos de turco, analisa este título, para concluir que “linguisticamente (...) não é nem turco nem alemão. É uma construção híbrida: é um ‘turcoalemãodetrabalhadoremigrante’ [Gastarbeitertürkischdeutsch], ao mesmo tempo como soa no original e objecto de estranhamento literário. É um processo característico de todo o texto e, em larga medida, de toda a produção literária de Özdamar.” (Mecklenburg 2006, 85) Ora, não se poderá dizer que este hibridismo tem na sua génese processos de inter-tradução, aliás não só lexical como fónica? De qualquer forma é um hibridismo que só funciona na e para a cultura de chegada, ou seja, que não é enunciado a partir de um terceiro espaço, ou de um espaço-entre, nem habita nele.

Algo de semelhante podemos observar noutro escritor germano-turco famoso como Feridun Zaimoglu, que tem ensaiado os mais diversos registos. De grande efeito foi o seu *Kanak Sprak* (1995). Conforme nos diz na introdução, quis dar ao leitor uma ideia de como se vive na Alemanha como “Kanake” – que tem funcionado como insulto na boca alemã, mas que a segunda e terceira gerações já usam “em tom de desafio orgulhoso” (Zaimoglu

2000, 9). A árdua recolha de testemunhos da língua falada por estes filhos de imigrantes, nascidos já e socializados na Alemanha, para quem a Turquia é pouco mais do que o país das férias, documenta a existência de uma como que subcultura juvenil habitada por “rappers”, frequentadores de feiras da ladra, transsexuais, “breakers”, proxenetas, doentes psiquiátricos, gigolos, desempregados, etc. É uma língua verdadeiramente híbrida, “uma espécie de crioulo ou gíria com códigos e sinais secretos” (13), um falar próximo do “free-style sermon no rap” (*Ibidem*), a partir de uma pose que integra um “rico repertório de mímica e gesticulação” (15), com uma dimensão simbólica (13,4) e um trato arbitrário da pontuação. A língua materna é falada com erros, o alemão (das Alemanisch) também não lhes é familiar. Assim as línguas, também a identidade. Zaimoglu diz-nos que os “Kanakanen” não procuram qualquer “ancoramento cultural”, “não se querem servir no supermercado das identidades, nem diluir-se no rebanho igualitário dos expulsos da pátria.” (12). É, portanto, um desenraizamento que não pede compensação, e que serve de contraste expresso com os turcos integrados que já não são, segundo Zaimoglu, “força social explosiva”. Também em relação a esta obra há que assinalar que as várias formas de hibridismo nela presentes apenas funcionam na cultura alemã, ou seja, na cultura alvo.

Do mesmo autor, o seu romance *Leyla* (2006) ilustra de modo igualmente convincente a hipótese da tradução. A história da família do grosseiro e brutal Halid Bey fala-nos de uma parte da cultura turca a partir de dentro – no duplo sentido de o local da acção ser a província, e só para o fim Istambul, e de o ponto de vista ser o da protagonista, ou seja, da “person in the culture” que, na primeira pessoa, constitui a narradora Leyla. Está assim criada, para o leitor, uma experiência de estranhamento que, provavelmente, não seria diferente se se tratasse de uma tradução assumida. Na perspectiva da verdade narrativa seria inverosímil, por exemplo, assistir a cenas de grande violência doméstica (de Halid Bey, chamado de “Hausherr” ou “Nährvater” em casa, para com a mulher e as filhas) ou ao quotidiano da pequena cidade da Anatólia. Neste romance não se trata de hibridismo linguístico. O efeito de estranhamento radica antes no uso do alemão contemporâneo em situações socioculturais de um tempo muito anterior ao da sociedade alemã contemporânea, como no seguinte episódio, em que o director da escola chama Halid Bey para dele conseguir

autorização para que a filha Leyla participe na excursão à propriedade de uma colega, que Halid logo identifica como curda, desencadeando assim uma tirada de hostilidades étnicas:

Eine Kurdin, sagt Halid, sie hat eine andere Kultur als wir Tschetschenen (...) Diese Kurden sind schwarz wie Neger, wir dagegen sind hellhäutig. Tag und Nacht. Das eine kann nur sein, wenn das andere verschwindet. (Zaimoglu 2006, 213)

O director da escola, inconformado com o primitivismo e a grosseria de Halid, não só passa ao tratamento por tu, como decide a favor da menina, dando assim azo a que o seu interlocutor exponha com clareza as suas ideias sobre a mulher:

(...) Ich habe also hiermit beschlossen, daß deine Tochter bei diesem Landausflug dabei sein muß. Der Ausflug ist Teil der Schulerziehung. Du hast nicht über mein Eigentum zu bestimmen, Direktor, sagt Halid. Wir reden von deiner Tochter, Kerl, und wenn Eigentum, dann ist sie Eigentum des Staates. (...) (213s.)

Não temos nada de semelhante com Zsuzsa Bánk. A autora nasceu na Alemanha, de pais húngaros, o seu percurso académico e profissional nada tem a ver com migração. Certo é que com o seu primeiro romance *Der Schwimmer* (2002, em 2003 já ia na 7.^a edição, entretanto tornou-se um *bestseller*) ganhou três prémios literários: o Aspekte-Literaturpreis, o Deutscher Bücherpreis e o Chamisso-Preis em 2004. É um belíssimo romance, dilacerante pela tristeza, pelo abandono e o desamparo de duas crianças de uma aldeia húngara cuja mãe foge para a Alemanha sem sequer se despedir delas, e depois se deixam arrastar pelo pai desequilibrado e ausente da cidade para a aldeia, da aldeia para a cidade, vivendo da solidariedade de familiares e amigos. É uma prosa límpida feita de episódios muito curtos, com recurso a um vocabulário relativamente parco, uma focalização preferencial nos gestos exteriores e uma grande economia de adjectivos. Poderíamos bem filiar a narradora, a filha Kata, na linhagem do narrador de Walter Benjamin (descrito no seu texto “Der Erzähler”, de 1936).

Aparte pormenores como “Wir fuhren Richtung Szerencs, was so viel heißt wie Glück (...)”. (Bánk 2006, 27) não há sinais explícitos de tradução. Mas há os nomes húngros das personagens, os lugares, a atmosfera que remetem para “originais”, ficando portanto a tradução sugerida, embora o efeito de estranhamento linguístico-cultural seja muito reduzido em confronto com os exemplos anteriores. Porém, se a germanista estrangeira é capaz de registar o apuramento estético da escrita de Zsuzsa Bánk, menos capaz é de argumentar como se de uma nativa alemã se tratasse. As condições de identificação do estranhamento não podem ser as mesmas para um falante da língua materna e para quem a tem como objecto de estudo a partir de fora. Resta a vontade em fazer a pergunta a um germanista alemão.

Conclusão

A conclusão é algo paradoxal. Presumindo a tradução nos textos representativos que analisámos, que tipo de tradução seria? Tradução implícita? Uma forma especial de tradução automática, que ocorreria a nível do processo?¹⁰ Autotradução?¹¹ Porém, o que vimos foi que, quanto mais explícitas são as formas de tradução internas aos textos, levando a algo de novo como é o hibridismo linguístico, menos é de admitir o entendimento mais estreito de tradução, mais aqueles se aproximam de algo como uma espécie de tradução cultural. A concepção mais restrita de tradução ficaria, portanto, reservada aos textos que menos parecem traduções, ou seja, àqueles que mais se assemelham a um original – pois é esta, afinal, a exigência mais difundida no público leitor: tem-se a experiência do diferente, do outro ou do estranho,

¹⁰ Refiro-me ao próprio acto da tradução, ao que ocorre na mente do tradutor quando está a produzir na sua língua um determinado texto de partida. Foi James Holmes quem, em 1972, primeiro propôs a distinção entre tradução como produto, como função e como processo, assim distinguindo também três possibilidades de Estudos Descritivos de Tradução. (Holmes 2007: 184-185).

¹¹ Não considero aqui o caso de Aras Ören que, a viver em Berlim, escrevia primeiro em turco e depois traduzia para alemão com um tradutor, o que não o impediu de ter sido o primeiro laureado com o Prémio Chamisso, em 1985.

mas sem grande esforço linguístico, apenas pelo gozo estético... Ora aqui podemos retomar a distinção de Schleiermacher entre os dois métodos de traduzir (o ‘estranhante’ e o ‘naturalizante’) para dizer que os textos que mais marcam a diferença são os que produzem ‘estranheza’ na língua alemã e no seu uso literário, seja essa estranheza gramatical, semântica ou estética. Pelo contrário, a tradução ‘domesticante’ ou ‘naturalizante’, por bela que seja, tende a não transgredir, a controlar a inovação, de modo a não desafiar em demasia os hábitos dos leitores... No caso de Bánk, não se sabendo o nome do autor, como saberíamos se se trata dum original alemão ou duma tradução?

A hipótese da tradução pode, assim, porventura vir a ser um critério para identificar o ADN dos “netos de Chamisso”.

Referências bibliográficas

Adelson, Leslie A. 2006. Against Between – Ein Manifest gegen das Dazwischen. In: *Literatur und Migration*. Editado por Heinz Ludwig Arnold. TEXT + KRITIK (Sonderband). München: Edition text+kritik, 36-46.

Bánk, Zsuzsa. 2003 (7.ª Edição). *Der Schwimmer*. Frankfurt am Main: S.Fischer.

Birk, Hanne e Birgit Neumann. 2002. Go-Between: Postkoloniale Erzähltheorie. In: *Neue Ansätze in der Erzähltheorie*. Editado por Ansgar Nünning e Vera Nünning. Trier: WVT, 115-152.

D’hulst, Lieven. 2008. Cultural translation: a problematic concept? In: *Beyond Descriptive Translation Studies. Investigations in homage to Gideon Toury*. Editado por Anthony Pym, Miriam Shlesinger e Daniel Simeoni. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 221-232.

Dizdar, Dilek. 2008. Die Mutterzunge drehen. Erfahrungen aus und mit einem Text. In: *Meine Sprache grenzt mich ab...‘ Transkulturalität und kulturelle Übersetzung im Kontext von Migration*. Editado por Gisella Vorderobermeier e Michaela Wolf. Wien, Berlin: LIT Verlag, 95-110.

Ljubić, Nicole (ed.). 2003. *Feuer, Lebenslust! Erzählungen deutscher Einwanderer*. Stuttgart: Klett-Cotta.

Hausbacher, Eva. 2008. Migration und Literatur: Transnationale Schreibweisen und ihre ‚postkoloniale‘ Lektüre. In: ‚Meine Sprache grenzt mich ab...‘ *Transkulturalität und kulturelle Übersetzung im Kontext von Migration*. Editado por Gisella Vorderobermeier e Michaela Wolf. Wien, Berlin: LIT Verlag, 51-78.

Hofmann, Michael. 2006. Die Vielfalt des Hybriden. Zafer Şenocak als Lyriker, Essayist und Romancier. In: *Literatur und Migration*. Editado por Arnold Heinz Ludwig. TEXT + KRITIK (Sonderband). München: Edition Text+Kritik, 47-58.

Holmes, James (1972). 2007 (2.ª Edição). The Name and Nature of Translation Studies. In: *The Translation Studies Reader*. Editado por Lawrence Venuti. New York and London: Routledge, 180-192.

Mecklenburg, Norbert. 2006. Leben und Erzählen als Migration. Intertextuelle Komik in ‚Mutterzunge‘ von Emine Sevgi Özdamar. In: *Literatur und Migration*. Editado por Heinz Ludwig Arnold, TEXT + KRITIK (Sonderband). München: Edition text+kritik, 84-96.

Özdamar, Emine Sevgi. 1999 (4.^a Edição). *Das Leben ist eine Karawanserei – hat zwei Türe- aus einer kam ich rein – aus der anderen ging ich raus*. Köln: Kiepenheuer & Witsch.

Schleiermacher, Friedrich. 2003. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Tradução de José M. Miranda Justo. Porto: Elementos Sudoeste.

Schwarz, Michael. 2009. Viele Kulturen, eine Sprache – der Adelbert-von-Chamisso-Preis. Warum fördert die Robert Bosch Stiftung Literatur? *Chamisso. Viele Kulturen – eine Sprache*. März – Mai 2009: 30-31.

Seruya, Teresa. 2008. Das besondere Gedächtnis der Enkel Chamissos. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos (“Kulturbau”), Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 14-16 de Fevereiro de 2008.

Sturge, Kate. 2009. Cultural Translation. In: *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Editado por Mona Baker e Gabriela Saldanha. London and New York: Routledge, 67-70.

Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Trivedi, Harish. 2005. Translating Culture vs. Cultural Translation. In: <http://www.91stmeridian.org> (acedido em Novembro de 2009).

Tuschick, Jamal. 2000. Träger von Zukunftsinformationen. In: Nachwort zu *Morgen Land. Neueste deutsche Literatur*. Editado por Jamal Tuschick. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 283-291.

Vorderobermeier, Gisella e Michaela Wolf (eds.). 2008. *„Meine Sprache grenzt mich ab...“ Transkulturalität und kulturelle Übersetzung im Kontext von Migration*. Wien, Berlin: LIT Verlag.

Zaimoglu, Feridun. 2000 (5.^a Edição). *Kanak Sprak. 24 Mißtöne vom Rande der Gesellschaft*. Hamburg: Rotbuch Verlag.

Zaimoğlu, Feridun e Julia Abel. 2006. “Migrationsliteratur ist ein toter Kadaver“. Ein Gespräch. In: *Literatur und Migration*. Editado por Heinz Ludwig Arnold. TEXT + KRITIK (Sonderband). München: Edition text+kritik, 159-166.

Zaimoglu, Feridun. 2006. *Leyla*. Köln: Kiepenheuer & Witsch.

“Stopfkuchen”, Global-Local e a Internet

GERD HAMMER*

Durante séculos, e numa posição de monopólio, os livros contribuíram para aquilo a que designamos como cultura geral. Como sabemos, viriam a perder parcialmente este estatuto no século XIX, muito embora o tão prometido fim da galáxia de Gutenberg se prolongue mais – e com grande verborreia – do que alguns profetas da cultura previram. Hoje em dia são cada vez mais a televisão e a internet a promover a consciência de um mundo comum. No entanto, a literatura não perdeu a sua força de cognição, sendo que a própria Internet e as suas estruturas permitem aprender sobre os livros como em tempos sobre o cinema.

Não existem dúvidas – e com certeza justamente – de que a propulsora e promotora da globalização foi a economia com a sua necessidade de expansão, no entanto não iremos aqui discutir se foram os Portugueses com as suas viagens dos Descobrimentos que deram início à globalização, ou se o primeiro Global Player terá sido o Vaticano. A cultura aparece em quase todas as reflexões sobre este tema como um efeito secundário desta conquista do mundo, um efeito todavia com estruturas de expansão semelhantes, que conduzem a um processo de transformação profunda de comportamentos locais e também culturais, tal como demonstra John Tomlison (2008) em *Globalization and Culture* quando escreve: „(...) globalization fundamentally transforms the relationship between the *places* we inhabit and our cultural practices, experiences and identities.“ (Tomlinson 2008, 106).

O meio mais importante de momento não é o meio mais difundido, os telemóveis, mas sim a Internet, ou mais precisamente a www. Actualmente, este meio é considerado pelos *media* como responsável por tudo o que acontece, quer seja positivo ou negativo. Se os alunos aprendem ou não, a culpa é indubitavelmente dos jogos *online* e dos computadores. O *crash* da Bolsa, o aumento

* Universidade de Lisboa / CECC - Universidade Católica Portuguesa

da criminalidade, o cidadão frio e desinteressado, a decadência da cultura ou o incremento de uma cultura juvenil globalizada graças às redes sociais ou ao Youtube. Sim, segundo Andrew Keen, toda a nossa cultura está a chegar ao fim, pois os amadores, segundo as suas teses, inundam o mundo digital com produtos maus, pois não profissionais, destruindo praticamente todos os esforços de arte e cultura da nossa civilização (Keen 2007).

Todas estas afirmações são simultaneamente correctas e falsas. A *www* tornou-se, entretanto, uma espécie de mundo paralelo com biliões de páginas, onde se podem encontrar teses e antíteses relativamente a praticamente qualquer tema. Um olhar aos primórdios da Web pode ajudar-nos a perceber quais eram as intenções, para além de uma rápida comercialização, que conduziram à ideia de uma ligação em rede e como é que esse movimento regressa de novo aos primórdios, numa curva muito interessante, ainda que num mundo virtual.

Chegados aqui, a questão que muitos podem colocar-se é pertinente: e o que é que isso tem a ver com um grande, ainda que breve, romance policial do final do século XIX? Wilhelm Raabe não foi seguramente um escritor de ficção científica, qual Júlio Verne, e nem este importante narrador do realismo poético, se apresentou como autor fascinado pela técnica.

Wilhelm Raabe publicou o seu "Stopfkuchen", "Eine See und Mordgeschichte", tal como nos indica o subtítulo, em 1891, 100 anos antes de, em 6 de Agosto de 1991, a *www*, que conta actualmente com cerca de mil milhões de utilizadores, começar a funcionar.

"Stopfkuchen" não está infelizmente traduzido em Português, nem sequer o título *Tubby Schaumann* da versão inglesa aparece nas bibliotecas de Lisboa. Permitam-me então que vos apresente um breve resumo da história:

É importante para mim, demonstrar ou informar logo nas primeiras linhas deste romance que faço parte do grupo das pessoas cultas. Acontece que fiz uma fortuna na África do Sul e isso é algo que as pessoas sem línguas mortas, literatura, história da arte e filosofia fazem realmente melhor e de forma mais simples. (Raabe 1985, 9)

Este Eduard que Wilhem Raabe nos apresenta é, sem dúvida, um narrador bastante confuso, indigno quase. Emigrou para a África do Sul há muito tempo, e de visita à sua pequena terra natal vê-se confrontado com a evidência de

que apesar de ter de facto estudado aplicadamente e conseguido ser alguém no mundo, na verdade pouco sabe. Logo após a chegada é informado sobre a morte do seu velho amigo, o carteiro Störzer, que ele em criança costumava acompanhar pelos longos caminhos entre as quintas. De igual modo, fica a saber muito acerca do seu amigo de infância Heinrich Schaumann, conhecido por Stopfkuchen (comedor de bolos), com quem toda a gente gozava em criança devido ao seu volumoso corpo e que agora vive com a sua mulher, Valentine Quakatz, numa quinta chamada Rote Schanze. Ali leva uma vida muito recatada, já que a família do sogro tem má reputação, por se pensar ter morto durante uma briga o rico camponês Kienbaum. Mas Stopfkuchen sabe quem é o verdadeiro autor do crime, embora nunca o vá denunciar por motivos muito seus e muito válidos. E numa taberna conta então como realmente se passou a história.

Neste romance policial Raabe brinca com a sedução e a riqueza do local, e não o faz inocentemente. Pois as pessoas são o que são, não há nada a fazer. E talvez seja necessário um estóico gordo e pacato, amedrontado, que não abandona de bom grado a sua quinta e apenas muito raramente, que fuma o seu cachimbo como um bota-de-elástico e, ao que parece, ironicamente mantém por cima do seu portão as palavras que Deus disse a Noé: *Geh raus aus deinem Kasten / Sai da Arca*. Que se brinque aqui com a antiquíssima tradição alemã de que o movimento espiritual se sobrepõe ao movimento real é apenas uma nota marginal.

Poderia pois pensar-se que o viajante agora regressado enriqueceria o local. Afinal de contas viveu experiências, enriqueceu e formou família em terras distantes, e este conhecimento do mundo deveria causar curiosidade nos que ficaram. Em vez disso, o herói da história é um aluno gordo e mal-sucedido que apenas abandonou a pátria por um breve período para terminar os estudos que acabou por interromper. Muito alemão, prefere também fechar-se nas profundezas como arqueólogo amador do que olhar para o horizonte, acrescentando ainda de forma irónica que em Paris, Berlim e Roma não há absolutamente nada para aprender, porque afinal de contas ele sabe „o que é melhor para a nossa comodidade“ (Raabe 1985, 158). E, apesar de tudo isto, ele é muito menos bota-de-elástico do que o próprio narrador. E consegue de facto coisas importantes, conforme observou Wolfgang Frühwald: „E onde alguém é extremamente infeliz, outro pode – este Heinrich Schaumann, este comedor de bolos, que espera por destinos humanos – fazer feliz uma pessoa, ou até mesmo duas, na sua vida“. (Frühwald Bayerischer Rundfunk)

Este impassível dos impassíveis, este anti-herói, mostra-se de facto superior a todos os outros através da dedicação ao seu objectivo de vida. O local envergonha o global. E com isto regresso à Internet. A Internet ou – mais exactamente – a *www* tornou-se um local bastante difícil de controlar desde a sua abertura pública em 6 de Agosto de 1991. Só o Internet Archive lista desde 1996, 150 mil milhões de documentos, sendo que esta lista não inclui praticamente nenhum dos documentos dos anos iniciais, que já não podem ser encontrados em nenhum servidor. Mas, como todos os novos meios, a internet também tem os seus modelos e os seus predecessores, ainda que a extrema dinâmica do que é novo pareça por vezes alterar o olhar sobre o que é histórico. Não vou falar a seguir sobre a variante comercial deste meio aparentemente divulgado em todo o mundo (apenas uma em cada seis pessoas na Terra tem actualmente mais ou menos acesso à internet, há continentes como a África ou parte da Ásia que vivem ainda praticamente sem Internet, sofrendo de info exclusão). Não se trata portanto da Amazon, do Ebay etc., que fazem todo o sentido, tal como não se trata de grandes projectos como a Europeia ou a World Digital Library, que fomenta o local com a ajuda da Unesco e cuja consequência marca já uma tendência, que se encontra mesmo no início da nova tecnologia. Como escreve Manuel Castells em 2004:

A célebre ideia de que a Internet é incontrolável, livre, etc. reside na tecnologia. Esta foi concebida, ao longo da sua história, com essa intenção. É um instrumento de comunicação livre, criado de forma múltipla por pessoas, sectores e inovadores que queriam que assim o fosse. (Castells 2004, 226)

No final dos anos 60, o movimento *hippie* aproxima-se do seu ponto alto, Steward Brand publica um livro, que como *The Whole Earth Catalog* viria a tornar-se um dos documentos mais importantes e significativos da contracultura. Em 2005, o fundador da Apple, Steve Jobs, considera este catálogo o predecessor estrutural da *www*¹. Na edição de Março de 1969 diz-se:

¹ Vide artigo sobre o *Whole Earth Catalog* na Wikipedia: http://en.wikipedia.org/wiki/Whole_earth_catalog.

“We are as gods and might as well get good at it. So far, remotely done power and glory—as via government, big business, formal education, church—has succeeded to the point where gross defects obscure actual gains. In response to this dilemma and to these gains a realm of intimate, personal power is developing—power of the individual to conduct his own education, find his own inspiration, shape his own environment, and share his adventure with whoever is interested. Tools that aid this process are sought and promoted by the WHOLE EARTH CATALOG”.²

Ainda que o nome do projecto, inspirado pelas primeiras fotos da NASA do planeta Terra, tenha tido como objectivo a consciência global e o conhecimento da Terra como um todo, são propostas estruturas locais, ligadas em rede, de certa forma uma renovação do local que incluisse o global. O catálogo, que ganhou o National Book Award em 1972, na verdade como primeiro catálogo, listava os produtos sob as seguintes cinco condições:

1) Useful as a tool, 2) Relevant to independent education, 3) High quality or low cost, 4) Not already common knowledge, 5) Easily available by mail.

Fred Turner (Turner 2006) dedicou a este projecto um estudo minucioso: *From Counterculture to Cyberculture. Steward Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianism*. O projecto mostrava uma nova forma de percepção do indivíduo, de este se emancipar de estruturas superiores como governos ou religiões, e de construir uma nova forma de comunidade, cujo pensamento basilar fosse a ligação em rede.

In part that community was a function of network representation. In the *Supplement* and to a lesser extent in the *Catalog*, living members of actual communities wrote in to the *Whole Earth*, chatting, recommending products, and so on. The products themselves represented and invoked the networks in which Brand first encountered them. Together, the *Catalog* and the *Supplement* became textual forums within which a geographically dispersed collection of individuals and groups could come together, in

² <http://wholeearth.com/issue-electronic-edition.php?iss=1030>.

text and sometimes pictures, and recognize each other as members of a single community. In a sense, *Catalog* and *Supplement* became town squares. (Turner 2008, 89)

Em 1968, Steward Brand pensou em novas comunidades reais de uma contracultura, com a consciência da Terra como um todo, tal como a já mencionada foto da NASA do planeta anunciava na primeira página. No entanto, torna-se claro neste projecto, como o local é despojado das suas características físicas, do local concreto, e é transformado num local virtual de comunidades de interesses, ou *communities*. O solo, roubado aos indivíduos pelas grandes organizações mediante determinações estranhas, deve ser devolvido, mas num nível diferente, ou seja os indivíduos encontrar-se-ão com os dois pés assentes no virtual, que nestas comunidades nunca foi de qualquer forma pensado sem o real e concreto, sem uma referência física. Já em 1966, Thomas Pynchon in *The Crying of Lot 49* esboçou a ideia de uma rede de comunicação paralela, independente do Estado, que não conspiraria contra ele, a ideia de uma contra organização paralela, alternativa, tradicional e de comunicação moderna.

O Whole Earth Catalog já era publicado regularmente em 1972, a partir de 1974 Brand publicou a revista *CoEvolution Quarterly*, e em 2003 o projecto terminou definitivamente. O próprio Steward Brand levou a cabo os pensamentos da Counter-Culture-Community no mundo digital, a ele se deve a primeira Conferência de *hackers* que teve lugar em San Francisco, em 1984, onde participaram, entre outras, personagens tão ilustres como o lendário *hacker* do MIT Richard Greenblatt e o fundador da Apple Stephen Wozniak. O seu resultado foi, naturalmente, positivo para a comunidade *Hacker*:

No other group that I know of has set out to liberate a technology and succeeded. They not only did so against the active disinterest of corporate America, their success forced corporate America to adopt their style in the end. In reorganizing the Information Age around the individual, via personal computers, the hackers may well have saved the American economy. ... The quietest of all the '60s sub-subcultures has emerged as the most innovative and powerful... (Steward Brand) (Levy 2001, 431)

E em 1985 Brand, juntamente com Larry Brilliant, funda a THE WELL (Whole Earth 'Lectronic Link), uma das mais antigas comunidades virtuais, ainda hoje existente, com aproximadamente 4000 membros, organizada de forma ligeira em torno de temas como a saúde, a arte, a política, os Grateful Dead e muito mais³. Existe um outro projecto de comunidade desde o início da Internet. Um dos seus fundadores, Lee Felsenstein, nascido na Filadélfia, em 1945, pertence igualmente aos visionários da Internet e da ligação em rede; como engenheiro informático fez parte do grupo que desenvolveu o PC. Em 1973, com Efrem Lipkin e Mark Szpakowski, funda o Community Memory Project em Berkeley, Califórnia. Por esta altura, o movimento *hippie* e a Nova Esquerda consideravam os computadores essencialmente suspeitos. Eram considerados co-responsáveis pela via para uma época fria dominada pelas máquinas e pela guerra do Vietname, a primeira guerra realmente conduzida electronicamente:

The Vietnam War was the first war in military history to be run with the full-scale assistance of electronic data. Computers were in place in the White House and the Pentagon in time for large-scale application for war in 1965. By 1968 the American high command had installed computers in Saigon and military data originated thereafter from South Vietnam. The effect of these data on the propagation of the war touched the highest levels of the Office of the President. It affected infantry brigades on the battlefield. The effect was felt by the South Vietnamese government and its citizens from scores of data systems dedicated to their well-being.⁴

Apesar desta desconfiança relativamente aos computadores e de certa forma às tecnologias, este projecto de Computer-Community foi um êxito. Num *Flyer* do projecto lia-se, em 1972:

We are Loving Grace Cybernetics, a group of Berkeley people operating out of Resource One Inc., a non-profit collective located in Project One

³ Vide: http://en.wikipedia.org/wiki/The_WELL

⁴ <http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/viewFile/11490/12434>.

in S.F. (...) Our intention is to introduce COMMUNITY MEMORY into neighborhoods and communities in this area, and make it available for them to live with it, play with it, and shape its growth and development. The idea is to work with a process whereby technological tools, like computers, are used by the people themselves to shape their own lives and communities in sane and liberating ways. In this case the computer enables the creation of a communal memory bank, accessible to anyone in the community. With this, we can work on providing the information, services, skills, education, and economic strength our community needs. We have a powerful tool ~ a genie ~ at our disposal; the question is whether we can integrate it into our lives, support it, and use it to improve our own lives and survival capabilities. We invite your participation and suggestions. Loving Grace Cybernetics⁵.

O projecto, de acordo com as ideias dos *hackers* do círculo do Homebrew Computer Club, do qual eram membros além de Felsenstein também John T. Draper e os fundadores da Apple Steve Jobs e Steve Wozniak, mostram claramente qual era a ideia da Internet no início: participação, livre troca de informações, comunidades de interesses, construção de estruturas descentralizadas em rede, livre circulação de *software*, evidentemente sem censura ou outras limitações fossem elas quais fossem. Este programa assentava numa ética estabelecida que era óbvia entre os *hackers*. No seu fascinante livro “Hackers – Heroes of the Computer Revolution”, Steven Levy descreveu a ascensão e a queda temporária deste movimento de contra-cultura.

Estas estruturas participativas na *www* estão hoje mais fortes do que nunca, estruturas estas que são descritas como Web 2.0, mas que na verdade remontam aos primórdios da Internet. Centenas de milhares de pessoas encontram-se em redes sociais como o Hi5 ou o Facebook, colocam a sua música e literatura no MySpace e no Youtube, conversam em *chats* ou no *twitter*, como se estas possibilidades não existissem há apenas uns anos. Todas as tentativas governamentais ou corporativas para proibir estas actividades não têm tido grande êxito, nem mesmo em estados como a China, Cuba

⁵ <http://www.well.com/~szpak/cm/cmflyer.html>.

ou a Arábia Saudita, que tomam medidas especialmente contundentes no que toca os utilizadores da Internet. Nem sequer a tentativa de influência de Partidos e Organizações, por exemplo através da sua presença no Youtube, conseguem fazer algo para contrariar a vontade dos utilizadores. Talvez possamos registar apenas a tentativa do Vaticano em fazer questão de estar presente no Youtube. A página existe, mas à excepção de alguns jornalistas dos *media*, que os jovens actualmente ignoram completamente, ninguém mais acede à dita página. Mesmo as tentativas de grandes grupos de *media* para impedir a livre circulação, através de acções contra a Napster ou a Pirate Bay com os argumentos do *copyright* americano, se mostram cada vez mais difíceis. Joost Smiers (2005) em “Arts under Pressure” colocou este debate no seu aspecto económico:

However, by equating this cultural right with the economic freedom nearly to monopolize the channels of communication worldwide, a strange situation has been created. This economic freedom gives a limited number of cultural conglomerates decisive power over what can be expressed, heard, read or watched. Such a dominant economic position is against the intentions of the Universal Declaration on Human Rights. Thus, freedom of expression for everybody is an additional reason to restrict substantially the size and power of the cultural industries worldwide. (Smiers 2005, 245)

No final da sua viagem à velha pátria, Eduard regressa de navio à África do Sul, cheio de dúvidas e extremamente inseguro. Passa a viagem a escrever, no entanto não permite que o comandante do navio leia as suas anotações. À chegada, o rico emigrante sabe o que o espera: „agora a tua mulher volta a pendurar-se-te ao pescoço com a sua ninhada alemã-holandesa à volta das bainhas das saias: 'Paizinho, o que nos trouxeste da pátria, da pátria alemã?'“ (Raabe 1985, 219)

Vou tentar responder à questão com a qual termina o romance de Raabe, com a ajuda de Richard Sennet. Em 2006, o sociólogo americano Richard Sennet publica sob o título „The Culture of the New Capitalism“ as suas conferências em 2004, na Yale University, *Castle Lectures in Ethic, Politics, and Economics*. A tese central do livro é a profunda mudança do quotidiano sob a

onda da New Economy dos anos 90 do último século, de certa forma a „Davos Culture“, tal como Samuel Huntington⁶ lhe chamou. Estas mudanças têm a ver essencialmente com a perda de capital social, de lealdade, compromisso informal e conhecimento institucional. Os indivíduos que trabalham na New Economy distinguem-se por um elevado grau de falta de compromisso, que também pode ser descrito como falta de raízes. A esta falta de compromisso do turbo-capitalismo (Peter Glotz) com a sua cultura esvaziada de sentido opõe Sennet o conceito de *commitment* / dedicação, a sensação de felicidade de um trabalho concluído e conseguido de um artesão.

Eduard, o narrador, conhece perfeitamente esta falta. Ele estudou, como se sabe, e conseguiu algo na vida, no final das contas transformou as viagens narradas do seu amigo Störzer em algo de real. O encontro com o amigo de infância, Stopfkuchen, faz tudo isto cair por terra, parecer estranhamente oco. A sua vida pode ser resumida nas poucas linhas deste romance. Pode ser que seja esta consciência que fez com que o narrador não mostrasse as suas notas ao comandante do navio, felizmente permitiu-nos a nós que as vissemos. Mas é evidente que o seu conhecimento do global empalidece perante o local, perante uma vida vivida de forma intensa e sábia, que encontra a sua realização na Rote Schanze. E aparentemente é esta mesma consciência que faz mover muitos utilizadores da Internet. Os projectos comunitários conseguiram estruturas que possibilitam relações virtuais, estruturas locais na rede global. Esta estrutura descentralizada oferece a milhares na *web* a possibilidade de *commitment*, e esta é utilizada de forma muito diligente. A queda dramática das edições de jornais, o desinteresse dos jovens pela televisão tem a ver com o desejo de participar em algo. Se ficamos satisfeitos com estes resultados, isso é outro assunto. Mas que o local – por mais que seja alterado – se manterá no mundo digital, disso não tenho dúvidas.

⁶ Vide Peter L. Berger: Four faces of global Culture. <http://bss.sfsu.edu/fischer/IR305/Readings/four.htm>

Referências bibliográficas

Castells, Manuel (2004). A Internet e a sociedade em rede. In: *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*. Edited by José Manuel Paquete de Oliveira, Gustavo Leitão Cardoso and José Jorge Barreiros. Lisboa: Quimera.

Levy, Steven (2001). *Hackers. Heroes of the Computer Revolution*. New York: Penguin Books.

Raabe, Wilhelm (1985). *Stopfkuchen*. Frankfurt am Main: Insel Verlag.

Sennet, Richard (2006). *The Culture of the New Capitalism*. New Haven & London: Yale University Press.

Smiers, Joost (2005). *Arts under Pressure. Promoting cultural diversity in the age of globalization*. London / New York: Zed Books.

Turner, Fred (2008). *From Counterculture to Cyberculture. Steward Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianism*. Chicago / London: The University of Chicago Press.

“My Favorite Things”.

The proximal term of tacit knowledge

PETER HANENBERG*

The title of my article might remind some readers of the famous John Coltrane whose LP with the same title was one of the great Jazz events in the early sixties. Maybe others will remember instead the musical “The Sound of Music” composed by Richard Rodgers and Oscar Hammerstein from the late fifties, maybe even in its Portuguese adaptation on stage some few years ago. Or some others might even remember both music title –or should I say the unit that Coltrane built upon the Rodgers-Hammerstein original. And if one remembers any adaptation of the melody, one might even hear it, somehow like being in an inner ear.

When I chose the title for this short reflection, I tried to link attention to it with some other experience that I supposed might be familiar to the reader. And now by remembering some moments of the underlying musical experience, I tried to reinforce this linking – even for those who even might not have thought on it before. Actually I was trying to support the arguments that I am going to develop by a previous aesthetic experience – and of course my intention is to transfer some of the good musical mood to what I am going to develop.

Even before I started arguing, I already occupied the reader's brain by the repetition or by the revocation of a former auditory experience, that – as I said – some might even have heard inside their mind. “My favourite things” is one of those music pieces that we all recognize as something experienced before and that – once in our inner ear – is hard to forget. One might be “hearing” “My favourite things” even when this paper is finished, rethinking the title or some of its arguments, for instance, or even just by chance, at night, when the reader is preparing to go to bed. Tomorrow,

* Universidade Católica Portuguesa / CECC

“My favourite things” will occur less frequently, maybe one will somehow forget it again, until the moment you meet the music or the title of my paper again.

“My favourite things” is part of our tacit knowledge. I will have to explain what this means. Of course, its content, the melody itself is not tacit knowledge, but it is knowledge (I know the melody) and it is memory (I remember the melody). When they occur, knowledge and memory are an explicit content that we can attend to or not. But “My favourite things” is tacit in the way it came up to the mind: as the auditory sensation produced by the quotation of a music title. What is behind this way of coming out to hear a melody just by reading three words? And why can one not forget the melody since I started to draw attention on it? One can't help hearing the melody – and when one is a Jazz-Fan he will even feel the vibration of Coltrane's saxophone.

Listening to Coltrane's piece, we easily recognize the original melody from the musical – even though we might not be able to say how and what exactly makes us identify it as being simultaneously the same and different. Music specialists will do the job more easily, but they will not be able to explain the unspecialized recognition and why it lasts longer than the stimuli that make it work.

One of the key points in “My favourite things” is repetition. Already the original melody is widely based on the effect of repetition and serial enumeration. In repeating the central themes of the melody, Coltrane is even more radical in using this iterative principle, building the fascinating tension of his piece by a continuous oscillation between repetition and variation.

I would like to stress the general point of this argument in a twofold way: First I would argue that repetition and recognition are key-issues not only in “My favourite things” but in music in general. Music without repetition and recognition would just be noise. And: Music that is just repetition and recognition without any variation is nothing but boring, *pimba* as we call it in Portuguese. Patrick Colm Hogan has built up an interesting *Guide for Humanists to Cognitive Science, Literature, and the Arts* (Holms 2003), precisely starting with John Coltrane's example. The point is that the effect of repetition and recognition is not only structurally relevant for music: it is for cognition at all. Our brain is constructed in a way that the cultural environment that it

is exposed to shapes and sets up the structure through which the brain will attend the environment, trying to develop and maintain a coherent correspondence between the mental structure and the world experienced outside. This is valid not only in a short term perspective like priming your attention to my arguments through a musical experience. Instead it stands for the general plasticity of our brain.

Internal neural structures are created that correspond to those aspects of environmental stimulation that are most commonly experienced by a particular individual. These structures then limit, shape, and focus perception on aspects of the information stream that are most like themselves. This increases the sense of correspondence between the external world and the internal one, and progressively limits the power of sensory stimulation to change the structures. (Wexler 2006, Loc. 1562-64)

One of the simplest ways of shaping structures is repetition. A repeated input will cause the notion of familiarity that by itself will lead to a certain agreement between the inner mental world and the world outside. That what one sees, hears and feels first and repeatedly, will have a lasting impact on what one thinks and what one likes. In his book on *The Hidden Forces That Shape Our Decisions* Dan Ariely asks himself and the reader:

Could it be that we made arbitrary decisions at some point in the past (like the goslings that adopted Lorenz as their parent) and have built our lives on them ever since, assuming that the original decisions were wise? Is that how we chose our careers, our spouses, the clothes we wear, and the way we style our hair? Were they smart decisions in the first place? Or were they partially random first imprints that have run wild? (Ariely 2009, loc. 861-864)

And further in his book: “Perhaps it’s time to inventory th[ese] imprints and anchors in our own life” (Ariely 2009, loc. 879).

This is the issue of tacit knowledge. Maybe our inclination to music (a quite useless thing, by the way) has to do with this “tacit power” of experiencing the interaction of repetition, melody or structure shaping and

variation. As your music expectation is anchored by referring to a certain theme, chord or tonality, our brain is anchored to certain experience-based structures that aim at maintaining themselves through variation. In music we experience this interaction of repetition and variation as such – without any further reference (that is why we practice music without having any practical interest).

Another important point is that our brain selects certain stimuli and lets them make sense, while others are not attended. When you are listening to music you don't even hear you neighbour snore. Our brain does the same: such stimuli that do not find correspondence in your mental structure are rolled out, neglected or forgotten. You even do not notice that they are there (but your neighbour might, as he is sleeping and thus in a different structure than you). Once again Bruce Wexler:

Such processes are so common that they seem only natural, and the excess of input beyond processing capacity makes them necessary. Two points, however, are of current relevance. First, since these internal structures select and value sensory input that is consistent with them, they create an exaggerated sense of agreement between the internal and external worlds. Second, since internal structures shape perceptual experience to be consistent with the structures themselves, they limit further alteration of brain structure by environmental input. (Wexler 2006, loc. 1420-22)

Tacit knowledge emerges from the permanent effort of our brain to find a proximal relation between its own structure and its environment. Even distance is a means to shape proximity, in the sense that it establishes such relation. Therefore, distance and proximity are not opposed in a cognitive sense, as both describe a relation to the self. Distance not linked to the self would not make any sense. Distress and conflict emerge, instead, when no relation can be established from the individual brain to its environment. Thus the opposite of proximity would be displacement.

So far we have used two terms to describe the phenomenon that we are dealing with: imprinting and anchoring, two metaphors that try to describe how the environment acts upon our mind and shapes its structure in a way

that is unknown to us but relevant to all we know. This is what I call tacit knowledge, first defined by Michael Polanyi in the famous sentence: “We can know more than we can tell” (Polanyi 2009, 4).

I would like to present you now some other kind of tacit knowledge deriving from the basic principle described before, trying to show the importance of this term to distinguish between proximity and displacement.

A certain type of tacit knowledge might be found in what Richard Nisbett called a *Geography of Thought* (Nisbett 2003). The basic point in this geography of thought is the observation again, that cultural environment plays a certain role in the way we think. Nisbett main thesis is “that indoctrination into distinctive habits of thought from birth could result in very large cultural differences in habits of thought” (Nisbett 2003, xvi). His findings seem to prove that mind did not just develop evolutionary and thus as the same for all mankind, but that geographical, social and cultural conditions lead to different practices and beliefs and thus to different kinds of thinking, individually, in the scope of a lifetime; collectively in the form of different cultures. His argument is a long-term one, but still it is not in the sense of evolution, but of history. The main difference he tries to prove occurs between “Asians” and “Westerners”, namely based on the distinction between classical China and classical Greece. “The ecologies of ancient Greece and China were drastically different – in ways that led to different economic, political, and social arrangements.” (Nisbett 2003, 32)

Focusing on different things will produce different «understandings about the nature of the world. Different worldviews will in turn reinforce differential attention and social practices. The different worldviews will also prompt differences in perception and reasoning processes – which will tend to reinforce worldviews.” (Nisbett 2003, 38)

I do not want to discuss now whether the differences pointed out for Westerners and Asians are convincing or not. But it seems quite clear to me that Nisbett's theory highlights the importance of the environment for the way we think. We are familiar with this finding in two other circumstances. The first point is history – or what we might call a non-evolutionary evolution of mental processes. I would argue that it is worthwhile to look at cogni-

tion not just and only in its structural conditions but in its concrete historical establishment. We could then recover such concepts like 'Discourse' in the sense of Michel Foucault, 'paradigm' in the sense of Thomas Kuhn or 'Denkstil' and 'Denkkollektiv' in the sense of Ludwik Fleck as specific forms of proximity built up by certain groups in time. We could consider those concepts as the historical establishment of a tacit knowledge assuring proximity to those who are in and displacement to those who are not.

But let me come back to a second point that is much more closely related to the question of geography of thought and thus to the construction of cultural proximity. Quoting Nisbett before, I used a word as polemical as Discourse, Paradigm and Denkstil. I am referring to the word "mentality" or "mentalities". Again I would like to ask: What is the cognitive status of mentality? Is it just an airy idea or is there something behind that could account for a condition for cognitive processes? Riccardo Viale and Andrea Pozzali who have studied the "Cognitive Aspects of Tacit Knowledge and Cultural Diversity", actually claim that in addition to the universal principles, "the child also assimilates culture-based schemes and principles that determine the development of cognitive styles valid only at local level" (Viale & Pozzali 2007, 238). Those cultural-based schemes and principles give "rise to profound differences between various cultural areas in terms of the cognitive style" in what they call "Implicit Cognitive Rules".

This is the point where applied sciences like Intercultural Management start their research. Let me just give one example, maybe the most striking and most famous one: Geert Hofstede's Research on international differences in work-related values. One of his recent books speaks of Cultures and Organizations as the *Software of the Mind* (Hofstede & Hofstede 2005). Of course, Hofstede's work is not cognitive research – it is mainly based on statistics and inquiries in the context of multinational corporations. But his research reveals interesting data exactly on the issue of cultural motivated differences in the way people think – differences that might even be measurable. Of course the statistic finding does not prove any evidence on cognitive processes, but it might help to indicate where we have to look for such differences in the way people think and act. Maybe we should have some doubts on the national approach behind his research – and maybe we are not willing to accept his idea that national ways of thinking and national

values “should be considered given facts, as hard as a country’s geographic position or its weather” (Hofstede & Hofstede 2005, 13). But the dimensions of national cultures he studies could be a short description of the areas in which tacit knowledge is particularly relevant. These dimensions are the following: the indexes of Power Distance, Individualism, Masculinity, Uncertainty Avoidance and Long- or Short-Term-Orientation. The point that Hofstede tries to make, is that people think and act differently in or better on the basis of these issues. The “software of the mind” works differently if a certain index is higher or lower – leading to different outcomes and realities. Tacit knowledge in the sense of mentalities seems to work efficiently in the area of power (and resistance), in the struggle between Individualism and Collectivism, in gender questions, time-projection (as concerning memory and future projects) and when certainty and uncertainty are at stake. I would suggest that we should take these statistic findings seriously, because they describe a quite widespread area of differences in thinking and behaviour that are broader than the individual and smaller than mankind, defining a proximity that each individual may not be aware of.

But there is one important point, as I said before, where we should doubt Hofstede's research, namely in his tacit apology of national differences. Hofstede's research dates from the late 1970es and that means that his data is quite out of date – in spite of recent research undertaken to confirm the former findings. Some thirty years further in the process of globalization national differences somehow seem to vanish. Today's culture seems much more determined by hybridism and liquidity then by any certainty. Following Zygmunt Bauman we may characterize our contemporary culture by “the 'overvaluation' [...] of the individual liberated from the constraints imposed by a dense network of social bonds” (Bauman 2004, 96). But this liberation causes a new challenge to the individual: an increasing mismatch between the acquired mental structures and the hybrid environment. A huge amount of “incongruities introduced by significant changes in the environment, produce distress and dysfunction”, as Bruce Wexler (Wexler 2006, loc. 1772) argues. This is especially relevant for emigrants, as Wexler explains:

Even when they make the effort, their neurobiological development is out of synchrony with the opportunities for skill and role development

in the new culture. There is no match in their new environments for the knowledge and skills they developed in their original environments. (Wexler 2006, 2212-2213)

Somehow like the difference between noise and music, the mismatch between mind structure and environment means a challenge that might not be easy to act on: displacement.

Also new media and their challenges to the concept of identity stimulate a new view on tacit knowledge. Jay David Bolter and Richard Grusin argue that the 'windowed style' of World Wide Web "privileges fragmentation, indeterminacy, and heterogeneity" (Bolter & Grusin 2000, 31) and "that the unity of our selves is fractured" (Bolter & Grusin 2000, 257) by the media culture in which we live. The "remediated", the "virtual", the "networked" Self are three main forms how digital media reshape our culture's definitions of the self. The so called "Second life" is an ultimate attempt to separate body, mind and world in autonomous entities sent out on their own. My avatar moves through the virtual world and his own appearance as a well-defined body can even counteract all what I am in real world: I can be thick or thin, tall or small, brave or coward – and I even male or female. Imagine, my female avatar looking for a female fitness-studio in "Second life". What should I answer then, when another avatar asks me: "But are you really a woman?" (Bolter & Grusin 2000, 263). The argument is deep in two senses: first, because we can virtually separate body and mind in a way that my separated body is exposed to experiences that my real body-mind-unit never could achieve. The point is that there is no mind at all in virtual reality; my avatar is without mind – and thus without tacit knowledge. Is any proximity in second live? Isn't second live the institutionalization of displacement? Tacit knowledge – and that is the second sense – is, where I am really not a woman – and I am referring to gender, not to sex which would be just a body question that my avatar might answer on his or her own. As nation and identity my Self is in trouble: hybrid, fluid, remediated: as if it were "not concerned to give a faithful or consistent representation" (Bolter & Grusin 2000, 265) of itself.

The point is that this tacit conditioning of all my thinking is not just accidentally and arbitrary. On the contrary: it is based on a general principle

and a specific set of cultural configuration. The principle has been described by Leonard Talmy in his theory towards a cognitive semantics. Talmy's main argument is "that there has evolved in the human species an innately determined brain system whose principal function is the acquisition, exercise, and imparting of culture" (Talmy 2003, II, 373). This so called Cognitive Culture System "directs the individual, particularly the developing child, to preferentially attend to and observe certain aspects of the behaviour of the people most directly interacting with that individual, and to assess these observations for certain kinds of regularities, patterns, and norms" (Talmy 2003, II, 378f.). Of course, further on in life, the "cognitive culture system can conclude that there are incompatibilities or conflicts between the patterns in two or more different groups assessed as relevant to the self" (Talmy 2003, II, 380), so that it might resolve "focusing on one pattern to the relative exclusion of the other patterns, developing a distinctive blend of two or more of the patterns, and developing psychologically compartmentalized forms of each of the patterns" (Talmy 2003, II, 381). But there is one thing that the cognitive culture system cannot do: it cannot abstain from the development of patterns and norms. Of course you can be against certain patterns or norms, but you will need other patterns and norms to do so. And of course you can change mind concerning certain patterns and norms but you will do it on the basis of other patterns and norms. And normally you will simply not know which patterns and norms you are referring to, because they seem so natural to you that you would take them to be universal right and reason.

But culture, patterns and norms are not universal and they cannot be taken for granted. They are – as Talmy showed – a matter of "acquisition, exercise, and imparting". Culture is not for granted: it is a matter of sharing experiences and intentions, and a matter of learning and teaching. That is why culture can be changed, that is why culture can be lost, and that is why we need to know more about its tacit power on our thinking and acting.

"My Favourite Things" – the tacit knowledge, next to me and connecting me to my environment: I have already mentioned how perception and conception work together in the way we think. For this intimate relation between perception and conception, Leonard Talmy suggested the intuitive term of "ception" (Talmy 2003, I, 139-175). Ception counts on the inseparable relation between what happens in our brain (through the stimuli given by eyes,

ears and other notions) and the world constituted as such which is simultaneously the origin of the stimuli.CEPTION is where proximity and distance build an inseparable unit. In this sense a certain “transposition of meaning away from us” (Polanyi 2009, 14) is present to some extent in all tacit knowing. That is why Polanyi writes that “wherever some process in our body gives rise to consciousness in us, our tacit knowing of the process will make sense of it in terms of an experience to which we are attending” (Polanyi 2009, 15). And further: “[...] the process of education by which the human mind is brought into existence is a major exercise of these powers of understanding. The growing mind recreates the whole conceptual framework and all the rules of reasoning bequeathed to it by its culture.” (Polanyi 2009, 45f.)

This recreation of the conceptual framework and rules of reasoning will establish a certain way of thinking – and it will be present in further ceptions, experiences, understandings, adjustments, decisions and acts. Once again: the argument does not want to claim the idea of a static determinism or an unchangeable fate. But it wants to emphasize the relatedness and embeddedness of our thinking concerning the tacit conceptual frameworks and rules established by culture and through education.

Tacit knowledge is the knowledge next to me that I even do not recognize as being knowledge at all. It is the structure shaped by education and former experience that makes up my mind and that I try to bring in correspondence with the new experiences that I make. Try to forget it – you will not be able to. As you are not able to forget “My favourite things”.

References

- Ariely, Dan. 2009. *Predictably Irrational. The Hidden Forces That Shape Our Decisions*, Revised and Expanded Edition. New York: Harpercollins; Kindle edition.
- Bauman, Zygmunt. 2004. *Europe. An Unfinished Adventure*. Cambridge: Polity Press.
- Bolter, Jay David & Richard Grusin. 2000. *Remediation. Understanding New Media*. Cambridge, London: MIT.
- Fleck, Ludwik. 2008. Weitere Bemerkungen über das Denkkollektiv. In *Kulturwissenschaft. Eine Auswahl grundlegender Texte*. Edited by Uwe Wirth. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 282-288.
- Hofstede, Geert & Gert Jan Hofstede. 2005. *Cultures and Organizations. Software of the Mind*. New York etc.: McGraw Hill.
- Hogan, Patrick Colm. 2003. *Cognitive Science, Literature and the Arts. A Guide for Humanists*. New York and London: Routledge.

Nisbett, Richard E. 2003. *The Geography of Thought. How Asians and Westerners Think Differently... and Why*. New York etc.: Free Press.

Polanyi, Michael. 1974. *Personal Knowledge. Towards a Post-Critical Philosophy. Paperback Edition*. Chicago: UP (1st 1958).

Polanyi, Michael. 2009. *The Tacit Dimension*. With a new foreword by Amartya Sen. Chicago and London: University of Chicago Press (1st 1966).

Talmy, Leonard. 2003. *Toward a Cognitive Semantics*, 2 vols. paperback edition. Cambridge, Mass., MIT Press.

Viale, Riccardo & Andrea Pozzali. 2007. Cognitive Aspects of Tacit Knowledge and Cultural Diversity. In: *Model-Based Reasoning in Science, Technology, and Medicine*. Edited by Lorenzo Magnani and Ping Li. Berlin/Heidelberg: Springer, 229-244.

Wexler, Bruce E. 2006. *Brain and Culture: Neurobiology, Ideology, and Social Change*. Cambridge: Mit Press 2006; Kindle edition.

Quando a Proximidade Acompanha a Distância. Tempo, Espaço e outras Dimensões nos *Blogs* e nas Redes Sociais

JORGE MARTINS ROSA*

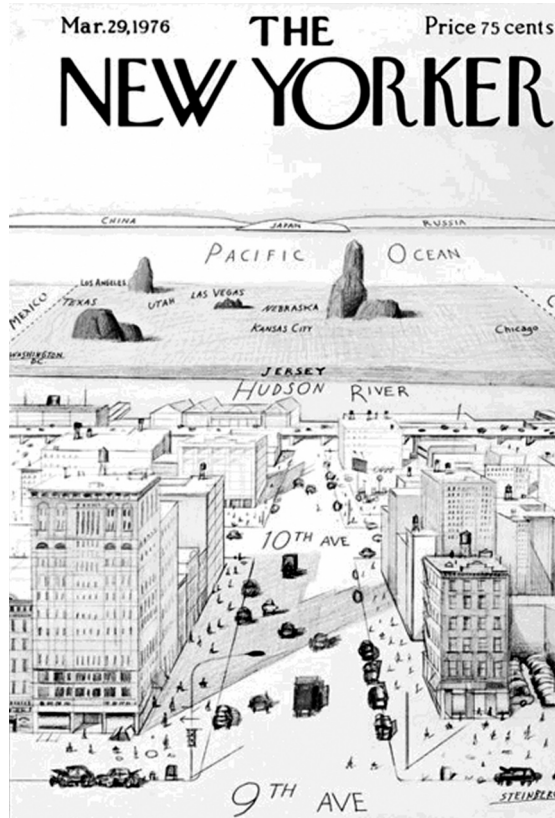
Não possuindo eu qualquer formação como linguista, escapam-me as subtilezas teórico-metodológicas do modelo proposto por Peter Koch e Wulf Oesterreicher. Ao tentar responder ao desafio de encontrar ligações às problemáticas e aos métodos das ciências da comunicação, a primeira associação mental que me foi despertada pelos opostos “proximidade” e “distância”, talvez em tudo similar à que deles faz o senso comum, levou-me à inevitável colagem que se deu entre o uso puramente denotativo desses termos – como indicadores *espaciais* – e um dos seus usos derivados – como indicadores da outra dimensão fundamental da experiência, o *tempo*. Mas a oposição deve ainda ser compreendida, em usos que de tão comuns quase já nem são metafóricos, como forma de classificar todo o tipo de “distâncias”, nomeadamente a social. Ora, se estamos perante termos que podem ser aplicados a tão diversas dimensões da experiência, tanto mais atenção se deve prestar a eventuais acertos e desacertos mútuos – o que, de certa forma, era já a intuição de Walter Benjamin quando definia a “aura” como a percepção de uma distância: nesse caso, algo que está socialmente longínquo por mais que esteja espacialmente próximo. Ainda que com pouco de “benjaminiana”, a linha de análise que de seguida procuraremos esboçar a propósito do fenómeno recente das redes sociais partilha dessa percepção de que a coincidência entre proximidades ou entre distâncias está longe de ser a regra.

* Universidade Nova de Lisboa

I. Tecnologia, Comunidade e Proximidade.

Se encetarmos uma leitura da história das tecnologias – em particular das tecnologias de comunicação – com base nessa grelha conceptual resultante das possíveis aplicações dos termos “proximidade” e “distância”, depressa se configura uma complexa teia de ambiguidades. Mesmo tentando conferir a essa leitura uma objectividade científica, isto é, sociológica e antropológica, ora nos vem à memória a famosa oposição de Ferdinand Tönnies entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft* (segundo a qual a proximidade da *Gemeinschaft* se teria perdido no processo de modernização, dando lugar a um modo mais distante de relacionamento, porque funcionalizado pelas pressões da *Gesellschaft*), ora as múltiplas propostas, algumas à beira do tecno-eufórico, segundo as quais se defende que as sociedades se contraíram a ponto de termos actualmente apenas uma sociedade global (cf., ainda antes de Giddens e do polémico Paul Virilio, a visão sistémica de Niklas Luhmann). Não é este o local para uma análise fria e aprofundada dos méritos ou – especialmente – dos deméritos de qualquer das posições. Em vez disso, e continuando esta livre associação de ideias aberta pela oposição proximidade/distância, podemos pelo menos aceitar que a tecnologia contraiu o mundo quer espacial quer temporalmente, criando com isso as *condições* para uma redução de outro tipo de distâncias.

Deve contudo contrapor-se que daí não resulta, como se de uma poção mágica se tratasse, uma necessária proximidade nas relações entre os indivíduos. De resto – e é por isso que ainda hoje se ensina Tönnies, mesmo que mais e mais a título de curiosidade histórica –, há toda uma dinâmica do “deve e haver” na segmentação das sociedades nessas unidades funcionais habitualmente conhecidas como “organizações”. Mais uma vez por defeito de formação, a ilustração que queremos privilegiar, preparando com isso o salto para o presente, é a que diz respeito aos meios de comunicação, nomeadamente a imprensa. Os jornais trazem notícias do que nos está distante (mesmo que os critérios editoriais acabem por dar uma visão deformada do mundo, como o satirizou uma famosa capa da revista *The New Yorker* de 29 de Março de 1976) e se desde o seu surgimento contribuíram para uma maior proximidade, em particular na dimensão *temporal*, os avanços da técnica hiperbolizaram-na, a ponto de se terem entronizado os conceitos de “instantâneo” e de “tempo real”.



Capa da *New Yorker*, 29 de Março de 1976.

Contudo, e invocando de novo Walter Benjamin, como podemos reconhecer no nostálgico ensaio “Der Erzähler” [“O Narrador”], essas narrações de outros lugares tornaram-se uma tarefa profissional, para mais sujeita a formatações como a conhecida estrutura em pirâmide invertida do jornalismo. Aqui, impera outra forma – caracteristicamente moderna – de distância. À semelhança de uma célula com a sua membrana, a organização jornalística – como qualquer outra organização, de resto – possui barreiras que condicionam a entrada de quem pode desempenhar as funções que lhe vêm associadas. É certo que não tão rígidas como a de algumas guildas medievais, mas ainda assim barreiras, ora porque determinam quais os *inputs* dignos de passarem a *output* (o conhecido conceito de “*gatekeeping*”) ora, e tanto ou

mais importante, porque o seu funcionamento depende de uma estrutura hierárquica que confere robustez a uma relação assimétrica entre os profissionais e o público, mero consumidor de notícias.

Foi perante a sempre renovada consciência deste panorama que por sucessivas ocasiões voltaram a depositar-se esperanças numa sua inversão graças às potencialidades de novíssimos meios. Já Bertolt Brecht, num ensaio de 1932 sobre a rádio como aparelho de comunicação (“Der Rundfunk als Kommunikationsapparat”), falava das virtualidades – utópicas, diríamos – deste meio, e esse ensejo, mesmo que em versões mais *soft*, repetiu-se na ideia da televisão como serviço público, em particular na chamada “Community Television” – por mais que o proto-*rapper* Gil Scott-Heron afirmasse em 1971 que “The Revolution Will Not be Televised”. Em tempos mais recentes, a esperança ganhou novo fôlego, primeiro com os BBS [Bulletin Board Systems], logo depois com a democratização do acesso à World Wide Web e em particular, já com esta instalada, com os *blogs* e com as redes sociais.

No que toca aos *blogs*, será talvez mais correcto associá-los a uma democratização da palavra do que a uma comunicação de proximidade. Seja como for, na medida em que até mesmo no mais idiossincrático e “umbiguista” dos *blogs* há a potencialidade de chegar a novos públicos, e que de modo geral – a não ser quando essa opção é desactivada – dispõem de um espaço para comentários, parece ser lógico categorizá-los como facilitadores da proximidade. Mas não nos adiantemos, que o seu papel actual poderá entretanto tornar-se mais claro.

Quanto às “redes sociais”, o maior problema reside no facto de essa ser cada vez mais uma expressão “chapéu-de-chuva” para serviços da *web* que, quando observados mais ao pormenor, revelam notórias diferenças entre si, inclusive exibindo características mutuamente exclusivas (mesmo que não as globalmente mais determinantes). Na acepção mais consensual do termo, nem que seja porque é assim que se autodenominam, encontramos serviços como o Facebook, o Hi5, o Orkut ou o MySpace. Enumerar o que os aproxima e o que os distingue é tarefa quase fútil, dada a rapidez com que vão acrescentando funcionalidades e se vão mutuamente imitando¹. Ora, a questão é

¹ O que não tem de ser contraditório com a afirmação imediatamente anterior: as diferenças fundamentais podem manter-se, por mais que se imitem inovações introduzidas

que o termo é também usado para *sites* que, ainda que menos ambiciosos (ou tão-só mais especializados) exploram outras formas de ligação entre utilizadores: o Twitter, o Google Reader – este na prática reduzido com as funções de partilha (“*share*”) e de aprovação (“*like*”), direccionadas respectivamente a um círculo de contactos ou a todos os utilizadores do serviço –, o FriendFeed, o Flickr, entre outros, inclusive os orientados para um contexto profissional (caso do LinkedIn) ou académico (Academia.edu, CiteULike, etc.).

Abreviando e sistematizando – mesmo sabendo que é com esses actos que se iniciam as generalizações abusivas –, podemos classificar um determinado serviço na *www* como uma *rede social* sempre que é orientado para 1) a *partilha instantânea* [mesmo que a recepção seja diferida] de uma diversidade de conteúdos para 2) um *conjunto restrito de contactos* (com os quais formamos a “rede”), e 3) essa *partilha* pode ser *recíproca* (o que aponta para a qualidade “social” dessa rede). A advertência acerca do perigo de generalização é tanto mais pertinente quanto se verifica que, nos estudos académicos sobre a temática mais geral das utilizações da Web, há (pelo menos à data) uma desproporção entre uma elevada quantidade de análises a *blogs*², mesmo que progressivamente compensada por uma tendência crescente para análises a redes sociais no sentido mais próprio do termo. Ainda assim, praticamente nada³ sobre os serviços que se diferenciam pelo modo peculiar como abordam a partilha de conteúdos – no Flickr os conteúdos são exclusivamente imagens

pela “concorrência”. Uma ilustração é o caso da prática de “*retweet*” no Twitter. De forma não estruturada nem prevista nas funcionalidades do servidor, popularizou-se a republicação de *tweets*, precedendo-os de “RT” e de uma chamada ao autor original. Antes ainda de o serviço ter oficializado esta prática, o Facebook já introduzira uma muito semelhante, a que deram o nome “Share”, e que permite também incluir uma referência autorial. Percebe-se a cópia de funcionalidades, mas as diferenças – não havendo aqui espaço para enunciá-las – são também perceptíveis.

² Na bibliografia estão listados alguns desses artigos, que, ainda que minimamente relevantes para o tema aqui em causa, na sua maioria padecem dessa preferência pelos *blogs*.

³ Uma interessante excepção – quanto mais não seja pelo seu pioneirismo – é o caso dos artigos de Danah Boyd, inicialmente incidindo sobre o Friendster e sobre o MySpace (então as redes sociais mais usadas nos Estados Unidos), e mais recentemente sobre o Facebook. Cf., entre outros possíveis, “Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life” (Boyd 2007).

(ou vídeos ultracurtos), no Twitter existe um limite de 140 caracteres por *post*, etc. O que se segue deve por isso ser tomado com um grão de sal, na medida em que resulta exclusivamente do cruzamento da resenha a alguma bibliografia académica sobre o tema (que reproduz as desproporções que acabam de ser mencionadas), do acompanhamento regular da imprensa *online* especializada em tecnologia – os *tech-blogs*, se assim se quiser chamar –, e de alguma reflexão pessoal resultante da prática q. b. em alguns desses serviços.

2. Novas Actividades, Novos Públicos?

Regressemos, pois, a questões de proximidade e distância. Recuando à sua origem, ou pelo menos a um momento anterior à sua vulgarização, os *blogs* eram olhados com alguma suspeita por serem associados a uma fútil exposição da vida privada, tornada pública perante uma audiência indiferenciada. Compreende-se por isso que a sua popularização – e depois, durante um certo período, entronização – se tivesse dado quando se percebeu que podiam igualmente (mesmo que não exclusivamente) servir como locais de discussão pública de questões *públicas*.

Suspeitamos, contudo, que é também esse o momento em que se dá uma primeira inflexão negativa no seu potencial enquanto meio de proximidade. Popularização acarreta massificação, e a massificação conduz a uma lenta mas firme (porque necessária) separação das águas consoante a qualidade (estilística, argumentativa, etc.) e a notoriedade (ora prévia, ora construída pelo próprio meio) de cada *blogger*. Aos diletantes uma audiência restrita, mesmo que se revelem verdadeiras autoridades em pequenos nichos; aos “famosos” a habitual fatia maior do bolo. Parece instalar-se assim uma estrutura de diferenciação, apesar de tudo hipoteticamente menos rígida do que aquela que regula a especialização profissional – até porque, salvo raras excepções, ser *blogger* é actividade não remunerada –, mas que de modo inegável aumenta a distância entre autor e público. Sem dúvida que o mecanismo dos comentários compensa alguma dessa distanciação; de resto, dum ponto de vista estritamente linguístico, é bem possível que possa demonstrar-se, recorrendo a modelos como o de Koch e Oesterreicher, que a linguagem dos *blogs*, em especial a dos comentários, apresenta marcas de proximidade. Não esqueçamos,

contudo, que os comentários podem ser moderados, apagados, desligados, ou apenas ignorados: neste último caso reforçando a diferença, que diríamos hierárquica, entre a palavra do autor (que, quanto mais não seja, tem de fazer do seu *site* uma “casa arrumada”) e as meras vozes dos leitores.

Mesmo que o objectivo esteja longe de ser o de compensar esta desigualdade estrutural nos *blogs*, as redes sociais apresentam, por comparação com estes, a diferença fundamental de se definirem por uma restrição da audiência – ou ao menos de uma audiência primária, que se presume mais fiel e regular⁴ – a uma rede limitada de contactos. Dado que escolhemos quem seguir e, mesmo que com algumas variações no modo de implementação, podemos também ter algum controlo relativamente a quem nos segue, parece razoável admitir que favorecem muito mais o estabelecimento de relações de proximidade. E mesmo em redes em que a modalidade predefinida de “visibilidade” é pública – caso do Twitter –, a possibilidade de conferir um grau maior de privacidade (ou, reciprocamente, de filtrar a recepção através de “listas” configuráveis) é algo que contribui para uma redução do “ruído”, restringindo a rede a um subconjunto de contactos com os quais podemos assumir uma maior confiança – por exemplo porque já nos eram mais próximos fora do mundo “virtual”.

Tudo isto parece funcionar na teoria: mesmo que aceitemos desconhecidos na nossa rede de contactos, o simples facto de aceitarmos a conexão é sinal de uma disponibilidade para criar relações de proximidade. Ao contrário da combinação assimétrica que se dá entre autores tendencialmente públicos e leitores anónimos no caso dos *blogs* (de novo, com excepções que não interessa agora discriminar), nas redes sociais o valor “por omissão” seria a simetria e

⁴ São recorrentes as polémicas em torno das políticas de privacidade e respectivos valores “por omissão”. Tal tem sido em particular notório no caso do Facebook, que já por diversas vezes “afinou” os seus termos de utilização, quase sempre caminhando no sentido de uma redução do grau de privacidade, de um aumento da visibilidade nos motores de busca, etc. Ainda assim, isso não contraria a existência de um “público primário”, que é constituído pelo conjunto de contactos (“amigos”) que são escolhidos voluntariamente, e cuja actividade pode ser mais facilmente acompanhada. O artigo “Facebook’s Privacy Trainwreck: Exposure, Invasion, and Social Convergence”, de Dahna Boyd (2008), embora já desactualizado face aos desenvolvimentos mais recentes, permite identificar uma tendência que entretanto se reforçou.

a reciprocidade. Na prática, contudo, a dinâmica das redes parece contrariar (ou pelo menos obrigar a que se modalizem) algumas destas pressuposições. Enumeremos algumas das variáveis que podem afectar essa simetria, e que mereceriam detalhadas análises empíricas para testar se de facto são relevantes:

- *Diferentes graus de actividade*: tal como sugere o muito abusado Princípio de Pareto, é de admitir que a *maioria do conteúdo* partilhado numa rede seja proveniente de uma *minoría dos contactos*, que – quanto mais não seja pela elevada frequência de participação – adquirem com isso um maior capital social (logo, conduzindo a uma diferenciação relativamente aos que pouco participam). O mesmo para a leitura: ainda que pouco participativo, um utilizador pode ser um leitor atento e regular, diletante e ocasional, ou tão-só ausente.
- *Diferentes tipos de actividade*: complementando o item anterior, é igualmente necessário diferenciar entre, por exemplo, aqueles que (participando pouco ou muito) tendem a iniciar o “diálogo” e os que preferem continuá-lo, comentando as entradas de outros – um pouco como o já acima indicado para os *blogs*, mas muito com menor assimetria.
- *Diferentes formas de participação e de interacção*: variável que depende não só das funcionalidades disponibilizadas por cada rede social como da utilização que cada um faz delas: actualização de “*status*”, partilha de notícias, de vídeos, de fotografias, de *links*, de resultados de jogos, inquéritos e outras aplicações, etc.
- *Actividade voluntária x actividade automática*: Dada a crescente integração entre serviços através de APIs (Application Programming Interfaces), é também cada vez mais relevante saber se os contributos de cada utilizador maioritariamente iniciados pelo próprio ou feitos de modo automático a partir de um outro serviço. Como exemplo do grau de complexidade que pode ser conseguido com pouco esforço, uma partilha no Google Reader pode ser propagada ao Twitter e ao Facebook via FriendFeed, dando origem a vários fluxos de comentários, um por cada rede. Numa das redes o utilizador pode ter um elevado grau de participação, comentando outras entradas e respondendo aos comentários à sua; noutra pode não ter nenhuma presença além da do *bot* (isto é, um automatismo informático) que envia *posts* indiferente à respectiva reacção dos seus leitores.

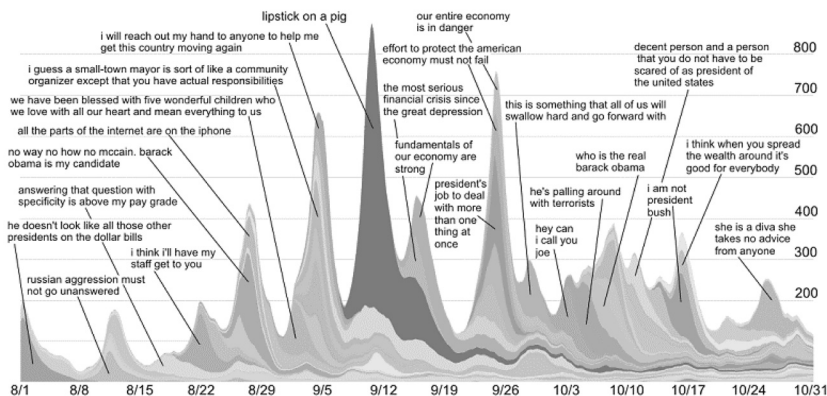
- *Diferentes tipos de fontes*: mesmo assumindo uma situação ideal em que se conjuguem as variáveis anteriores de modo a termos um utilizador com elevado grau de participação, com uma actividade bastante diversificada, e maioritariamente voluntária (i. e., não automática), qual a proveniência dos conteúdos que coloca à disposição da sua rede? Considerações puramente pessoais, como costuma ser o mais comum no caso de “*status updates*” como “Estou a trabalhar” ou “Vou agora para o concerto dos...”, ou mesmo algo mais idiossincrático? Ou a republicação de vídeos, notícias e outros conteúdos cuja fonte é alheia, mesmo que devidamente personalizados com um comentário? E a que fontes recorre com maior regularidade?

3. A Vida dos Memes Online: O Caso dos Blogs.

É este o caso sobre o qual nos deteremos mais um pouco, por ser aí que nos parece estar a dar-se uma mutação mais significativa. No artigo “Meme-tracking and the Dynamics of the News Cycle”, de Jure Leskovec, Lars Backstrom e Jon Kleinberg, inicialmente apresentado em 2009 numa conferência da Association for Computing Machinery, os autores descrevem um método que procura concretizar essa aparentemente impossível tarefa de traçar o percurso de uma ideia sonante – um *sound-bite*, uma expressão que adquire uma súbita popularidade, ou, para utilizar o termo que se tornou mais comum, um “meme” – no universo *online*. Ainda que restringindo a análise aos *sites* noticiosos e aos *blogs*, algo que se justifica pelo carácter por omissão público destes, ao contrário da maioria das redes sociais, daí resulta um padrão que passamos a descrever, e que num segundo momento deverá ser confrontado com essa realidade algo distinta.

Depois de abstraídas as mutações que esses memes podem sofrer – o *corpus* analisado foi a cobertura da campanha presidencial americana, e a ilustração mais sonante que dão para uma dessas mutações é a frase de Sarah Palin “Our opponent is someone who sees America, it seems, as being so imperfect, imperfect enough that he’s palling around with terrorists who would target their own country” –, é aplicado um complexo algoritmo matemático que permite isolar aglomerados [*clusters*] de variantes, que são a partir daí tomados como unidades de análise. A frequência de ocorrência de cada uma

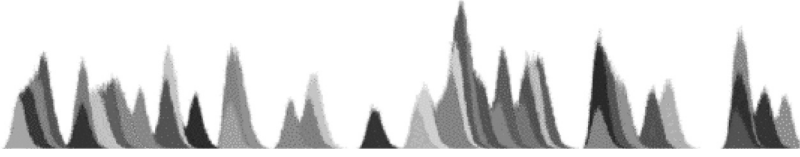
dessas novas unidades foi analisada ao longo do eixo temporal, o que desde logo permite uma leitura da sua popularidade, isto é, da sua importância relativa (quer em número de ocorrências quer no seu tempo de “sobrevivência” num meio que não raras vezes consideramos efémero).



Algumas frases e respectiva popularidade ao longo do eixo temporal.

Fonte: Leskovec, Backstrom e Kleinberg 2009.

Foi de seguida criado um modelo abstracto com o objectivo de reproduzir o mais fielmente possível, a partir de algumas das variáveis identificadas, esse tipo de variação temporal. Nas palavras dos próprios autores, “to find basic ingredients that can produce synthetic dynamics of a broadly similar structure” (Leskovec, Backstrom e Kleinberg 2009: 6). Os “ingredientes” encontrados, que de certa forma puxam em sentidos diferentes (e daí o equilíbrio mais ou menos precário, isto é, menos ou mais duradouro que deles emana) foram o “efeito de imitação” – a tendência para reproduzir outras fontes – e a “proximidade temporal” [*recency*] – a tendência para preferir assuntos mais recentes. Nenhuma destas variáveis é por si só suficiente para produzir as curvas acima reproduzidas, mas a conjugação de ambas, mesmo num modelo artificial, conduz a uma notória semelhança.

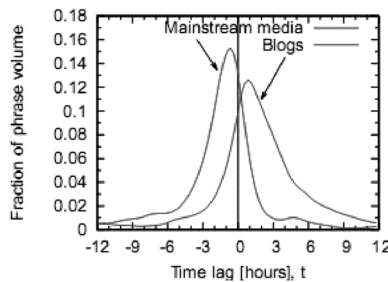


Modelo que procura reproduzir, a partir das variáveis isoladas, as curvas da Imagem 2.

Fonte: Leskovec, Backstrom e Kleinberg 2009.

Uma terceira variável identificada, a “atractividade inicial” de uma notícia ou de um *meme*, serve apenas, tal como no serviço num jogo de ténis, para dar o primeiro impulso, sendo responsável pela diferente “energia” de cada unidade, e em parte pela sua maior ou menor sobrevivência – a extensão da curva no tempo –, mas não pelo formato da curva, que como vimos é praticamente uniforme. A existência de picos dominantes com uma frequência semanal pode por sua vez ser explicada pelos diferentes ritmos entre órgãos noticiosos diários e semanários, mas também não é suficiente para alterar a forma da curva.

Finalmente – e é daqui que irá resultar a hipótese mais relevante –, procurando uma análise diferenciada entre os meios de comunicação profissionais e os *blogs*, as curvas foram retracadas tendo esta nova variável em conta. Embora tal não estivesse inicialmente previsto, verificou-se que, para cada unidade de análise, não só as curvas eram visivelmente distintas entre *sites* noticiosos e *blogs* como os respectivos picos se encontravam desfasados.



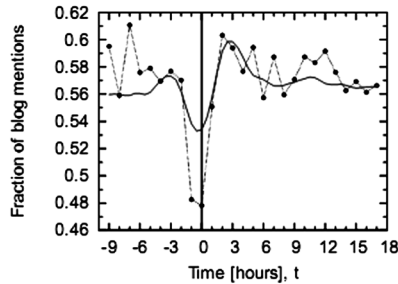
Diferença entre *sites* noticiosos e *blogs*
na publicação de notícias e respectivas frases identificadoras.

Fonte: Leskovec, Backstrom e Kleinberg 2009.

Assim, os *sites* noticiosos, possivelmente devido a efeitos organizacionais já por demais estudados, como a ética da objectividade e da neutralidade ou os critérios de noticiabilidade e de *gatekeeping*, e embora adiantando-se aos *blogs*, demoram um pouco mais a atingir o pico, mas a pressão da novidade parece ser mais determinante do que o efeito de imitação, pelo que a queda é habitualmente rápida depois de se atingir esse pico. De modo quase inverso, nos *blogs* a subida no volume de referências é menos acentuada, mas, atingido o pico, o decrescimento é bastante mais lento. E – como o gráfico demonstra sem lugar para dúvidas – há um outro tipo de efeito de imitação, que os autores classificam como “passagem de testemunho” [*phrase handoff*] entre *sites* noticiosos e *blogs*⁵, com um desfasamento temporal de, em média, apenas duas horas e meia: quando os primeiros começam a abandonar um assunto, os últimos estão a relançá-lo, como que insuflando-o de nova vitalidade.

A metáfora biológica faz de resto todo o sentido, pois, se a curva típica para cada unidade for traçada a partir da frequência relativa do volume de menções entre *blogs* e *sites* noticiosos, a variação temporal combinada produz um gráfico que em tudo se assemelha ao bater de um coração: uma primeira sístole logo que os *bloggers* mais atentos “apanham” uma frase e a divulgam (mas ainda sem grande expressão em valores absolutos); uma inversão nos pesos relativos quando os *sites* jornalísticos assumem o domínio (a cava no gráfico), e nova sístole quando o testemunho é devolvido aos *blogs*.

⁵ Fenómeno detectado noutras ocasiões, e que, somado a uma recepção selectiva de acordo com as posições políticas dos leitores, tende a reforçá-las. Laura McKenna e Antoinette Pole, em “What do Bloggers Do: An Average Day on an Average Political Blog” (McKenna e Pole 2008) chamam-lhe “*echo chamber*” [“câmara de eco”]: “According to the “echo chamber” theory of blogs, bloggers amplify views from party and media elites that reflect their own political predispositions (Wallsten 2005). Providing links to mainstream news sources and blogs is clearly an important function of blogs. However, we do not know how often bloggers link to other sources. We also do not know whether they criticize their sources or passively link to them.” (McKenna e Pole 2008: 98)



Variação temporal na frequência relativa do volume
de menções entre *blogs* e *sites* noticiosos.

56% representa o rácio médio de menções em *blogs* (contra 44% em *sites* noticiosos).

Fonte: Leskovec, Backstrom e Kleinberg 2009.

4. Dos *Blogs* para as Redes Sociais.

Chegado o momento de passar do empiricamente demonstrado para a especulação hipotética, retomemos os termos “proximidade” e “distância”. Como parece indicar este estudo no qual nos focámos, a *www*, em particular no que respeita à articulação entre *blogs* e *sites* noticiosos, parece estar a aproximar-se cada vez mais do ideal da “*real time web*”: mesmo estando-nos vedada a instantaneidade, os desfasamentos entre o aparecimento dum *post* e a sua divulgação através das redes sociais já chegam a ser de apenas minutos. Depois do famoso “*mcLuhanismo*” sobre a “aldeia global”, parece agora estar a ser conquistada a proximidade na dimensão temporal, mesmo que ela acarrete um menor “tempo de vida” na rede – e portanto também uma maior competição pela relevância e pela popularidade, factores que permitem estender esse curto tempo de que dispõem para tornar-se um *meme*. Não esqueçamos, contudo, o sentido social da oposição entre proximidade e distância, indicador de igualdades ou diferenças entre os actores, configurando uma ou mais escalas (de prestígio, por exemplo) ao longo das quais estes se posicionam. Pelo que nos é dado a ver nesse estudo de Leskovec, Backstrom e Kleinberg, tudo leva a crer que pouco mudou: apesar da falada democratização do acesso à palavra com a tecnologia dos *blogs*, estes parecem funcionar

muito mais como amplificador das notícias e *sound-bites* que emanam dos meios profissionalizados de comunicação do que como geradores de novos conteúdos.

Ainda que sem a sustentação de um estudo empírico de teor similar, não queremos deixar de tentar uma extrapolação para os serviços conhecidos como redes sociais. Socorremo-nos mais uma vez de um artigo, desta vez de “No Place for News in Social Network Web Sites?”, da autoria de Mike Thelwall, procurando contudo – uma vez que este, datado de 2008, remete para uma investigação empírica feita entre 2006 e 2007 – especular sobre a sua acuidade no momento em que estas linhas são escritas. O título do artigo apresenta desde logo uma posição (quase diríamos doutrinal) inversa da que até aqui tomámos: ao perguntar se nos *sites* de redes sociais não há lugar para as notícias, o autor trai uma compreensível preferência pela existência nos *blogs* de discussões sobre temas da actualidade, em particular temas políticos. Jürgen Habermas, Michael Schudson e Noam Chomsky são por isso presenças de rigor na sua bibliografia, apontando para esse bem conhecido ideal da esfera pública burguesa, supondo-se nos *blogs* ao menos a existência de um potencial para a sua renovação sob novos termos. Talvez um pau de dois bicos, como pode ler-se na seguinte passagem, mas ainda assim com mais virtualidades positivas do que negativas:

An upsurge in popular ongoing news debate could potentially undermine the power of the media and widen democracy in the sense of allowing more people to publicly debate governmental decisions more often. Conversely, an increasing volume of online news debate may give new opportunities for the media and politicians to use data mining techniques [...] to directly discover and react to public opinion, either by responding to pressure or by developing more effective or targeted persuasion strategies. (Thelwall 2008: 727)

Os *blogs*, sob a condição de promoverem essa discussão – e portanto de não serem meros diários íntimos tornados públicos –, dariam por isso um valioso contributo ao alargarem aos não-especialistas a possibilidade de um envolvimento activo: os peritos nem por isso perdem o seu estatuto e a função que lhe vem associada (muitos deles repetindo e amplificando *online*

uma reputação que previamente possuem), mas a novidade consiste na voz do “cidadão comum”. E – embora isso mal seja mencionado no artigo, que se apressa na passagem às redes sociais – também potenciando uma inversão do fluxo noticioso: isto é, permitindo fazer desse “cidadão comum” simultaneamente uma nova fonte e um novo meio alternativo de comunicação de factos e acontecimentos com valor-notícia⁶. A crescente popularidade dos sites de redes sociais permitiria então, pelo menos tanto quanto os *blogs*, estender o debate a novos intervenientes:

The focus on popular general social network sites rather than specialist news sites is a deliberate one, motivated by a desire to investigate whether news-related debate is taking place among a wider public than those with a particular interest in politics or the news. *If there has been a genuine upsurge in news discussion triggered by the increasing use by the population of many nations of social network environments then this would have important implications for democracy.* (Thelwall 2008: 727, ênfase nossa)

Todavia, feita a recolha e a análise dos dados – que Mike Thelwall, apesar das múltiplas metodologias aplicadas, restringe à rede Windows Live Spaces –, verifica-se que os temas de discussão são maioritariamente “mundanos” (aniversários, festividades e eventos similares), havendo ainda uma notória desproporção entre os cerca de 10 por cento de páginas ou grupos com temáticas políticas e 27 por cento no caso dos *blogs*. Apenas no caso dos *links* – que o autor descursa, o que nos parece uma falha a assinalar⁷ – esta distância se atenua, passando a 21 por cento de *links* para conteúdo político na rede

⁶ Claro que, como já fomos deixando no ar, se trata de uma batalha desigual, entre meios que possuem uma reputação prévia que apenas lhes exige sustentarem uma audiência que lhes é legada pelo simples facto de serem meios de massas, e, com diversos níveis intermédios, indivíduos quase anónimos que têm de conquistar a mais pequena das audiências. Cf., por exemplo, o artigo “Blogs as Alternative”, de Linda Kenix (Kenix 2009).

⁷ Além de lhes prestar menor atenção, não é claro se se trata de *links* dos *blogs* ou redes sociais para sites com conteúdo político (o que nos pareceria fazer mais sentido) ou – como parece entretanto depreender-se (cf. Thelwall 2008: 738) – destes para os *blogs* ou redes. A direccionalidade é um factor relevante, que aí é mal desenvolvido.

Live Spaces, ainda assim abaixo dos 34 por cento nos *blogs* que constituíram a amostra.

A conclusão não surpreende, e nem os *blogs* são poupados:

From the perspective of the political health of nations (the extent to which an active “public sphere” [...] exists), it seems that popular social network environments are not contributing to political debate to any significant extent and neither are popular blog environments. Blogs are contributing to the news, but mainly in special cases of a few high profile semi-professional or professional commentators and specialist bloggers, such as journalists. (Thelwall 2008: 741)

A experiência que temos, contudo – mesmo reconhecendo que ela vale apenas enquanto como testemunho isolado de um “observador participante” –, parece apontar para um cenário distinto, pelo menos no que respeita ao actual detentor do trono de popularidade a nível mundial, a rede Facebook. Presentemente com uma rede de cerca de 350 contactos no Facebook, e apesar de um notório enviesamento resultante do facto de uma grande maioria desses contactos – entre ex-colegas, ex-alunos e outras conexões resultantes de contactos profissionais e académicos – possuir à partida uma apetência para a discussão de temas da actualidade, o autor destas linhas depara-se frequentemente com uma imagem bastante distinta da que é relatada por Mike Thelwall. Sendo certo que abundam também as utilizações “mundanas” – a publicação de fotos de momentos de convívio, a partilha de vídeos musicais, a realização de questionários, a adesão a grupos (pouco activos para além da mera existência e angariação de membros) dedicados a temáticas por vezes estapafúrdias (mas nem por isso desprovidas de uma bem achada intenção lúdica), e actividades afins, estas são nitidamente conciliáveis com usos mais sérios. Assim, podem – também com grande frequência – encontrar-se republicações de notícias acabadas de encontrar nas edições *online* dos órgãos noticiosos mas também noutros *sites* e *blogs* (indo ao encontro das análises de Leskovec, Backstrom e Kleinberg), adesões a grupos que promovem as mais diversas causas sociais, actualizações de *status* que reflectem opiniões pessoais e posicionamentos políticos perante factos actuais, divulgações de eventos (maioritariamente culturais mas também de teor social

e político), etc. Num mesmo dia, de resto, um utilizador medianamente activo pode diversificar a sua actividade entre qualquer destas possibilidades, fazendo um questionário inconsequente logo depois de divulgar uma notícia (muitas vezes republicando-a de outro contacto que a tenha descoberto, mas acrescentando-lhe a sua perspectiva pessoal), ou espalhar por todos os seus contactos um apelo a que assinem uma petição enquanto adiciona fotos de momentos de lazer a um álbum acessível a toda a sua rede de contactos.

Estas linhas finais devem por isso ser entendidas, ao contrário da sua habitual função conclusiva, como um apelo a uma análise mais aprofundada, só esta permitindo verificar em que ponto devem ser situadas as novíssimas redes de comunicação nesse *continuum* que vai da proximidade à distância. Muito provavelmente nem cumprindo o ideal de proximidade como utopia tecno-eufórica (como nos faz suspeitar o estudo de Leskovec, Backstrom e Kleinberg), nem caindo nos abismos da proximidade reduzida ao banal, que não é mais do que outra forma de conservar as distâncias (como receia Mike Thelwall).

Referências bibliográficas

- Benjamin, Walter. 1936. Der Erzähler, trad. port. O Narrador. In: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992: 27-57.
- Boyd, Danah. 2007. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics. In *Teenage Social Life, MacArthur Foundation Series on Digital Learning: Youth, Identity, and Digital Media Volume*. Edited by David Buckingham. Cambridge, MA: The MIT Press: 119-142.
- Boyd, Danah. 2008. Facebook's Privacy Trainwreck: Exposure, Invasion, and Social Convergence. *Convergence: The International Journal of Research into Media Technologies*, 14 (1): 13-20.
- Brecht, Bertolt. 1932. Der Rundfunk als Kommunikationsapparat. In: *Bjitter des Hessischen Landestheaters Darmstadt*, 16, Julho de 1932. In: <http://home.freeuk.net/lemmaesthetics/brecht1.htm> <consulta a 20 de Fevereiro de 2010>.
- Leskovec, Jure, Backstrom, Lars, e Kleinberg Jon. 2009. Meme-Tracking and the Dynamics of the News Cycle. Comunicação apresentada na conferência anual da Association for Computing Machinery 2009. Texto não oficial in <http://www.cs.cornell.edu/home/kleinber/kdd09-quotes.pdf> <consulta a 20 de Fevereiro de 2010>.
- Kenix, Linda, 2009. Blogs as Alternative. *Journal of Computer Mediated Communication*, 14: 790-822.
- McKeena, Laura e Pole, Antoinette. 2008. What do Bloggers Do: An Average Day on an Average Political Blog. *Public Choice*, 134: pp. 97-108.
- Thelwall, Mike. 2008. No Place for News in Social Network Web Sites?. *Online Information Review*, 32 (6): 726-744.
- Vergeer, Maurice, e Hermans, Liesbeth. 2008. Analysing Online Political Discussions: Methodological Considerations, *Javnost: The Public*, 15 (2): 37-56.

Proximity and Distance in Contemporary Travel and Tourism

MARIA JOÃO CORDEIRO*

Proximity and distance are the key terms of a pervasive opposition, upon which is anchored much of the debate on the particular nature of contemporary world. A largely highlighted accomplishment of our times is the “death of distance” (Cairncross 2001), which shades too easily into the generalised idea that we live in a world of increasingly both spatial and cultural proximity. This is, in fact, most evident in the array of theoretical formulations that attempt at defining contemporariness: McLuhan’s (1964) “global village”, Castells’s (2000) “network society”, Tomlinson’s (2008/1999) “complex connectivity” – they all stress a perception of a “shrinking world”, in which technological interconnectedness has made distant places and cultures simply reachable and available by means of a banal mouse click. The remarkable process of “time-space compression” (Harvey 1990) has created numerous possibilities of moving increasingly faster both physically and virtually between places, contributing thus to the alleged irrelevance of space and the abolition of places’ “special status” and enchanting power. Contemporary world allows for the dissolution of a clear-cut opposition between proximity and distance. As Giddens (1991, 140) puts it: “the very tissue of spatial experience alters, conjoining proximity and distance in ways that have few parallels in prior ages”.

On the other hand, actual mobility and travel experiences are omnipresent in modern societies. Today, an increasing number of people travel around the world for many different reasons, engaging in multiple forms and travel styles. The scale of air travel, for example, is truly impressive: there are 4 million air passengers each day (Sheller and Urry 2004, 3) and tourists are a significant part of these global flows of people that are brought

* Instituto Politécnico de Beja / CECC - Universidade Católica Portuguesa

together in ever closer physical proximity. The alleged “death of distance” materialised in the fluxes of people in transit around the world is too easily identified with an increasingly cultural proximity. This is generally predicted in the widespread assumption that travel and tourism, in particular, can be a catalyst for closeness between peoples, fostering intercultural exchanges and harmonious understanding between the so-called guests/foreigners and hosts/locals. This idea is enshrined at the highest level of institutional responsibility in the World Tourism Organization’s *Global Code of Ethics for Tourism*, which states the firm belief

that through the direct, spontaneous and non-mediatised contacts it engenders between men and women of different cultures and lifestyles, tourism represents a vital force for peace and a factor of friendship and understanding among the peoples of the world. (WTO 1999, 2)

As crucial cultural features of contemporary world, travel and tourism provide a fascinating field of scrutiny of the tropes under consideration here, given the particular conditions of today’s globalised world, in which proximity seems to have gained the upper hand over distance.

The present article aims at reflecting on proximity and distance in contemporary travel and tourist experiences. It starts by questioning the role of physical proximity, or the search for physical proximity, in the era of “space and distance annihilation” and moves on to explore the ambivalence of proximity and distance in key practices of tourism and tourist encounters. In particular, it attempts at demonstrating how contemporary mobilities largely imply experiences of inescapable mediatization, encapsulation and distanciation, in clear opposition to the above quoted WTO’s definition of tourism.

The notion of growing global proximity is probably best depicted by a well-known representation which can be found in every in-flight magazine, giving information about the airlines’ destinations and routes flown. This kind of route maps usually represents a globe embraced by air travel, whose red lines corresponding to the flights cover the planet like a fully spread large umbrella. As Hetherington (2002) suggests, in this representation, the friction of distance has apparently disappeared: the lines join airports at

major cities, connecting them within just a few hours' reach into a network, making London contiguous to San Francisco or Rio de Janeiro. Boundaries are deleted; latitude and longitude lines give way to time zones and time paths. The airline route map from an in-flight magazine clearly reveals the way how we have come to view the world: a "single place", where distance has been obliterated and time has overcome space.

However, distances have not simply been erased. As Tomlinson (2008, 4) declares, there are still huge oceans physically separating people in different continents – the distance – the enormity of the oceans – is objectively still there as at the time of the Discoveries. The difference is in the way distance is experienced as easily surmountable both through relatively cheap, relatively short flights and increasingly dominant communications technologies. In fact, the present age is also one of intensified forms of distance obliteration through the encounters with multiple others that occur without even leaving home, where the foreign and the familiar coexist in unexpected ways, on the screen of a private laptop, of a mobile phone or on television. The present technologies allow for all sorts of cyber-tourisms, multifarious virtual tours, made possible by simple mouse-clicking around the world, jumping from tourist icon to tourist icon, comfortably watching a video, a documentary, which sometimes provide unique chances of examining much more thoroughly the sights and places than would be possible by physically travelling to them.

The current representational technologies are powerful technologies of proximity which have not only allowed for the accessibility of places, sights and cultural objects, but also for their endless reproduction, proliferation and manipulation, bringing them closer to our mundane existence, giving them new meanings and contexts, apparently destroying what Walter Benjamin famously termed their sense of remoteness (their aura).

These processes could imply a decline in physical mobility and the search of proximity to tourist objects. However, given the scale of the current and expected tourist mobilities in the future, this is not apparently the case. As the British sociologist John Urry (2002a) points out, an interesting and apparent paradox lies at the core of a world increasingly dominated by the technologies of proximity, involving the simple question of why people engage in actual *corporeal* travel, considering the growing use of technologies which could actually replace physical transportation.

The technologies of representation and proximity have not made physical travel and tourism wither. On the contrary, they seem to have stimulated the search for proximity, the need “to be there”. Despite the ubiquitous presence of images of different cultures, peoples and places on the Internet and television, despite the multifarious possibilities of virtual travelling from places to places, why do people engage in the burdens and troubles of travelling for the sake of being bodily present somewhere else? The answer seems to lie on what Boden and Molotch (1994) have termed “the compulsion of proximity” in contemporary social relations. These authors argue that, in many contexts and communication tasks, modernity has not eliminated the need of co-present interaction, i.e. the need to talk and cooperate face-to-face. What makes co-present interaction so fundamental is the thickness and richness of information provided beyond words, which ranges from facial gestures, body language, voice intonation to many other details, like “pregnant silences” or meaningful looks. The prevailing importance of co-present moments in contemporary social intercourse and of “being with others” can be exemplified by the centrality of meetings within and between organisations, the growing popularity of festivals, holiday camps, seminars and conferences, indicating the need of nurturing face-to-face connections.

The same compulsion to proximity is essential in tourist mobilities, as co-presence or physical proximity to particular peoples, places or events are felt to be obligatory, appropriate or desirable. Being physically close to objects, bodily present in certain spaces in order to experience for oneself certain sensations is of utmost importance. As Urry (2002b, 154) asserts:

Places need to be seen ‘for oneself’ and experienced directly: to meet a particular house of one’s childhood or visit a particular restaurant or walk along a certain river valley or energetically climb a particular hill or capture a good photograph oneself. Co-presence then involves seeing or touching or hearing or smelling or tasting a particular place.

The corporeality of movement is therefore crucial for the search for proximity, since it affords access to sensorial experiences, the involvement and active participation of the senses. How else then should we understand

and justify, for example, the masses of people engaged in a sort of cultural pilgrimage, gathered in front of pictorial masterpieces, which have been endlessly reproduced and manipulated, endlessly mediated and interpreted, and yet endlessly gazed upon and photographed *in loco*, as magnificently shown by photographer's Thomas Struth series dealing with Velasquez's *Las Meninas* at the Prado Museum (de Diego 2007)?

Objects and places still seem to emanate a certain kind of aura, a magnetism that makes us leave our homes to sense it for ourselves; sensing it is most of the times synonymous with *seeing it*. For most tourists there is the generalised conviction that to know a sight, a place or an object is to stand before it, to see it personally, in short to apprehend it visually in the allegedly most direct non-mediated way. Co-presence indeed allows for the access to the eyes. Eye contact is, in Simmel's (1908) famous sociological study on the human senses, the "most direct and purest form of interaction", capable of establishing, as no other sense, unparallel forms of proximity, reciprocity, complicity and intimacy, since "one cannot take through the eye without at the same time giving". Of all the human senses, vision is also the one which enables possession of people, objects and landscapes *at a distance*, unlike the other senses, which are much more visceral and immediate (Urry 2000). The visual is a ubiquitous experience in tourism, contributing to the definition of the tourist as an "omnivorous visual consumer" (Urry 2002b, 124), an ultimate "gazer", whose eyes are the crucial instrument in the process of cultural appropriation, meaning production and knowledge acquisition.

As we can see on Martin Parr's photographs (no. 1-3) catching tourists in the act of sight-capturing, the tourist can be at the same time map and guidebook reader, viewer of landscapes, binocular user, film maker, photographer, screen reader.



Photo no. 1:

© Martin Parr/Magnum Photos, ITALY. Rome. The Spanish Steps. 1993.



Photo nr. 2:

© Martin Parr/Magnum Photos, FRANCE. Paris. Tourists in the city. 2000.



Photo no. 3:

© Martin Parr/Magnum Photos, MEXICO.

A tourist takes a photo outside a temple. 2002.

Corporeal mobilities in tourism are closely intertwined with various technologies of visual framing, with particular ways of seeing, which mean processes of gaining distance from and control over what is viewed and sensed. The tourist's physical proximity to the tourist object is therefore cancelled by the various mediation practices used in order to dominate and control the unknown territory. The original urge to travel and to be bodily close and therefore to have a supposedly unmediated perception of the tourist object or landscapes is, in fact, annulled by the various visual/ocular practices. This process of looking for proximity/encounter with a sight and then the actual stepping back or hiding behind visual paraphernalia is a constant in tourism. Susan Sontag has attributed this mechanism to its soothing effect when dealing with unfamiliar contexts:

Most tourists feel compelled to put the camera between themselves and whatever is remarkable that they encounter. Unsure of other responses, they take a picture. This gives shape to experience: stop, take a photograph, and move on. The method especially appeals to people handicapped by a ruthless work ethic – Germans, Japanese, and Americans.

Using the camera appeases the anxiety which work-driven feel about not working when they are on vacation and supposed to be having fun. (Sontag 2008, 10)

The compulsion to proximity ends in a compulsion to photograph, which is thus essentially an act that establishes a distance between the subject and the object, an act of abstraction, possession and control.

Photography's illusory "objective and neutral" character, expressed in the popular expression "the camera does not lie", has turned it into the most important means of validating physical proximity to the travelled reality. It is the most common and privileged medium of attesting that one has been there, establishing what has been called a "vicious hermeneutic circle" (Albers and James 1988; Crang 1999): travel photography sets up what is significant or ought to be seen in a destination, anticipating thus the trip; the tourist searches for these pictures during her or his travel experience in order to certify the experience of travel itself and produces her or his own images; these are often no less than reproductions of the already infinitely reproduced sites and iconic symbols of tourism, reducing sights and places to photographic symbols and contributing to a "kind of alienation which has become a prototypical hallmark of photographic 'seeing' in tourism" (Albers and James 1988, 136).

Most often tourists take pictures of themselves in front of well-known, "sacred" tourist icons. They do not really engage with the scenery, they make an effort to fit in it, playfully acting and performing ritualised movements before the camera, movements or choreographies which have been consensually adopted by all tourists of the world. An illustration of this is provided by another picture by Martin Parr (photo no. 4), where tourists presumably of different nationalities stand before the leaning tower of Pisa, involved in the same set of mimicries. Tourists do not gaze on the scene or the landscape but literally turn their back to it and focus the gaze on the camera. The real object of tourist photography is very often the tourist framed by the tourist scenery.



Photo no. 4:

© Martin Parr/Magnum Photos, ITALY. Pisa. The Leaning Tower of Pisa. 1990.

Just like travel photography, souvenirs also establish distances with the travelled reality, for they represent a reduction of places' complexity, reflecting tourists' expectation rather than the reality of the place souvenirised. In both cases, photography and souvenirs act out a powerful dialogue between the original and the reproduction.

Photographs and souvenirs encapsulate experience, iconicise and substitute reality, become metaphors of past journeys and distant places (González 2007); they are products of tourism's miniaturising technique: a world within a world, as best symbolised by the popular tourist snow globes, imprisoning Paris, New York or London.

Another aspect which reveals much of the proximity-distance dynamics in tourism are the spatial contexts in which it occurs and collects its meaning. In fact, tourism does not simply take place in any place; there are increasingly spaces contrived and prepared exclusively for tourists. Tourists move most often in so-called "enclavic spaces", carefully planned, regulated

and managed according to specific Western standards of quality control, service, ambience, aimed at minimizing disorientation and ambiguity (Edensor 2000). When entering these spaces, tourists are usually constrained by time and informed of what to do, how to behave, what and how to look at, photograph and record.

Tourists move according the instructions of guides or other “stage directors”, performing choreographies along selected paths, which “have been compared to the routes of migratory birds, ‘as they trace and retrace the same restricted set of options’” (MacDonald cit. by Edensor 2000, 339). Examples of such tourist enclaves are museums and heritage sites, theme parks and guided tours within or between attractions, hotels and resorts, all of them characterised by their encapsulating and distancing strategies: “shielded from potentially offensive sights, sounds and smells”, they are “environmental bubbles” (Edensor 2001, 64), self-contained spaces which cut off tourists/visitors from direct contact with locals. These enclaves are deliberately conceived to restrain transgressive behaviour that would emerge from unpredictable and spontaneous personal interactions. They are sight-directed, conceived for visual consumption, aimed at dissuading tourists from any personal exploration beyond demarcated boundaries.

Hotels, airports, train stations are also examples of such enclavic spaces, which acceleration and modernity have caused to proliferate. They are, in Marc Augé’s famous term, non-places, deprived of any anthropological meaning, “surrendered to solitary individuality, to the fleeting, the temporary and ephemeral” (Augé 1995, 78). Much of contemporary mobilities occur in airports, at check-in counters, in waiting lounges, shops, functional places where different mobile bodies and conditions meet. These places are in-between zones, places of transit and detachment, also reverberating a deep sense of loneliness and emptiness, or inhabited by the anonymity of crowds, where people share an identity of users, passengers, customers (photos no. 5 and 6).

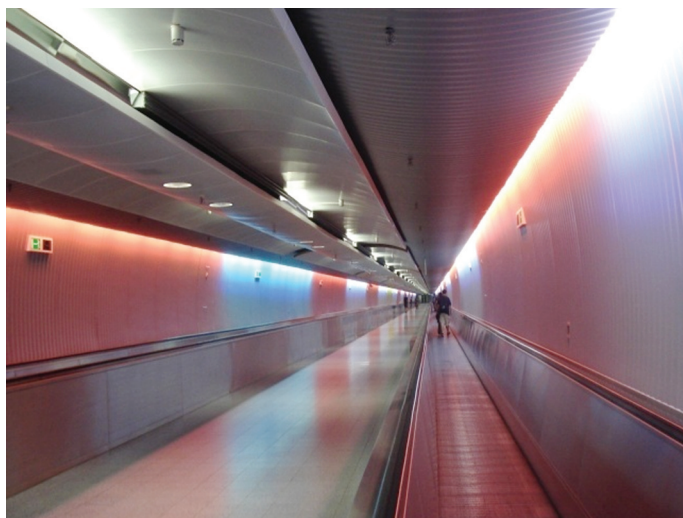


Photo nr. 5:

© Maria João Cordeiro, Frankfurt Airport: Between Terminals. 2009.



Photo no. 6:

© Maria João Cordeiro, Valencia Airport: Waiting Lounge. 2009.

Paradoxically, as Augé has pointed out, these non-places are strangely familiar, at least to the Western traveler: we cannot deny the familiarity and homogeneity between air terminals worldwide with their “exits and entrances to different cultural spaces”, “curiously uniform and standardized” (Tomlinson 2008, 6). Distant cultures and places can be, in fact, culturally close to people who move in and between enclavic spaces of western standardisation: once you get off the plane, through the terminal security, you can swiftly catch a taxi that will take you to an international hotel, where you will find all facilities needed, from satellite TV to international cuisine. Castells declares that

for the global elite, there is the construction of a (relatively) secluded space across the world along the connecting lines of the space of flows: international hotels whose decoration, from the design of the room to the color of the towels, is similar all over the world to create a sense of familiarity with the inner world, while inducing abstraction from the surrounding world; airports’ VIP lounges, designed to maintain the distance *vis-à-vis* society in the highways of the space of flows. (cit. in Creswell 2006, 225)

Another type of enclavic tourist spaces are the increasing synthetic places that provide what Eco (1986) has called travels into hiperreality. In these “cathedrals of iconic reassurance” (Eco 1986, 58), all that seems to count is the authentic appearance of reality, the reproduction of worlds, environments, landscapes, countries and cultural symbols.

The epitome of such synthetic places is perhaps Las Vegas, where, in the middle of literally anything, along a 6-km strip, the icons of global tourism are transformed into sceneries in a world of fantasy, where the established tourist rituals are a part of a permanent entertainment show. There, it is possible, on a single day, to contemplate the pyramids of Egypt, climb to the top of the Eiffel Tower, or ride on a gondola through the Venice canals. But examples of place typification and artificial substitution of real places are proliferating throughout the world, intensifying the search for inauthenticity and the impulse towards the deliberate recreation of tourist sites, a world of virtual reality and increasing simulations, a trend towards what Ritzer and

Liska (1997) suggest to be the increasingly “McDisneyization” of tourism (photo no. 7).



Photo no. 7:

© Reiner Riedler/www.anzenberggallery.com, Tropical Island, Germany. 2004.

Enclavic spaces are opposed to heterogeneous spaces, mixed-purpose spaces with “blurred boundaries”, where tourists mingle with locals, performing their identities alongside residents, passers-by and workers (Edensor 2001). The street is the clearest example of a heterogeneous space, where tourists and non-tourists can most probably meet by chance, allowing some form of unpredictable encounter and opportunities for dialogue and exchange. As Edensor (2000, 340) states, “rather than being a distanced spectator of manufactured spectacle, the pedestrian may become an actor in the theater of the street”.

Heterogeneous spaces are likely to offer more vivid sensual experiences, amidst the variety of smellscapes, soundscapes and haptic geographies provided by the street. The body becomes aware of a whole richness of sensations. No map, no guidebook with its tidy information can really prepare the visitor for the first contact with the street in a foreign city. If, after landing,

instead of comfortably taking a taxi which would leave us in front of the hotel entrance, we take the subway from the airport to the city centre, we set out on a potentially adventurous journey. Emerging from the enclavic, controlled, labyrinthical space of the underground, it takes time to adjust to the light, to place ourselves in the world, to read the multiple and chaotic information of the unfamiliar street. What has been previously seen, carefully studied on the map, the knowledge that has been acquired is not at all useful in finding our way out of the subway, trying to overcome the anxiety of not knowing which direction is to be followed. The travelling body feels the risk and the fatigue, the pain and the fear. Difference becomes palpable the moment one steps outside the protective bubble, the security blanket provided by enclavic spaces. Here arises the possibility of numerous intercultural encounters, where finally foreigners mingle with “locals”, and proximity can be fully experienced to its most intense degree.

However, the cultural immersion into the unfamiliar otherness, the journey into local realities, proves to be highly problematic, as exemplified by the following quote from a book by the Dutch travel writer Cees Nootboom (2000, 9-10, my translation):

Travel is also something one needs to learn, it is a constant interaction with the others, in which one is at the same time alone. And there lies the paradox. One travels alone in a world managed by others. They are the ones who own the pension, where you want to get a room; they are the ones who decide whether there is still a place for you on the plane that only flies once a week; they are the ones who are poorer than you and who can make some money from you; they are the ones who are more powerful than you, for they can deny you a visa or any other document; they are the ones who speak languages you don't understand, stand beside you on the ferry or the bus; they sell you food on the market, they send you on the right or wrong direction; sometimes they are dangerous, most of the times though, they aren't (...) and everywhere things are different and nowhere things are like the way you are used them to be in the country where you come from.

Nootboom describes the discomfoting feeling of helplessness, vulnerability of the defamiliarised tourist body, making its way through linguistic

negotiations and potential cultural shock. Nooteboom's traveler contrasts hugely with the sightseer portrayed earlier. She or he copes hard with cultural differences, learning to become an "accomplished hermeneutician, testing out the real extents of cultural proximity" (Tomlinson 2008, 8). And as she or he penetrates deeper and deeper into the culture of the locality, trying to engage in communication, proximity gives way to distance. Nooteboom provides a list of various possible interactions that can be fraught with difficulties and cause the tourist's irremediable misery, her or his little linguistic dramas, once she or he gets outside the "monoglossic bubble of global tourism" (Cronin 2000, 6). Language difference is intrinsic to travelling in a multilingual world and it is unsurprisingly considered a serious risk and obstacle by the travel and tourism industry, whose universal use of English as *lingua franca* has created the illusion of a frictionless monoglossia and linguistic homogeneity (Cronin 2000).

The traveller's or tourist's relationship to language is crucial to experiences of cultural proximity and distance. If we do not know the language (nor even the alphabet) of the country we travel to, we feel the "humiliation of language loss" (Cronin 2000, 3). As Cronin further states, we become "a mute presence in a world of foreign [disorienting and threatening] signs" (Cronin 2000, 3); "the absence of language produces the relational tragedy of autism" (Cronin 2000, 35) for we never really come out of the enclosure we find ourselves in without being able to engage with others. The lack or poor grasp of the language of others makes palpable the distance from the other, the feeling that there are worlds that totally transcend our understanding. This loneliness of the mute traveller, deprived of a language, evokes the solitary and bored female character of Sofia Coppola's film *Lost in Translation*. The jet-lagged, disoriented and displaced Charlotte, unable to deal and interact with Japanese reality, retreats to the familiar environment of her room at the hermetic international hotel, from where she gazes over Tokyo at a safe distance.

Even if we are able to express ourselves in another language, the fear of ridicule, the vulnerability and helplessness cannot be entirely overcome. Travelling to a country whose language(s) are not completely unknown to us, trying to speak them and negotiate in a different culture engender the inevitable and painful distance brought about by the continuing effort of translation:

we become more conscious of the words used, the idioms employed; in our obsessive search for equivalences, we become aware of language differences and even of our own mother tongue: the pitfalls of translation, the treacheries of false friends, rough approximations, incorrect pronunciations, funny accents, the slowness of linguistic negotiations – they all contribute to an experience of linguistic estrangement. And even if full command of the language can breach the zone of distance, as Cronin (2000, 123) argues, in contexts where language is used as a protective mask against unwelcome strangers/foreigners, “there may even be some discomfort at what is felt by the prying proximity of the translator.”

The present article aimed at exploring the tropes of proximity and distance in contemporary travel and tourist experiences. It started from the idea that, in the era of “space annihilation”, the search for physical proximity and co-presence is a prevailing element in contemporary tourist mobilities. These are, however, characterised by dominant, inescapable practices of visual mediation, miniaturisation techniques and encapsulated paths and spaces –, configuring, in the words of the travel writer Ilija Trojanow (2007), “a gigantic apparatus that prevents us from getting to know the other”; on the other hand, experiences of cultural proximity where communicative interactions with locals are more prone to arise are not automatically synonyms of frictionless closeness. Travel brings not only nearness, but also a consciousness of how much simply lies at a distance, beyond our understanding.

References

- Albers, Patricia C., and William James. 1988. Travel Photography – A Methodological Approach. *Annals of Tourism Research*, 15: 134-158.
- Augé, Marc. 1995. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, trans. by John Howe. London/New York: Verso.
- Boden, Deirdre, and Harvey L. Molotch. 1994. The Compulsion of Proximity. In: *NowHere – Space, Time and Modernity*. Edited by Roger Friedland and Deirdre Boden. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Cairncross, Frances. 2001. *The death of distance: how the communications revolution is changing our lives*. Boston: Harvard Business School Press.
- Castells, Manuel. 2000. *The Rise of the Network Society*. 2nd ed. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell Publishing.
- Crang, Mike. 1999. Knowing, Tourism and Practices of Vision. In: *Leisure/Tourism Geographies, practices and geographical knowledge*. Edited by David Crouch. London: Routledge.

- Creswell, Tim. 2006. *On the move: mobility in the modern Western World*. New York and Abingdon: Routledge.
- Cronin, Michael. 2000. *Across the lines. Travel, Language, Translation*. Cork: Cork University Press.
- de Diego, Estrella. 2007. *Thomas Struth: Making Time*. Madrid: Prado/Turner.
- Eco, Umberto. 1986. *Travels in Hyperreality*, trans. from the Italian by William Weaver. San Diego/New York/London: Harcourt.
- Edensor, Tim. 2000. Staging Tourism – Tourists as Performers. *Annals of Tourism Research* 27(2): 322-344.
- Edensor, Tim. 2001. Performing tourism, staging tourism: (Re)producing tourist space and practice. *Tourist Studies* 1(1): 59-81.
- Giddens, Anthony. 1991. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity.
- González, Fernando Estévez. 2007. Souvenirs y turistas. *El País*, August 18, http://www.elpais.com/articulo/arte/Souvenirs/turistas/elpepuculbab/20070818elpbab_art_1/Tes/print=1 (accessed February 28, 2010).
- Harvey, David. 1990. *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell.
- Hetherington, Kevin. 2002. Whither the world? Presence, Absence and the Globe. In: *Mobilizing Place, Placing Mobility. The Politics of Representation in a Globalized World*. Edited by Ginette Verstraete and Tim Cresswell. Amsterdam-New York: Editions Rodopi.
- McLuhan, Marshall. 1964. *Understanding the Media: the Extensions of Man*. New York: Macmillan.
- Nooteboom, Cees. 2000. *Nootebooms Hotel*, trans. from the Dutch by Helga van Beuningen. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Ritzer, George, and Allan Liska. 1997. 'McDisneyization' and 'Post-tourism': complementary perspectives on contemporary tourism. In: *Touring Cultures – Transformations of Travel and Theory*. Edited by Chris Rojek and John Urry. London/New York: Routledge.
- Sheller, Mimi, and John Urry. 2004. Places to play, places in play. In: *Tourism Mobilities – Places to play, places in play*. Edited by Mimi Sheller and John Urry. London: Routledge.
- Simmel, Georg. 1908. Exkurs über die Soziologie der Sinne. In: *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. G. Simmel. Berlin: Duncker & Humblot. Available online at *Georg Simmel Online*, http://socio.ch/sim/soziologie/soz_9_ex2.htm (accessed February 10, 2010).
- Sontag, Susan. 2008 [1971]. *On Photography*. London: Penguin Books.
- Tomlinson, John. 2008 [1999]. *Globalization and Culture*. Cambridge: Polity.
- Trojanow, Ilija. 2007. Keine Reiseführer, kein Gepäck, am besten nackt. Gespräch mit Julia Schaaf. *Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung*, July 22, 29: 47.
- Urry, John. 2000. *Sociology Beyond Societies – Mobilities for the Twenty-first Century*. London/New York: Routledge.
- Urry, John. 2002a. Mobility and Proximity. *Sociology* 36: 255-274. <http://soc.sagepub.com/cgi/content/abstract/36/2/255>.
- Urry, John. 2002b. *The Tourist Gaze*. 2nd edn. London/Thousand Oaks/New Delhi: SAGE.
- WTO (1999), *Global Code of Ethics for Tourism*, http://www.unwto.org/ethics/full_text/en/pdf/Codigo_Etico_Ingdo.pdf (accessed February 10, 2010).

A dicotomia “*proximidade versus distância*” serve como enquadramento comum para os artigos do presente livro. Trata-se de uma dicotomia que conduz a uma perspectiva abrangente, adequada para uma análise de vários fenómenos e problemas eminentes da nossa vida cultural contemporânea, em várias áreas temáticas, nomeadamente da literatura, tradução, comunicação, migração e da linguística no seu sentido mais estreito. O livro e os artigos no seu conjunto, mostram sobretudo a possibilidade de uma cooperação entre investigadores de proveniências científicas, culturais e linguísticas diversas sob uma perspectiva conjunta que garante conhecimentos à altura da complexidade cultural contemporânea.